# 41. Dublinenses

**por que joyce teve de deixar a irlanda para escrever ulysses / a carruagem com gavin friday em cima / u2 se transforma nos virgin prunes / por isso win wenders / domingo na tenda com bono**

Bono conheceu Salman Rushdie devido ao interesse em comum por uma guerra orquestrada por Reagan, contra o governo marxista da Nicarágua. Eles visitaram o país simultaneamente no verão de 1986. Eles não se encontraram na época, mas continuaram ouvindo falar um sobre o outro enquanto viajavam.

Um dia, a intérprete de Rushdie veio sem fôlego falar para ele: "Você nunca vai adivinhar quem está vindo! Sabe quem? Bono!". Então ela se acalmou e disse: "Desculpe - Quem é Bono?" Mais tarde, Bono leu o livro de Rushdie sobre a sua viagem à América Central, *O Sorriso do Jaguar*, e ficou impressionado o suficiente para convidar o escritor para um show do U2.

Eu contei a Rushdie que no voo para a Itália, mês passado, eu estava lendo sua coletânea *Imaginary Homelands*. Quando eu li esse ensaio sobre Raymond Carver, fiquei impressionado com uma linha do poema "Suspenders" que Rushdie citou sobre o "silêncio que chega numa casa onde ninguém consegue dormir". Isso claramente inspirou o verso de Bono em "Ultra Violet (Light My Way)": "Há um silêncio que chega na nossa casa quando ninguém consegue dormir".

Carver foi uma inspiração para as letras de The Joshua Tree, então não foi uma grande surpresa que o U2 o tivesse citado novamente. Porém, quando eu mencionei a referência feita por Bono, ele disse: "Ah, merda! Eu não me dei conta disso! Eu devo ter lido isso e esquecido. Eu achava que era um verso meu". Ele resmungou por um minuto e disse com falsa tristeza: "Eu achava que eu era um gênio".

"Plágio subconsciente". Rushdie sorri. "Acontece com todos nós o tempo todo. Eu tive uma conversa por telefone com Bono, um dia após eu estar no palco em Wembley, na qual ele falou de maneira muito interessante, eu penso, sobre o lugar do compositor numa banda de rock. Ele disse: 'o problema é que a menos que você venha de uma espécie de tradição folclórica, de uma tradição *a la* Dylan, as palavras tem importância muito pequena'. Ele disse que o compositor está lá para sentir o que está no ar da banda, o humor, e derrubar tudo isso rapidamente. E se as letras não funcionarem, então você as joga fora e coloca alguma outra coisa no lugar".

"Isso é o que eles têm feito e, é claro, eles criaram grandes músicas a partir disso. Mas eu tive a sensação de que ele estava procurando se mover para um caminho diferente de composição, onde talvez as palavras tenham mais importância. Eu acho que seria muito interessante. A questão sobre o U2 - e ocorria o mesmo com os Beatles - é que eles nunca fazem a mesma coisa duas vezes. Uma vez que os Beatles tenham feito o Sgt. Peppers, eles não o farão de novo. Isso é o que me interessa nessa banda. Parece para mim que eles têm aquela capacidade de constantemente se reinventar, como as grandes bandas dos anos 60 tinham. Eu não tinha visto uma banda assim desde então".

"Essa é a terceira vez que eu vejo o show deles. Eu estava no Earl's Court no ano passado, quando o local era menor, e eu os vi em Wembley, que é duas vezes maior. Essa noite eu achei que o show encontrou seu modelo e tamanho certos e funcionou. De repente, à noite eu pude ver em cima do palco todas as coisas que eu ouvi Bono dizer sobre as ideias do show. Eu não precisei que me explicassem. Eu pensei: 'Isso é um ato de encerramento fantástico'."

“A aposta que o artista - seja de rock, filmes ou novelas - sempre faz é dizer: ‘Isso é o que está acontecendo para mim no momento e aqui está a linguagem que eu encontrei para dizer isso. Eu falo desse modo porque eu não tive outra escolha’.” Então, o risco que você corre é que você quer que as pessoas gostem. Se elas não gostarem, você falhou. Se elas gostarem, você teve sorte. Contudo, o que você aprende é que a coisa deve sempre ser gerada pelo que está acontecendo dentro de você. Tentar corresponder ao que o publico quer, o que você acha que o mercado precisa, o que as pessoas compram hoje - se você fizer isso, você está morto, cara”.

A sala está lotando cada vez mais. Os mesmos seguranças que mais cedo tentaram impedir o filho do Edge de entrar, agora parecem ter jogado a cautela para os ares. Bono está enlouquecendo com cada pessoa que se aproxima e fala com ele: “Parece um casamento irlandês”, ele sussurra. Eu pergunto se ele quer sair para algum lugar e ele diz: não, não, ele tem que ir pra casa hoje à noite. Ele precisa ir.

“Bono está vazio”, diz Gavin Friday. “Não restou mais nada”.

Lá pela uma e meia da manhã, eu pego uma carona de volta para o hotel. Salman ainda está na tenda numa boa. Eu não devia estar surpreso. Com que frequência ele sai para uma festa? De volta ao bar do hotel eu vou até Gavin, que está furioso porque trancaram ele e a mãe dele nas arquibancadas superiores, onde os organizadores falaram para ele que se ele era tão importante quanto ele pensava que era, não devia estar ali. É incrível que literalmente centenas de interesseiros estavam curtindo a hospitalidade do U2 enquanto a pessoa mais próxima da banda - o próprio *Simão de Cirine,* de Bono - estava sendo forçado a deixar o local.

O bar começa a encher com os Principles[1], quando quem deveria entrar era Bono. Talvez, ele calcula, haja tempo para um drink antes de ir pra casa. Às 3 da manhã o bar do hotel parece estar cheio com todos os interesseiros do pós-show. Gavin começa a organizar uma movimentação rumo ao Lillie's Bordello. Ali estavam sua noiva Renee, B.P. Fallon (que passou boa parte da noite tentando puxar assunto com Bono, enquanto se escondia de Larry, que tirou ele do caminho da turnê meses atrás com a ameaça “ou B.P. vai ou eu vou”), Christy Turlington e Fightin' Fintan Fitzgerald.

Christy tem um motorista esperando do lado de fora, mas ele se recusa a levar seis passageiros. Gavin, B.P. e eu dissemos para os outros três irem com o motorista e nós três pegaríamos um táxi. O ponto de táxi do hotel está vazio. Um carro cheio de garotas italianas chegou buzinando. Elas gritam “Gavin! Gavin!”, tiram um monte de fotos e saem gargalhando. Ainda não há táxis. Nós estamos andando no meio da rua, quando o que nós vemos lá longe é uma das carruagens puxadas por cavalos que circulam próximas a St. Stephen's Green. Perguntamos ao motorista se ele poderia sair da rota de costume para nos levar ao Lillie's. Nós negociamos um preço justo e então atravessamos Dublin, como Joyce costumava fazer, numa carruagem. É como estar em *Os Mortos*[2].

Lillie's está agitado nessa sexta à noite. Gavin puxa uma cadeira ao lado de seu velho parceiro do Prunes, Guggi. Um falastrão da Golden Horde, uma banda de Dublin, chega gritando e anuncia com uma voz tão alta que devia estar usando fones de ouvido: “Eu vi vocês tocarem quando eu tinha onze anos! O U2 abriu o show e eles eram uma merda, mas os Virgin Prunes eram brilhantes!”

---

[1] Principles: pessoal da equipe de produção do U2.

[2] "Os Mortos" é o último dos 15 contos que compõem "Dublinenses", famosa antologia escrita pelo escritor irlandês James Joyce entre 1904 e 1907. Apresentando ao leitor a gélida atmosfera de Dublin do início do século 20, o autor traz uma narrativa permeada por um olhar afetivo e nostálgico à Irlanda.

Gavin e Guggi tomam seus drinques e não dão muita bola para os elogios. Depois que o falastrão sai, Gavin fala sobre os primeiros dias das bandas dos dois irmãos (literalmente: cada uma tinha um irmão Evans na guitarra). No primeiro dos primeiros shows da Virgin Prunes a banda consistia de Gavin e Guggi, apoiados por Adam, Edge e Larry - de vestido. Quando o U2 conseguiu um trabalho que exigia que eles tocassem por duas horas, Gavin vinha e cantava músicas dos Ramones e "Suffragette City" do David Bowie, de modo que Bono pudesse descansar sua voz.

"Bill Graham disse em 1980", Gavin relembra Guggi, "que o U2 acabaria se transformando no Virgin Prunes. E com Macphisto isso finalmente aconteceu. Levou treze anos para Bono juntar coragem e colocar batom". Guggi balança a cabeça e Gavin declara: "Na minha próxima turnê eu vou sair carregando uma bandeira branca!"

Gavin começa a cantar "Sad", uma música que ele e Bono escreveram quando eles tinham dezessete anos. Eu digo a ele que é uma boa música, que deveria colocar no próximo álbum. Gavin diz que isso não vai acontecer; ele não cantará nenhuma música do Prunes no palco. "O Virgin Prunes é como o primeiro casamento que acabou em divórcio", ele diz. "Eu respeito, mas não quero voltar para ele".

As histórias continuam até a manhã seguinte, ficando cada vez maiores. Há histórias desta noite, histórias da semana passada e histórias de quinze anos atrás, todas voando pela Lillie's Library como as histórias que Bono alega que os grandes escritores irlandeses contaram nesta sala.

Estou levando em consideração o que Bono me contou no início dessa longa semana de paletras: "Anthony Burgess disse que Joyce teve de deixar Dublin para escrever *Ulysses*, 'porque se ele ficasse aqui ele teria contado sobre o livro'".

Entre os fãs que circulavam do lado de fora da casa de Bono, há uma garota que se parece tanto com ele que ela conseguiu enganar o próprio irmão de Bono, quando ele estava dirigindo. Os Principles se referem a ela como "a Bonette".

Na hora do almoço de domingo, jovens fãs do U2 e crianças da vizinhança estão empoleirados nos muros em frente à casa de Bono como macacos de pedra, examinando cada carro que chega e que têm de passar pelos proibitivos portões eletrônicos. A casa de Bono, escondida atrás de muros altos, é uma mansão pálida no mar. É grande, mas não absurdamente grande. Se assenta em uma colina verdejante que desce em direção ao oceano através de arbustos, caminhos de cascalho e jardins cheios de flores desabrochando. Há uma casa de brinquedo quase escondida nas árvores.

*Ali* voltou da Irlanda a tempo de ver o show de sábado e ela sabe como levar o Bono para casa. A festa de fim da turnê da equipe da Zoo TV é na casa deles. A tenda de sultão dos shows foi transportada para lá e montada na quadra de tênis e um requintado buffet foi preparado. Cento e quarenta convidados aparecem. Você já conhece todos eles.

Largo minha jaqueta num dos quartos das crianças e vou até Larry e Jim Sheridan, o diretor de *Meu Pé Esquerdo* e *Terra da Discórdia*. Sheridan costumava coordenar o Project Arts Centre em Dublin, onde o U2 e os Virgin Prunes tocavam. Agora eles são as maiores celebridades de Dublin. Sheridan está mergulhado no seu novo e controverso filme, chamado *Em Nome do Pai*, sobre uma inocente família que é condenada pelos tribunais ingleses de serem terroristas do IRA. Bono e Gavin estão escrevendo músicas para o filme. Sheridan pergunta se Larry está interessado em atuar.

“Na verdade, estou”, diz Larry. “Eu gostaria de tentar porque não é algo que eu costumo fazer. Não sou uma pessoa extrovertida em geral. Então eu acho que seria bom para mim. Mas eu teria de ter um papel secundário, de modo que se fosse uma porcaria o diretor poderia dizer ‘Você é uma merda’ e eu poderia dizer, ‘Oh, ok, obrigado’, e seria só isso”.

“Bem, veja”, diz Sheridan, “uma hora dessas você poderia vir, eu pego uma filmadora, escrevo umas poucas linhas e podemos tentar”.

“Eu gostei da ideia”, Larry diz.

“Pode rir”.

“Bem, não ria muito”, Larry diz de forma inexpressiva. “Eu tenho meu orgulho!”

Há uma piada corriqueira no U2 que Larry é tão bonito, que ele faz o resto dos membros da banda parecerem feios. Os outros sempre dizem que eles deveriam ter sido espertos como os Beatles, que dispensaram o lindo Pete Best assim que eles assinaram um contrato. Bono e Edge foram ouvidos dizendo: “Precisamos de um Ringo”.

Vejo meu camarada Salman e começamos a conversar sobre livros e rock. Sugiro que essa festa nessa mansão sobre esse mar certamente lembra o filme *O Grande Gatsby* - e o fato que *Ali* tinha recém colocado uma fita do Prince para rodar me fez pensar que Gatsby é o papel que Prince nasceu para fazer. “Imagine: o Time ou Sheila E. fariam todo mundo dançar pelo gramado enquanto Prince aparece na janela do seu palácio solitário, observando para ver se Daisy aparece”. Salman diz que não consegue imaginar isso.

Salman se afasta e eu fico no pátio dos fundos admirando a casa de Bono e *Ali*. Tom Freston pergunta o que eu acho da mansão. “Seria uma tremenda de uma funerária”, sugiro. Uma das minhas histórias preferidas sobre as células impenetráveis das finanças do U2 gira em torno dessa casa. Leve em consideração que eu estou contando a história do jeito que eu ouvi de fontes internas. Quando eu perguntei a Ossie Kilkenny, o contador do U2, para confirmar isso com um gravador rodando, ele deixou registrado que a história estava toda confusa e fora de contexto. Talvez esteja, mas eu ainda gosto de acreditar.

A história é mais ou menos a seguinte: a propriedade próxima a casa de Bono e *Ali*, que consistia de um quintal e de uma pequena guarita, estava indo à leilão.

Bono queria comprá-la a fim de que ninguém chegasse e, por exemplo, construísse um prédio que tirasse a visão do jardim dos fundos. Mas ele descobriu que se ele fosse dar o lance por conta própria, o proprietário veria cifrões e aumentaria o valor da oferta. Então Bono confidenciou aos mais próximos que algum falso comprador deveria ir ao leilão e pegar a propriedade para Bono *secretamente*. O segredo do U2 era tão rígido que, de alguma forma, dois diferentes compradores foram enviados ao leilão, cada um sem saber a situação do outro e cada um com a instrução clara de gastar o que fosse necessário para comprar a casa para Bono. Bem, você não precisa crescer assistindo a seriados de comédia para saber o que aconteceu. Os dois compradores foram superando o lance, um do outro, até as alturas. No fim, Bono pagou provavelmente cinco vezes o valor da propriedade.

Bono diz que a história está totalmente exagerada - mas se as pessoas querem acreditar nisso, tudo bem: “Nunca deixe que a verdade atrapalhe o rumo de uma boa história”. Estou pensando em tudo isso, quando Tom Freston aparece e me ensina uma lição sobre acreditar nas fofocas. Ele diz que ouviu que na noite

passada na festa no quarto de hotel, depois da festa na casa noturna, depois da festa na tenda, depois do último show, Fintan tentou raspar minha cabeça.

“Por que todo mundo está falando isso?” Eu perguntei a ele. Tenho ouvido essa história desde que cheguei aqui. “Eu disse que sabia que era hora de ir quando Fintan sugeriu raspar minha cabeça e eu achei que seria uma boa ideia”.

“Que horas você foi pra cama?” Freston perguntou.

“Onze da manhã”, eu disse. “Duas horas atrás. Esta semana está exaustiva”.

“Que diabos você achou pra fazer até onze da manhã?” Freston pergunta.

“Você não acreditaria em mim”, digo a ele.

A verdade é que, depois de ficar acordado a noite toda de sexta-feira e então ir para o segundo show de Dublin no sábado à tarde, após uma série de festas de final da turnê Zooropa e depois de sair do hotel, um passo a frente do fio da navalha de Fintan, ali pelas nove da manhã, eu me vi na St. Stephen's Green quando começou a chover e os sinos de domingo da igreja tocaram. Eu entrei na igreja e sentei num banco na parte de trás e tentei lembrar quando eu tinha trocado minhas meias pela última vez.

O padre começou seu sermão, falando sobre quão pouco tempo as pessoas dedicam a Deus, comparado a quanto tempo nós dedicamos às distrações tolas que se atravessam no caminho. Eu pensei: “É verdade”. Ele falou da futilidade dos valores de Hollywood - quem tem a maior casa, o melhor emprego. Ele disse que tudo aquilo era trivial. Eu concordei. Ele disse: “Talvez você prefira ficar em torno das celebridades do que pensar em passar um tempo com os menos afortunados”.

Epa, eu pensei, ele está olhando para mim?

“Por que, bem na noite passada”, ele disparou, “logo abaixo na RDS Arena” - epa – “eles fizeram um grande show. Eu pude ouví-lo daqui, então eu posso imaginar o quão barulhento estava lá! E as pessoas pagaram 25 libras por um ingresso para essa... estupidez!” O padre inclinou a cabeça e disse: “E meus espiões me contaram que havia coisas naquele show que não eram adequadas para crianças ou adultos!”

Relato essa experiência de quase-morte com Suzanne Doyle, que diz: “Se eu estivesse lá, eu teria chorado”.

Suzanne está sentada próxima de Edge, para quem ela está lendo instruções de viagem. Ela foi designada para acompanhar Edge a Los Angeles amanhã para o MTV Awards. “Somos você e eu”, ela diz, “todos os caminhos levam a Los Angeles”.

“Isso será legal”, diz Edge. Então Suzanne diz que ela tem uma grande pilha de trabalho para fazer naquele longo voo. Edge se aconchega mais no assento enquanto ela assinala as instruções com a ordem final: “E na hora que pousarmos você terá decorado toda a letra de ‘Numb’”. Edge resmunga. “Você ficará bom nisso!”. Edge coloca seus cotovelos na mesa e suas mãos no rosto.

Cara, eu certamente não queria ser o passageiro na frente de Edge naquele voo! Se eu tivesse que sentar em um avião num vôo da Irlanda para a Califórnia escutando uma recitação monótona de “Numb” por onze horas, eu teria roído todas as minhas unhas e começaria a roer as unhas da pessoa sentada ao meu lado.

Bono está jantando com Rushdie à sua esquerda e Wim Wenders à sua direita. Quando eu conto ao grande diretor alemão de *Until the End of The World* o nome do meu livro, ele olha para mim com um desconforto tão azedo que você pensaria que eu disse a ele que tinha um rato de estimação chamado Wim.

Mais tarde, pergunto a Bono o que ele acha da conexão entre U2 e Wenders, além do fato que a banda continua escrevendo faixas-título para os filmes dele. Bono diz que nos anos 80, o U2 e Wender foram os dois artistas europeus dedicados a entender profundamente os Estados Unidos. "O monólogo em *Paris, Texas* foi uma grande influência em 'Running to Stand Still'", diz Bono. "Você só precisa ir à minha casa para ver que eu compartilho o fascínio de Wim pelos anjos. *Until the End Of The World* de Wim é ostensivamente sobre percepção, visão e como nós vemos. A cegueira é a metáfora desse filme, assim como é de 'Love is Blindness'. Wim disse uma coisa muito importante. Ele disse que havia perdido sua fé nas fotos. É uma declaração incrível para um cineasta. No fim, a Zoo TV é uma queima de imagens. A Zoo TV é sobre o fim da ideia da imagem e o despertar da imaginação. Wim está conectado a isso. É onde ele está agora e onde nós estamos, então estamos em sincronia".

Bono - e de fato tudo da Zoo TV - foi grandiosamente influenciado pelo livro *A Imagem,* de 1962, de Daniel Boorstin. Esse livro popularizou as ideias de pessoas que são famosas somente por serem famosas e de "pseudoeventos" - fenômenos tais como entrevistas coletivas e sessões de fotos que existem apenas para serem divulgadas. A invasão do U2 a Sellafield se encaixa no critério de Boorstin. Pergunto a Bono o que existe após a morte da imagem. Ele diz: "Palavras. Há uma parte de mim que diz: 'Eu tenho trinta e três anos, talvez eu devesse começar a escrever mais, focando nas palavras e na linguagem. As músicas ainda são grandes veículos para as palavras'. De fato, minha voz é muito limitada em comparação com outras vozes, mas eu posso chegar em lugares que outras vozes não chegam".

Se Bono seguir esse curso, se ele levar o U2 na direção que Rushdie e seus outros amigos literários esperam que ele leve, então toda a experiência da Zoo TV acabará não sendo o começo do futuro do U2, mas o funeral público do passado do U2. Evidentemente, nem mesmo Lincoln teve um funeral tão longo. Mas então, Lincoln não foi tão popular quanto o U2 é.

"Bono é muito carente", diz Rushdie - e trata isso como uma peculiaridade admirável. "Ele precisa de alimento para sua mente o tempo todo. Eu acho que uma das razões que ele pode estar interessado em conhecer pessoas como eu, como Wim Wenders ou como muitos dos outros artistas que estão por aqui é que eles lhe dão alimento. Eu gosto dessa fome nele porque isso significa que ele nunca fica parado. De certa forma, assistindo ao show, parece-me que ele leva essa ideia tão longe quanto for possível. E agora, o que segue a isso?"

Sirvo-me do almoço enquanto pondero sobre essa declaração e pego um lugar na mesa ao lado de Edge, que está sentando mais próximo a Morleigh do que você está desta página. Isso é divertido, eu penso. Os dois estão ficando cada vez mais próximos no último mês, mas agora eles estão massageando os ombros um do outro e rindo juntos, como se fossem jovens amantes. Talvez Edge não terá de olhar para muito longe para descobrir para onde ele vai quando não puder mais manter o U2 trabalhando.

---

# 42. Estacionamento de Trailers de Superstars

**a premiação da mtv / alternando hemisférios cerebrais / um homem de uniforme / "parece com o bono!" / o problema com os pixies / edge apaixonado / as muitas maneiras diferentes de ser uma estrela do rock**

Tudo o que tenho a fazer é atravessar o saguão do hotel Sunset Marquis, pegar a chave do meu quarto e ir para a cama, sem ver Edge ou qualquer outra pessoa que me faça ficar acordado a noite toda. Estou determinado a dormir um pouco. Desde que a festa de Bono terminou em Dublin, na madrugada de segunda-feira, estive em Londres, voltei para Nova York, lidei com cerca de duas dúzias de crises em meu escritório e tentei recuperar o tempo perdido com meus filhos. Desde o desembarque em Los Angeles, há duas horas, fui ao hotel Bel Air para pegar as credenciais para o programa MTV Video Music Awards de amanhã, de Tom Freston (que mostrou um relógio da MTV "Então você aparece na hora!"), e cheguei aqui em Hollywood. É quarta-feira à noite. Faz sessenta horas desde que deixei a casa de Bono, depois de ficar acordado durante a semana, andando e conversando na Irlanda. Eu estou exausto. Eu só tenho que atravessar o saguão sem me deparar com ninguém e posso dormir a noite toda com uma consciência limpa.

Quando passo pelo pequeno bar à esquerda da porta da frente, olho e vejo Edge sentado em uma mesa com Peter Gabriel, Sinead O'Connor, e Peter Buck e Michael Stipe, do R.E.M. Tento ir para a cama. Eu posso sentir falta de alguma coisa. Pego minha chave, coloco a mala no meu quarto e volto para o bar. No saguão, me deparo com Keryn Kaplan, que está aqui representando o escritório da banda na América. Keryn diz que reservou uma grande mesa num restaurante japonês exclusivo, então vamos pegar o Edge e ir embora. Keryn está implorando por um celular para manter essa reserva, estamos a caminho. Eu vou para o banheiro e Chris Robinson, o cantor do Black Crowes, está no mictório ao meu lado. Hollywood pode não ter o peso das celebridades de Rushdie / Jagger / Wenders, mas é claro que vai meter a mão na massa para ganhar fama em números absolutos.

No meu estado semi-alucinatório, privado de sono, decido que entre a Alemanha e aqui mudei o hemisfério do cérebro com o qual observo este circo. Eu tenho saído na estrada com bandas de rock desde o final dos anos setenta; muitos dos meus amigos são músicos; eu pensei que sabia como era. Mas algo que Dennis Sheehan me disse, há um ano, é real: você só sabe como é de verdade depois de uma semana na estrada. Demora muito mais do que isso para se sentir em turnê, como o músico e a equipe sentem.

Quando você sai com uma banda para apenas algumas datas - não importa quão bem você as conheça - sua bússola interna ainda está fixa ao mundo real. Então o mundo da banda parece engraçado e fora de sintonia. Como jornalista, essa estranheza é o que você foca e traz de volta aos leitores, que também vivem no mundo real. Mas depois de um longo tempo com a mesma banda na mesma turnê, essa perspectiva gira do avesso. Eventualmente, o mundo das turnês - neste caso, a Zoo World - começa a parecer natural e sensível, e o mundo real começa a parecer plano e preto e branco. Parando no meu escritório em Nova York ontem, senti como se estivesse entrando em algum episódio antigo de Father Knows Best[1]. Quando você se ajusta ao mundo das turnês, a vida normal se parece muito com a vida adulta quando você era criança, nas férias de verão: "Uau, olhe para todos aqueles homens com pastas e gravatas indo pros escritórios para fazer uma edição do jornal! Eu estou indo pescar!"

---

[1] Série televisiva (1954 a 1965) conhecida no Brasil como *Papai Sabe Tudo*, onde Jim Anderson, um corretor de seguros simpático e sabichão, ajuda sua família a enfrentar os problemas do dia a dia.

Mencionei isso ao meu amigo Richard Lloyd, que toca guitarra com a banda Television, e ele disse: “Ah, sim, você entendeu. Na estrada você não sabe onde está, o nome do hotel, o nome do estádio. Você se vê olhando uma noite e dizendo: ‘Ei, como é que todo mundo na plateia tem cabelo preto?’ ‘Porque estamos no Japão’. ‘Oh’. Quando Tom (Verlaine) e eu estávamos em Cincinnati, ficamos acordados a noite toda e pela manhã decidimos pegar um ônibus para o centro da cidade. Nós pegamos um com todas as pessoas indo para o trabalho e começamos a rir histericamente, esse tipo de riso em que você acha que vai sufocar, porque para nós todos elas pareciam extraterrestres de olhos esbugalhados. Elas pareciam que estavam parafusadas nos assentos do ônibus. Sabíamos que amanhã estaríamos em alguma outra cidade, mas elas estariam neste ônibus. E no dia seguinte e no dia seguinte e no próximo. É por isso que é tão difícil se reajustar quando você chega em casa e volta para sua família. Não é só porque seu corpo está acostumado com a adrenalina de tocar para uma plateia todas as noites; sua mente está acostumada ao constante estímulo. Todos os dias você está vendo novos lugares, comendo novos alimentos, encontrando novas pessoas, dormindo em um quarto diferente. É difícil para o cérebro se acostumar a absorver tanto e depois parar”.

Eu estava em casa, em maio, para a peça de escola da minha filha. Keryn Kaplan (que, além de conexões com o U2, é meu vizinho) trouxe a mixagem final do Zooropa. Eu estava ouvindo enquanto pintava cenários para a produção infantil da Pequena Sereia com meus filhos, e isso me surpreendeu. Ser puxado tão ferozmente de volta à cabeça da turnê enquanto eu estava envolvido com o mundo dos meus filhos me deu vertigem. Entendi então visceralmente porque era tão difícil para Bono deixar sua família para voltar para a festa de despedida de Ellen no inverno passado. Não porque a Zoo World não seja divertida, mas porque é divertida - e saber que está lá fora é como se você estivesse levando outra vida em uma dimensão paralela.

Larry ficou aborrecido comigo, uma noite, quando eu disse que estar em turnê parece natural porque permite que as pessoas voltem ao estado em que passam os primeiros cinco anos de suas vidas: alguém te alimenta, outra pessoa te pega e te coloca onde você deveria estar, alguém paga as contas para você e quando você faz um truque todo mundo aplaude. Subconscientemente, provavelmente, estamos todos em estado de choque por ter parado de ser assim. Viajar com uma grande turnê parece uma restauração da ordem natural. Larry parou pouco antes de me dar um soco no nariz, deixando-me saber que ele odeia esse tipo de pensamento. Longe de ser mimado, ele disse, o tipo de luxo que o U2 vive é o requisito mínimo necessário para a banda se concentrar em carregar esse monstruoso fardo criativo / financeiro / logístico ao redor do mundo por dois anos em suas quatro costas. É o mesmo para qualquer executivo de negócios fazendo grandes negócios, destacou Larry. Não é um infantilismo - é limpar a mesa de jogo das pequenas distrações para fazer um trabalho gigantesco.

Eu não discordo dele, mas também não acho que as duas coisas sejam contraditórias. Eu acho que é um efeito colateral para ter os baralhos liberados a fim de realizar um trabalho estressante e gigantesco, é a imposição de uma espécie de bebê que é muito, muito sedutor. Especialmente para aqueles, como nós, que não estão atrás do volante, mas andando no banco de trás.

Keryn reuniu Edge e outros refugiados irlandeses - Ned, Maurice, Suzanne - e conseguiu um carro para nos levar ao restaurante japonês. Quando chegamos lá, uma mulher asiática estava parada na porta, acenando para que nos apressássemos ou perderiamos nossa mesa. Mas pare. Quem está sentada sozinha em uma mesa lá fora do local? É Morleigh. Edge fica surpreso e feliz. Morleigh teve que voltar para Los Angeles, depois da festa de Bono, para ter uma DR (discutir a relação) com seu então namorado sobre o fato de que ela e Edge estavam se apaixonando um pelo outro. Tive a impressão de que Edge não tinha certeza de qual caminho seguir, mas acho que isso se disssipou. Edge e Morleigh murmuram um para o outro e estudam seus movimentos, passo a passo, como dois adolescentes.

Bem, isso poderia ser uma boa notícia para os outros três. Se Edge conseguir uma namorada, talvez eles possam parar de trabalhar por um tempo!

No dia seguinte, porém, Edge teve que fazer o trabalho por todos eles. Algum experiente falastrão no acampamento do U2 convenceu todos os outros que a melhor maneira do U2 se apresentar no show da MTV Awards seria com Edge indo até lá e cantando "Numb" pessoalmente, com os outros três aparecendo em vídeos, em grandes aparelhos de TV. (Sem dúvida, Tom Sawyer poderia ter convencido Edge a pintar de branco sua cerca também[1]). A cena nos bastidores da Universal Studios, onde o show está sendo realizado, é um caos. Faz 35°C e todo mundo é uma estrela. Estão lá Sharon Stone, Whoopi Goldberg, Keanu Reeves, Christian Slater, Sting, Sinead, Gabriel, R.E.M., Arrested Development, Red Hot Chili Peppers, Aerosmith, e assim por diante. Todo mundo conhece todo mundo, mas é difícil as pessoas saberem se elas se conhecem porque já se encontraram antes ou porque se viram em programas de entrevistas.

Edge recebe um trailer do lado de fora do portão, nos fundos do teatro, em uma longa fileira de motorhomes de celebridades. Seu vizinho é o Pearl Jam. Eddie Vedder e sua namorada Beth Liebling saem e acenam como as outras pessoas do quarteirão dizendo 'Olá'. Na verdade, toda a configuração é uma espécie de Estacionamento de Trailers de Superstars. A limusine mais longa do mundo estaciona diante de nós - um daqueles Cadillacs comicamente estendidos que você veria em um filme parodiando o Texas - e Eddie diz: "Quem poderia ser? Quem chegaria aqui em um carro como esse?" Esperamos ansiosamente a porta se abrir e Milton Berle - o antigo comediante que foi o primeiro astro da TV dos Estados Unidos, há quarenta anos - seguir seu caminho.

Assim que o tio Miltie é trazido para dentro, vem um grupo da Universal Studios, um trem de carrinhos de golfe enormes, carregados com famílias que vestem calças curtas e que acabaram de ver a exibição do tubarão de Jaws e do Jurassic Park, e agora estão sendo apresentados às aberrações do rock &roll. Edge acena para os turistas, que olham fixamente para ele enquanto passam.

"Eles conseguiram nos ver logo após os dinossauros", observo.

"Você quer dizer Steven Tyier?" Eddie pergunta. Então ele sorri e acena para os turistas de férias. Quando estão quase fora de vista, Eddie arremessa a laranja que ele está comendo no trailer. Acerta isso também.

Flea do Red Hot Chili Peppers vem correndo com um boné de beisebol e de uma forma agitada. "Você tem que ser honesto comigo", diz ele. "Acabei de cortar o cabelo e você tem que me dizer como ficou". Flea puxa seu boné para revelar um novo corte curto, com a testa a mostra. "Não, parece bom", Eddie garante. Flea parece aliviado - ele está prestes a ir para a TV. Então Eddie, sorrindo, acrescenta: "Faz você parecer Sting". Flea corre para fazer um moicano - mas não antes de Eddie lembrá-lo de acenar para o próximo ônibus com turistas.

---

[1] De "As aventuras de Tom Sawyer", de Mark Twain: Um garoto imaginativo e travesso chamado Tom Sawyer vive com sua tia Polly e seu meio-irmão, Sid, na cidade de St. Petersburg, Missouri, perto do rio Mississippi. Depois de jogar hooky na escola na sexta-feira e sujar suas roupas em uma briga, Tom é obrigado a caiar a cerca como punição no sábado. No começo, Tom fica decepcionado por ter que perder seu dia de folga. No entanto, ele logo convence seus amigos a trocar pequenos tesouros pelo privilégio de fazer seu trabalho. Ele troca esses tesouros por ingressos dados na escola dominical para memorizar versículos da Bíblia e usa os ingressos para reivindicar uma Bíblia como prêmio. Ele perde muito de sua glória, no entanto, quando, em resposta a uma pergunta para mostrar seu conhecimento, responde incorretamente que os dois primeiros discípulos de Jesus foram Davi e Golias.

O Pearl Jam entra para ensaiar logo após o R.E.M. Ajustes. Peter Buck assiste do auditório vazio e diz: “Se o novo álbum deles for bom, eles serão a maior banda do mundo”.

Entrar na multidão de celebridades nos bastidores é como nadar através de ondas de ego, ansiedade, poder e tensão. Há os Spin Doctors, o Soul Asylum, tem Janet Jackson, Nirvana, Madonna, tem o cara que interpreta Kramer em Seinfeld. Estou em pé atrás de Sinead O'Connor quando Kurt Cobain e Courtney Love passam brilhantemente, parecendo saudáveis, felizes e bem nutridos. Ele está vestindo uma camiseta listrada de manga comprida e jeans; ela está usando um vestido branco Marilyn Monroe e eles passam sua filha um pro outro, enquanto todos os fotógrafos da Califórnia gastam rolo após o rolo de filme com o casal feliz. Sem dúvida, isso se tornará o retrato oficial da família Cobain. Sinead, ela mesma uma jovem mãe e objeto de intensa condenação da mídia, corre até Courtney e começa a perguntar sobre o bebê. Logo depois, eles estão conversando sobre a criação dos filhos como duas mães suburbanas na A & P (cadeia americana de supermercados).

Há alguma aventura acontecendo em meio a todo esse encontro também. O rapper Snoop Doggy Dogg está ziguezagueando com sua credencial no backstage, tentando ficar um passo à frente da polícia de Los Angeles, que quer prendê-lo por supostamente dirigir um jipe com o qual o seu guarda-costas matou a tiros um estagiário que tinha ameaçado Snoop. A polícia quer acusar o rapper de ser um cúmplice do crime. Snoop aparentemente espera cumprir suas obrigações com a MTV antes de considerar sua dívida com a sociedade.

Aí vem Lyle Lovett, o grande cantor / compositor do Texas que eu não via desde que ele foi manchete no começo do ano, fugindo e se casando com a estrela de cinema Julia Roberts. Ele diz que sua vida se tornou bem estranha: os paparazzi agora acampam fora dos motéis, onde ele fica em turnê, caso ela apareça. Enquanto conversamos, um produtor associado da MTV se aproxima do empresário de Lyle - ignorando o próprio Lyle que está parado ali - e diz: “Ouça, eu sei que Lyle não quer fazer isso, mas quando ele subir ao pódio ele poderia dizer: Ufa, uma noite livre das velhas correntes, haveria uma gargalhada!” O produtor sorri ansioso e acena com a cabeça vigorosamente. “Porque é a turma da indústria. Uma noite longe da prisão!” Lyle olha para longe de lábios fechados enquanto seu empresário diz que vai pensar sobre isso.

Há um grande farfalhar no salão enquanto os seguranças começam a empurrar a ralé (ou seja, pessoas como Lovett e Buck), porque Madonna está prestes a ensaiar seu número e ela deve ter privacidade. Ela teve o mesmo tipo de atitude ofensiva em relação aos seus colegas no Live Aid, exigindo que todos os outros artistas virassem as costas quando ela entrasse. Para uma exibicionista famosa, ela escolhe momentos engraçados para ser tímida. De qualquer forma, uma vez que os outros músicos foram expulsos, Madonna e suas dançarinas entram no palco para ensaiar o número delas e elas estão - para todos os efeitos - nuas. Quer dizer, acho que se você chegar perto o suficiente, pode haver algum tipo de cobertura nude em alguns mamilos, e suponho que um ginecologista possa detectar um pedaço de tecido entre as nádegas, mas seria uma distinção puramente técnica. Elas não estão seminus ou meio nus. Elas estão, exceto por um fio aqui e uma pena lá, nuas. Quando a música começa, todos pulam ao redor, como Madonna, e Madonna se vira como Madonna, e dubla, em perfeita sincronia labial, uma faixa pré-gravada. Em seguida, volta para seu trailer como a reencarnação de Leona Helmsley[1].

O velho 'Tom Freston[2] teve que fazer o trabalho sujo com Don Henley[3] na inauguração: não quer ele por

---

[1] Empresária americana, conhecida por sua personalidade extravagante e sua reputação de comportamento tirânico, ganhando o apelido de Rainha do Mal.
[2] Executivo da empresa Viacom.
[3] Cantor da banda Eagles.

perto desta vez! Cabe à presidente da MTV, Judy McGrath, ir ao trailer de Madonna e abordar o assunto delicado do mal-estar da rede de TV com as dançarinas nuas na televisão. Judy é parada no primeiro quarto do trailer pelo irmão de Madonna, que diz que ela deveria falar com ele. Claro, Judy diz, calma como um juiz, eis a questão: precisamos saber se Madonna e suas dançarinas estão planejando se vestir assim durante a performance hoje à noite, porque se for o caso, precisarmos deixar os cinegrafistas saberem que devem focar apenas no rosto de Madonna. Isso enfurece a *Isadora Duncan da Danceteria*![1] A voz de Madonna vem da sala dos fundos, como Medea[2], numa erupção dizendo que ela sabia que seria esta a reação da MTV e SIM, que elas vão usar roupas ao entrar no ar. Judy diz obrigada à voz desencarnada e sai do trailer como Dorothy deixando a sala do trono do grande e poderoso Oz.

A transmissão começa com Madonna e seus dançarinos, vestindo smokings estilizados, fazendo seu "Girlie Show" coreografado que, sem a nudez, se parece com o tipo de número de Las Vegas que costumava abrir a Jackie Cleason Show. Por todo o crédito que a ela é dado por estar um passo à frente das tendências, Madonna está começando a parecer uma artista com um único truque. Quando ela apareceu dez anos atrás, fazendo discos com letras provocantes e ótimos vídeos, Madonna parecia algo novo e todas as bandas com guitarristas de cabelos compridos pareciam velhos. Agora a roda girou para outro lado. Se Madonna tivesse aparecido hoje à noite cantando em frente a uma banda grunge, ela poderia ter roubado o show. Mas, fazendo este seu número de variedade, ela parece estar desatualizada, como um daqueles esquetes de cabaré que você costumava ver na TV antes dos Rolling Stones aparecerem. Uma mulher na plateia grita para seu encontro: “Ela ainda está vivendo nos anos 80!”

Edge, por outro lado, aparece com um visual de quem está vivendo nos anos 90 – da década de 2090. Ele entra no palco com um uniforme militar azul, óculos escuros e boina. A banda inteira ficou com esses uniformes para o clipe de “Lemon”; de fato, há três pequenas insígnias de limão que declaram a alta patente de Edge. Ele se senta em uma cadeira de frente para o público e entoa “Numb”, enquanto TVs ao redor dele piscam com imagens e efeitos sonoros - incluindo o rosto sorridente de Bono, que parece estar dizendo subliminarmente: “Eu estou assistindo isso em casa, sem meus sapatos, e você está preso em Los Angeles, seu otário!” Edge termina a música, as TVs se desligam e ele se levanta, vira e sai do palco. É uma performance deliberadamente estranha que sai muito bem feita. É mais um exemplo do U2 se distanciando do que as outras bandas estão fazendo, e do que o U2 deve fazer.

Neil Young se junta ao Pearl Jam para uma versão de “Rockin’ in the Free World” que segue atemporal, ganhando aplausos de pé da multidão cansada da indústria e é aclamado pela crítica - o ponto alto do show. (É também o ponto mais baixo da audiência da TV). O Pearl Jam faz a limpa nos prêmios da noite, ganhando quatro troféus, incluindo o Vídeo do Ano para “Jeremy”. Eddie não está brincando quando diz ao público que, sem música, ele poderia ter acabado como Jeremy no vídeo, atirando em si mesmo em frente à sala de aula. Em um tom mais leve, ele sente o peso do troféu de Astronauta da MTV na sua mão e diz: “Parece com Bono”.

Bono está assistindo em sua TV em Dublin, falando com Edge ao telefone, do trailer. “O que você achou disso?” ele pergunta. Eddie, de repente, está imaginando a mesma coisa. Ao chegar no backstage, Eddie se

---

[1] Angela Isadora Duncan foi uma coreógrafa e bailarina norte-americana, considerada a precursora da dança moderna, aclamada por suas apresentações em toda a Europa. Nascida na Califórnia, viveu na Europa Oriental e na União Soviética dos 22 anos até à data da sua morte acidental na França, em 14 de setembro de 1927.

[2] Personagem protagonista de uma tragédia grega. É uma das personagens mais terríveis e fascinantes da mitologia, ao envolver sentimentos contraditórios e profundamente cruéis, que inspiraram muitos artistas ao longo da história - na escultura, pintura, teatro, cinema, ópera.

preocupa e acha que ele possa ter ferido os sentimentos de Bono. Ele encontra Edge e pede desculpas, perguntando se poderia ter o número de telefone de Bono para que ele possa ligar e fazer as pazes. Diz a Edge para olhar em seus olhos e ver como ele está sendo sincero.

“Acabei de desligar o telefonema com o Bono”, responde Edge, inexpressivo. “E, Eddie, ele estava chorando”.

Eddie e Edge olham fixamente nos olhos um do outro, por alguns instantes - então ambos começam a rir.

A MTV contratou uma grande fatia do cast da Universal Studios para uma festa pós-show. Nós vamos lá por um tempo, mas é demais. Há milhares de pessoas, tendas de comida, uma atmosfera de circo romano e pessoas comuns espreitando através das cercas as legiões de famosos que entram pelos portões. Suzanne chama uma limusine e Edge e sua comitiva entram e atravessam a cidade para ir a um restaurante onde o R.E.M (que foi ótimo no show, em sua primeira apresentação pública em alguns anos) está organizando uma pequena festa. É muito mais agradável. Na sala externa há Natalie Merchant, T-Bone Burnett e Sam Phillips, Lindsey Buckingham, e - aqui vai uma cena engraçada - Roseanna Arquette que compara notas intensamente com Sinead O'Connor, enquanto Peter Gabriel, que namorou ambas, olha nervosamente.

Na sala ao lado, o Edge protege uma mesa com, de um lado, alguns caras do R.E.M e agregados do U2 como Anton Corbijn (que está prestes a dirigir um vídeo do Nirvana) e Mark Pellington (um dos arquitetos da Zoo TV, que ganhou hoje um prêmio de vídeo por dirigir Jeremy do Pearl Jam). Do outro lado da sala, há em uma outra mesa, Krist e Dave do Nirvana, Tanya Donelly do Belly, e Kim Deal - agora do Breeders, desde que os Pixies se separaram com muito rancor e recriminações, depois de abrirem para o U2 na primeira perna americana da Zoo TV, um ano e meio atrás. Courtney Love aparece com um grande sorriso e o mesmo vestido branco Marilyn que ela vestiu durante a tarde. Uma aparência de um milhão de dólares! Ela está levando pela mão o seu marido, Kurt Cobain, que parece ter apenas um dólar e meio. Ele está olhando para o nada com os olhos vidrados. Ele parece tão frágil que ele e Courtney parecem menos com um casal do que com uma mãe levando seu filho cansado para a cama. Eles se acomodam com Tanya, Kim e os outros Nirvanas.

Atravessando a sala em direção a essa mesa alternativa, com sorrisos e saudações, vem Bob Guccione Jr., o editor/dono da revista *Spin*. Bob é meu vizinho de Greenwich Village, rival profissional, e às vezes amigo, o que é mais do que o U2 poderia dizer. Antes de *Achtung Baby* ser lançado, Guccione pressionou Paul McGuinness para uma entrevista com o U2 e pediu uma cópia antecipada do álbum para que a *Spin* fizesse a crítica. McGuinness disse a Bono que Bob parecia um cara legal, vamos deixá-lo com uma fita, desde que ele prometa que o *Spin* não fará nenhum texto antes do álbum sair. Bono não confiava em Guccione desde que a *Spin* comprou uma entrevista já publicada com Edge e Adam, de um jornal britânico, e depois publicou uma foto de Bono na capa. Houve outras coisas duvidosas também - a *Spin* ofereceu à Anistia Internacional uma chance de editar uma edição e depois enviou um e-mail para anunciantes dizendo que a revista da Anistia contaria com uma entrevista exclusiva com Bono. Isso não aconteceu.

No entanto, Paul disse, Guccione promete que vai honrar o nosso embargo, vamos dar-lhe uma cópia do álbum. Bono cedeu. A *Spin* conseguiu uma cópia antecipada do Achtung Baby - e eles quebraram o embargo, escreveram sobre o álbum mais cedo! (Crítica ruim também.) Bono disse: “Ah, eu te avisei!” McGuinness ligou para Bob e disse: “Como você pôde fazer isso comigo? Você me deu sua palavra!” E Bob disse (assim afirma o U2): “Ah, você deve ter visto um desses problemas, o álbum foi roubado do arquivo da gravadora e foi colocado à venda mais cedo! Fiquei chocado!”

Assim, as chances da *Spin* conseguir uma entrevista com o U2 caíram por terra. (De fato, Bob me disse, uma vez, que achava que o U2 só dava entrevistas para minha revista, *Musician*, para atacar a *Spin*. O que para mim é como dizer que Yoko só se casou com John para irritar Ringo.) Mas Bob não se intimidou. O roteirista Jim Greer estava namorando Kim Deal, baixista do Pixies, do show de abertura do U2. Ele estava indo a muitos dos shows com Kim, e poderia escrever uma história sobre os bastidores da Zoo TV, clandestinamente. O que emergiu - em uma matéria de capa da *Spin* intitulada "U2 em Turnê: A história que eles não queriam que você lesse" - foi um artigo bizarro no qual o escritor e sua namorada não identificada foram de show em show do U2, fazendo terríveis críticas em relação à banda e observando como eles trataram a banda de abertura, os Pixies - que nunca conseguiram encontrar nenhum deles, exceto Larry.

Bem, quando o U2 soube do artigo eles ficaram muito irritados. Bono convocou uma reunião com Deal, na qual ele disse que tinha sido uma espionagem e ela disse que toda a extravagância gigantesca da Zoo TV tinha ido muito além do rock and roll, que as bandas e os jornalistas deveriam ficar todos juntos e ter algum tipo de igualdade. Depois de um pouco de agitação o U2 decidiu deixar os Pixies finalizarem a tour, mas o líder do Pixies, Charles Thompson, estava furioso com Deal sobre a coisa toda. Ele disse que o U2 havia tratado bem os Pixies e não poderia imaginar o que Deal tinha para reclamar. Ninguém se sentiu confortável ao dizer que a matéria da *Spin* separou os Pixies, mas foi um fator decisivo para o desmanche de um grupo que já não era grande o bastante para ter tanto Thompson quanto Deal.

E, eu suponho, foi difícil para os Pixies - uma grande banda que foi uma grande influência para o Nirvana e para uma centena de outros grupos - finalmente sair tocando nas arenas americanas depois de anos em clubes e não serem bem recebidos. Thompson lançou uma carreira solo sob o nome artístico Frank Black, e Deal deu atenção total aos Breeders, que rapidamente se tornaram mais populares que os Pixies em qualquer época. Eu estava jantando com Bob Guccione numa noite, não muito depois da poeira ter baixado, e ele me contou que a *Spin* não tinha mais nenhum interesse em fazer entrevistas com o U2. Ele não os perdoaria pelo que fizeram com os Pixies. À noite eles permaneceram em lados diferentes, com o R.E.M. transitando livremente de um lado para o outro.

O U2 também foi muito criticado em grande parte da cena alternativa norte-americana por sua participação na destruição do grupo satírico Negativland. Eu acho que essa é uma acusação injusta. Nas semanas anteriores ao lançamento do álbum Achtung Baby, quando a expectativa pelo novo álbum do U2 era grande, o Negativland lançou um single de 12" chamado "U2". Eles simplesmente sobrepuseram "I Still Haven't Found What I'm Looking For" com uma fita amadora do radialista americano Casey Kasem bagunçando uma leitura decorada sobre a banda e criticando sua equipe por enchê-lo de porcarias sobre essa banda "inglesa" que ninguém estava se importando. Foi um registro muito divertido e travesso. Parecia um álbum novo do U2. A capa do tamanho de um LP continha um grande "U2" escrito em vermelho, sobre a palavra "Negativland" em tamanho pequeno, como um título. Era como se fosse a capa do War. A Island Records imediatamente contatou o Negativland e a STS, o selo independente pelo qual eles gravaram, com uma ação judicial por uso ilegal da marca, e por lançar uma gravação que os fãs do U2 comprariam, achando que era o novo LP da banda.

Aquilo foi uma consideração real. Meu amigo Timothy White, um respeitado jornalista de rock e editor-chefe da Billboard, escolheu o disco satírico na Tower Records achando que era o novo álbum do U2. Se enganaram Tim, poderiam enganar tranquilamente qualquer adolescente.

De qualquer modo, a STS, selo do Negativland, primeiramente respondeu a acusação da Island Records como uma grande oportunidade de publicidade. Eles lançaram uma campanha chamada "Kill Bono" [Mate o Bono] e fizeram pedidos públicos para o U2 fazer um show em benefício do Negativland. Mas quando ficou claro que o

Tribunal iria decidir que era uma violação de direitos autorais, a STS mudou de lado e congelou os royalties do Negativland, e insistiu que o grupo satírico arcasse com todos os danos. O que veio a seguir foi uma batalha cada vez mais feia entre a STS e o Negativland. Chris Blackwell, presidente da Island Records, escreveu para o Negativland dizendo que o U2 pediu para eles recuarem, e eles o fariam, mas não iam arcar com os custos processuais. Estes custos, e a recusa do selo em dividir a conta, levou o Negativland à falência, mais tarde também sendo processados por Casey Kasem, que os acusou maldosamente de destruir sua reputação.

Foi uma bagunça. Em certa altura, dois membros do Negativland. se passando por jornalistas, ligaram para o Edge, e meio que fizeram uma entrevista com ele, até que revelaram suas identidades e imploraram por dinheiro para ele para ajudá-los a pagar os custos processuais. Edge riu e disse que iria pensar sobre isso, mas ele não cedeu. O escândalo todo veio à tona quase sem efeitos ou consequências dentro do U2. A Island tinha o direito de proteger a marca que eles pagaram tanto para ter e de qualquer modo o processo da Island foi reprimido desde o início. O próprio Negativland vacilou entre ser contrito e assumir a defensiva agressão de Lenny Bruce nos seus últimos dias, protestando contra a injustiça das leis de direitos autorais e afirmando que tais leis só deveriam ser aplicadas em pessoas mal-intencionadas, não em artistas.

Assim como a controvérsia dos Pixies-Spin, o bafafá do Negativland colocou o U2 como um demônio gigante se impondo sobre os pequenos caras que atravessavam seu caminho. Um editor de uma revista de rock alternativo me contou com uma expressão séria que ele não conseguia escutar o *Achtung Baby* porque "o U2 era fascista". Eu disse: "Ei, espere um pouco. 'Eles podem ser capitalistas, eles podem crer em direitos de propriedade intelectual, mas se isso faz deles fascistas, então todos nós somos'". Mas ele estava irredutível, ele entendia que o U2 era literalmente nazista. Eu acho esse tipo de pensamento mesquinho ofensivo em vários níveis, mas eu tenho que dizer - o editor não é nenhum estúpido e ele não está sozinho.

No dia após a MTV Awards todo mundo vai dormir tarde, e depois caminha mancando pela Sunset Marquis como soldados feridos. Bem, quase todo mundo. O ator irlandês Richard Harris está sorrindo e cumprimentando todos os visitantes enquanto perambula com algum tipo de pijama azul claro (ou uma roupa casual leve) brincando com um poodle toy branco e procurando por algum voluntário para o acompanhar no bar. Eddie Vedder me deu duas fitas cassete do ainda inédito segundo álbum do Pearl Jam, uma para mim e outra para o Edge, com capas desenhadas a mão e notas pessoais. Se o Pearl Jam está prestes a subir ao trono de maior banda do mundo, eles estão fazendo isso de uma maneira notavelmente humana.

Eu levei a fita do Edge para ele numa mesa de café-da-manhã à beira da piscina, onde ele e Morleigh estão olhando mapas e falando sobre dirigir pelo deserto. Eu acredito que ele não esteja planejando pedí-la em casamento sob a Joshua Tree. Os membros do Nirvana perambulam à beira da piscina, pegam os pertences deles e colocam dentro de um carro simples - um grande sedan antigo, um Caprice ou Impala. Eles andam juntos como se fossem uma banda do Ensino Médio indo tocar numa festa do basquete universitário americano. Há muitas maneiras diferentes de ser uma estrela do rock.

---

# 43. The Troubles[1]

**escândalos abalam a base do u2 / uma viagem ao evento da gaultier / a mídia sensacionalista / "em nome do pai" / católicos e protestantes / tese: shakespeare era um lunático / caindo de vez na televisão**

"TEM SIDO uma semana difícil para o U2", diz um cansado Bono. Ele está fumando, bebendo e com uma barba de duas semanas. Ele tem bolsas profundas sob os olhos. Está sentado numa pequena mesa no restaurante do Clarence Hotel, a propriedade de Dublin comprada pelo U2 há poucos anos e na qual eles continuam investindo dinheiro. *Ali* está sentada numa mesa grande próxima, tendo uma conversa descontraída com Ann, namorada de Larry, o diretor Jim Sheridan e uma meia dúzia de outros convidados. Bono está fora de si, ficando sério e roubando pedaços da minha sobremesa enquanto *Ali* não está olhando.

A semana difícil começou quando os tabloides britânicos divulgaram notícias sobre a frenesi selvagem de Adam Clayton num hotel de Londres, após uma briga dele com Naomi. De acordo com os tabloides, Adam ficou arrasado e enviado para uma sucessão de prostitutas caras. Os tabloides alegaram que Adam pagou pelas prostitutas usando o próprio cartão de crédito, deixando um recibo como prova do ato. Regine, publicitária do U2, não negou a história. Ela apenas apontou que Adam e Naomi tinham se reconciliado.

A história chocou a base do U2, principalmente Naomi. Ela estava próxima de desfilar no grande evento da Gaultier em Paris, que é uma mídia animalesca de qualquer modo e este escândalo colocou umas dezesseis toneladas de ansiedade desnecessária ao evento. Bono, Ali, Larry e Ann acompanham Adam até Paris e o evento fashion, numa amostra pública de solidariedade e amor à união de Adam e Naomi.

Bono está vislumbrado pela euforia em torno do desfile gaulês. "Isso é maior que o rock and roll para eles!", ele diz. "É maior que o cinema! Havia modelos com correntes, piercing nos mamilos, havia de tudo e por alguma razão elas todas pareciam parar na minha frente. Naomi parou na minha frente para me provocar. Christy Turlington para, dá um beijo em mim e em Ali. Agora, você sabe, houve histórias rolando nos tabloides sobre mim e a Christy. Então, todos os jornais publicaram fotos de Christy me beijando e não mencionam que Ali estava logo ali!". Bono balança a cabeça e ri. Havia um boato rolando que ele e Christy estavam tendo um caso desde que ela começou a sair com Adam e Naomi e por um bom tempo, ninguém do U2 parecia muito preocupado com isso. Quando Bono contou à sua esposa no verão passado que ele ia evitar andar junto com Christy de modo a desabastecer os jornais de fofoca, Ali repreendeu Bono por isso, falou a ele que Christy era uma garota amável e que se ele deixasse a imprensa sensacionalista tomar conta da vida dele, então ele era um fracasso. "Não perca a oportunidade", aconselhou Ali. Mas desde o escândalo com Adam, Bono está mais preocupado em colocar as coisas no lugar.

"Você sabe, eu tinha flertado de brincadeira com a Christy, mas eu nunca tive um caso com ela. Eu não o faria. Depois de apresentar essas lindas mulheres para minha esposa, todas elas perderam o interesse em mim. Elas acabaram se tornando amigas dela".

---

[1] O conflito na Irlanda do Norte (também conhecido em inglês como *The Troubles* ou *O Problema*) foi um conflito de grande violência pelo estatuto político da Irlanda do Norte, que causou grande perda de vidas durante a segunda metade do século XX. Tratava-se, em primeiro lugar, da população protestante (maioria), em favor de preservar os laços com a Grã-Bretanha, e do outro lado a população católica (minoria), em favor da independência ou da integração da província com a República da Irlanda, ao sul, país predominantemente católico. Ambas as partes recorreram às armas, e a província mergulhou em uma espiral de violência que durou desde o final da década de 1960 até a assinatura do Acordo de Belfast, ou Acordo da Sexta-Feira Santa, em 10 de Abril de 1998, que estabeleceu as bases para um novo governo em que católicos e protestantes compartilhassem o poder. No entanto, a violência continuou após essa data e ainda continua de forma ocasional e em pequena escala.

Bono olha para Ali, do outro lado da sala, e depois fica sério novamente. “E Adam não é um sacana. Pergunte a qualquer uma das mulheres que trabalham para nós. Adam não é um cara desprezível. Mas quando Adam cai, ele afunda. E foi o que aconteceu. Ele não machuca ninguém além de si mesmo. Mas eu te digo, se Adam entrar em seu carro alguma noite e matar a si mesmo ou a outra pessoa, não será mais engraçado, não será mais uma piada, esse é o meu medo. Adam é uma boa pessoa. Ele é! Ele pode ter estragado tudo, mas no fundo ele tem um bom coração. Estar com Naomi tem sido bom para Adam porque ele é forçado a ficar estável em um relacionamento. Normalmente a mulher tem que cuidar de Adam, mas Naomi é tão selvagem que Adam teve que se tornar o responsável”.

Mais uma má notícia hoje foi que Martin Scorsese disse não à proposta de dirigir o vídeo de Bono e Sinatra, “I’ve Got You Under My Skin”. Eles precisam encontrar um substituto rapidamente, já que o vídeo deve ser rodado na Califórnia na semana que vem, quando Bono estará a caminho da Austrália para começar a etapa final da turnê.

Gavin Friday se junta a nós por volta da meia-noite. Ele queimou os neurônios trabalhando dia e noite na trilha sonora de *Em Nome do Pai*, o novo filme de Jim Sheridan. Bono e Gavin estão fazendo a música. O prazo é sábado e estamos na terça-feira à noite. O tempo está apertado. É igualmente apertado para Sheridan, que está na mesa ao lado, jantando e tentando esquecer por um minuto que ele deveria terminar o filme no fim de semana, e ele ainda está trabalhando. Ele acabou de completar a edição e ainda tem que incluir o som, com qualquer música que Bono e Gavin lhe entreguem. Vanessa Redgrave convenceu Sheridan a se juntar ao seu ator principal, Daniel Day-Lewis, e a um grupo de outros artistas numa viagem a Sarajevo. Se fosse um compromisso menos nobre, Sheridan já teria declinado, mas ele prometeu protestar contra o massacre bósnio. Ele só gostaria de terminar seu filme primeiro.

*Em Nome do Pai* já alimentou uma tremenda controvérsia, especialmente na Inglaterra. É a história do Guildford Four, um grupo de hippies que foram enquadrados pelo governo britânico por causa de um atentado a bomba do IRA em um pub, na década de 1970. Day-Lewis interpreta Gerry Conlon, um dos acusados. Naquela noite, no noticiário, havia uma reportagem sobre a raiva dos britânicos com a recriação da explosão do pub de Sheridan e a suposição de que aquilo seria um filme pró-IRA / anti-inglês.

Assistindo às notícias da TV esta noite – na casa dos pais de Edge – tive a sensação que sempre tenho com U2: que eu tinha caído na televisão. Além da polêmica sobre o “Nome do Pai”, havia um filme de Naomi no desfile de moda de Paris e uma reportagem sobre Salman Rushdie, outro cujo editor acabou de ser baleado por terroristas islâmicos. Após a reportagem surgiu o documentário Chernobyl, de Ali Hewson, “Black Wind, White Land” [Vento Negro, Terra Branca], que foi uma eficiente e assustadora análise de como a paisagem em torno da área da tragédia foi devastada e arruinada desde que ficaram irradiadas. *Ali* ficou imensamente desconfortável nessa semana por ter se tornado uma figura pública nas críticas ao programa e nas entrevistas que ela fez para promovê-lo. Ela não fará mais nada. Ela tem uma nova concepção da forma como o aplauso e desprezo do público constantemente acumulados sobre ele, sopram na mente de seu marido às vezes.

Provavelmente é loucura para Bono tentar insistir nesta trilha sonora com tanta coisa acontecendo, mas ele e Gavin conheceram Sheridan desde que o U2 e a Virgin Prunes fizeram seus primeiros shows profissionais no Project Arts Centre (PAC) de Sheridan. Parte teatro, parte galeria de arte, o PAC era também o lugar de incentivo para jovens aspirantes a atores, como Gabriel Byrne, Stephen Rea e Liam Neeson. Quando o filme de Sheridan, My Left Foot (Meu Pé Esquerdo), de 1990, colocou o mundo do cinema em alerta, Bono e Gavin acreditavam que a performance do vencedor do óscar de Daniel Day-Lewis naquele filme foi baseada pelo menos um pouco na cara de Sheridan, pensando mais rápido do que ele consegue

proferir as palavras. Ambos os músicos estão convencidos de que o diretor é um gênio. Enquanto eles trabalham na trilha sonora, Sheridan dá a eles instruções musicais, tais como: "você conhece o caminho quando está correndo de alguém que está tentando te matar, as batidas dos passos deles atrás de você são mais altos do que os seus? Você pode fazer isso soar assim?"

Ou: "Isto é jazz, não é? Você sabe o que é jazz? Jazz é um homem negro no centro das atenções. Apenas o holofote é a sirene de um carro de polícia e ele tentando fugir disso. Essa é razão que o jazz se distancia da melodia. Então ninguém pode dizer que eles a roubaram. Agora, neste caso, você pode se inclinar para mais longe?"

A incrível sensibilidade na Grã-Bretanha a todas as questões relacionadas com o Exército Republicano Irlandês também gerou alguns momentos de humor negro. Em um trem em direção a Liverpool para filmar a cena do ataque ao pub, Sheridan entrou numa discussão com um membro da equipe que queria adiar a filmagem da explosão por razões técnicas. Finalmente, Sheridan disse em voz alta: "A bomba explode às duas! Esse é o plano que nós concordamos e estamos cumprindo! A bomba explode às duas!" Quando ele se acalmou, olhou em volta do trem e percebeu que todos os passageiros ingleses o encaravam com medo e terror – eles pensaram que ele era um verdadeiro terrorista do IRA.

O IRA e os problemas na Irlanda do Norte fervilham dentro da mente de Sheridan quando Bono e Gavin se juntam a ele na mesa para jantar. Sheridan quer convidar os familiares das vítimas do atentado de Guilford para uma sessão privada de cinema. Sheridan diz que o IRA mata aleatoriamente, mas os sindicalistas protestantes matam com precisão e lógica:

"Sete mortos no atentado do IRA. Tudo bem, nós vamos sair neste fim de semana e matar sete católicos. De acordo". Sheridan disse que os irlandeses ainda pensam que a Inglaterra é a capitã do mundo. Eles não sabem que os Estados Unidos estão comandando as coisas há algum tempo.

Bono diz que acha que isso vem de um senso católico irlandês de culpa merecida. A Irlanda deve merecer as chicotadas que a Inglaterra dá. Bono, que entende o pensamento evangélico, diz que o sindicalista Ian Paisley e sua classe têm uma lógica evangélica evidente por trás de sua filosofia de retaliações – mas que desmorona sob um escrutínio real, pois os nortenhos, de maioria protestante, tiveram a oportunidade de ter um autogoverno autônomo e o rejeitaram. Portanto, pela lógica evangélica, a rebelião inicial foi protestante e deles é a maior culpa.

Essa é uma conversa interessante em um bar, mas tem consequências reais para as pessoas que vivem na Irlanda. O U2 sempre rejeitou a violência de ambos os lados na Irlanda do Norte. Embora Bono balançando uma bandeira branca no palco tenha se tornado algo caricato, originalmente o contexto era o de um garoto irlandês dizendo que, em "Sunday Bloody Sunday", os dois lados tem que baixar armas e esquecer o passado. É pedir muito aos irlandeses, para quem o passado é frequentemente o bem mais precioso deles. Ao clamar pela paz, o U2 foi acusado de estar evitando o problema. Eles esclareceram sua posição, anunciando na *versão de "Sunday Bloody Sunday" em "Under a Blood Red Sky"* que "esta *não* é uma canção de rebeldia". Quando isso não foi considerado claro o suficiente, Bono deu um passo que era, literalmente, um risco para sua vida, incluindo no filme *"Rattle and Hum"* uma condenação a violência republicana, esta feita no palco e gravada na noite do atentado de Enniskillen, comandado pelo IRA:

"Deixe-me dizer uma coisa. Já estou cansado dos irlandeses-americanos que não estiveram em seu país nos últimos vinte ou trinta anos e vem falar comigo sobre a *resistência,* a revolução lá em casa. E as *glórias* da revolução e a glória de morrer pela revolução. FODA-SE A REVOLUÇÃO! Eles não falam sobre a glória de

matar pela revolução. Onde há glória em se tirar um homem de sua cama e matá-lo na frente de sua esposa e filhos? Onde há glória nisso? Onde há glória em bombardear uma parada de Dia do Armistício, com soldados aposentados, suas medalhas polidas especialmente para esse dia? Onde há glória nisso? Deixá-los agonizando, aleijados para o resto da vida ou mortos. Debaixo dos escombros de uma revolução. Isso é o que a maioria das pessoas em meu país não quer. Chega!"

É um sentimento sincero, mas como o U2 é protestante (mesmo Larry, criado como católico, abraçou o cristianismo carismático na adolescência) isso poderia ser mal interpretado como pró-sindicalista, o que não é. Uma das evidências da colonização britânica na Irlanda é que ainda são os irlandeses protestantes que, na maioria das vezes, saem na frente e tem sucesso no exterior. Se um católico quer ser aceito como artista ou escritor ou músico, fora da Irlanda, ele precisa primeiro rejeitar o catolicismo. Muitos irlandeses católicos diriam que a disposição para fazer isso tem mais a ver com a intolerância da Igreja Católica Irlandesa do que com preconceitos protestantes, mas esses dois fenômenos - a pressão externa para que se abandone a Igreja e o conservadorismo militante desta - formam um laço de sangue que cada lado puxa e, na sua obstinação, deixa mais apertado.

A triste verdade é que os católicos irlandeses foram ferrados pelos protestantes britânicos de maneira tão completa e injustificável quanto qualquer raça da história foi ferida por qualquer outra… mas isso não pode ser desfeito agora. O que foi perdido nunca mais pode retornar; deixa de existir. Como a Europa caminha no sentido de se unir, a noção de que a Inglaterra e a Irlanda vão continuar a brigar pelo Ulster[1] se tornará anacrônica. Certamente, os protestantes do norte têm todo o direito de não desejarem ser submetidos às leis de um estado dominado pela Igreja Católica, onde por exemplo, o divórcio ainda é ilegal. Parece inevitável que a Irlanda finalmente irá se reunir com Dublin como sua capital, mas não será um estado teocrático católico romano. Quando o tempo desta reunificação chegar e os católicos declararem a vitória, a Irlanda então vai se adequar mais ao protestantismo até o ponto em que as diferenças não vão mais fazer diferença.

De qualquer maneira, as bebidas estão agora fluindo e os dublinenses estão fazendo o que eles mais fazem de melhor: conversar. Os detalhes do filme *Em Nome do Pai* deram margem a uma grande conversa embasada sobre cinema, drama e arte propriamente dita – os assuntos de sempre. Sheridan está insistindo que na arte há uma explosão criativa e tudo o mais que a acompanha não passa de variações desta. Por exemplo, ele diz para Bono: Elvis Presley foi uma explosão e todo o rock que veio após ele tem sido variações de Presley. Oedipus Rex[2] foi uma explosão; Hamlet, por exemplo, é uma variação.

Isso leva Sheridan a insistir que ele tem certeza de que Shakespeare era insano e tentava impor ordem à sua loucura. Isso é demais para mim. Eu Lembro a Sheridan que as tramas de Shakespeare, inclusive Hamlet, existiam há anos como entretenimento. Shakespeare impôs estrutura, poesia e discernimento psicológico às histórias que, de fato, poderiam ter surgido de alguma neurose tribal ou primitiva - mas a neurose não era a de Shakespeare.

---

[1] A Irlanda do Norte é frequentemente mencionada como Úlster ou *província do Reino Unido* (embora estes termos podem causar confusão, uma vez que uma parte da província histórica do Úlster faz parte da República da Irlanda).

[2] Oedipus Rex ou Édipo Rei é um personagem da mitologia grega e também uma tragédia escrita por volta de 427 a.C. pelo dramaturgo Sófocles (496-406 a.C.). Trata-se de uma das tragédias gregas mais emblemáticas da história do teatro na Grécia. É baseada no mito de édipo e citada pelo filósofo grego Aristóteles em sua obra "*Poética*".

Bono declara: “Assim como um colapso nervoso pode ser a resposta sensata às circunstâncias insanas - por exemplo, o combate - a arte pode ser uma espécie de resposta segura a estímulos violentos. Por exemplo, as notícias”.

O que é realmente maluco é quando a arte que você cria em resposta às notícias - seja *Em Nome do Pai* ou *Black Wind*[1] ou *Os Versos Satânicos*[2] - acaba voltando para você como notícia novamente. Eu não posso te dizer quantas vezes desde que eu entrei no “carnaval do U2”, eu voltei para casa com muita informação nadando em meu cérebro, liguei a televisão para relaxar, e fiquei cara a cara com quem ou onde eu acabei de sair. Eles me disseram que o futuro era a TV interativa; eu só não sabia que não seria capaz de desligá-la.

[1] *Black Wind* (espanhol: *Viento Negro*) é um filme de drama mexicano de1964, dirigido por Servando González. Foi exibido no Festival de Cinema de São Francisco e no Festival Internacional de Cinema de Melbourne. O filme foi selecionado como a entrada mexicana para o Melhor Filme em Língua Estrangeira no 39º Oscar, mas não foi aceito como candidato.

[2] Livro de Salman Rushdie, que foi proibido pelos religiosos iranianos.

# 44. Viciados

**planejando o triplecast / allen ginsberg escreve no grande livro da irlanda* / as regras do cyberpunk / até onde vai o u2 para sair do ensaio / bono & gavin capturados por soldados britânicos vestidos como vasos de flores**

Enquanto a U2 se prepara para a etapa final de seus dois anos de turnê, mais um fardo é somado à pilha de projetos em suas costas: o Triplecast. A ideia é que, enquanto estiverem na Austrália - e, *além* de uma transmissão internacional de TV com pay-per-view - filmarão um show que será transmitido em janeiro, pela MTV, em três canais ao mesmo tempo. Cada canal terá pelo menos um ângulo diferente ou um conteúdo diferente, para que o espectador possa se sentar com o controle remoto e clicar entre as opções que quer ver.

Entre essas opções, estarão pessoas que influenciaram o U2 a reagir, comentar ou fazer modificações à música. Esta tarde, Ned O'Hanlon tem o poeta Allen Ginsberg no Windmill Lane, filmado, declamando seu "Cigarette Smoking Rag" ao ritmo de "Numb".

Ginsberg causou uma grande impressão em Bono nesta viagem. Ele e Bono foram os últimos de 140 poetas, 120 artistas, 9 compositores e um calígrafo a contribuir para *O Grande Livro da Irlanda*, uma tentativa ambiciosa (alguns podem dizer vaidosa) de criar uma espécie de sequência para o antigo Livro Irlandês de Kells. (Ei, eles escreveram uma sequência para "*...E o Vento Levou"*, certo?). Um empreendimento conjunto entre a Poetry Ireland[2] e a instituição de caridade Clash-ganna Mills Trust[3], o livro é um enorme volume encadernado de páginas feitas de pergaminho de pele animal, mantido em um caixa de madeira feita de uma árvore plantada pelo poeta irlandês WB Yeats. Animais, vegetais e minerais - estão todos se alinhando para entrar neste projeto!

Entre os colaboradores que escreveram ou pintaram em uma página estavam Samuel Beckett, Seamus Heaney, Derek Mahon, Brendan Kennelly, Thomas Kinsella e Ted Hughes. Agora terminado por Bono e Ginsberg, o volume pesado deve ser vendido para a primeira pessoa que gastará um milhão de libras para isso. O dinheiro será destinado à caridade e o livro vai para onde o novo dono quiser - talvez em turnê, talvez em reclusão, talvez em algum cofre de banco japonês.

Até agora, nessa viagem Ginsberg abandonou Van Morrison, o que acabou por ser um pouco intenso demais para o poeta, e desafiou Bono a explicar-lhe porque ele quer acreditar em Deus e, assim, circunscrever seu universo. Ginsberg disse a Gavin: "Bob Dylan e Van Morrison não sabem quem eles são. Leonard Cohen, ele sabe exatamente quem ele é. Eu não descobri Bono".

"Eu me pergunto o que ele quer dizer com isso?", questiona Bono.

"Talvez", eu sugiro, "significa que Cohen ainda retorna seus telefonemas e Dylan e Van não".

---

[1] O Grande Livro da Irlanda é uma coletânea de arte moderna e poesia irlandesa - projeto que começou em 1989 e foi publicado em livro em 1991. O poema que fecha a obra é do norteamericano Allen Ginsberg. Bono também contribuiu escrevendo para a obra. Em janeiro de 2013 foi adquirido pela University College Cork por US$ 1 milhão.

[2] Poetry Ireland é uma organização para poetas e poesia irlandesa e inglesa, sediada na Irlanda.

[3] Clash-ganna Mills Trust foi uma instituição de caridade para vida independente de pessoas com deficiência.

Também está na cidade para gravar uma participação para o Triplecast o autor do cyberpunk, William Gibson. A visão dele sobre um futuro interativo e descolado tem sido uma grande influência na Zoo TV, e Bono está às voltas com uma oferta para fazer sua estreia no ano que vem no filme *Johnny Mnemonic*, *o Cyborg do Futuro,* baseado em uma história de Gibson. O artista Robert Longo vai dirigir. Outros atores envolvidos são Ice-T e Henry Rollins. Bono é atraído pela possibilidade de misturá-lo com seu antagonista Rollins na tela. Três estrelas pop em um filme de ficção científica, de um diretor de primeira viagem que vem de fora do mundo do cinema: parece uma receita para o desastre. Bono recebeu uma pilha de papeis cinematográficos para o ano de folga do U2, incluindo *Batman Forever*. Ele está pensando em fazer algum deles.

A ficção futurista de Gibson descreve um mundo não muito diferente daquele que o U2 habita agora - um borrão de estímulos intelectuais intensos e eletronicamente aprimorados, e atividades que acontecem de um país para outro em uma confusão de idiomas e culturas conflitantes. O nome de Gibson para a parte mais sombria da Tecnolópolis do século XXI é "Cidade da Noite", uma extensão superpovoada da "Cidade da Noite" de James Joyce[1].

Depois de gravar sua contribuição para o Triplecast, Gibson se senta com Bono e Edge para conduzir uma entrevista para a revista Details. "Parte do que você faz é como rock and roll *glasnost*" [2], diz Gibson ao U2. "Você adotou essa política deliberada de abertura".

"Nós temos a fogueira da mídia queimando", diz Bono, meio sério. "Os fogos de artifício estão iluminando nosso céu e estamos apenas explodindo os clichês enquanto aquecemos nossas mãos neles. É diferente quando o raio é o seu negócio".

"Há mitos e mistérios", acrescenta Edge, "e são duas coisas completamente diferentes. Embora eu faça parte de um grande grupo, não gosto particularmente de mitos, mas para mim, o mistério é tudo".

"No começo, quando você está lendo histórias sobre sua vida na mídia", diz Bono, "com quem você supostamente está dormindo, quanto dinheiro você deve estar ganhando, o que comeu no café da manhã - você se sente violado. Então, começa a perceber que a pessoa que está sendo descrita tem muito pouco a ver com você e é, na verdade, muito mais interessante do que você ... Sua imagem pública é interativa: as pessoas grudam nos braços, uma perna extra; uma espécie de Robô-Bono".

Gibson observa: "Isso antecipa a figura pop verdadeiramente digital, que, é claro, não existe literalmente. Nós já vemos isso em uma forma bastante pura na cena *idoru*[3] no Japão. Esses 'ídolos cantores' são construídos a partir do um olhar de uma garota, da voz de outra garota e uma equipe de relações públicas para lidar com momentos como esses ...".

---

[1] O capítulo 15 do romance Ulysses, de 1922, de James Joyce, acontece no "distrito da luz vermelha" de Dublin. Joyce chama isso de "cidade noturna", mas a maioria dos habitantes de Dublin em 1904 o conhecia como o Monto, porque a Montgomery Street corria por uma extremidade. Também foi fortemente identificada com a antiga Mecklenburgh Street (Tyrone Street, em 1904).

[2] Glasnost (do russo: гла́сность, lit. "transparência") foi uma política implantada, juntamente com a Perestroika ("reestruturação"), na União Soviética, durante o governo de Mikhail Gorbachev. Enquanto no Ocidente a noção da glasnost se associa a liberdade de expressão, a meta principal desta política na URSS foi tornar o governo transparente e aberto para discutir. A Glasnost foi, portanto, um processo de abertura política.

[3] Idoru é uma figura virtual, uma celebridade pop, presente no romance de mesmo nome, escrito por Gibson em 1996.

Eles falam sobre o U2 abandonar sua velha persona de salvar o mundo e Bono diz: “Nos anos 80, nós tivemos essa verdadeira luta: sentimos que tínhamos algum tipo de ônus para salvar o planeta literalmente, e embora, isso não seja um mau instinto, se você começar a andar como se estivesse carregando o planeta em sua cabeça, não é uma caminhada muito divertida”.

Na Factory, os ensaios para a turnê pelo Pacífico - Austrália, Nova Zelândia e Japão - estão em andamento. O U2 está usando esta oportunidade para criar arranjos de músicas do álbum Zooropa, um luxo que eles não tinham antes da turnê europeia. Apenas “Numb” e uma versão acústica de “Stay” para o palco B entraram regularmente no set de verão (as tentativas de fazer “Babyface” terminaram na mulher da plateia que se atirava em cima de Bono e que tanto aborrecia seu pai).

Edge foi o primeiro a chegar hoje, então ele programou os equipamentos para o set. Agora ele está na frente dos sequenciadores e teclados que serão escondidos no ‘submundo’ durante os shows, tocando “Where the Streets Have No Name” e “Angel of Harlem”, enquanto seus companheiros de banda se esparramavam nas cadeiras na sala ao lado atrasando o início de outro dia de trabalho. A guitarra de Edge para. Ele entra na sala e pega o telefone. Liga para Morleigh em Los Angeles - oito fusos horários antes - para perguntar se ela estará por perto na próxima semana, quando ele parar a caminho da Austrália. Quando ele desliga o telefone, ele está tão feliz quanto um adolescente de dezesseis anos com um encontro no baile de formatura. Então Edge olha para seus parceiros com um olhar que diz “Vamos ao trabalho”, e todos eles se levantam e entram no estúdio atrás de Edge, como na capa de Abbey Road.

Bono, o último da fila, desiste da porta do estúdio para tomar uma xícara de chá e decide adiar um pouco mais o trabalho, insistindo em como Adam e Larry sempre adiam o trabalho. “Eles farão qualquer coisa para sair do ensaio”, diz Bono quando os sons iniciais da banda entram pela porta. Ele toma seu chá enquanto a música se transforma em algo desconhecido, um ritmo jazzístico de 5/4. Bono ouve e diz: “Eles vão escrever uma nova música só para sair do ensaio!”. Bono passa seu tempo vagando; e em sua ausência, o U2 toca seu set com Edge cantando.

Joe O’Herlihy está na mesa de som. Sento-me em um amplificador e desfruto do concerto privado. É valioso ver o U2 tocando em uma sala sem luzes ou telas de vídeo ou holofotes; é um lembrete de que, ao longo do caminho para se tornarem grandes estrelas, o U2 também se tornou um grande jogador. Observando os dedos de Adam, acho que seu baixo escorregadio não deve soar tão encorpado, mas soa. Larry tem a rapidez e a precisão de Charlie Watts. Eles são uma ótima banda de baixo para cima. Bono fica do lado, ouvindo Edge terminar de cantar “New Year’s Day” e então, quando Edge começa a liderar a banda em “Satellite of Love”, Bono avança e diz: “Devemos fazer ‘Dirty Day’”.

“‘Satellite’ é tão importante quanto, neste momento", diz Edge. Eles fazem ‘Satellite’ primeiro e “Dirty Day”, depois, com a voz de Bono assumindo o controle após Edge. O tom vocal deles é muito parecido. O U2 está tentando descobrir como executar “Dirty Day”, “Lemon” e “Daddy’s Gonna Pay for Your Crashed Car”. Edge continua tocando com sons diferentes. Quando ele descobre um tom afiado da guitarra, sorri e diz: “Whoa! Captain Beefheart!”[1]. Ele então começa a ranger aquele som até o sangue escorrer dos meus ouvidos.

Adam está de pé perto do cavalete de partituras, no qual, às vezes, ele muda de acordes enquanto aprende uma música. Em frente à banda há um quadro em que estão listadas várias opções de ordem para execução:

---

[1] Don Glen Vliet (15 de janeiro de 1941 - 17 de dezembro de 2010), conhecido por Don Van Vliet ou Captain Beefheart, foi um pintor e músico estadunidense. Seu trabalho musical tinha o acompanhamento de um grupo rotativo de músicos chamado Magic Band, que esteve ativo desde o meio dos anos 60 até o início dos anos 80.

| ABERTURA | PALCO B | CONFESIONAL |
|---|---|---|
| Zooropa | Satellite | |
| Fly? | Dirty Day | Fanfarra de Crashed Car |
| | Bullet | Lemon intro |
| | | (Macphisto vibe) |
| | | Lemon |
| | | Ligação telefônica |
| | | With or Without You |

Quando o U2 toca "Crashed Car", Bono de repente atravessa a sala em direção ao microfone como Macphisto. Com suas pernas cambaleantes, parece muito bobo, mas eu noto que Edge está se movendo da mesma maneira, balançando, como se quisesse encorajar Bono e se certificar de que ele não se sentisse sozinho. É o tipo de pequeno gesto de solidariedade que você quase nunca vê em bandas de rock, onde os músicos gostam de manter a calma enquanto o vocalista se faz de idiota. É sutilmente generoso e típico do U2.

Depois dessa música, vem "Lemon", que vai muito bem até o final, quando Bono sinaliza para a banda ficar cada vez mais quieta. Eles o fazem, mas quando realmente param de tocar, param de repente, como um baque. "*Fading down*[1] é bom", diz Edge, "mas ainda não sabemos como realmente acabar isso".

É dada uma pausa no ensaio, enquanto Bono sai para fazer uma entrevista para um programa de TV australiano. Quando ele surge, é a vez de Edge. Passando pelo corredor, Edge pergunta a Bono como eles são. Bono diz que são muito legais, mas não sabem nada sobre música. Os olhos de Edge se iluminam. "Oh, então podemos inventar umas coisas". Ele sorri. "Eu acho que vou levá-los em uma turnê pela mesa de mixagem!"

Eu me junto a Larry e Adam no refeitório da Factory. Eles estão ponderando sobre os últimos movimentos internacionais do indescritível Michael Jackson e perguntam o que eu ouvi. Eu digo a eles que, quando Edge e eu estávamos em Los Angeles, conheci alguns autoproclamados conhecedores de Jackson, que disseram que sabiam tudo sobre a 'coisa terrível' que Michael estava fazendo. Mas sempre que eu os pressionava para serem específicos – "Então, você sabe que ele dormiu com garotinhos?" - eles titubeavam e admitiam: *Bem, não, eu nunca vi isso, mas você poderia dizer que algo ruim pairava por lá.* Falam sobre os urubus circulando! O que dizer sobre essas pessoas que agora afirmam ter ficado escandalizadas com o que Jackson estava tramando, das quais só elas conheciam, mas não fizeram nada para interferir nisso? Hollywood coloca o "hype" de volta em "hipocrisia".

Continuamos especulando por um tempo e então Adam e Larry olham para cima e percebem a partida da tripulação. "Edge já saiu", dizem eles. Os dois olham um para o outro e riem. "Bem, esse foi um dia difícil", diz Larry.

---

[1] Fading down: Diminuição gradual da intensidade do som.

“Prepare minhas coisas!” Adam não chama ninguém. “Larry e eu vamos ensaiar!”.

Terminada a jornada de trabalho do U2, Bono segue para seu segundo emprego. Ele se junta a Gavin no STS - o estúdio onde ele fez o dueto com Sinatra - para continuar seu trabalho na trilha sonora do filme *Em Nome do Pai*. Como é hábito em sua vida, Bono chega a tempo para o jantar. Há comida no fogão do STS e Gavin, seu parceiro, Maurice Seezer, e a equipe do estúdio estão se deliciando com a comida enquanto discutem sobre a Irlanda do Norte, inspirados menos pela música em que estão trabalhando e mais pela notícia atual sobre a iniciativa Hume-Adams, uma proposta para a primeira etapa de paz na Irlanda do Norte, que está avançando mais rápido do que se esperava. John Hume é membro do Parlamento Britânico da Irlanda do Norte. Gerry Adams é o presidente do Sinn Fein, o braço político do IRA. Tal progresso é uma bênção mista. Os gângsteres de Belfast que usam as bandeiras Sindicalistas ou do IRA como uma desculpa para ganhar muito dinheiro em extorsão e proteção não desejam ver seus negócios interrompidos pela paz. Qualquer movimento real em direção a um acordo para cessar os problemas irlandeses deverá desencadear mais violência, como os bandidos que tentam se certificar de que os católicos e protestantes continuem odiando uns aos outros. A paz destruiria seus lucros.

Durante o jantar, alguns membros da equipe do estúdio estão afirmando que a Irlanda deveria renunciar à sua obscuridade constitucional para os condados do Norte em troca de um acordo de paz real. Gavin diz que ele não concordaria com isso. Seezer diz: “Eles já conseguiram, Gavin”.

Confrontados por Gavin, a maioria dos irlandeses com opinião à mesa admitem que nunca foram ao Norte. Gavin conta que, num dos últimos shows da Virgin Prunes, eles chegaram muito cedo a Belfast para fazer a passagem de som antes de abrir para Siouxsie e os Banshees. No caminho, ouviram o anúncio do Acordo Anglo-Irlandês de 1985 entre os primeiros-ministros Fitzgerald e Thitcher. Era apenas uma promessa para falar sobre a situação, mas não foi bem recebida entre os partidários britânicos da Irlanda do Norte. Quando os Prunes passaram por Belfast, viram pessoas nas ruas queimando bandeiras irlandesas. A banda não sabia o que estava acontecendo ali. Quando chegaram para o show, o nervoso dono do clube os puxou para dentro e disse: “Esta não é uma boa noite para colocar no palco um bando de republicanos”.

“Nós não somos republicanos”, disse Gavin. “Somos irlandeses!”. O dono do clube disse que não era uma distinção que valesse a pena mencionar para as gangues furiosas. Ele lhes disse que não tentassem sair para comer, ele traria comida. Naquela noite, a multidão destruiu os Prunes. Jogaram garrafas e os cobriram com tanto cuspe que Gavin teve que terminar a apresentação com o casaco. Depois da apresentação, a banda teve que rastejar por baixo do carro para checar se havia bombas.

Em outra ocasião, Bono e Gavin estavam dirigindo na parte norte da Irlanda, a caminho de visitar Guggi na prisão (não pergunte...) e se empolgando com a livre associação usando um walkman, com o plano de escrever uma peça chamada Melthead, sobre pessoas que chegam ao seu ouvido e não soltam até que seu cérebro esteja desgrudando do crânio. Eles estavam se divertindo tanto, bebendo uísque e sendo criativos, que não perceberam que tinham atravessado a fronteira com a Irlanda do Norte acidentalmente até que um soldado britânico camuflado com um tipo de vaso de flores na cabeça saltou da grama alta gritando e apontando um rifle para o carro.

“Saiam do carro!” ele gritou, segurando o cano do rifle na cara deles. “Saiam do carro!”.

“Não saia do carro!” Bono insistiu em voz baixa.

“SAIA DO CARRO AGORA!”

“Não saia do carro!”

Lentamente, todas as flores do campo se ergueram para se revelar presas a capacetes britânicos. Um esquadrão de soldados, com rifles prontos, saiu da grama e cercou os músicos embriagados. Gavin estava pronto para sair, mas Bono estendeu a mão para segurá-lo. Os soldados, ferozes e gritando, com os dedos nos gatilhos, se aproximaram cada vez mais e disseram. . .

“Bom Deus, é o Bo-no!”.

A guerra foi evitada! Os soldados felizes com seus capacetes de flores dançavam ao redor do carro, como numa cena de Fantasia, e pediam autógrafos.

Gavin lembra que, quando criança, seu pai lhe disse que Martin Luther era um católico que caiu do cavalo, bateu a cabeça, e criou o luteranismo. Já Henrique VIII era um velho sifilítico que inventou a Igreja Anglicana para poder casar com todas que visse pela frente. Há uma pausa na conversa e, em seguida, um dos irlandeses ao redor da mesa diz: “Bem, seu pai estava certo”. Os outros murmuram concordando. Então eles se levantam e sobem as escadas para voltar ao trabalho.

Bono e Gavin aproveitam a súbita privacidade para pegar algumas canetas e papel e terminar a letra da música-título do filme. Parte da faixa é uma ladainha, como “Numb”, listando pontos-chave da cultura anglo-irlandesa. Eles precisam de palavras para o resto. Bono para de escrever e lê em voz alta “Em nome da United e da BBC / Em nome de Georgie Best e LSD / Em nome do Pai e sua esposa, o espírito”, que eu entendo como “Em nome do pai e sua esposa, desespero”. Eu digo a ele que é ótimo e ele me corrige. Bono gosta de enfatizar a ideia do Espírito Santo como feminino. Ele afirma que a palavra hebraica para Deus significava “um peito”.

“O Espírito Santo é como uma mulher”, diz Bono seriamente. “Independente”. Ele se abre em um sorriso. “Piada! Piada!” O ritmo dessa faixa vai e vem entre um tambor Lambeg (militarismo sindicalista) e bodhrans [tambores] irlandeses, uma representação visceral do tema do filme.

Gavin e Bono se sentam de frente um para o outro, do outro lado da mesa, arranhando suas letras como dois estudantes que fazem um teste. Bono finalmente olha para cima e lê: “Há paz no som do silêncio transbordando”. Ele pede uma palavra melhor para ‘silêncio’ e pousa em ‘branco ou preto’ - algo para representar o vazio. Bono tenta com branco, tenta com preto, em seguida, tenta: “Há paz transbordando no som do branco e do preto transbordando”. Ele acha que é melhor. “Acabei de receber um choque”, ele diz, “com a ideia da morte me chamando”. Ele procura a aprovação de Gavin, que concorda, talvez considerando que esse prazo próximo da morte se parece muito com Jim Sheridan. O verso é aceito.

Gavin pergunta: “Mantenho a imagem da porta no segundo verso?”.

Bono diz: "Sim".

Bono começa a se lembrar de algo que disse em sua entrevista para a televisão australiana esta tarde, e se pergunta se a imprensa dos tablóides não levará em consideração o contexto. “Eu disse que os britânicos deixaram um câncer na Irlanda do Norte”, diz Bono. “Os partidários vão ouvir isso e dizer: ‘Oh, um câncer, somos nós?’. O entrevistador disse: “Fachtna O’Ceallaigh chamou-o de padrinho do rock irlandês”. Eu disse: “Isso não é sobre o que ele disse. É sobre ele ser um defensor do IRA e eu não!”

Gavin se encolhe. Ele diz a Bono para esquecer a parte do 'câncer' e a citação que lhe causará problemas. Fachtna O'Ceallaigh, um franco republicano irlandês, costumava trabalhar para o U2, e gerenciava Sinead O'Connor, e tem sido um dos maiores críticos do U2.

O que traz outro assunto: Sinead está vindo para cantar e cantando para formalizar uma trégua que está florescendo entre os dois reinos opostos do rock irlandês desde que ela se separou de Fachtna. Enquanto colocam uma ocasional garfada de torta na boca, Bono e Gavin vão para a letra da próxima música: "You Made Me the Thief of Your Heart". Nenhum deles tinha sido capaz de cantar a música do jeito que ouviam em suas cabeças, então em um dedo de prosa no pub, decidiram que deveriam pedir à Sinead para fazer isso. Ao contrário da maioria dos papos-furados dos pubs, eles seguiram em frente. Ela está chegando amanhã. A trilha sonora deve ser entregue em dois dias. É melhor que a música seja escrita.

Eles rabiscam por mais um minuto, passando uma folha de papel entre si, depois entregam para mim e observam minha reação enquanto a leio. Eu digo a eles que tenho problemas com uma frase: "Eu era uma criança para a sua estrela negra".

Eles acenam com a cabeça. "Essa é a frase que estava nos incomodando", diz Gavin.

Eu pergunto se eles podem dizer o filho de "sua parte mais sombria". Eles me dizem que não, essa "parte" é uma palavra ruim para cantar. Bono diz: "Eu era uma criança para você até agora".

Ele explica que gostou da Estrela Negra porque é uma referência a Lúcifer, a criança rebelde, e essa é uma canção para uma criança que assassinou seu pai. Tenho certeza de que Bono e Gavin estão conscientes de que a cadência de suas falas ("Você era um homem duro / não mais difícil neste mundo") ecoa o poema patriota irlandês de Yeats, "Come Gather Round Me, Parnellites" ("Para Parnell era um homem orgulhoso/ Nenhum orgulhoso pisou no chão"). Eles estão prontos para atingir todos os pontos perigosos da psique anglo-irlandesa.

Bono e Gavin são tomados pela inspiração de que esta trilha sonora precisa de um violino tocando as melodias dos hinos irlandeses, do Reino Unido e dos EUA. Eles me transportam para cima e me mostram o hino nacional americano, que nenhum deles conhece. Logo nove homens suados estão amontoados na minúscula cabine de controle, junto com teclados, sintetizadores e peças de equipamento externo suficientes para gravar um disco de Rick Wakeman. Um dos engenheiros abre uma janela para deixar entrar o ar, e Bono acaba de pé na janela com o microfone, cantando "Em Nome do Pai". Ele está ensaiando com o U2 todos os dias, o dia todo, esta semana e está tendo problemas para recuperar o fôlego. Para se dar uma chance, ele acrescenta pequenas frases passageiras que lhe dão tempo para respirar entre linhas mais longas.

Pouco depois das duas da manhã digo 'boa noite' e desço as escadas para a rua vazia. Está frio. O inverno chegou rápido em Dublin, embora ainda não seja Halloween. A rua deserta está cheia do som da voz de Bono, cantando na janela aberta do terceiro andar. Um par de garotos de olhos turvos tropeça a caminho de casa, voltando do pub, e não presta atenção em nada. Tenho certeza de que eles acham que é apenas mais uma janela aberta com um disco do U2 saindo dela, uma das millhares nesta cidade. Se eles olhassem para cima, veriam Bono em carne e osso, dando-lhes um concerto privado. Mas eles nunca olham para cima.

---

# 45. Outra Troia para Ela Queimar

**as novas roupas do imperador / versão de fachtna / sexo e política / sinead o'connor preocupa a equipe do estúdio / u2 como a liga da justiça / uma jornada ao luar sobre a ponte halfpenny**

FACHTNA O' CEALLAIGH começou a trabalhar para o U2 em 1986. A banda queria alguém para realizar as operações do dia-a-dia da Mother Records, o selo altruísta deles para as novas bandas irlandesas. A ideia da Mother era lançar o primeiro single das novas bandas, dar-lhes um impulso e então deixá-las livres para assinar com quem elas quisessem, sem nenhum vínculo. A Island concordou em distribuir o material da Mother e o U2 queria alguém representando a Mother estabelecido nos escritórios da Island em Londres. Ossie Kilkenny, o contador do U2 e eventual parceiro de McGuinness em negócios extra-U2, sugeriu seu amigo Fachtna, outrora empresário do Boomtown Rats e atualmente desempregado. Fachtna mal conhecia o U2 e ele não gostava da música deles, mas ele estava feliz pelo emprego e impressionado com as nobres ideais da pequena gravadora.

Não muito tempo depois de se estabelecer no seu novo escritório na Island, Fachtna recebeu outra ligação de Ossie, pedindo a ele para procurar uma jovem garota irlandesa que tinha recém chegado em Londres para gravar pela Ensign Records, estava tendo dificuldades, e tinha poucos amigos na Inglaterra. O nome dela era Sinéad O'Connor e o seu "momento de fama" foi cantando uma música que ela co-escreveu com Edge na trilha para um filme chamado *Captive*, que Edge gravou. Fachtna, vinte anos mais velho que Sinéad, ligou para ela. Ele rapidamente se envolveu em tentar mediar as disputas dela com a Ensign (um selo que, como muitos, esteve com o U2 em tempos passados). Em pouco tempo, Fachtna estava agenciando Sinéad, ajudando-a a ganhar o direito de gravar seu primeiro álbum, *The Lion & The Cobra*, do jeito que ela queria. Mais tarde, Fachtna e Sinéad também se tornaram namorados.

À medida que ele estava imergindo na vida e carreira de Sinéad, Fachtna estava achando seu emprego na Mother cada vez mais frustrante. A Island Records não tinha motivação para trabalhar na promoção de singles de bandas que logo partiriam e assinariam com outros selos, mesmo quando as bandas eram promissoras como Hot House Flowers e Cactus World News. Isso começou a corroer Fachtna de modo que ele tinha que lidar com as frustrações de jovens que seriam descobertos por um membro do U2, prometida a chance de gravar, e então depositar todas as esperanças em Fachtna para que ele conseguisse deixar a Island excitada. O que o perturbou ainda mais foi que qualquer passo de qualquer projeto da Mother tinha de ser aprovado pelo U2. Singles que Fachtna sentia que poderiam dar certo, ficavam de lado enquanto a jaqueta com a arte da Joshua Tree percorria os Estados Unidos, esperando o dia que o U2 sentasse, analisasse e então assinasse o contrato.

Fachtna dividiu suas frustrações com Sinéad. E depois ele as dividiu com o mundo. "A Hot Press fez seu livro de memórias anual em Dublin", explica Fachtna, "e no meio de uma longa entrevista me perguntaram sobre o U2 e a Mother Records, e com toda a honestidade eu disse que basicamente eu não gostava do U2 pela música que eles faziam e o que eles representavam. Eu não achei isso uma contradição, mas alguns deles acharam isso uma grande contradição. Eu sempre pensei que eles tinham a capacidade de aceitar críticas ou aceitar alguém que não goste deles ou da sua música. Kilkenny foi me contando: 'Oh, eles estão muito tristes devido ao que você disse'."

"Então Sinéad deu uma entrevista para uma revista de Londres chamada i-D e descreveu o U2 como sendo, eu acho, 'arrogante'. Eu não sei se isso foi a gota d'água que fez transbordar o copo, mas na época eles pareciam sentir que isso era parte de alguma campanha minha, contra eles. Uma coisa levou a outra, tudo

isso aumentou muito, e eu recebi uma carta do McGuinness por volta de junho dizendo: 'Muito obrigado e tchau'. O que foi bom para mim, não foi o fim do mundo. Infelizmente as repercussões continuaram por mais alguns anos. Sinéad parecia tomar as porradas no meu lugar. Isso se tornou um problema entre ela e eles e se tornou bastante embaraçoso e desconfortável para todo mundo".

Sinéad não só pegou o porrete; ela pegou a bazuca. Visto que o álbum de estreia dela estava indo mal, ela culpou o U2 de uma ponta a outra na imprensa musical, acusando-os de hipocrisia, de controlar a cena rock de Dublin e secretamente comprar a revista Hot Press, entre outras acusações conspiratórias. Alguém próximo ao U2 se deu conta que ela estava apenas procurando por publicidade, ganhando força ao atacar os grandões.

"Houve ocasiões em que Sinéad teria se encontrado com Bono e pedido a ele honestamente para lhe contar o que aconteceu do ponto de vista dele", Fachtna suspira. "Então ela veio até mim e disse: 'Eu quero falar com você, você tem mentido para mim. Bono diz isso, isso e isso e você diz isso, isso e isso', e elas são duas histórias completamente diferentes. Havia toda espécie de estupidez e confusão acontecendo. Ela estava no camarim em algum show que eles fizeram em Wembley e Ossie Kilkenny gritou para ela: 'Que diabos você está fazendo aqui? Como ousa aparecer aqui depois das coisas que você tem dito?' E então ela voltou pra mim e disse: 'Oh, eles realmente me odeiam'. Isso foi angustiante o bastante para ela e na noite seguinte ela voltou de Wembley, tendo conversado com Bono por uma considerável quantidade de tempo, me acordou as sete horas da manhã seguinte e disse: 'Agora eu quero que você seja sincero comigo. As histórias que você tem me contado sobre o que aconteceu entre o U2 e você não estão certas, estão?' E eu fiquei pensando, o que está acontecendo aqui? 'Claro que estão certas, Sinéad. Eu não ganho nada mentindo sobre o U2. Não estou nem aí'."

"Então ela disse: 'Bem, eu sentei com Bono por um bom tempo ontem à noite, ele me olhou fixamente nos olhos e me contou coisas diferentes do que você me contou'. E minha atitude foi apenas: 'Sinéad, o que sei é o que sei. Eu não estou te pedindo para acreditar em mim, mas já lhe disse o que acredito ser a verdade. Cabe a você descobrir'".

Sinéad deve ter se dado conta que ela acreditou em Fachtna, porque os ataques mais crueis ao U2 foram depois do encontro com Bono em Wembley.

"Houve toda uma carga de emoções que surgiram no momento, e tornou tudo maior", diz Fachtna. "Especialmente a necessidade dela de expressar sua independência deles. Na primeira turnê dela nos Estados Unidos a percepção geral era que de algum modo ela tinha sido descoberta pelo U2 e, como uma jovem e emergente artista, ela não viu as coisas como eram. Então no momento que ela via 'Sinéad O'Connor, a Protegida do U2' em alguma publicação americana, ela começava a surtar. Você sabe o jeito que ela é: ela é muito intensa com a ideia de honestidade e isso frequentemente faz a vida dela muito dolorosa".

"Tanto quanto eu sei, logo que ela parou ... *empregando-me como seu empresário*, vamos colocar dessa maneira, ela começou a fazer as pazes com o U2. Quando eu tive essa horrível separação com Sinéad, entre as coisas que ela disse para mim foi que eu a tinha manipulado e a usado em relação ao negócio U2. Meu momento de honestidade em responder a uma pergunta numa entrevista me causou uma dor sem fim ao longo dos próximos anos. Causando dor em Sinéad. Eu não sei se isso causou ou não dor no U2, duvido muito".

“Qualquer problema que eu tenha com o U2 não se relaciona com esse período de tempo”, diz Fachtna. “Como eu disse, foi-me feita uma pergunta, eu dei uma resposta honesta, e desprezo eles e a música que eles fazem, então eu não me importo com isso. Eu me importo com o fato de que isso se tornou um problema tão grande, entre Sinéad e eles, obscureceu as coisas, e fez algumas pessoas pensarem que ela estava usando o U2 para obter publicidade”.

Isso deixa um vácuo na questão sobre exatamente qual era o problema de Fachtna com o U2 – deixando de lado o fato de não gostar da música deles. Ele diz que ficou aborrecido porque, em determinado momento, eles decidiram que a Mother deveria reter os direitos sobre uma canção de cada artista que assinou com eles, mas isso parece uma coisa insignificante, uma tentativa justificável de manter um empreendimento generoso em algum lugar próximo da linha de equilíbrio. Como Bono contou ao entrevistador da TV australiana, a verdadeira ferida de Fachtna com o U2 era o fato dele ser um apoiador declarado do IRA e o U2 não ser.

“A razão de eu desprezá-los e odiá-los é por causa das mentiras e do lixo que eles propagam sobre a Irlanda e da propaganda de apoio britânico que eles divulgam em todo o mundo”, diz Fachtna. “A ideia de um grande astro do rock dando a volta ao mundo com uma bandeira branca na mão e cantando ‘Sunday Bloody Sunday’ e depois dizendo: *Esta não é uma música rebelde* tem alguma ousadia, pelo o que eu entendo, de explorar a dor e o sofrimento das pessoas, em parte... seja seu próprio país ou de qualquer outra pessoa. Esse é o problema que tenho com eles”.

“Tenho certeza de que Bono diria que um artista tem o direito de falar sobre essas questões”, eu digo.

“Um artista tem o direito de se informar em primeiro lugar antes de abrir a boca”, resmunga Fachtna. “Se eles falam do ponto de vista da ignorância, bem, então eles ficarão presos em sua ignorância. Se ele quer ser levado a sério pelas pessoas que estão lutando uma guerra na Irlanda e pelas pessoas que estão morrendo à esquerda, à direita e ao centro, sejam legalistas ou republicanos, ele terá conversas sérias com elas. Ele logo perceberia quão total e absolutamente desinformado e ignorante ele é. Aproveite o tempo para ir a Belfast ou Derryand descobrir, ou nem mesmo vá lá, mas encontre pessoas que são politicamente ativas na guerra que acontece, de qualquer lado que ele queira se encontrar. Ele nunca escolheu fazer isso. Ele usa uma grande tática emocional para manter as aparências”.

“A informação está totalmente disponível às pessoas se elas escolherem procurá-las. A juventude irlandesa-americana provavelmente está mais informada sobre o que está acontecendo do que as pessoas do sul da Irlanda que vivem a uma centena de milhas, estrada a baixo, porque na Irlanda existe uma autocensura na rádio e na TV de qualquer coisa ou pessoa ligada ao Sinn Fein. Eles não podem falar, não podem aparecer na TV irlandesa ou na rádio local. Recentemente, um livro escrito por Gerry Adams (o presidente do Sinn Fein, ligado ao IRA) chamado The Streets (As Ruas), um *livro sobre pequenas histórias fictícias*, nenhuma delas ligadas à questão republicana, não pode sequer ser anunciado nas propagandas nas TVs pelo fato de ter sido escrito por Gerry Adams”.

“Na Grã-Bretanha há o *Broadcasting Act* ( Lei relativa à radiodifusão), que impede que membros do Sinn Fein ou qualquer pessoa desse gênero seja entrevistada na rádio ou na TV. Imagens de Gerry Adams podem aparecer, mas eles precisam usar a voz de um ator para falar suas palavras!” Eu teria muito mais respeito por Bono se ele estivesse lá fora, fazendo campanha pela remoção da censura do que tenho quando vejo ele se virar e chamar os fascistas do IRA.

“Não é exclusivo do U2. Nos vinte e seis condados da chamada República da Irlanda há uma incrível falta de interesse, um completo e total desviar dos olhos do que se passa a algumas centenas de quilômetros de distância. E de certa forma é compreensível porque é muito doloroso. Nós somos uma nação relativamente nova desde o começo deste século, que alcançou algum grau de liberdade com uma revolta e que ainda se estabeleceu por menos do que a insurreição e a rebelião haviam sido. E como resultado de uma guerra civil, eu sei que meu avô e meu pai não conseguiram emprego porque o governo que estava no poder não concordou com o que minha família acreditava. Então, existem todas essas correntes de velhas emoções. Não podemos fechar os olhos para isso. Temos que aceitar a responsabilidade e encarar o desafio de que são essas coisas, não apenas a história recente, mas os setecentos anos de opressão britânica. Não podemos nos virar e dizer, como ouvi Bono dizer na televisão uma vez: ‘Vamos deixar de lado o peso da história, vamos começar de novo, vamos olhar para o futuro, em vez de sempre olhar para o passado’. Não podemos fazer isso, não é natural. Infelizmente temos que ter nosso passado em mente para enfrentar qualquer desafio que exista no futuro e para olhar para nós mesmos, reexaminar-nos e reavaliar a nós mesmos, nossos pensamentos, nossa política e opiniões e como lidamos com outras pessoas”.

“Em minha perspectiva sobre o U2, ou sobre este fato, qualquer pessoa criativa que saia da Irlanda me deixa confuso porque ninguém escreve sobre o que está acontecendo lá. Estou completamente, totalmente confuso que nenhuma das chamadas superestrelas que vieram da Irlanda abordaram a questão de alguma forma que não seja uma espécie de paz, um simplório homem pacifico. Todos nós queremos a paz! Mas vamos dar o próximo passo. Como vamos fazer isso? Esse é o problema que eu tenho, e o jeito como eu articulei isso no passado pode ter sido incorreto ou ofensivo para aqueles que receberam a mensagem final. Eu não quero ofender ninguém, mas é tão difícil expressar o ponto de vista republicano na Irlanda e na Grã-Bretanha, quando há uma avalanche do ponto de vista anti-republicano. É muito difícil não ficar com raiva e sentir que as pessoas estão explorando uma situação ou estão fechando os olhos para a verdade”.

“De um jeito ou de outro, nós nos colocamos em uma posição para a qual nós podemos viver com o fato de que há assassinatos e caos na estrada, mas isso não está nos afetando diretamente, então estamos bem. Olhamos para o resto do mundo, e não para dentro de nossos próprios corações e almas. Não são apenas os ingleses que têm de aprender muito mais sobre a Irlanda, são os próprios irlandeses. Nos últimos dez anos, mais ou menos, através de Sinéad, Van Morrison, Bono e outros artistas, essa coisa toda cresceu sobre a mística e estranha terra que é a Irlanda. Está perigosamente perto de se tornar uma fantasia de Walt Disney sobre raízes, natureza, literatura e espíritos. É como a imagem rósea e enevoada da Irlanda dos nossos avós, com duendes e santos e intelectuais, esse lugar mitológico que existe às margens da Europa Ocidental. Não é assim, obviamente”.

“Nos últimos trinta anos a Irlanda transformou-se em um país e em uma economia de Terceiro Mundo. Nós fornecemos trabalho escravo para empresas multinacionais que ficam com enormes subsídios do governo, grandes incentivos fiscais e que então partem com seus lucros. E onde estão as vozes jovens que estão falando sobre essas coisas?”

“É um problema muito complexo para alguém, seja um popstar ou político, tratar facilmente. Há pessoas morrendo à esquerda, à direita e ao centro, sendo assassinadas, seja por gangues que são financiadas pelo governo britânico ou por gangues operadas pelo IRA. De uma forma ou de outra existem pessoas morrendo o tempo todo e é muito fácil virar e dizer que o IRA é fascista ou o governo britânico está errado ou algo assim. Nós podemos ter todas essas opiniões, mas a questão é: ‘Ok, é nisso que você acredita. Agora, o que vamos fazer sobre isso?’ E é assim que vislumbramos uma saída em frente, em vez de somente insultarmos. É tão fácil condenar. Tivemos 25 anos de condenação e nenhuma vida foi salva como resultado disso. Eu penso que é hora de nós lidarmos com realidade ao invés de ficarmos na autogratificação de somente

condenar pessoas. E esse é o problema que tenho, nem poucas palavras. Além disso, eu também não gosto da música deles".

Ele pensa a respeito e declara: "Acho que eu os odeio muito mais do que eles me odeiam. Eles têm coisas mais importantes em suas mentes do que pensar a meu respeito. Enquanto tenho muito pouco para me divertir".

Vamos jogar uma granada na sopa da Sra. Murphy[1]. Vamos perguntar a Larry: "O U2 intencionalmente evitou fazer declarações sobre a situação política irlandesa?"

"É algo pelo qual nós somos criticados", Larry disse como se ele não entendesse o porque. "É um assunto tão complexo que se envolver politicamente não é correto. Entretanto, Bono tem defendido sempre, tem sido citado em diversas ocasiões, dizendo que a violência não é o caminho. Temos sempre dito que a violência não é a resposta, não resolverá nada. E a reação de Bono em *Rattle And Hum* ("Foda-se a revolução") era a maior declaração política que você poderia fazer! Não há chance de alguma vez nos envolvermos na política partidária. Não é isso que somos. Não somos bons nisso. Nós conseguimos nos posicionar e declarar que matar pessoas não é a forma de resolver nada, seja o IRA, o PLO[2] ou quem quer que seja. Nós nunca nos calamos sobre essas questões".

"Isso não vai satisfazer as pessoas que dizem que Belfast é um país ocupado", eu lhe digo, "e dizer paz para pessoas em um país ocupado é dizer para que elas aceitem ser conquistadas".

"Isso é um monte absoluto de besteiras!" Disse Larry. "Eu nunca ouvi tanta porcaria em toda a minha vida! As pessoas na Irlanda do Norte que estão lutando pela paz, pessoas como John Hume, nunca falaram sobre usar a violência! Ele nunca disse: 'Como você pode ficar sentado e deixar os britânicos fazerem isso conosco e não pegar em armas! Ele nunca fez aquilo. Jamais. Então isso é apenas uma completa bobagem".

"Fachtna O'Ceallaigh diz que o U2 não se pronunciará contra a opressão britânica", eu digo.

"É justamente o que eu esperaria de Factna O'Ceallaigh", Larry zomba.

Depois que Sinéad e Fachtna se separaram (um rompimento que inspirou grande parte do álbum dela "I Do Not Want What I Haven't Got – Eu não quero o que eu não tenho na cama") ela tentou se reconciliar com o U2. Estava tudo bem para Bono. Eu não posso resumir os sentimentos da banda sobre Sinéad agora, porque eu não acho que os quatro membros da banda sejam da mesma opinião (ou, para ser sincero, gastem muito tempo pensando nela), mas suponho que se você calculou a média pelas opiniões deles, você chegaria ao diagnóstico de que Sinéad é (a) uma espécie de maluca e (b) consciente de sua capacidade de manipular pessoas e a imprensa. "Não vou endurecer o coração", Bono disse sobre Sinéad. "As pessoas a

---

[1] Alusão à uma música popular irlandesa chamada *Quem jogou o macacão na sopa da Sra. Murphy?* Foi escrita por George L. Geifer em 1898 e originalmente gravada por Edward M. Favor em 1901. A música descreve um incidente em que um par de macacões desgastados é encontrado dentro da panela grande de sopa da Sra. Murphy. A senhora Murphy admite que se esqueceu de tirar os macacões da panela depois de usá-la para lavar roupa no início do dia. A música teve alguma popularidade entre os irlandeses-americanos e associada ao feriado do Dia de São Patrício e às vezes é tocada durante o feriado, às vezes editada para remover elementos da música que podem ser interpretados para depreciar os irlandeses.

[2] PLO: People's Liberation Organisation [Organização Popular de Libertação da Irlanda] foi uma pequena organização paramilitar republicana irlandesa, formada em 1986 por membros descontentes e expulsos do Exército Nacional de Libertação da Irlanda (INLA).

vaiam porque eles podem ver como ela manipula as pessoas. Uma parte de mim sempre vai amá-la. Ela sabe disso e usará isso para me manipular. Ela é como uma criança nesse aspecto".

Meus próprios sentimentos são um pouco diferentes (talvez eu tenha sido manipulado). Suspeito que Sinéad seja uma daquelas pessoas que exploram tudo, muda para novas ideias, faz propaganda de suas novas ideias como uma louca, e então fica desiludida e as rejeita e passa para algo novo. John Lennon era assim, e Lennon tinha um talento especial por transmitir sua sinceridade, mesmo quando ele contrariava a si mesmo e agia como um tolo em público. Talvez por ele ser tão honesto sobre tudo que ele estava passando, o público de Lennon o tratava como um parceiro que você consegue desculpar e não como uma celebridade que os desiludiu. Os fãs de Lennon deram a ele uma grande liberdade, porque ele se esforçou arduamente para evitar iludi-los em primeiro lugar.

Sinéad é parecida com Lennon, no sentido de que ela acredita apaixonadamente no que ela está dizendo no momento, mas não se agarra em nenhuma crença além do ponto em que ela vê algo que contradiz. Penso que ela é, neste contexto, uma alma pura, o que a torna uma valiosa artista.

Desde seu segundo álbum, *I Do Not Want…* que ficou na primeira posição e vendeu seis milhões de cópias, Sinéad ficou em uma situação difícil. Ela estava envolvida em uma série de polêmicas que lhe renderam milhões de inimigos entre o tipo de pessoas que ligam para participar de programas de entrevistas em rádio. Ela se recusou a subir no palco em Nova Jersey se o hino nacional dos Estados Unidos fosse tocado. Isso a deixou marcada como anti-americana e levou Frank Sinatra a ameaçá-la com uma surra. Ela abandonou o programa *Saturday Night* porque estava sendo apresentado por Andrew Dice Clay, um comediante que ela acusou de misoginia. Ela concordou em retornar ao programa mais tarde, prometendo nenhuma má conduta, e apareceu e rasgou uma fotografia do Papa. Ela disse em uma entrevista para a *Rolling Stone* que a mulher estuprada pelo campeão de pesos pesados Mike Tyson era uma vadia que deveria ter se calado sobre isso. Uma semana após os últimos dois últimos incidentes ela subiu ao palco no Madison Square Garden para um tributo televisionado de Bob Dylan e foi vaiada. Talvez ela tenha incentivado a vaia pelo fato de ter se recusado a começar a canção dela. Como a sequência de *I Do Not Want...* ela lançou um álbum de padrões tais como a performance de "Don't Cry for Me, Argentina" com uma orquestra, que foi um fiasco. Talvez tenha sido mais fácil oferecer aquilo que todas as pessoas esperavam que ela fracassasse do que se ela tivesse dado a eles um álbum de suas próprias canções.

Aparentemente, logo depois que nós a vimos pela última vez – no prêmio da MTV em Los Angeles – Sinéad voltou para o hotel e tomou uma overdose de comprimidos para dormir. Peter Gabriel a encontrou a tempo de pedir ajuda. Se foi uma tentativa genuína de suicídio ou um clamor por ajuda é algo que eu duvido que a própria Sinéad sabia. Ultimamente ela tem ficado na dela, às vezes aparece para cantar com outras pessoas, mas não tem gravado nem cantado nada de sua autoria. Existe um considerável nervosismo no STS sobre como será a sessão dela para "In The Name of the Father" (Em Nome do Pai). Gavin teve que lutar para usá-la, pois alguns dos financiadores do filme alegaram que qualquer tipo de associação com Sinéad prejudicaria o filme nos Estados Unidos. O fato de que agora é quinta à noite e a música está prevista para ficar pronta no sábado não diminui a carga.

Quando eu chego na sala de jantar do estudio, sinto como se tivesse entrado em um hospital de guerra. A equipe está toda sentada nos sofás em estado de choque, como se eles não quisessem subir as escadas de volta. A porta se abre e Bono e Eno saem. Bono parece completamente perdido. As linhas de expressão em seu rosto demonstram exaustão. "É realmente algo", ele diz. "Que bom que você está aqui. Suba e escute".

Subo as escadas um pouco assustado com as consequências psíquicas. Mas Sinéad está esperando no topo das escadas, sorrindo. Ela me dá um abraço e me convida a entrar. Talvez eu tenha sido manipulado, mas eu imagino que a maior parte da ansiedade que as pessoas da equipe lá embaixo têm ao lidar com Sinéad é criada por causa das expectativas, não por seu comportamento.

Não que eu não possa ver como ela os assustou. A sala está iluminada apenas por velas e ela está cantando para uma boneca (sorrindo para ela do outro lado do microfone), que ela apresenta como "Sinéad". Assim que chegou, ela enervou a equipe, já agitada ao desembalar as velas, arrumando um vaso de flores, apagando as luzes e apresentando-as à sua boneca. Ela sabe assustar os supersticiosos irlandeses. Não é de admirar que estejam se escondendo na cozinha. Eles provavelmente temem que a boneca comece a cantar a qualquer minuto.

Mas olhe desta maneira: Sinéad entrou em uma situação muito difícil e potencialmente hostil e imediatamente ganhou o controle. Ela delimitou seu territorio com tanta certeza como se ela tivesse feito xixi dentro de um círculo, e estabeleceu o controle emocional do estúdio. Eu não acho que isso seja um jogo de poder; eu acho que provavelmente é necessário permitir que ela esqueça a pressão e vá direto ao ponto psicológico onde ela pode encontrar a inspiração para gravar a música sem se segurar.

Qualquer argumento sobre os motivos de Sinead O'Connor é explicado quando ela abre a boca. Ela geme a música da morte de Bono e Gavin: "Você me fez o ladrão do seu coração" como se o fantasma de seu pai estivesse em pé na frente dela:

*Eu nunca lavarei essas roupas, eu quero manter a mancha, Seu sangue para mim é precioso, eu nunca o derramaria em vão, Seu espírito canta embora seus lábios nunca se separem, Cantando somente para mim, o ladrão do seu coração*

Sinead interpreta Hamlet! Joni Mitchell disse uma vez que é difícil mudar do estado puramente emocional necessário para o bom canto ao estado puramente analítico necessário para julgar a gravação de uma performance; ela disse que a mudança rápida entre as duas demandas exigidas pelo estúdio poderia dar-lhe as visões corretas. Sinéad parece não ter problema. Em um minuto ela está derramando a alma celta, emocionando-se como uma alma penada, e no próximo, ela para, feliz por atingir uma parte ou corrigir uma nota fora do tom.

Gavin, exausto e mentalmente submerso no projeto, pede ao engenheiro Paul Barrett que pare de desligar a fita assim que Sinéad atinge uma nota ruim - é constrangedor para um cantor que está tentando adentrar sua alma, parar de repente ao ter a música desligada e ser deixado uivando sozinho. Sinéad, no entanto, não parece incomodada. Ela canta poderosamente, atinge uma nota em bemol e segue direto para o tema de *The Beverly Hillbillies*. Os técnicos podem estar pisando em ovos, mas neste mundo que ela conjurou, Sinéad está completamente confiante. À medida que as horas passam e Sinéad canta lindamente, acrescentando harmonias quando termina a melodia, ocorre-me que, quando eu era adolescente, ouvia *Blonde on Blonde* ou *Astral Weeks* no chão, no escuro, com a cabeça entre os alto-falantes, foi assim que eu imaginei que as gravações eram feitas - com o cheiro de flores, luz de velas e brisas soprando através das janelas abertas.

Gavin está agachado na cadeira do produtor como o "Pensador" de Rodin. Às 2:30 da manhã, ele anuncia: "Vamos chacoalhar a cabeça". A sessão acabou, a música está completa. Sinéad pega suas flores, sopra suas velas e coloca sua boneca em um saco plástico. Ela veste um casaco esfarrapado com capuz para disfarçar seu rosto famoso. Quando descemos as escadas, Gavin quer chamar um táxi. Sinéad diz que não, ela vai

caminhar até sua casa. Eu digo que vou acompanhá-la. Gavin diz que vamos todos. Então, saímos pelo Temple Bar, Sinéad segurando sua boneca ensacada no peito como uma criança. Está muito frio lá fora. Casais jovens estão se beijando nas portas. Atravessamos a Halfpenny Bridge sob uma grande lua de outono e paramos em uma loja para comer um saco fumegante de batatas fritas (e manter nossas mãos aquecidas) pelo resto do caminho.

As discotecas estão fechando. Passamos por gangues de adolescentes frustrados chutando carros estacionados e mijando nas paredes. Nós nos afastamos das áreas movimentadas, subindo as ruas de paralelepípedos. Pergunto a Sinéad se ela está enchendo um monte de cassetes com novas músicas e ela diz que não, ela precisa se recompor, passar um tempo com seu filho pequeno e tentar descobrir tudo o que aconteceu com ela desde que ficou famosa.

“Eu adoro cantar”, diz ela. “Eu sempre amarei cantar. Mas não tenho certeza se o resto vale a pena”.

“O que não vale a pena?” Eu pergunto. “A escrita ou a celebridade?”

“Tudo o que vem depois”, diz ela com os olhos baixos, acenando vagamente para indicar todo o grande mundo além deste pequeno canto de Dublin. Sugiro que ela possa estar certa em não se apresentar, gravar discos ou, de alguma forma, ser uma figura pública - mas que ela não deve negar seu dom. Ela deveria escrever músicas, mesmo que tudo o que ela faça seja colocá-las em uma caixa de sapatos em seu armário.

Nós continuamos em silêncio por um tempo e então ela diz: “Eu nunca pensei nisso. Eu poderia fazer isso sem fazer nada com isso”.

O resto da caminhada é dedicado a falar sobre as crianças, com Sinéad da opinião de que todas as decisões que você toma - sobre onde morar, o que fazer - são realmente sobre como decidir o que é melhor para seus filhos. Chegamos à porta de Sinéad e damos boa noite. Gavin e eu nos sentamos nos degraus e comemos nossas batatas fritas e vemos adolescentes perdidos tropeçando a caminho de casa, derrubando latas de lixo. Gavin diz que ele está desgastado com o trabalho da trilha sonora, assim como Bono está.

“Ele com certeza está”, eu digo. “Essas linhas no rosto de Bono parecem que foram pintadas. Eu estava na Factory esta tarde e o U2 está trabalhando tão duro atualmente que dificilmente tocam música”. “Reunião após reunião”. Gavin concorda com a cabeça.

“Sim, deve ser terrivelmente frustrante”.

“A vida deles é louca”. Gavin diz que esta noite enquanto ele estava trabalhando no disco, esperando por Bono, o telefone do estúdio tocou e era Winona Ryder, a atriz amiga do U2, ligando de uma cabine telefônica no noroeste do Pacífico, onde ela estava tentando encontrar uma garota que havia sido sequestrada de sua casa. Ela disse a Gavin para dar a Bono essa mensagem e depois desligou. Gavin balançou a cabeça, esgotado: “O que era aquilo?” ele pergunta. “Winona Ryder está procurando por uma criança sequestrada em algum lugar perto de Seattle e ela chama Bono em Dublin para pedir ajuda?” (Na verdade, Winona estava retornando uma ligação de Bono perguntando se ele poderia ajudar, mas Gavin não sabia disso.)

“O U2 costumava ser capaz de sair para o grande mundo, flutuar entre as celebridades e artistas, e depois voltar para Dublin e retomar a vida normal”, eu disse. “Mas agora . . .”

“Isso os seguiu de volta para casa”, diz Gavin. “É verdade!” Observamos dois jovens bêbados na estrada tentando, sem sucesso, cometer algum vandalismo com uma lata de lixo presa a uma cerca. “Por que eles não se machucam?” Eu pergunto.

“Eles vão”, responde Gavin. Finalmente eles desistem e se afastam. “Aquilo com Adam em Londres foi louco”, diz Gavin. “E nós tínhamos os jornais para nos contar sobre tudo. Você sabe qual será o próximo grande sucesso das manchetes? Edge e Morleigh”.

“Por que os jornais fariam isso?” Eu pergunto. “Os dois estão solteiros. Ela é uma dançarina e coreógrafa, ele é um músico. Por que isso seria novidade?”

Gavin balança a cabeça e diz: “Morleigh é ótima, ela é uma garota maravilhosa. Mas os jornais não se importam com quem ela realmente é ou o que ela realmente faz. A manchete será ...”

“Oh. ‘Edge sai com uma Dançarina do Ventre’. É isso”. Gavin acena com a cabeça. “Isso é tudo que eles precisam saber e tudo o que eles vão querer saber”.

Gavin se levanta, sacode a poeira e diz: “Estou completamente exausto”. Ele segue pela estrada, se apressando para estar em casa antes do amanhecer.

---

# 46. Rancho Miragem

**sinatra lança algumas músicas / a viagem de bono para o deserto / um encontro secreto agitado / uma retirada rápida e reconciliação descontraída / lama em seus olhos e uísque na sua virilha.**

O dueto de Bono com Frank Sinatra em "*I've Got You Under My Skin*" foi escolhido como o single de abertura do álbum de Sinatra, "*Duets*", e esteve em segundo lugar na lista da Billboard, só perdendo para o lançamento simultâneo do segundo álbum do Pearl Jam. O LP anterior de Sinatra, em 1984, atingiu o número 58. Seu último álbum que atingiu o top 10 foi "*That's Life"* em 1967. Com "*Duets"* Sinatra lançou músicas por sete décadas distintas, uma estatística que nenhuma outra pessoa vai alcançar, a menos que Paul McCartney ou The Rolling Stones continuem lançando hits até 2030. Aos 77, Sinatra também bateu o recorde de Louis Armstrong de ser o artista mais velho a ter músicas nas listas de mais tocados. Armstrong chegou ao topo com "*Hello, Dolly!"* quando tinha 62.

Os críticos estão rasgando elogios sobre o álbum, especialmente o dueto Sinatra-Bono. Um longo artigo escrito por Stephen Holden na primeira página da sessão do Domingo Artístico e Lazer do "New York Times" inicia com "o momento mais extraordinário em 'Duets' de Frank Sinatra", o novo álbum que traz de volta o cantor de 77 anos para o mais ouvido da música pop com uma força e autoridade surpreendentes, é a interpretação de "*I've Got You Under My Skin*", em que o Presidente do Conselho se une a Bono do U2. Depois que Sinatra arrebenta com as frases de abertura no padrão Cole Porter, Bono desliza na canção cantando as palavras "*so deep in my heart you're really a part of me"*, em um grunhido suave e sexy. A partir daqui os dois cantores, que parecem estar sentados em um bar, lado a lado, comparando notas sobre o amor e a vida, vão e voltam na divisão da canção, com a estrela do rock irlandês, de 33 anos, ocasionalmente soltando grunhidos altos e melancólicos, ao lado das assertivas ásperas de seu companheiro.

"A canção atinge um pico de paixão quando Bono exclama: "*Don't you know, Blue Eyes, you never can win*". Em um instante me vem à cabeça uma imagem de um jovem no auge de uma confusão romântica dividindo sua euforia e confusão com um pai perseverante, valente, que passou por tudo isso. Com sua mistura de sagacidade e sensualidade, "*I've Got You Under My Skin*" é uma incrível colaboração entre gerações que revela quão profundamente o Sr. Sinatra tem influenciado jovens cantores, até roqueiros como Bono, que é um admirador de Sinatra por muitos anos".

O escritor da Vanity Fair, David McClintick, vai mais além em um elogio de sete páginas do álbum, parabenizando a parceria Bono-Frank e afirmando: "*Duets* de Frank Sinatra sinaliza uma onda tardia, dramática e inesperada naquilo que já consiste na carreira mais extraordinária na história da cultura popular, ultrapassando as de Bing Crosby, Elvis, Judy Garland, The Beatles, The Rolling Stones, Chaplin, Garbo, Brando e todos os demais concorrentes".

Os antigos adversários do U2 nos semanários britânicos da música oferecem uma proposta contrária. Melody Maker possui fotos de Bono e Sinatra na capa, mas faz da contribuição de Bono motivo de riso para a equipe: "É discutível se a postura excessivamente narcisista dele é (em contraste à sugestão firme e seca de Frank) totalmente apropriada ou simplesmente absurda. Certamente ele pode não ser acusado de não ter amor-próprio ou presença para enfrentar o desafio".

*A New Musical Express* é mais reservada em seus elogios. "Uma música ruim e mais, seria difícil de imaginar um registro mais ofensivo", eles declaram. A atitude murmurante de Bono em *I've Got You Under My Skin* confirma seu cobiçado status como o Ser Humano Mais Pretensioso do Mundo.

O crítico mais estranho, entretanto, é o assessor de Nixon que virou colunista político de direita, William Safire. Na página de opiniões do New York Times, Safire ataca o método de gravação de *Duets* com um veneno que ele costuma reservar para as causas sociais progressistas. "Por mais que eu menospreze a relação de Sinatra com entretenimento, cassinos e crime, sempre admirei o talento dele", Safire escreve. Ele diz então sobre *Duets*: "É um desastre; a voz dele está ruim. Nem todas as técnicas e truques vocais de gravação que aumentam e estão sustentados por outras vozes podem fazê-lo parecer mais do que um esforço lamentável de um homem velho fingindo ser o cantor que ele não é mais. Diferentemente de Garbo e Dietrich, que se recusaram a serem fotografados em seus últimos anos para não estragar as memórias públicas de suas belezas, Sinatra gananciosamente diminuiu sua reputação".

Safire continua nos mobilizando contra a fraude do excesso de dublagens em estúdio, o que permite a Sinatra cantar com quem ele nunca esteve antes como: "Quando a voz e a imagem de um artista pode não só ser editada, ecoada, refinada, emendada, corrigida e melhorada – mas pode ser transportada e combinada com outras que não estão fisicamente presentes – o que é um espetáculo? Em nosso desejo por brilhantismo técnico, perdemos a integridade do talento individual?"

Outros escritores repetem a acusação, embora no mundo da música popular o argumento sobre a validade da criação no estúdio de gravação de coisas que não poderiam não ser criadas num palco, é geralmente considerada como uma prática que se estabeleceu com *Sgt. Pepper*.

O show de comédia na TV *Saturday Night Live* pondera sobre isso com um quadro em que um Sinatra impaciente ameaça Bono no estúdio de gravação. O comediante Adam Sandler interpreta Bono em *The Fly* com óculos escuros e um sotaque carregado, contando a Sinatra (Phil Hartman) que ele escreveu uma música para eles sobre humanidade e tecnologia. Sinatra o interrompe, começa "*I've Got You Under My Skin*", e passa na frente enquanto Bono luta para aparecer. Bono implora por uma segunda tomada e Frank surta: "Eu tenho 93, querido. Quando você está virando um século, não há uma segunda filmagem! Saia, Bozo!"

Toda esta notoriedade traz um efeito desejado. *Duets* é platina duplo – o álbum mais vendido da carreira de Frank Sinatra. Phil Ramone concede entrevistas sobre o assunto para todos, geralmente trabalhando em alguma variação na história do U2 indo encontrar Sinatra em Las Vegas. Eu acabei de ver Ramone na CNN. Na versão de hoje, Frank olhou para o U2 e disse: "Ótimos caras – não acha que vocês poderiam pagar por um guarda-roupa melhor?"

Com certeza não vou contar para Bono que tenho ouvido que quando os executivos da Capitol Records apresentaram a Sinatra pela primeira vez a lista de pessoas que eles tinham prepararado para os duetos com ele, Frank ficou furioso. Aparentemente, quando Frank fica furioso, ele descarrega em Steve Lawrence. Naquele dia em particular, Lawrence atendeu ao telefone e não foi possível entender porque diabos Sinatra estava gritando. Ele pediu à esposa dele, Eydie Gorme, que tentasse acalmá-lo. Eydie continuou e perguntou a Frank: Frank, o que é? Qual o problema?

Sinatra estava gritando: "Se esses idiotas pensam que nessa altura da minha carreira vou gravar um dueto com Sonny Bono…!"

Steve e Eydie acautelaram Frank de que talvez aquele não fosse o referido Bono.

O que torna irônico que nosso Bono encontre Frank Sinatra do lado de fora da Clínica Infantil de Barbara Sinatra, sua esposa, nos arreadores de Palm Springs, Califórnia – a cidade que elegeu Sonny Bono, antigo

membro de “& Cher”, como Prefeito. A clínica da Sra. Sinatra fica próximo ao de Betty Ford. Então – se a esposa de um presidente nomeado por dois anos dos Estados Unidos, deveria ter o próprio hospital, por que a esposa do “a mais extraordinária carreira na história da cultura popular” deveria ter menos?

Bono chegou no deserto da Califórnia para encontrar com Sinatra e fazer o vídeo para “I’ve Got You Under My Skin”. Depois que Martin Scorsese desistiu, uma lista de nomes de grandes diretores de filmes foram cogitados. Estava decidido que ícones como Robert Altman e Win Wenders poderiam fazer um belo trabalho com Frank. Sabe-se lá o que teria acontecido se tivessem chamado Coppolla - e Frank ficar ofendido com a associação ao filme Poderoso Chefão? Eu pedi muito por Clint Eastwood, mas eu não acho que Bono tenha se convencido. Enfim, com medo que eles tivessem colocando muita carga nessa frágil aliança, Bono convidou Kevin Godley para vir e fazer. Ao menos com Kevin eles tinham uma relação e ele não traria nenhum jogo de ego consigo para o trabalho.

Pouco antes de Bono deixar a Irlanda, a Principle recebeu um fax da EMI do Japão parabenizando o cantor por gravar um dueto com Frank *Sinotta* em *“I’ve Got You Under My Chicken”* [Eu tenho você sob meu frango].

Sr. e Sra. Frank Sinatra chegam e dão boas-vindas a Bono. Barbara está usando um vestido vermelho, que inspira Frank a declarar: “Barbara! Você parece um coágulo sanguíneo!” É o estilo padrão do Sinatra. Eu o ouvi falando isso no palco com Shirley MacLaine, mas Bono e cia. riem alto.

Frank e Bono entram no banco de trás duma limousine e rumam para a estrada, com a equipe do filme ao redor deles tirando fotos dos dois cantores saindo para a noite em grande estilo. Sinatra, o profissional total, diz a Bono para abrir a janela do carro para melhorar a iluminação. Eles cruzam o Rancho Mirage, com Sinatra contando histórias de Dean Martin, enquanto as câmeras trabalham.

Bono sabe que Sinatra não fará sincronização labial (Sinatra não sabe como fazer mímica e não tem interesse em aprender agora) então o plano é filmar Bono e *Blue Eyes* entrando num salão, falando como se fossem pai e filho. Um dos amigos de Frank tem um bar próximo, que era para onde eles estavam indo. Godley filmará os dois se cumprimentando na porta, pedindo bebidas, e tendo uma conversa franca enquanto “I’ve Got You Under My Skin” toca ao fundo.

Eles chegam no bar, apertam as mãos de algumas pessoas e começam a filmar. Na primeira tomada eles entram, sentam, Bono dá para Frank a primeira edição do “Yeats Anthology” dizendo: “Sei que você gosta de uma grande letra”, e uma garrafa de uísque irlandês. Frank sorri. Ele conhece bem esse ambiente, mas hoje parece estranho para ele; não há outros clientes e as lâmpadas estão todas muito brilhantes (a equipe responsável pelo vídeo substituiu as lâmpadas por luzes mais fortes). A equipe foi orientada a ficar nas sombras, fora do campo de visão de Sinatra. Uma mensagem é mandada por Godley, escondido na cozinha assistindo de um monitor, para Bono e Frank fazerem outra tomada - entrem, troquem presentes, peçam bebidas. Bono vê que Frank está ficando inquieto. Ele parece aborrecido. “O que nós estamos fazendo?”, diz Sinatra.

“Nós estamos fazendo outra tomada, Frank”

“O que você disse, outra tomada? Para o que?”

“Para o vídeo”

“Que vídeo?”

“Para o dueto”

“Que dueto?”

Frank está perdido. Bono está ficando assustado. Alguém diz: “Ei, Frank, vamos tirar uma foto”. Anton vem de um canto escuro e tira uma fotografia dos dois. Frank está assustado e furioso. “O que é isso?”, diz ele.

Uma pessoa da equipe de Sinatra tenta acalmá-lo. Ele diz que isso é uma foto para o dono do bar, amigo de Frank, para pendurar na parede. "Que vagabundo!" Frank dispara. “Depois de tudo o que fiz por ele”. Frank parece desorientado agora. “Eu tenho que ir! Eu tenho um voo agora! Eu tenho que ir!”

E com isso, Frank Sinatra se foi.

Bono, Anton e Kevin Godley foram deixados num salão em Palm Springs, Califórnia, de bocas abertas. Godley terá que juntar uma filmagem do arquivo de Sinatra, intercalando com Bono fazendo sincronização labial na sua parte e algumas coisas do banco de trás da limousine, até o último momento em que os dois realmente se encontraram. Bono teme que isso implique que Frank Sinatra nunca irá gravar “Two Shots Of Happy”.

Um pouco depois, Bono especula que Frank usa a desorientação como um modo de sair de situações embaraçosas. “Eu não acho que ele estava perdido, eu acho que ele sabia o que estava fazendo”. Bono diz. “Então, ele saiu. E a desculpa dele não tinha que ser lógica”. Bono recebe uma ligação de Barbara se desculpando pela saída repentina de Frank e o convidando para ir na casa deles naquela noite. Bono aceita, e ele chega para uma noite de uísque e histórias com Sinatra e uns seis amigos dele. Frank parecia bem naquele momento e completamente lúcido. Mais adiante, Bono propõe um brinde, levanta-se, ergue seu copo e canta “Two Shots Of Happy” para Frank e seus comparsas. Sinatra sorri quando ouve. Bono percebe que está se saindo bem o bastante.

Sinatra é um pintor. Bono acha que a equipe dele revela um lado sensível (ele evita usar a palavra *feminino*) contrário a imagem de *macho*. “Até mesmo as pinturas dele são conflitantes”, diz Bono. “Ele não quer ser doce, terno, mas ele é”. Bono para a fim de admirar uma pintura e diz: “Essa tem uma vibe jazz”.

Sinatra olha para ele e diz: “Essa se chama ‘Jazz’”.

À medida que o uísque continua a fluir e a cabeça de Bono gira, ele começa a perceber que aqueles velhos caras seguem bebendo enquanto Bono já está ébrio. Sentado numa cadeira, como num sonho, Bono assiste Sinatra apertar um interruptor e a parede se abre para revelar uma tela de cinema. Um velho filme começa a rodar e Bono cai no sono.

Ele acorda apavorado. Suas calças estão molhadas. Oh, meu Deus, Bono pensa, aqui estou eu assistindo um filme com Frank Sinatra e seus amigos na casa de Sinatra e eu me urinei. Isso vai além de envergonhar a si mesmo; isso é envergonhar a Irlanda antes da Itália, isso é envergonhar o rock and roll antes das big bands. Cautelosamente, Bono escorrega sua mão até sua virilha. O líquido está frio. Obrigado, Senhor! Se fosse urina estaria quente! Bono tateia ao redor e encontra um copo de uísque revirado perto da sua perna. Sim! Ele adormeceu e virou a bebida nele mesmo! Ele não molhou suas calças! Ele não terá que cometer suicídio.

Bono se levanta. Sinatra e seus amigos estão ainda assistindo ao velho filme, ainda tomando sua bebida. Bono deseja boa noite para todos.

Frank diz a ele para voltar amanhã. O lado *"vendedor"* de Bono se dá conta que é uma boa ideia - ele voltará amanhã com um pianista e realmente venderá a Frank aquela música! Mas ele pensa melhor, uma vez já tendo saído. Ele tem que voltar para Los Angeles e pegar um voo para a Austrália. O U2 está esperando. A Zoo TV - a próxima perna se chama "Zoomerang" - está esperando. Bono terá de deixar Frank Sinatra onde ele está, rindo com seus parceiros e entornando o uísque sob a luz piscante de um velho filme.

---

# 47. Pontos de Pressão

**um substituto salva um grande espetáculo / uma infestação de pragas aladas / o naufrágio da triplecast / tiny tim como teste de rorschach / a recomendação de larry contra o engrandecimento dos pombinhos.**

Estou começando a desenvolver um leve senso de reconhecimento sobre como a arquitetura reflete no meio ambiente. Assim como o Estádio Olímpico em Berlim parecia ter sido projetado para a pressão da música marcial e da bateria Viking, o estádio de futebol em Sydney se estende para cima e para baixo em grandes ondas de concreto, como se Deus o tivesse jogado entre as marés altas e palmeiras. O som pode se tornar lama nas cristas daquelas curvas de concreto, mas com certeza é uma visão idílica.

O público está chegando lentamente, enchendo o gramado como pássaros migrantes voltando para o verão. Em Dublin o inverno está terminando, em Londres as luzes de Natal estão sendo penduradas na Oxford Street, e nos Estados Unidos as louças do dia de Ação de Graças são lavadas, mas aqui na Austrália a primavera está transitando para o verão e a vegetação está se alastrando através de cada trincado do chão. Toda a cidade de Sydney parece estar florescendo. Não há nenhum outro continente onde o domínio do homem sobre a natureza pareça tão instável. Se a raça humana se extinguisse na segunda-feira, a flora e fauna recuperariam a Austrália até quarta-feira à tarde.

É difícil acreditar, em meio a tanta felicidade e pólen, que o U2 está se desfazendo nos bastidores. Todas as tensões da Zoo Tour – o peso combinado de pressão, política e a privação do sono – estão chegando ao clímax durante esses dois dias na cidade, onde todos os homens têm rabos de cavalo loiros e as mulheres usam blusinhas top. Você conhece aquela cena em *O Tesouro de Sierra Madre* quando Bogart e Tim Holt estão competindo para ver qual deles pode ficar acordado mais tempo, para poder matar o outro e roubar a grana? Há um pouco desse espírito na sala do trono do U2 hoje.

O U2 acabou de cancelar o plano de filmar os shows em Sydney para a triplecast de janeiro - três versões do Zoo TV transmitidas simultaneamente em três canais diferentes. Este é o projeto pelo qual Alien Ginsberg, William Gibson e outros filmaram pequenas partes para interagir com as músicas do U2 para os telespectadores. O plano de gravação para a Triplecast já consumiu muitas horas do tempo e muito dinheiro do U2, mas às vésperas da filmagem a banda decidiu que a ideia não tinha se tornado adequadamente do jeito certo; se forem adiante, o resultado será meia boca. Então eles desligaram a máquina – o que levou a MTV (seus parceiros no projeto) a fumegar e isto significou a perda de um enorme salário pago para tornar essa turnê no Pacífico realmente lucrativa.

Os lucros – eis outro desastre. O generoso "não poupe gastos" da Zoo TV assombra a banda por um longo tempo, mas aqui na Austrália a situação ficou feia. Para pagar a turnê do Pacífico, o U2 teve que exigir grandes garantias de promotores de shows na Austrália, Nova Zelândia e Japão. Na posição de maior banda do mundo, eles estavam em posição de apertar os empresários, mas isso não faz da situação algo agradável. No passado, a banda estava disposta a dividir o risco com os promotores locais e dividir os lucros só depois, mas desta vez o show era tão grande que tinha de haver dinheiro adiantado e uma boa quantia dele. Os empresários desembolsaram, mas tentaram se proteger elevando o valor dos ingressos às alturas. Os fãs do U2 na Austrália tiveram que desembolsar 50 dólares australianos por cabeça para sentar num estádio de futebol e muitos deles não puderam pagar. Há um público ligando para as rádios para perguntar se o U2 havia se tornado ganancioso e a banda continua se encontrando com fãs que dizem a eles que não podem pagar para assistir ao show, porque isso lhes custaria uma semana de trabalho.

Em meio a essa tensão e recriminação geral, Bono e Edge começam a recear que alguns dos shows habituais tenham sido tão repetidos que eles estejam se tornando uma pantomina. E para fechar todos esses agravantes num enorme e pulsante pacote de paranoia, há o fato de que o show de amanhã à noite será transmitido ao vivo em todo o mundo como um especial da TV paga, e o show de hoje à noite é a única chance da equipe de televisão fazer um ensaio e uma revisão. Além de precisar disso para quitar as contas, a transmissão pay-per-view é a única chance do U2 de promover as músicas de Zooropa, o novo álbum que quase foi esquecido durante a turnê europeia no verão. Eles prepararam metade das músicas de Zooropa para o show, mas não estão tão confortáveis quanto às músicas que substituíram. À essa altura, ninguém ficaria muito surpreso, se todos ou alguns dos quatro membros do U2 desaparecessem na floresta e nunca mais fossem vistos novamente.

Willie William, o adorável produtor artístico, apaziguou a todos dizendo que essa transmissão na TV seria o teste final, e, uma vez terminada, o U2 poderia fazer a festa na Nova Zelândia e o Japão. A pressão terá acabado e eles poderão tocar o que quiserem. Os membros da banda se sentem agradecidos por ouvir isso, mas isso não alivia muito a pressão.

E aqui surge um novo grande problema. Na última noite, Adam teve uma recaída. Ele tem bebido desde os escândalos nos tablóides britânicos de agosto passado e hoje não apareceu para a checagem de som. Por pior que as coisas estivessem com o estilo de vida dissidente de Adam, isso nunca aconteceu antes. Bêbado ou sóbrio, Adam sempre se apresentou para o show. Desta vez ele estava tão bêbado que não reconheceu nem mesmo os membros da produção no elevador do hotel. Será que ele ouviu a fofoca nos jornais britânicos que Naomi foi vista nos arredores de Londres com seu ex-namorado Robert De Niro? A princípio eu pensei: "Nós estamos na Austrália! É claro que ele não ouviu!" Então percebi que, se eu ouvi, Adam ouviu. Quando uma porcaria como essa paira no ar há sempre uma dúzia de supostos amigos que mal podem esperar para te lembrar disso.

Esta é uma noite difícil para se estar no U2. Esta é uma noite difícil para estar em qualquer lugar próximo ao U2. Esta é uma noite difícil para saber soletrar U2.

"Mais três semanas vendo sua cara feia!", Larry anuncia enquanto coloca seu prato de sushi próximo a mim na cafeteria atrás do palco. Digo a ele que acabei de encontrar um velho amigo meu que fugiu com uma amiga para casar, depois de um namoro muito rápido. Larry não é o irlandês mais romântico de todos os tempos, e hoje ele está se sentindo especialmente nada romântico.

"Para que diabos serve o casamento?" ele perguntou.

"Eu acho que eles estão loucamente apaixonados", eu digo.

"Sinto muito", diz Larry, ficando cada vez mais irritado em sua inabilidade para manusear seus palitinhos e finalmente pegando um garfo para jantar. "Sou cínico em relação a todas essas coisas de amor e carinho. Um casamento é uma parceria e é melhor pensar dessa forma ou você estará em apuros! Toda essa coisa de pombinhos interfere". Larry disse *pombinhos* como se ele estivesse descrevendo um distúrbio retal particularmente desagradável. "Como ela se sentirá sobre ele daqui a alguns anos, quando ele cutucar o nariz? Ou quando ele estiver cutucando o nariz dela?"

"Sim, bem", eu digo, "é melhor ter um tanto daquele lance de pombinhos no início para que fique mais fácil suportar os quarenta anos cutucando o nariz".

“É justo”, diz Larry, e eu pergunto se ele ainda está pensando em se mudar para Nova York por um tempo depois da turnê. Ele olha em volta para enfatizar que o que ele está prestes a me dizer é altamente secreto e então confidencia: “Eu comprei um apartamento. Estou muito empolgado”. Pergunto onde é e ele me conta, descreve o prédio e eu digo: “Larry! A irmã da minha esposa mora naquele prédio! Eu vou ver você o tempo todo!”

"Ah, porra!" Larry choraminga. "Eu nunca vou ficar longe de você! Isso nunca vai acabar!"

Edge chega, exasperado, e resmungando maldições. “Eu fiquei embaixo do palco desde a passagem de som!” ele diz a Larry. Isso é mais de duas horas. “Nunca tente reprogramar uma seção de cordas enquanto a banda de abertura está tocando acima da sua cabeça!” Ele percebe que estamos sentados em frente a um mural particularmente horrível de Bono e Edge, pintado pelos moradores em homenagema eles. Isso praticamente mata o que resta do seu apetite.

Edge está resmungando sobre um desastre iminente quando Morleigh desliza atrás dele, coloca as mãos em seus ombros e, quando ele vira a cabeça, dá um beijo em seus lábios. O humor de Edge se ilumina de uma só vez. Logo ele está brincando sobre a série de desastres mecânicos que se abateram sobre a operação de alta tecnologia do U2 aqui na terra da feitiçaria aborígene.

Relaxando em seu habitual modo de trabalho focado, Edge pergunta quem Bono deverá telefonar do palco para a transmissão da TV amanhã. Esta é a última vez que o mundo verá na Zoo TV - na verdade, é a última que o mundo verá do U2 por um bom tempo. Eles precisam de uma prévia. Talvez Macphisto deva tentar ligar para o presidente Clinton - então, quando ele não consegue, pode chorar: “Mas eu fiz ele ser eleito!” Edge considera a ideia e depois a rejeita como americana demais. Tem que ser algo que faça sentido para os espectadores de todo o mundo. Edge diz que talvez Bono, como Macphisto, deva se dirigir ao público mundial, fazer um discurso resumido sobre a Zoo TV. Começamos a lançar ideias para um discurso que combinaria os espíritos de John F. Kennedy, Cristo ascendendo sobre os apóstolos e o Mágico de Oz preparando-se para embarcar em seu balão. Então Edge pede licença para se retirar para se preparar para o show.

Eu saio para assistir B.A.D. e descubro que o lugar está repleto de milhões de minúsculas moscas negras. Elas estão em todo o cabelo, cadeiras e roupas da plateia. Todo mundo está se coçando. Eu estou em pé no reservado do técnico de som espantando insetos com o único outro convidado inicial, Tiny Tim. Mas ele não poderia ter trazido todas elas com ele.

Pouco antes do show, Dallas Schoo, técnico de guitarra de Edge, recebe uma convocação do camarim do U2. Ele entra para se encontrar cara a cara com Edge, Bono, Larry e McGuinness, todos parecendo tão sombrios quanto um pelotão de fuzilamento. Eles querem a opinião de Dallas. Adam não poderá tocar no show hoje à noite. O que Dallas acha das opções que eles têm? Dallas diz a seus chefes o que eles já sabem: eles não podem considerar o cancelamento, porque esta noite é a única chance para o diretor de TV e os cinegrafistas planejarem o show para a transmissão de amanhã à noite. Com ou sem Adam Clayton no baixo, o U2 tem que continuar. Edge aumenta a possibilidade teórica de Dallas tocar guitarra e Edge tocar baixo. Mas isso é absurdo e todo mundo sabe disso. Além do fato de que o público esperava ouvir Edge na guitarra quando eles compraram o ingresso para o U2, a equipe de TV só ficaria confusa com uma performance onde as pessoas tocam os instrumentos errados. Alguém tem que substituir Adam, e o único candidato que poderia ser o substituto, nos últimos quinze minutos, é o técnico do baixo de Adam, um sujeito calmo e magro chamado Stuart Morgan.

“Dallas”, diz Edge, “você conhece Stuart. Você toca com ele todos os dias na passagem de som. Você sabe que ele conhece as músicas. O Stuart pode fazer o show?” McGuinness coloca sua bebida na mesa e dá ao técnico de guitarra toda a sua atenção.

Todos os olhos estão em Dallas, que preferiria estar em qualquer outro lugar menos aqui, agora. Ele fala cuidadosamente com seu lento sotaque de cowboy: “Stuart consegue. Ele conhece essas músicas. Mas você precisa manter contato visual com ele, avisá-lo quando uma passagem estiver chegando”. Os quatro chefes consentem com a cabeça e agradecem a Dallas. Então eles mandam chamar Stuart para dizer que ele foi convocado.

“Temos más notícias”, disse Bono à multidão de Sydney, após os aplausos da “Zoo Station” terem diminuído. “Este é o primeiro show que já tocamos sem Adam! Adam está muito doente!” Bono está fazendo o anúncio com melodrama suficiente que eu meio que espero que ele caia de joelhos e faça uma oração. Bono apresenta Stuart (que está tentando se tornar invisível em camisas pretas, calças e um boné preto puxado para baixo sobre os olhos) como “o mentor de Adam”. O cantor continua a despertar a multidão, declarando: “Nós não queríamos cancelar Sydney - porque vocês ficariam chateados! E quem sabe quando nós vamos ter outro dia de céu azul em Sydneyyyyy?”

E o U2 toca. Edge sinaliza para Stuart em cada mudança iminente de seção. Caso contrário, o substituto mantém seus olhos travados com o de Larry, que mantém o ritmo coeso enquanto Bono prende a atenção do público. Até mesmo isso não é fácil esta noite. Durante “New Year's Day”, o microfone de mão de Bono quebra, deixando Edge uivando o fundo repetidamente enquanto Bono sinaliza aos roadies freneticamente com um braço estendido. Os roadies, entendendo mal o sinal, correm e colocam um copo de água na mão de Bono. Finalmente, seus gestos loucos se fazem entender e ele recebe um segundo microfone - Bono canta, mas esse microfone também está desligado. Nesse ponto, qualquer uma das nossas estrelas do rock menos brilhantes poderia começar a chorar, encontrar a oportunidade certa para demitir pessoas ou pular na plateia para bater em alguém. Não Bono. Ele caminha até a borda frontal do palco, joga o microfone quebrado no chão e começa a gritar as palavras sem amplificação. Não que alguém no estádio possa ouvi-lo - ele quase certamente não pode se ouvir sobre a gigantesca massa sonora da banda - mas o gesto dramático cria uma onda de excitação na plateia, que canta as próprias palavras desaparecidas enquanto Bono fica ali, empinado e glorioso.

Assistindo comigo na mesa de som estão dois funcionários da MTV America, a jovem VJ que atende pelo nome individual Kennedy e seu jovem produtor. Eles deveriam estar aqui para participar do Triplecast, mas quando a ideia foi deletada pelo U2, Tom Freston deixou as crianças irem para a Austrália de qualquer maneira. Kennedy, cuja persona pública é a de uma garota esperta que poderia dizer qualquer coisa, nunca saiu da América antes. Ela acabou de completar vinte e um anos e agora está curiosa com a figura parada a poucos metros de nós. O músico Tiny Tim está aqui! Ela sussurra. “Quem daria a passagem de ônibus para Tiny Tim”, zomba seu jovem produtor, “e muito menos passagem aérea para a Austrália?”

Essa condescendência realmente me irrita, então digo a eles uma grande mentira: “Você está brincando? Tiny Tim é como Deus na Austrália! Ele é a maior estrela americana daqui!”

“Mesmo?” Kennedy diz.

“Como Jerry Lewis na França”, explica o produtor, como se soubesse disso o tempo todo.

Kennedy pondera isso como Einstein à procura de uma teoria de campo unificada e então ela balança a cabeça e diz: “Eu não posso acreditar que os australianos achem que Tiny Tim é legal”.

“Bem”, eu digo. “Eles não podem acreditar que achamos o Michael Hutchence legal”.

Kennedy pensa nisso por um tempo e depois pergunta: “Você acha que Tiny Tim ficaria feliz se eu lhe fizesse uma punheta?”

Eu digo a ela que ele estaria feliz em receber um lenço e volto minha atenção para o palco. Eu te digo que um cara está lucrando com a ausência de Adam Clayton: Larry Mullen Jr. Em todo ponto no show onde a tela normalmente focaria em Adam, eles estão mostrando Larry. Ele está ganhando todos os seus próprios holofotes e os de Adam também. As câmeras estão evitando Stuart como uma prostituta num piquenique da igreja. Enfim, durante “Pride” há uma chance de Stuart aparecer nos telões. O show está perto do fim, ele parece tão relaxado quanto Gomer Pyle no posto de gasolina de Mayberry[1]. No final da música, Bono traz Stuart para a frente do palco e levanta a mão dele no ar, para os aplausos da plateia.

Em seu quarto de hotel, um semiconsciente Adam Clayton está na cama e se dá conta de uma dura verdade. Nesse momento, o U2 está tocando e ele não está lá. Houve várias vezes ao longo dessa turnê que o que Adam queria era mandar todos se ferrarem e ir embora, mas ele nunca imaginou que seria assim. Adam é pego num dilema que acabou com os Beatles e outras mil bandas menores. É extremamente difícil para um homem rico, famoso e bem-sucedido ter de se sujeitar às críticas sobre qualquer aspecto da sua vida - desde a música que ele gosta até os sapatos que usa - de três amigos de infância. É quase insuportavelmente estranho alcançar uma posição de poder e de celebridade onde todos que você tem contato no mundo afora puxam seu saco, onde você pode tomar decisões como construir uma mansão ou voar para Paris para jantar ou mandar mover uma árvore porque ela está bloqueando sua visão, onde você consegue tudo o que quer - exceto quando isso se refere a coisa central que você faz. E lá, no seu próprio trabalho e sua própria música, na coisa mais responsável por todo seu sucesso e poder, você tem de se comprometer em *tudo* com outras três pessoas. Para Adam, as pequenas humilhações começaram a superar a alegria familiar.

Mas hoje a noite é diferente. Em algum lugar nesse momento, o U2 está tocando e Adam não está presente. Se ele deixasse o U2, ele ia se sentir assim toda noite. Isso faz Adam admitir algo que ele tem negado: “Eu não quero me perder da banda”.

No estádio, a plateia estava se ajeitando no estacionamento, os aproveitadores estão enchendo as salas dos camarins, Stuart está brindando com a equipe, o U2 está finalizando o banho e voltando ao trabalho. A uma da manhã, algumas pessoas da TV, junto com McGuinness, Ned e Maurice, Robbie Adam, e outros poucos convidados, estão se reunindo para revisar o videotape do show dessa noite e planejam, quadro a quadro, a transmissão de amanhã. Eles devem também preparar uma edição do show de hoje a noite, para ficar pronto para ir ao ar se uma tempestade ou outra ação divina impossibilitar o show de amanhã.

Edge está atrás do monitor de TV no camarim, reconectando cabos para consertar algum problema. Bono, com uma toalha enrolada no pescoço, tem um bloco de notas amarelo no seu colo e uma caneta na mão. Eles rodam a fita. Há um grande momento de filmagem da plateia, a enormidade do palco. É um começo

---

[1] Gomer Pyle é um personagem de televisão interpretado por Jim Nabors e introduzido no meio da terceira temporada do *The Andy Griffith Show*. Gomer é um ingênuo (apenas devido à sua mente pura, não corrompida e não degenerada), um mecânico automobilístico extremamente moral. O único funcionário aparente no posto de gasolina de Wally, ele inicialmente morava lá em uma sala dos fundos. O posto de gasolina de Wally era o único posto de gasolina e automotivo em Mayberry.

emocionante. A fanfarra de abertura pré-gravada aumenta sob o barulho da audiência... “Pare a fita!” Bono tem uma objeção.

“Há muitos quadros do tipo *olha como isso é grande*”, diz Bono. “Nós estamos acertando a cabeça do público com isso”. Ele dirá: ‘Tudo bem, tudo bem, é grande!’. Ainda assim, a fanfarra está mixada num volume muito baixo em relação ao barulho da plateia”.

Eles começam a fita de novo. A primeira música, “Zoo Station”, começa. Todo mundo assiste, Bono está escrevendo furiosamente. “Parem a fita!”. A cor está um pouco fora *nesta* tomada, Bono explica, o ângulo em Edge estava ruim *nesta* tomada, a mixagem estava ruim *nesta* parte...

Assim as coisas andam, quadro a quadro e linha a linha através de um show de 140 minutos. E ninguém ergue uma sobrancelha, ninguém acha isso incomum. As pessoas nesse espaço trabalharão a noite toda e não hesitarão em discutir sobre um ângulo de câmera ou uma mixagem da guitarra até o sol voltar ao céu de Sydney. Mais adiante, eu escapo e encontro um roadie que está indo em direção ao hotel. Ao me dar uma carona, ele comenta sobre a ética de trabalho do U2.

“Eles realmente seguram a onda e fazem seu trabalho”, ele diz com um acentuado sotaque australiano. “Muitas bandas não aguentam. Elas não aguentariam a noite toda analisando cada detalhe. Certamente eles não continuariam em frente sem o baixista deles nem por 15 minutos”.

Ele está certo. Bono - talvez porque ele ainda se considere uma criança saindo para brincar - se ressente disso quando eu menciono o quão duro o U2 trabalha. Ele alega que tudo é inspiração e é como se saltasse com os olhos fechados. Mas, quando pressionado o suficiente, ele admite que é preciso muito trabalho para manter a máquina em movimento, mesmo se a música por si só surgir livremente. Eu me lembro de algo que Lyie Lovett me contou sobre como sua carreira avançava na indústria da música e do cinema. “O que você descobre ao longo do caminho”, disse Lovett, “é que as pessoas que estão lá em cima parecem ser aquelas que trabalham mais duro que quaisquer outras.”. É verdade. Também é um grande segredo. Porque ninguém quer acreditar nisso.

---

# 48. Confabular, Conversar e Confraternizar

**o discurso de despedida de macphisto / a vj propõe estupro / um passageiro frequente causa pânico nos corredores / deus sopra no engenheiro de som / bono corta o pênis de michael jackson**

Amigos, fãs e seguidores. Meu tempo entre vocês está quase no fim. Não, não temam. Tenho de voltar para o lugar de onde vim. A grande glória que tem sido a Zoo TV deve ascender de entre vocês e tomar o seu lugar entre os milhões de satélites que brilham no céu. Mas não temam. Eu estarei lá em cima observando a todos. Assistindo tudo o que fazem. Talvez vocês não possam me ver. Mas eu poderei ver vocês!

"Deixo câmeras de vídeo para todos! Filmem uns aos outros! Filmem a si mesmos! Crianças, filmem seus pais. Pais, filmes seus testamentos". Bono levanta uma câmera. "Recebam isto, todos vocês, e assistam!"

Bono para de ler e se vira para McGuinness. "O que você acha?"

McGuinness está rindo. "Se é para ser uma blasfêmia, vá em frente!"

Bono parece desconfortável. "Isso é blasfêmia?" Bono está escondido no trailer da banda, trabalhando no discurso de despedida de Macphisto para a transmissão internacional dessa noite. Ele experimenta e exclui falas, insere frases de outras pessoas e algumas novas, criadas por ele mesmo. Willie Williams entra e sai da sala, dando sugestões, enquanto eu escrevo tudo num laptop. Maurice está sentado ao meu lado com o laptop dele, escrevendo o discurso de abertura, formalizando uma versão do que Bono tem dito todas as noites no início do show: "Bem-vindos à Zoo TV! Temos o que é de mais novo em hardware, software e menswear [roupas masculinas]!"

Maurice sempre anda por aí com um tipo de resignação impassível no rosto, ao estilo Jack Benny. Ele revira os olhos para esse mundo maluco e continua fazendo seu trabalho. Hoje sua irritação passiva está maior pelo fato de que quando ele chegou à Austrália - depois de uma viagem de avião de vinte horas vindo de Dublin - o U2 decidiu que havia alguma decisão de emergência para um vídeo, em casa, que só poderia ser feita pelo Rosencrantz do Rogerson's Quay. Então Maurice teve que retornar para Dublin, resolver o problema, e depois voar de volta para a Austrália. É o suficiente até para cansar o aviador Lindbergh. Mas Maurice achou que tinha o melhor jeito de vencer esse vôo. Ele emprestou um frasco de pílulas para dormir, planejando tomar uma e usar sua última jornada de vinte horas para recuperar todo sono que ele havia perdido.

Acontece que ele não precisou das pílulas. Assim que o avião decolou, ele caiu num sono profundo sem tomar nenhum medicamento. Em algum momento durante o vôo, a comissária de bordo o acordou para jantar. Ele desmaiou outra vez, com o garfo na mão. Sempre que a aeromoça voltava, tentava acordá-lo e não conseguia. Ela ficou preocupada. As pessoas ao redor de Maurice também. Ele estava mergulhado no seu estado REM, alheio ao tumulto. A aeromoça checou os bolsos dele e encontrou... um frasco de pílulas para dormir. Ela agora estava certa que havia um suicida na poltrona do corredor. O capitão chamou um médico pelo rádio. Um médico saltou da poltrona. Maurice acordou com o médico batendo na cara dele, gritando: "Quantas você tomou?", enquanto comissários e passageiros pairavam sobre ele feito gárgulas.

"QUANTAS VOCÊ TOMOU?"

“Ahn? Quê?”

“PORQUE VOCÊ ESTÁ DORMINDO?”

“Porque estou cansado, seu idiota!”

Então, ninguém está incomodando o Maurice hoje. Deixe-o fazer seu trabalho e ficar em paz.

Bono continua praticando o discurso de despedida. “À todas as mulheres do mundo, dou a vocês o sonho de se casar com uma estrela de rock! Tão próximo quanto seu videocassete, tão intimo quanto os fones de ouvido de seu Walkman. A todos os homens do mundo, dou a vocês o sonho de se casar com uma supermodelo! Apenas coloque a fita e assista. Ela está sempre perfeita, nunca muda, e quando ela te aborrecer, você pode simplesmente desligá-la”.

“Não”, diz Bono. Tudo isso sai. Eu protesto e ele diz: “Não quero ofender os sogros”. Os acontecimentos de ontem à noite ainda estão muito sensíveis para arriscar que quaisquer intenções sejam mal interpretadas. Adam entra na sala, sorrindo, mas parecendo desconfortável. Ele não está demonstrando qualquer arrogância ou agindo como se sua ausência na noite passada não fosse grande coisa. Ele é honesto demais para isso. Envergonhado demais também. A forma como a banda está lidando com o desaparecimento de Adam, por enquanto, fica entre eles. Mas está claro que não é um assunto que vai desaparecer rapidamente.

Bono continua lendo: “Agora é hora de ir confabular, conversar, e confraternizar com minhas companheiras, as celebridades. Mas deixo esses três: o Espantalho, o Homem de Lata e The Edge - para governar no meu lugar até ao momento em que eu regressar”.

Não, diz Bono. A referência aos outros três tem de sair. Isso faz com que Macphisto seja literalmente parte do U2. O pé de Bono está inchado, enfaixado e envolto em gelo e toalhas. Ele caiu e o torceu na noite passada, ao final de “Bullet the Blue Sky”, agravando uma torção que teve em um show anterior. Ele ignora o desconforto e segue adiante com seu discurso.

“América! Eu dei à vocês o Bill Clinton! Vigie-o!

“Frank Sinatra! Eu dei a você a MTV!

“Salman Rushdie! O preço pela sua cabeça é muito a se pagar por tanto tempo de transmissão?

“Povo da Europa! Quando os encontrei, vocês estavam divididos pela cultura, língua e história - tão diferentes quanto canais num mostrador. Agora vocês estão unidos pelo mesmo cabo. Nunca mais serão separados!

“Povo de Sarajevo - olhem pelo lado positivo. Existem pessoas pelo mundo todo com comida, aquecimento e segurança que nunca terão a chance de aparecer na televisão como vocês!

“Adeus, Squidgy[1] - espero que te deem o País de Gales!

“Adeus, neonazistas, espero que deem Auschwitz a vocês!

“Adeus, Michael, espero que consiga o seu novo pênis...”

Bono para de ler e olha para McGuinness, que está rindo e dizendo para fazer isso mesmo, ir até o fim. Os jornais estavam cheios de especulações de que Michael Jackson poderia estar alterando o seu membro masculino cirurgicamente, para confundir uma descrição de suas excentricidades, dada pelo garoto que ele supostamente molestou. Conversas sobre adulteração de provas! Willie Williams retorna pedindo uma cópia final do discurso para colocar nos monitores de vídeo. Depois de mais algumas alterações e revisões, Bono entrega o texto.

Os nervos estão no limite hoje. Tem avisos colados por todo backstage, onde se lê:

PARA: TODOS QUE, ÀS VEZES, ASSISTEM O SHOW DA ÁREA INTERNA DA GRADE E OUTROS LUGARES ONDE NÃO DEVERIAM ESTAR.

ESTES SHOWS ESTÃO SENDO GRAVADOS E TRANSMITIDOS. ENTÃO, POR FAVOR, NÃO ENTREM NA ÁREA INTERNA DA GRADE HOJE OU AMANHÃ À NOITE. ESTANDO ALI, VOCÊ FICA NO MEIO DO CAMINHO E NA FRENTE DA CÂMERA TAMBÉM.

O SUBTERRÂNEO TAMBÉM SERÁ UMA ÁREA DE ALTA TENSÃO. POR FAVOR, MANTENHA-SE AFASTADO DE TODAS AS ÁREAS DE TRABALHO SUBTERRÂNEAS.

ALÉM DISSO, POR FAVOR, NÃO USEM CELULARES OU WALKIE-TALKIES AO REDOR DO PALCO.

Na mesa de mixagem, Joe O’Herlihy luta para compensar um vento forte que está acabando com o equilíbrio de som que ele passou a tarde toda para conseguir. O engenheiro de som olha para cima com uma resignação triste e diz: “Eu trabalho tanto para arrumar o som e então Deus vem e acaba com tudo”.

Deus teve piedade do Joe naquela noite. Durante o show, tudo corre tão bem quanto correu mal na noite passada. A dinâmica geral do show é a mesma desde o início da turnê: o show começa com um bombardeio de efeitos da Zoo TV e uma série de músicas do *Achtung Baby*. Mas, enquanto essas músicas eram totalmente novas e pouco conhecidas na primavera de 92, no outono de 93 elas já são grandes sucessos do U2. “Numb”, outro hit, agora vem durante a parte de alta tecnologia do set, antes do U2 ir para o palco B e tocar músicas acústicas, incluindo “Stay”. Ao retornar ao palco principal para o clímax do rock clássico do U2, eles apresentam “Dirty Day” do novo álbum.

O encore, a parte de Macphisto no show, foi a que mais mudou desde que a banda teve a chance de parar, pensar e descobrir como tocar as músicas de *Zooropa* em Dublin. Depois do público receber clipes do confessionário em vídeo, Adam, Edge e Larry retornam ao palco vestindo seus uniformes azuis de

---

[1] Princesa Diane. Squidgygate refere-se às conversas telefônicas anteriores a 1990 entre Diana, princesa de Gales e um amigo íntimo, James Gilbey (herdeiro de Gin de Gilbey), e à controvérsia em torno de como essas conversas foram registradas. Durante as ligações, Gilbey chamou carinhosamente Diana pelos nomes “Squidgy” e “Squidge”. Na conversa, a princesa de Gales compara sua situação à de uma personagem da popular novela britânica *East Enders* e manifesta preocupação de que possa estar grávida.

“Lemon”. Eles se parecem com a guarda de honra do Sgt. Pepper ou carregadores de algum hotel chique indiano. Eles começam tocando “Daddy’s Gonna Pay For Your Crashed Car” e os telões se enchem com Bono, em um camarim de um vermelho diabólico, aplicando os últimos detalhes do batom de Macphisto e se admirando no espelho. Helen e Nassim, os assistentes de figurino, vestem roupas pretas estilo ZOO e estão atrás dele, ajudando-o a se arrumar e a colocar seu casaco dourado. Enquanto se veste, Macphisto pega um microfone e começa a cantar a música. Ele dispensa seus ajudantes e caminha em direção ao palco, cantando para a câmera enquanto caminha. Ele sai das telas para o palco durante o último verso da música, enquanto fogos de artifício explodem, os Trabants no alto tremem, e os canhões atiram dólares ZOO (com o rosto de Macphisto neles) para a multidão que aplaude.

Quando os aplausos diminuem, Bono começa o discurso de despedida de Macphisto. Ele está um pouco curvado para que possa ler o monitor no chão - o que funciona bem para as pessoas vendo na TV, mas é confuso para o público aqui no estádio. Ele fala sobre Sarajevo, mas quando chega em Salman Rushdie fica assustado e diz: “Salman Rushdie, eu te dou” - Bono olha em volta – “decibéis”! Ninguém sabe o que isso significa. Ele continua, entregando seu solilóquio na voz britânica de classe alta de Macphisto: “Adeus, Squidgy, espero que te deem o País de Gales”. Aplausos do público. “Adeus, Michael...” Bono olha para as linhas no monitor: *Espero que consiga seu pênis novo*. Ele, de repente, tem uma visão de Michael Jackson cometendo suicídio. Ele congela. Não termina o pensamento. Ele pula para “adeus a todos os neonazistas, espero que deem Auschwitz a vocês”, e o público aplaude.

Em seguida, Macphisto liga para uma empresa de táxi em Sydney e pede um para levá-lo para casa. A mulher do outro lado da linha desliga na cara dele e ele parece desolado. Ele começa a cantar “Show me the way to go home” [Mostre-me o caminho para ir para casa] e o público canta junto. O U2 inicia “Lemon” e Macphisto desliza sobre o palco, caminhando como se tivesse cascos fendidos, andar que Bono e Edge criaram em sua sala de ensaios em Dublin. Ficou ótimo. O tornozelo torcido de Bono pode torturá-lo amanhã, mas hoje ele está andando devido à duas doses de showbiz, o melhor anestésico de todos.

Mais tarde, nos bastidores, todo mundo se sente ótimo. As provas finais acabaram. O U2 tem muitos amigos em Sydney, incluindo a irmã de Edge e seu marido, o cunhado de Bono (irmão de Ali) e sua família. Há uma tenda de bilhar montada perto do camarim da banda, e é lá que eles estão conversando com seus familiares e jogando bilhar quando o walkie-talkie de Eileen Long toca. Sheila Roche está chamando da lotada sala social de McGuinness. “Eileen, a banda deixaria Kennedy entrar e dizer oi?”

“Quem é Kennedy e por que a banda iria querer conhecê-lo?” “Ela é uma VJ da MTV. Veio direto dos Estados Unidos”. Eileen se aproxima de Edge, que está no meio de um torneio de bilhar de vida ou morte. Ele diz que sim, mande-a entrar. Kennedy aparece vestindo um pijama masculino e diz a Edge: “Oi, você gostaria de sair comigo?” Edge não sabe o que dizer. Ela acrescenta: “estes seios são de verdade!”

Kennedy explica que ela quer escrever um livro sobre encontros com homens famosos. Edge diz: “Se eu te levar para sair, não poderá escrever sobre isso”.

Kennedy decide tentar com Larry. Ela diz a ele que seu sonho seria sair com Larry Mullen Jr. *e* Larry Mullen. O Sr. Larry diz à Kennedy que ela terá de ligar para a namorada dele e explicar para ela. Eu sugiro à Kennedy que o livro se chame “Encontros com os Grandes”. Ela diz que não, pois tem um título mais atraente: “Estupro”.

Existe um rumor rolando de que McGuinness disse à Kennedy que Lou Reed tem que ficar em um estúdio todas as noites, esperando para transmitir sua metade do dueto com Bono em “Satellite of Love”. Dizem que ela acreditou, mas, por aqui, está muito difícil saber quem está enganando quem.

---

# 49. Mergulho Livre

**bono rouba um barco / presentes ocultos do adam / uma fila pra dançar conga se forma no bar gay / uma aposta sobre cuecas / adquirindo uma perspectiva pós-sexual / bono furta uma garçonete / obrigação! festa na praia**

NO DOMINGO à tarde, a Polygram Austrália contratou um pequeno iate para levar o U2 e quarenta convidados em uma tour de quatro horas pelo Porto de Sydney. A família do irmão de Ali. Jill, irmã do Edge, e seu marido Tim, e muitos da equipe da turnê se amontoam no barco. Bono pára para dar autógrafos a crianças no cais. Adam vai direto para baixo, encontra uma cabine de dormir e vai para a cama.

O restante de nós devora um buffet chique enquanto a Sydney Opera House flutua pela janela[1], e a rádio tocando ao fundo recebe ligações sobre o pay-per-view do U2 da noite anterior. Um ouvinte da Carolina diz que ele assistiu pela TV nos EUA e o som não estava bom o suficiente — mas ele gostou quando o U2 "foi para um pequeno palco e fez tipo um 'Acústico MTV'". Bono e Larry, com seus pratos em seus colos, gemem. O DJ pergunta ao ouvinte como ele classificaria o show em uma escala de um a dez. "Sete e meio". Bono e Larry mostram o dedo do meio para ele, à moda irlandesa.

Infelizmente, o garoto da Carolina pode ter tido razão para reclamar. Chega a notícia de uma grande falha na transmissão da noite passada — a primeira meia hora do show foi transmitida em mono ao invés de estéreo nos EUA. Isso provavelmente soou horrível. Bono está atordoado, e diz calmamente: "Temos que entrar com processo".

Agora, tem uma coisa que você deve tomar cuidado quando for navegar com Bono. Ele gosta de roubar barcos. É uma excentricidade cujas raízes eu não gostaria de imaginar, mas quando o desejo o alcança, pode deixar qualquer um ao redor dele em apuros. Ele tem sido joyriding[2] em embarcações roubadas desde que ele era criança e, assim como a sua proeminência, também cresceu sua cleptomania náutica. Uma vez ele estava bebendo no sul da França com seu amigo Rene Castro (o artista que ajudou a desenhar a turnê Love Town do U2 em 1989 e pintou alguns dos Trabants no palco, um ex-membro do governo de Allende e subsequente preso político chileno) quando eles ficaram sem uísque e quiseram mais. Bono, com sua precaução comprometida pela bebida, avistou um destroyer[3] no porto e disse: "Os marinheiros dos Estados Unidos me conhecerão! Eles ficarão felizes em nos darem uísque!" Então ele fez sua cara de pirata, levou Castro até a costa e roubou um barco a remo.

Eles remaram cerca de uma milha — mesmo em seu estado embriagado, o projeto estava começando a parecer um pouco duvidoso — e foram de encontro ao enorme navio. Bono pegou um remo e começou a bater no casco, gritando: "Vamos! Nós queremos uísque!" Eles devem ter causado alguma impressão, porque as luzes infravermelhas acenderam e havia todo tipo de gritos no convés. Bono se forçou a se concentrar o suficiente para descobrir que os gritos não eram em inglês. Eles estavam batendo em um

[1] A Casa de Ópera de Sydney - em inglês Sydney Opera House - é considerada Patrimônio Mundial pela Unesco e está localizada sobre a Baía de Sydney.

[2] Quem pratica uma modalidade de "pega", "racha" onde o veículo usado é roubado.

[3] Navio de guerra rápido e manobrável de longa duração destinado a escoltar navios maiores em uma frota, comboio ou grupo de batalha e defendê-los contra atacantes menores e poderosos de curto alcance.

navio de guerra francês. Os franceses não têm senso de humor sobre coisas desse tipo. Bono olhou para o companheiro. Castro estava usando uma camiseta da P.L.O[1]. Bono entrou em pânico. Sem falar do que eles seriam acusados. Ele disse a Castro para começar a remar. Por cima do ombro, ele podia ver os franceses abaixando o que parecia ser um tipo de embarcação de perseguição na água.

Isto não foi um incidente isolado. Em outra ocasião, Bono convenceu os trabalhadores ingleses, que estavam consertando a casa dele na França, que seria divertido se eles ligassem uma lancha e a levassem para dar uma volta. Um barco da polícia os perseguiu, e apesar de terem chegado à costa e se separado, dois do grupo de Bono foram capturados e presos. Bono teve que ir à delegacia no dia seguinte e pedir desculpas formalmente.

Bem, uma vez na Suíça, em um dia não muito diferente de hoje, Bono saltou de um barco em movimento para a água. McGuinness se apavorou e mergulhou atrás dele, ganhando para sempre seus 20%.

Então, é com uma iminente sensação de problemas que eu vou para o fundo do barco e encontro Bono e Libby, o amigo australiano do U2, se despindo. Bono vira e mergulha no porto de Sidney. Sua cabeça balança a poucos metros de distância, cuspindo o pequeno charuto que ele tinha entre os dentes e dizendo "Maurice, vamos!" Maurice, com seu habitual suspiro cansado, abaixa a bebida, diz: "De volta ao trabalho", tira suas roupas e pula na água.

No convés superior, alguns dos convidados do U2 estão se reunindo para assistir ao show. Bono está nadando em direção às lanchas ancoradas em frente às casas de luxo nesse trecho de mar. Maurice está nadando atrás dele. Bono sobe a bordo de um barco e tenta furiosamente fazer com que o motor ligue. Maurice fica perto, pronto para se atirar na frente de qualquer bala que possa vir na direção de Bono. Desistindo de sua primeira escolha, Bono nada de barco em barco. Claramente, ele não é o commando[2] responsável por dar a partida. Desesperado para pegar um grande barco, ele pula de volta na água e nada até um pequeno cais privado, onde ele furta um bote e remos. Eu posso ver um homem saindo de uma das casas na colina sobre o cais, olhando para a água. Eu tenho visões de Bono sendo pescado, estripado e frito no jantar. O homem na colina volta para dentro, talvez para chamar a polícia, talvez para pegar uma espingarda. Bono e Maurice, inconscientes, remam.

Finalmente, Bono rema até outra doca e apresenta seu bote salva-vidas roubado a um cavalheiro chamado Herbie, que está parado ali, olhando para esta aparição molhada de cueca preta. Bono pede a Herbie para se certificar de que o cavalheiro na colina receba seu barco de volta. Então ele mergulha de volta ao porto, Maurice ainda em escolta, e nada de volta ao nosso iate. Ele tira a cueca molhada, enrola-a, joga-a no mar, dizendo: "E a sra. Herbie pediu isso".

Bono diz aos sobrinhos de Ali que ele espera que eles tenham aprendido uma importante lição hoje: "É bom roubar".

Eric Hausch, o segurança de Bono, observou toda a ação do tombadilho. Sem dúvida, ele teria pulado se Bono estivesse em perigo, mas ele não iria nadar como um idiota enquanto ele estivesse à vista. Agora,

---

[1] A Organização para a Libertação da Palestina (P.L.O.) é uma organização política e paramilitar tida pela Liga Árabe desde outubro de 1964 como a "única representante legítima do povo palestino".

[2] Soldado ou operário de uma força de soldados de elite ou de operações especiais, muitas vezes especializado em desembarques anfíbios, pára-quedismo ou rapel.

certo de que o chefe está de volta a bordo e seguro, Eric decide se divertir um pouco com seu comandante, Jerry Mele. Jerry é um brincalhão reincidente, por isso Eric fica encantado ao ver uma oportunidade de acabar com ele. Ele faz uma ligação para o hotel e coloca o chefe de segurança na linha. Então Eric entra em ação: "Jerry! Bono pulou do barco e foi levado para a cadeia apenas com sua cueca! Ele não tem dinheiro! Ele não tem identidade! Eles acham que ele é um ladrão de barcos! Temos que descer e tirá-lo de lá!"

"Oh, merda! Merda! Quem eu conheço lá embaixo? Eu tenho que pensar! Que merda!" Jerry está a meio caminho da porta da delegacia antes de Eric rachar de rir e sofrer um punhado de maldições, rindo o tempo todo.

***

Algumas horas depois, Bono toma banho e está alerta, sentado em sua varanda, quarenta andares acima do Porto de Sydney, bebendo Kahlua e vodca e observando a linda cidade que se estende diante dele. Sinatra está cantando "One for My Baby" ao fundo. As luzes de Sydney brilham douradas, o céu noturno é púrpura e, na cobertura do outro lado, uma gueixa em traje completo está arrumando suas telas, esperando um visitante.

"Eu comecei a escrever as músicas que se tornaram *Achtung Baby* naquele prédio ali", Bono diz, apontando para outra torre. "Você vê aquela torre de apartamentos em frente a ele? Havia uma mulher morando lá que eu costumava ver quando chegava às seis, sete da manhã. Ela estava acima do peso, tinha um corte de cabelo punk e costumava chegar em casa no mesmo horário que eu. Eu inventei uma vida inteira para ela - que ela dirigia um clube punk, que seus pais financiaram isso para ela. Eu comecei a observá-la através de um telescópio". Ele ri e diz: "Nós usamos muito esse pretexto em nome do reconhecimento!"

Ele bebe seu White Russian. "Uma noite eu estava olhando para ela e, por acaso, olhei duas janelas acima dela. Havia outra mulher com outro telescópio me observando! Fiquei furioso! Fiquei tão ofendido. Eu pulei e a chamei de vadia e fechei as cortinas".

Nós rimos e nos sentamos em silêncio, estudando todo o panorama. "Você sabe", Bono diz baixinho, "a maioria das pessoas no mundo nunca vai conseguir ver isso".

Uma hora depois, Bono está em um restaurante tailandês, com o irmão de Adam, Sebastian, Edge, Morleigh, a irmã de Edge, Jill, e seu marido, Tim. Tim, que cresceu no mesmo bairro dos Evans e Claytons, agora trabalha para a Polygram (atual Universal) aqui na Austrália. Como está fadado a acontecer neste tipo de reunião, as histórias de infância dominam a conversa. Sebastian diz que se lembra de um garotinho pulando em cima de Edge e batendo nele o máximo que podia, enquanto Edge não dava a mínima atenção. Tim diz que ele se lembra de ter sido golpeado na cabeça por Adam com uma arma de brinquedo. Bono diz que sua grande lembrança da casa dos Clayton é que foi o primeiro lugar onde ele comeu espaguete.

"Eles não serviam espaguete na minha vizinhança", diz ele. Ele estava tendo problemas para descobrir como enrolar isso em seu garfo quando a Sra. Clayton disse: "Ah, tudo bem, Paul. Não há problema em apenas cortar em pequenos pedaços e comê-lo". O jovem Bono ficou feliz em fazer isso, mastigando, quando a Sra. Clayton notou o pequeno Sebastian tendo o mesmo problema e repreendeu, "Sebastian! Você vai comer direito ou eu tenho que cortar para você como um bebê!" O rosto de Bono ficou vermelho e ele se enfiou num guardanapo.

À medida em que as garrafas de vinho são esvaziadas, todos concordam que, quando criança, a grande reivindicação de Adam à fama era sua virtuosa capacidade de peidar no momento perfeito. Enquanto o

professor de inglês fazia seu ponto poético mais comovente, Adam faria o mesmo. Bono diz que no ano em que se sentou ao lado de Adam, suas notas em inglês despencaram. Edge diz que o status lendário de Adam entre seus colegas de escola foi garantido na hora em que ele deixou um grande peido escapar na sala de aula e disse à professora irritada: "Sinto muito, minha senhora, acabou de escorregar do meu traseiro".

Os pratos são esvaziados e a turma considera para onde ir e acaba se instalando em um clube gay na rua. A irmã de Edge chega até as flamejantes rainhas de karaokê no salão externo e diz que é hora de Tim e ela encerrarem a noite. Bono entra mais ao fundo no clube, chegando a um enorme bar, onde homens homossexuais em trajes selvagens dançam nas mesas e percorrem o bar. Um homem vestido com uma cabeça de búfalo está batendo em um sujeito vestido como o papa com uma pena muito longa.

Bono faz uma pausa para deixar Edge tirar sua foto abraçando uma espécie de Batman com cabeça de bisão. Um coro formado espontaneamente, canta e dança loucamente ao som de "Go West", do Village People, quando quem eu vejo parado com os braços cruzados no meio daquela cena, senão o lindo heterossexual Larry Mullen - que devo dizer neste contexto carrega mais do que uma semelhança passageira com um daqueles Macho Men que o Village People tão eloquentemente celebrava.

"Clubes gays são o melhor lugar para irmos", grita Larry no meu ouvido acima da música. "Ninguém nos incomoda, não há o idiota que você encontra em outros clubes que só tem que se levantar e tentar começar uma briga. Eles nos respeitam e estão contentes em nos receber. A comunidade gay está sempre na vanguarda da música. Tenho orgulho de que eles gostem do U2 e venham aos nossos shows. Eles não veem no U2 essa merda machista que está por baixo de todo o rock. Eu tenho muita disponibilidade para a comunidade gay".

Boy George ganhou muita publicidade na imprensa britânica dizendo que ele se sente atraído por Larry. Quando ele veio a público pela primeira vez com o seu *crush*, em meados dos anos oitenta ("Eu gosto do baterista no U2! Toda vez que ouço Bono cantar 'eu ainda não encontrei o que estou procurando', eu sinto vontade de gritar: 'Olhe para trás!'") Larry ficou constrangido. Agora ele diz que tem uma atitude totalmente diferente. "Eu tomo isso como um elogio!"

Quanto mais bebidas são consumidas e a música fica mais alta, o U2 e seus amigos são atraídos para a festa. Finalmente um trenzinho de rumba começa a serpentear pela sala, as mãos de todos nas bundas da pessoa na frente delas. À medida que o trenzinho é espremido, um movimento de colisão assume o controle, até que o trem de corpos pareça uma orgia de lagartas. Edge chega por cima dos ombros da mulher entre eles e acaricia o peito de Larry, o que inspira outra mulher a levantar a camisa de Larry e lamber seu abdômen. Larry balança para trás e todo o trem desmorona em uma pilha no chão.

Os membros do U2 se recompõem e concordam que é hora de ir. Edge e Morleigh vão para casa, mas Larry e Bono estão em busca de outro clube. Eles vão para uma discoteca hétero do outro lado da rua. Eles são reconhecidos na entrada, escoltados para o andar de baixo e colocados numa plataforma levemente elevada atrás de uma corda de veludo. Um homem pequeno e magro com um chapéu com abas se aproxima da corda e Bono se sobresalta, acena para ele, e então dá um grande abraço nele. É um fotógrafo amigo do U2 de viagens anteriores à Austrália, que costumava se travestir de mulher. Bono ri, o apresenta e pergunta o que há de novo. "Bem, sou soropositivo".

Bono envolve seu amigo em uma intensa conversa enquanto Larry pede bebidas e estuda a sala cheia de dançarinos, a maioria dos quais está analisando Bono e Larry de volta. É difícil dizer que lado dessa corda de veludo representa os turistas e de que lado os macacos, mas estamos todos no zoológico. Na próxima

meia hora, um ritual bizarro se desenrola. As mulheres se acumulam ao longo da corda, exibindo-se para o U2. Eles lambem os lábios, piscam, gesticulam sugestivamente. Joni Mitchell me contou uma vez, sobre ir à mansão da Playboy com Warren Beatty e Jack Nicholson. Ela disse que cada coelhinha e dançarina que se aproximasse das duas estrelas de cinema iria mostrar qual parte de sua anatomia - seios, bumbum - era mais desenvolvida. Eu entendo agora que Joni não estava exagerando. Algumas dessas mulheres estão deslizando a corda de veludo entre as pernas. Algumas estão se esfregando nos postes nos quais a corda está suspensa. Elas não estão mais olhando para Bono e Larry como animais em uma gaiola, elas estão olhando para eles como um hambúrguer em um prato.

Pela primeira vez na minha vida eu sou um pouco solidário com a defesa de Mick Jagger a músicas sexistas dos Rolling Stones como "Stupid Girl". Jagger sempre disse que quando você está na posição dos Stones, você realmente encontra muitas mulheres assim. Eu imagino que é um trabalho de artista subir acima desse nível, mas o que você sabe? Seria muito difícil objetificar mais algumas dessas mulheres descritas, mais do que elas próprias se objetificam. Quando as pessoas fazem de sua sexualidade uma mercadoria e a jogam na sua cara, não demora muito - se você não está interessado em aproveitar a oferta – em se afundar num desprezo vagamente divertido. Não está certo, não se justifica, mas parece ser o que acontece com muitas estrelas do rock. Talvez isso aconteça com estrelas de cinema e políticos também. Se as pessoas ao seu redor agirem como prostitutas, será fácil agir como um cafetão.

Fiz uma anotação na primeira vez que ouvi *Zooropa* durante todo o tempo em que o álbum me pareceu "pós-sexual". Olhando para essa anotação mais tarde, não consegui entender o que pensava que isso significava. Agora eu lembro! Está ligado ao comentário de Bono na festa de travestis em Nova York, que ele agora sabe como é se sentir um bebê. Os astros do rock no nível do U2 estão na posição muito estranha de saber que, se sentem vontade de fazer sexo com uma mulher bonita, há centenas de pessoas ansiosas para se voluntariar a qualquer momento. Os raros homens que se tornaram grandes estrelas do rock para se encontrarem nessa situação incomum também (a) as ignoraram, de modo a não alienar um público incapaz de se identificar com tais circunstâncias (como com Springsteen) ou (b) usaram-na para vender fantasias de modelos para adolescentes (como o Aerosmith). Mas, de fato, à parte a moralidade, um homem livre da necessidade de buscar sexo pode se deparar com uma perspectiva muito estranha sobre o comportamento humano. O sexo perdeu muito de seu poder sobre ele. A atitude que senti durante a primeira escuta de *Zooropa* era aquela em que o sexo não era mais uma questão muito interessante, pois o dinheiro deixa de ser um problema para os muito ricos: os personagens haviam passado para outras coisas. Agora, estou pensando que seria ótimo se o U2 ou, melhor ainda, o Mike Jagger abordasse o assunto de frente: o que significa ser homem e estar satisfeito? Isso seria realmente um novo terreno para o rock & roll, onde a maioria dos homens são tão prisioneiros dos seus *pintos* que não são capazes de pensar além disso até que estejam mortos.

Uma mulher com pernas muito longas em uma minissaia muito curta conhece o rapaz que está guardando o pequeno pódio do U2, e ela consegue passar pela corda e começa a dançar ao lado da banda - como se ela já estivesse lá e não tivesse notado nenhum rockstar. Ela se aproxima cada vez mais de Bono, mantendo os olhos fixos na sala. Finalmente ela consegue chamar sua atenção. Ele não está, no entanto, interessado. Ele está flutuando em álcool. Ele se inclina em meus ouvidos como *Henry Higgins*[1] estudando uma curiosidade antropológica.

---

[1] Personagem de My Fair Lady, que conta a história de *Eliza Doolittle*, uma mendiga que vende flores pelas ruas escuras de Londres em busca de uns trocados. Em uma dessas rotineiras noites, *Eliza* conhece um culto professor de fonética *Henry Higgins* e sua incrível capacidade de descobrir muito sobre as pessoas apenas através de seus sotaques. Quando ouve o horrível sotaque de *Eliza*, aposta com o amigo *Hugh Pickering*, que é capaz de transformar uma simples vendedora de flores numa dama da alta sociedade, num espaço de seis meses.

“Que cor de calcinha você acha que ela está vestindo?” ele pergunta.

“Bem”, eu digo, “o sutiã dela está pendurado e é preto, então suas calcinhas devem ser pretas”.

“Hmmmm”, Bono diz com o desapego de um professor embriagado. “Eu acho que ela é do tipo que usa um sutiã preto e uma calcinha branca de menininha”.

“Você está louco”.

“Dez pratas para dizer que estou certo”.

“Fechado”.

Eric, o segurança de confiança de Bono, está como sempre parado, indiferente ao campo de visão de Bono. Bono acena para ele para vir e cochicha no seu ouvido. Eric sorri e estuda a situação. Ele tira o líquido de uma pequena mesa de café na nossa frente, ajuda e pega a dançarina pela mão, e sugere que ela suba na mesa. Ela aproveita a chance e começa a dançar loucamente diante de nós, com a cabeça roçando o teto.

Bono dá a Eric o sinal de positivo e nós vamos em frente pra acertar nossa aposta. Quando estamos prestes a ver quem ganhou a aposta, uma luminária brilhante dá um flash nos nossos rostos. Alguém tinha recém tirado uma foto humilhante e nos cegou no processo. Nós caímos pra trás esfregando nossos olhos enquanto a dançarina sai da mesa e volta para o chão.

“Eu não vi nada”. Bono diz no meu ouvido. “E você?”

“Eu ainda não consigo ver nada”, eu digo, a face de Bono ofuscada por uma mancha roxa flutuante. “Pelo menos você estava usando aqueles óculos de soldador”.

Mais adiante, a dançarina - que Bono corretamente descreve como uma amazona, encerra sua dança maluca e pula entre nós. “Você pode nos mostrar sua calcinha?”, pergunta Bono.

Ela sorri e levanta o vestido até a cintura, mostrando uma alça negra. Bono abaixa a cabeça em derrota. “Esses são dólares americanos, Bono”, eu digo.

Ele enfia a mão no bolso e me entrega uma nota de cinquenta.

Assim que nós deixamos o clube, nos sentindo um pouco envergonhados, Bono diz: “Há uma coisa peculiar que as vezes acontece quando você flerta. No fim da noite, quando uma pessoa se dá conta que você não quer dormir com ela, isso pode ferir seus sentimentos. Mas da próxima vez que elas te veem, elas decidem que gostam mais de você por isso”.

Sem dúvida é verdade, mas não há garotas como a garçonete que nos serve no bar/discoteca/restaurante onde ficamos. Ela parece uma fada, como *Sininho*. Ela tem um cabelo loiro curto, olhos amendoados e sobrancelhas pontiagudas, e ela cuida de uma sala cheia de bêbados barulhentos com a desenvoltura de uma enfermeira-chefe de uma ala pediátrica. Nós perdemos Larry Mullen nas nossas viagens, mas nós encontramos Fightin' Fintan Fitzgerald e ele está de aniversário! Essa é toda a desculpa que Bono precisa pra manter as bebidas fluindo e planejar algum ato especial de aniversário. Várias pessoas que encontramos no último bar estavam no local, incluindo a dançarina de mesa de pernas compridas. Deve

ser quatro da manhã, mas desde a viagem de iate até a varanda de Bono, do jantar de tributo à flatulência juvenil de Adam Clayton para o bar gay, da discoteca da libido solta até esse lugar, muito álcool foi ingerido para qualquer pessoa se importar. Ou para alguém se opor quando Bono dá um tapa na mesa e grita: "Quem está a fim de nadar?"

Há um pequeno murmúrio, o qual Bono silencia ao anunciar: "É o aniversário de Fintan! Nós devemos ir nadar por ele!"

O que dizer sobre nosso estado mental se esse argumento convence a todo mundo, incluindo Fintan? Em breve o pobre Eric foi mandado para um hotel próximo para tentar comprar toalhas. Ele volta sem elas. Bono chama nossa garçonete fada e pergunta se há toalhas aqui que nós possamos pegar emprestado para uma viagem curta para a Bondi Beach. Ela balança a cabeça negativamente. Tudo certo, diz Bono, quem precisa de toalhas? E nós saímos do café e entramos em nosso carro.

De repente nossa garçonete vem nos interpelar do lado de fora como se nós tivéssemos escapado do checkout. Ela está carregando um braço cheio de toalhas de mesa brancas, as quais ela coloca no banco de trás. "Não são toalhas", ela diz, "mas são melhores que nada".

Obviamente essa é a melhor mulher do mundo! Bono insiste em levá-la junto. "Não, não", ela ri. "Não posso".

"Sim!" todo mundo grita. "É o aniversário de Fintan!" e com isso Bono a coloca dentro do carro. Outros clientes que estão sentados nas mesas do lado de fora do restaurante aplaudem.

"Não", ela diz. "Eu perderei meu emprego!"

"Sim!" Bono ordena.

"Ah, quem precisa de um emprego?" Ela sorri quando o carro dá a partida e os clientes voltam para a calçada.

Bondi Beach é grande; Bondi Beach é linda; Bondi Beach está vazia; e as 4 e meia da manhã, Bondi Beach é extremamente congelante. Dizem que há forte repuxo ali - há vários avisos para os turistas sobre afogamentos. Nós preferimos mandar Fintan primeiro. Fintan é destemido. Em instantes nosso garoto aniversariante está com sua vestimenta de aniversário indo em direção ao oceano. Ele pula no mar e um momento depois ele aparece como uma rolha e vem correndo de novo.

Bono é como o Sargento Fury[1]. Sempre pronto para tomar a frente. Ele tira sua roupa na areia e vai para o mar, se sacudindo, mergulhando e chamando por todo mundo para seguí-lo. Não muito depois todo mundo entra, mergulhando sob as estrelas. A garçonete fada entra tão relaxada como se ela estivesse sozinha em sua banheira. Um segundo carro nos seguiu - a dançarina da mesa e as amigas dela da discoteca. Bono está pegando uma grande onda quando ela sobe da água como um golfinho quebrando a onda, assustando-o. Bono consegue ouvir Eric atrás gritando: "Não vá tão longe! Há um repuxo! Não vá tão longe!".

---

[1] Nicholas Joseph "Nick" Fury é um personagem fictício que aparece nas histórias em quadrinhos publicadas pela Marvel Comics, conhecido por ser agente e depois líder da agência secreta de espionagem S.H.I.E.L.D.

“Não se preocupe”, a dançarina da mesa diz a ele. “Eu sou salva-vidas!” Um pouco depois todo mundo senta na areia, se esfregando nas suas toalhas de mesa, assistindo o sol nascer. A garçonete fada parece ser uma estudante de ciências políticas e está analisando Bono sobre algumas de suas frases políticas ditas no palco, o que o deixa com os olhos vermelhos e surpreso, enquanto tropeça para formular respostas inteligentes. Enquanto isso, nosso golfinho Salomé está olhando fixamente para Bono como se ela esperasse começar a dar a luz aos filhos dele, e Fintan está rodando a praia procurando pelos óculos Fly perdidos. “Achei!” Fintan diz, o que indica que podemos ir embora.

Bono levanta, tira a areia do corpo e começa a falar. A garçonete sequestrada diz: “Mais devagar”. Oh-oh. “Você me tirou do trabalho no meio do meu expediente”, ela lembra Bono. “Você vai voltar e explicar isso para meu chefe”.

Essa mulher será a presidente da Austrália um dia. Nossos calçados estão ensopados, nossos bancos estão cheios de areia, e o céu está ensolarado quando nós voltamos para o restaurante. Os clientes da madrugada nas mesas do lado de fora se tornaram a clientela do café da manhã e claramente a lenda da garçonete perdida se tornou um assunto mais quente que as panquecas. Assim que *Sininho* sai do carro, os clientes aplaudem e assobiam. Ela saiu como uma garçonete e voltou como uma lenda.

Ela pega Bono pelo braço e adentra junto com ele no restaurante. Seu chefe vai ao seu encontro na entrada. “Você não costumava trabalhar aqui?” ele pergunta.

“Eu gostaria de te apresentar Bono”, diz ela convenientemente. “Ele pode explicar”. Bono olha ao redor. O povo todo está atento para ouvir o que ele tem a dizer. “Há uma explicação perfeita”, diz Bono, enrolando enquanto ele tenta pensar em uma. “Veja ... nós precisávamos de um salva-vidas...”

Ele continua, conta uma história mirabolante e logo os clientes aplaudem e pedem que o chefe perdoe a garçonete.

“Tudo bem”, diz o chefe, “você pode ter seu emprego de volta”. Aplausos da audiência. Ela volta para dentro do restaurante para terminar seu turno, carregando no braço um monte de toalhas de mesa úmidas.

---

# 50. Dia Mundial de Combate a AIDS

**o vôo da equipe da zoo tour / a alma de bono deixa seu corpo / degustação de vinhos na nova zelândia / o problema inglês-irlandês levanta sua cabeça / uma meditação sobre o estrelato / monte cavendish crescendo em uma gôndola que range**

Não há avião de transporte para a turnê do U2 da Austrália para a Nova Zelândia ou da Nova Zelândia para o Japão. A banda e a equipe, em vez disso, pegam companhias aéreas comerciais, muitas vezes comprando todos os ingressos em um vôo. Isso significa que o U2 e os vinte ou trinta membros da equipe da organização dos shows viajam pelo ar do Pacífico com muitos dos duzentos técnicos, construtores, montadores, carpinteiros e outros roadies radicais que tiveram a maior parte dos dois últimos anos para aperfeiçoar sua etiqueta em companhias aéreas. Enquanto nosso vôo fica na pista de decolagem, em Sydney, esperando para decolar para Christchurch, a aeromoça se aproxima para dizer as instruções de segurança e percebe que é comissária de bordo na viagem dos malditos.

"Por favor, certifique-se de que seus cintos de segurança estejam afivelados", diz ela, e duzentas fivelas do cinto de segurança são acionadas, um clique-clique de 30 segundos. "As saídas estão localizadas..." Quatrocentos braços se agitam no ar, imitando seus gestos instrutivos. Ela se esforça para continuar. "Em caso de perda súbita de pressão de cabine, as máscaras de oxigênio cairão". Ela coloca uma máscara de oxigênio plástica na frente do rosto e duzentas mãos seguram duzentos tênis sujos e os balançam pelos cadarços. "Coloque a máscara de oxigênio sobre o seu rosto e respire normalmente". Todos os roadies seguram seus tênis sobre os narizes e inalam alto. "Para inflar o colete salva-vidas..." Duzentos sacos inflados no ar estouram de uma só vez. "Há um apito para atrair a atenção ..." Todos assobiam. "Seu cartão de segurança está no bolso do banco à sua frente". Duzentos cartões plásticos de segurança são erguidos e agitados. "Por favor, tenha cuidado ao abrir os compartimentos superiores, pois os objetos podem se mover durante o vôo". Duzentos pequenos travesseiros de avião voam pela cabine. A aeromoça se retira para a cozinha e o avião se dirige para a pista e para o azul selvagem.

No ar, David Guyer, o segurança e parceiro de motocicleta de Larry, levanta-se, pega o microfone da comissária de bordo e anuncia que vai apresentar um troféu a Larry Mullen por percorrer 10.000 milhas em sua motocicleta durante o curso desta turnê. Larry andava em todos os tipos de clima, em todos os tipos de terreno, diz David. "Ele tem colhões".

Um grito vem dos roadies: "Mostra-nos os teus colhões, Larry!"

A noite cai enquanto estamos sobrevoando o terreno acidentado da ilha do norte da Nova Zelândia. Quando pousamos em Christchurch, em direção ao fundo da ilha sul, indo para o fim do mundo, é tudo escuro e frio. Alguns repórteres estão esperando na pista do aeroporto para entrevistar o U2. Edge e Bono se aproximam e falam com eles.

"Ouvimos dizer que há alguns ingressos gratuitos", diz Bono. "Estamos muito chateados. Madonna não está vindo. Michael Jackson não está vindo. Eles apenas *gostam* de vocês. Mas nós *amamos* vocês".

Um repórter pergunta: "Os neozelandeses podem esperar algo diferente para seus shows?"

“O maior show da Terra”, diz Bono calmamente. Ele os agradece por terem vindo e entra no carro que o está esperando.

Mesmo que seja o primeiro dia do verão, ainda está muito frio tão perto da Antártida, e os ingressos para o show ao ar livre do U2 não venderam bem. Quando a banda veio pela última vez aqui, em 1989, havia um tremendo interesse local no U2. Um jovem fã maori chamado Greg Carroll foi contratado pela banda em 1984 e levado para a estrada com eles. Quando a turnê terminou, Greg continuou, mudando-se para Dublin e trabalhando para Bono. Um dia, em 1986, Greg estava na motocicleta de Bono quando ele encontrou Guggi. Eles decidiram trocar de moto, de brincadeira. Greg podia não estar preparado para a máquina mais poderosa de Guggi. Ele saiu pela estrada, direto em um motorista bêbado que se virou sem sinalizar. Ele bateu a moto e morreu.

Bono e Larry acompanharam o corpo de Greg de volta à Nova Zelândia e compareceram ao seu funeral maori. Bono escreveu uma canção sobre a experiência chamada “One Tree Hill” e dedicou o álbum em que ela apareceu, The Joshua Tree, para Greg. Essa música, e a história por trás disso, receberam grande atenção na Nova Zelândia, e quando o U2 apareceu por lá novamente, eles foram tratados como o papa. Houve até mesmo o que os jornais locais chamaram de tumulto do lado de fora do show de Christchurch em 1989, quando alguns milhares de fãs que não conseguiram ingressos, entraram em conflito com a polícia.

Desta vez, porém, o U2 é apenas mais um artista estrangeiro com ingressos caros. Quando chegamos à cidade, vejo uma gangue de garotos zombando dos pôsteres do U2 presos nas paredes, gritando: “Não estou te incomodando, estou?” citando Bono em *Rattle and Hum*. Eles riem e cambaleiam pela estrada.

Bono está de mau humor quando entra no Park Royal Hotel e se dirige direto para seu quarto. Ele liga a CNN e L. J. Ferentz, a massagista da turnê, entra para enfaixar o tornozelo torcido. Bono é praticamente alheio às suas ministrações. Ele geralmente fica desconfortável em relação aos massagistas. Na Califórnia, um massagista japonês começou a gritar com ele, jogou-o fora da mesa e bateu nele, enquanto gritava “Relaxe! Relaxe!” Há também tendências de crenças na Nova Era[1] entre muitos na profissão que estão em desacordo com o cristianismo de Bono.

“Eles costumam ler auras, etc, e eu não tenho tempo para isso”, ele me disse certa vez. “Além disso, por alguma razão, eles sempre veem uma aura vermelha brilhante ao meu redor e começam a surtar. Uma mulher começou a se curvar para mim e me chamar de Alteza ou algo assim”.

L. J. é muito menos insistente. Mas sentindo o quanto Bono está tenso enquanto trabalha no tornozelo, ela tenta convencê-lo a fazer uma massagem. Ele diz que não. “Ok, então”, ela diz, “vou fazer suas polaridades”.[2] Bono revira os olhos. L. J. começa a sacudir os dedos rapidamente através da testa de Bono enquanto ele mostra um programa de concentração na televisão, que ele sabe que ofende massagistas.

De repente, Bono experimenta um grande estalo cósmico e fica chocado ao ver-se flutuando para fora de seu corpo, saindo do hotel e voando pelo céu acima da cidade. Ele faz alguns movimentos em linha e espiral e, em seguida, executa uma reentrada, desembarcando de sua rotação ectoplasmática de volta ao seu corpo em frente à TV. Bono fica bastante fascinado e um pouco abalado, mas ele se recusa a admitir para L. J. que ele sentiu alguma coisa. Depois que ela sai, ele fala com Edge e Morleigh e tenta explicar o que aconteceu.

---

[1] Estudos metafísicos que envolvem espiritualidade e crenças variadas.
[2] Preceito da ioga.

“De repente eu estou fora do meu corpo e flutuando sobre Christchurch com L. J. pendurada no meu tornozelo!” Bono engasga. “Eu não disse a ela - eu não quero que ela venha com nenhuma outra ideia!”

“Admita”, diz Edge. “Você estava era com tesão”.

“Não, não!” Bono protesta.

“Ela estava digitando sua testa?” Edge pergunta. Bono olha para ele confuso. Edge passa os dedos pela testa de Bono. “Assim. L. J. estava tomando ditado em sua testa?” “Sim!” Bono diz: “Ela chamou isso de ‘fazer minhas polaridades’”. “Ela fez isso comigo”, diz Edge, “e eu tive a mesma experiência que você”.

“Ela fez isso comigo”, diz Morleigh, “e comecei a chorar”. “Mesmo?” Bono diz. “Isso é incrível”. Ele considera isso um novo método de viagem espacial por um minuto e, em seguida, anuncia: “Mas eu ainda não vou admitir isso para ela!”

Uma das razões pelas quais a tensão e a exaustão foram amplificadas nesta última etapa da turnê é que as datas foram escolhidas muito afastadas umas das outras, não apenas pela localização, mas pelo tempo decorrido. O U2 tem trechos de até cinco dias entre os shows, o que lhes dá muito tempo para ficar com saudades de casa, muito tempo para pequenos problemas aumentarem em grande proporção, muito tempo para ficarem entediados e tempo demais para ter problemas tentando não ficarem entediados. A banda e a maioria das pessoas ao seu redor estão assumindo o aspecto de cavalos que cavalgaram muito e não se importariam de encontrar um paradeiro para desmontar seus cavaleiros e eles pudessem lamber um pouco de sal[1].

Num esforço para preencher um dia ocioso em Christchurch, foi combinado que o U2 viajasse pelo país para almoçar numa vinícola. Logo depois do café da manhã, Bono e eu subimos num carro com Willie Williams, o designer de produção. Willie olha como se tivesse visto um fantasma. Ele está azul, um tanto quanto espaçoso, pronto para dar partida para longe, assim que nós saímos do hotel.

Eu pego uma fita-cassete caseira e o carro se completa com Leonard Cohen cantando “Hallelujah”. Cohen canta: “Eles dizem que eu tomei seu nome em vão, mas eu nem mesmo sei seu nome”, e Bono ri. No refrão, Willie – que é incapaz de cantar – começa cantarolar tristemente:

“HALLE-LUJAH! HALLE-LUJAH!” Algo estranho está acontecendo com ele.

Cohen encerra e “Nightswimming” do R.E.M. começa. “Ele é um cantor adorável, não?” Bono diz sobre Michael Stipe. Stipe canta: “Você não pode me ver nu” e Bono pergunta: “Essa música é sobre o que?”

“Na música, Stipe está olhando para uma velha fotografia”, eu digo. “É ele e alguns amigos dez anos atrás numa lagoa, onde eles costumavam ficar pelados e dar uns amassos. Ele se dá conta que aqueles dias se foram pra sempre. Por causa da AIDS, porque todos eles ficaram mais velhos e porque agora ele é famoso”.

“Ele está na banda errada”, diz Bono. “Eu nunca vou desistir de nadar à noite”.

Eu vejo que Bono está apertando a mão de Willie, acariciando seus dedos. Willie devia ter recebido algumas más notícias. Eu acredito que ele me contará quando estiver pronto. Bono insiste para pararmos e pegar

---

[1] Cavalos precisam lamber sal para se revitalizarem, com sais minerais, após longas jornadas.

uns sorvetes antes de continuar na estrada. Nós passamos por um teleférico, que vai até um restaurante no topo do Monte Cavendish e prometemos que nós pararíamos lá para um passeio, na volta para casa. O carro tem que parar uma vez e esperar que um rebanho de vacas desimpeça a estrada, e então serpenteamos por íngremes colinas verdes, descendo para as baías mais azuis que eu já tinha visto. Os colonizadores brancos só chegaram na Nova Zelândia lá por 1800, e o país parece limpo e despoluído. As montanhas são vulcânicas – elas são vistas em ângulos irregulares, mas elas são cobertas com grama e árvores, coberturas e muros de pedra, ovelhas pastando e carneiros. Há palmeiras e abetos. Para Bono, isso lembra o oeste da Irlanda, para Willie, a costa da Escócia, para mim o oeste de Maine. Eu imagino que a Nova Zelândia faz todo mundo se lembrar do lugar mais bonito que eles conhecem.

Nós chegamos na vinícola uma hora depois. Edge e Morleigh já estão lá. Edge está experimentando diferentes safras e encomendando alguns engradados para o restaurante do U2 em Dublin ("O *chardonnay* tem um certo '*je ne sais quoi*'"[1]). Há mesas de madeira em um bosque florido logo a frente, e os proprietários apresentam um fantástico banquete: salmão, presunto, legumes fritos, tomates maduros e pão quente direto do forno. Assim que chegamos, duas vacas estão brincando e jogando num cercado próximo.

"Ah, eu odeio ver vacas brincando de pega-pega", diz Edge. "Faz você pensar que o hambúrguer que você está comendo hoje podia estar brincando um dia antes".

Morleigh está combinando com o proprietário para emprestar um par de cavalos para um passeio, e recusando uma oferta de rifles. Eu estou espantado com toda a estrutura bucólica e menciono que embora o império britânico possa ter sido brutal, eles certamente estabeleceram alguma base sólida para futuras gerações ou turistas. Edge, nascido em Londres, detalha: "Realmente, isso nunca foi dito, mas se não fossem os britânicos, a Irlanda não teria arquitetura".

"Bem, nós nunca saberemos agora, não é?" diz Bono, repentinamente um irlandês de Dublin, seus ouvidos queimando na presença de um britânico.

"Woooo! Edge ri. "Você viu isso? Você viu o quão rápido ele se virou!"

Todo mundo volta sua atenção para a comida, mas Edge menciona pouco tempo depois que São Patrício era de fato galês. Bono simplesmente deixa passar. As árvores estão preenchidas com música – figuras de três notas altas. Edge está impressionado e pergunta ao dono o que está causando isso.

"São *bellbirds* [arapongas] cantando", diz o dono num forte sotaque neozelandês que para nós soa como...

"*Billboards [placas publicitárias]*?" diz Edge. "Você tem *billboards* cantantes?" As vezes, nessa turnê, as diferenças entre os sotaques irlandês, britânico, americano, canadense, escocês, galês, australiano, neozelandês, caribenho e indiano podem construir uma Torre de Babel entre falantes do inglês. No aeroporto em Sydney, Edge foi comprar cigarros e foi perguntando se ele *wanted a ten* [queria dez]. Ele pensou que estavam oferecendo pra ele cigarros *in a tin* [numa lata]. A inversão de i/e nesta parte do mundo causa todos os tipos de confusão. Se um neozelandês lhe disser que o clima de amanhã será *better* [melhor], você pode ouvir que o clima será *bitter* [hostil].

---

[1] Expressão em francês que indica algo tão bom que não há palavras capazes de descrever.

Adam chega junto com Eric, o paciente segurança de Bono, e Bret Alexander, o coordenador de viagens da turnê, e vasculha o pomar. Willie está vagando pelos bosques, olhando como se fosse seu último dia na Terra. Mais adiante, o U2 se afasta da vinícola, e segue abaixo pela costa numa pequena caravana, parando mais ou menos na hora do crepúsculo numa vila próxima ao mar chamada Akoroa Harbor. Eles tomam café num restaurante num píer e falam sobre o que todo mundo irá fazer quando a turnê acabar. Bret diz que ele e sua família irão construir uma casa em Seattle e que talvez ele trabalhe para o Pearl Jam.

Alguma parte dos futuros desempregados da equipe da Zoo TV estão esperando uma turnê do Pearl Jam no ano que vem, mas Eddie Vedder está vacilante. Com o lançamento do segundo álbum, sua cara estava estampada na capa da revista Time (sem sua cooperação – ele não daria uma entrevista para a Time) e sua fama continuou a explodir, apesar de sua recusa em fazer quaisquer vídeos para o novo álbum, que estreou na primeira posição. Eddie está ameaçando - se as pessoas não lhe derem espaço - a abandonar completamente essas disputas de superestrelas e vender fitas caseiras fora de sua casa.

Algumas coisas mudaram muito na cultura que está destruindo as pessoas que se tornam estrelas do rock. Os últimos quatro cantores que entraram no clube – Axl Rose, Sinead O'Connor, Kurt Cobain e Eddie – se tornaram publicamente infelizes com o processo. Talvez seja o fato de que há uma explosão da mídia de celebridades nos últimos dez anos – *People Magazine, Entertainment Weekly, Entertainment Tonight, MTV* e todos os programas de entrevista – que, ou não estavam lá antes, ou ignoravam o rock até então. Ou talvez seja a constatação da noção de que qualquer músico de rock que se torne popular deve estar fazendo algo errado, deve ser um vendido. É uma completa inversão da ética que predominou de Elvis ao Beatles, até o U2 – que você queria que sua banda fosse a maior coisa do mundo e alcançasse tantas pessoas quanto possível.

Alguns fãs aparecem procurando por fotos e autógrafos. Bono, Edge e Adam atendem, mas é um sinal de que é hora de voltar pra Christchurch. Está escurecendo.

A medida que fomos nos encaminhando durante o anoitecer com Willie e Eric, Bono segue na sua obsessão sobre a natureza das celebridades. O escritor Charles M. Young tem uma teoria, eu digo a ele, que o motivo pelo qual as estrelas do rock se tornam tão obcecadas com as críticas é porque, ao contrário da maioria das pessoas, as estrelas do rock controlam 99% do que acontece nas suas vidas. Então elas se tornam obcecadas com o 1% que não podem controlar. As enfurece qualquer pequena nota num jornal que aparece para debochá-las ou dizer que elas fedem. Elas querem responder a isso com um canhão.

"Eu acho que é uma visão muito sábia", diz Bono. "Eu sinto isso comigo mesmo. *Ali* recentemente sentiu isso pela primeira vez com o filme dela sobre Chernobyl. Ela recebeu algumas críticas positivas e algumas negativas, ela sentiu como se não tivesse sido citada com precisão uma ou duas vezes, e agora ela não quer ter mais nada a ver com isso. Ela foi indicada ao *Irish Woman of The Year* [Mulher Irlandesa do Ano], mas ela se recusa a fazer parte, se recusa até mesmo a tirar uma foto".

Nós andamos mais um pouco em silêncio e então Bono diz: "É muito ruim que os comediantes estejam fazendo graça de Eddie Vedder agora". Bono se refere a Howard Stern, um DJ americano e personalidade da TV que estava fazendo um quadro sobre quando o Pearl Jam apareceu pela primeira vez, Eddie Vedder era um cara feliz e sorridente e agora que ele é uma grande estrela ele está rabugento e não quer ser famoso. "Eu sei o que Eddie está passando", diz Bono.

"Com certeza", eu digo. "Ele se choca ao perceber que tudo o que ele diz é escrito, gravado e exposto para dissecação".

“Quando isso acontece”, Bono diz, “isso torna você muito sério e consciente. Foi o que aconteceu conosco em meados dos anos 80. Você se torna o Homem Sério. Agora nós levamos três anos confundindo tanto a questão que, provavelmente, as pessoas não saberão quem somos”.

“Somente na última semana que a luz vermelha acendeu na minha mente. Eu sei que o U2 ficou muito estampado no rosto das pessoas. Temos que parar agora. Produzimos dois álbuns, dois anos de turnê. Eu não sabia que o Dueto de Sinatra se transformaria em algo tão grandioso. Roger Daltrey acabou de me convidar para cantar com ele no Carnegie Hall em um programa chamado ‘Daltrey Sings Townshend’. Eu gostaria de prestar meus cumprimentos à Townshend, mas eu disse que não. Nós consideramos a gravação de uma versão de ‘Jean Genie’ para um tributo a Bowie em Tóquio. Ziggy Stardust e Aladdin Sane foram grandes influências para o U2 e devem ser reconhecidos. Mas eu disse que não. A luz vermelha acendeu com Rattle and Hum e eu a ignorei. Desta vez eu não vou”.

Uma enorme lua cheia surgiu sobre as colinas e nós olhamos para ver que estamos passando pelo Monte Cavendish e pelo teleférico que prometemos a nós mesmos darmos um passeio nessa manhã. Nós encostamos em um estacionamento na base e saímos do carro. O teleférico leva os clientes até um restaurante no alto. Gôndolas vazias cachoalham encosta abaixo, fazendo uma volta no fundo, e então sobem novamente. A placa diz que eles pararam de servir há dez minutos. A placa também diz que é proibido mais do que três pessoas em um carro. Mas nós quatro – Bono, Willie, Eric e eu – decidimos nos arriscar e cair dentro.

Quase imediatamente parece uma má ideia. Conforme subimos sobre pedras afiadas, a gôndola oscila e chacoalha ao vento. Eric fala sobre seus dias como bombeiro, tendo que passar sobre os escombros de um trágico acidente de avião recolhendo globos oculares e cérebros humanos. A lua se escondeu atrás de uma nuvem negra. Os cabos na parte de cima gemem. Rezo uma Ave Maria e penso em uma piada antiga sobre o músico que morreu e foi para o céu. Ele encontra Jimi Hendrix, Elvis Presley, John Lennon – e então vê Bono voando. “Ei”, o músico diz, “Eu não sabia que Bono estava morto!” “Não está”, Elvis responde. “Aquele é Deus – ele gosta de fingir que é o Bono”.

Nós chegamos ao Restaurante Ridge nos sentindo todos um pouco mais próximos do céu. O dono do local fica com pena e concorda em nos servir o jantar. O humor de Willie parece ter melhorado um pouco, mas seja qual for a má notícia que ele recebeu, ela ainda tem o comando da sua atenção. Nós acabamos por discutir sobre imortalidade.

“Eu não tive catecismo nas costas”, Bono diz sobre sua própria criação. Então, sobre a conversão espiritual do U2, ele explica: “Nós tivemos algo muito mais forte – uma luz branca luminosa. Estava tão quente. Mas isso nunca nos deixará. E isso fez a ideia do Deus do catecismo parecer dramática. Completamente imaculados”.

Entre si, os membros do U2 se referem aos cristãos que não fumam, não bebem e não de divertem como “Imaculados”. No início de sua conversão, no entanto, eles estavam muito firmes. Eles perceberam que poderiam substituir “Him” [Ele] em canções sobre Deus por “You” [Você] e que elas funcionariam como canções de amor. Posteriormente o sexo se tornou uma metáfora e eles então perceberam que a metáfora estava por toda a Bíblia – Tudo isso se resumia à fidelidade. E no trabalho atual do U2, de “Love is Blindness” a “The Wanderer”, ainda é assim.

Cardiff, no País de Gales, é um antro de evangélicos entusiasmados. Quando o U2 chegou lá no último verão, a caminho de Londres, eles sabiam que enfrentariam um julgamento difícil. Toda noite, ao fim da apresentação, durante a coda instrumental de "Love Is Blindness", Bono traz uma mulher para o palco B para dançar com ele enquanto a banda encerra a música. Embora pareça romântico na fraca luz azul, ele constantemente sussurra ordens ("Fique quieta, acalme-se, ouça a música, ouça a música") nos ouvidos das parceiras histéricas, segurando-as firme para impedir que pulem sem parar, levem um souvenir ou que fiquem acenando para seus amigos. Bem, em Cardiff, ele chamou ao palco uma mulher que, enquanto dançavam lentamente, dava a ele um sermão sobre aquela bobagem de Macphisto. "O que estão fazendo?", ela questiona enquanto limpa a maquiagem do rosto de Macphisto. *"O que estão fazendo?"*

Bono entendeu que ele tinha convidado uma "imaculada" ao palco. "É Eclesiastes", ele sussurrou enquanto dançava com ela romanticamente para a multidão. Ela não aceitou, estava zangada. "Você já leu *Carta de um diabo a seu aprendiz*?", Bono perguntou a ela. Ela disse que sim. *Carta de um diabo a seu aprendiz*, por Christian C. S. Lewis, é uma ficção de uma série de instruções dadas por um velho diabo chamado *Escritope* a um demônio em treinamento, sobre como corromper os mortais. Lewis descreveu seu diabo desta forma: "A perspectiva de Escritope é como o negativo de uma fotografia; seus brancos são os nossos pretos e tudo o que ele saúda nós devemos temer". Enquanto dançava com a evangélica brava, Bono invocou Escritope e disse a ela: "É o que isto é".

"Oh". Ela pensou sobre isso e então concordou, colocou seu braço sobre seu ombro e cedeu à dança.

"O U2 levou quinze anos para ir de Salmos a Eclesiastes". Bono suspira. "E é só um livro!".

Quando nós voltamos para o pé da montanha, algumas crianças estão esperando com câmeras e blocos de autógrafos. Eric, Willie e eu nos afastamos para deixar Bono fazer pose e as crianças dizem: "*Não, não, não! Por favor! O grupo todo!".* Nós tentamos explicar que não somos os demais membros do U2, mas elas não acreditam. Então desistimos e posamos. "Você sabe, Larry", eu digo para Eric, "eu não costumo me deixar ser fotografado sem meu gorro".

As crianças nos agradeceram muito, um garoto dizendo: "Meu melhor amigo adora o U2 – sem uma foto ele nunca acreditaria que te conheci!".

"Só mostre a foto a ele, filho", eu disse. "Ele saberá se você realmente conheceu o U2".

De volta a Christichurh nos dirigimos a um bar à meia noite chamado Americano. Larry Mullen está lá, bem como um punhado de pessoas da turnê. Eillen Long, do *Principle* entra – ela tem procurado Bono por toda parte. Ele deveria telefonar para a rádio de Dublin a fim de participar do Dia da Conscientização Mundial da AIDS. Ela arrasta Bono para fora pela orelha. Willie e eu vamos até o bar e pedimos bebidas.

"Este foi o dia mais longo da minha vida", Willie diz. "Recebi uma ligação nesta manhã de meu amigo na Califórnia. Ele foi fazer um checkup de rotina e descobriu que é HIV positivo".

Eu não sei o que dizer. Willie sorri, me deixando à vontade. "Por isso estive meio preocupado o dia todo. Eu contei para Bono, mas eu não quero que todos saibam. Eu não quero que as pessoas me tratem de forma diferente".

Willie se encosta no balcão do bar e encara o vazio. “Isso não significa nada, eu sei. Os cientistas estão trabalhando sem parar para encontrar uma cura”. Ele toma um drinque e diz calmamente: “Ele não contou para sua mãe ainda”. “Seus pais estão vivos, Willie?” Eu pergunto. “Não, nenhum deles”.

“Os meus também. Sabe, na vida você tem esta pequena janela – talvez dez anos – entre quando as pessoas idosas que você ama morrem e o início de sua própria geração. É como se aquela janela estivesse fechando”.

Nós brindamos por uma vida longa e dias melhores. Eu mostro fotos de meus filhos a Willie e ele diz que são lindos; ele me mostra uma foto de seu amigo e percebe que eu não tenho certeza do que devo dizer, então ri e diz: “Se você curte esse tipo”.

É o meio da noite aqui na Nova Zelândia, mas Bono está em uma ligação para a Irlanda, onde ainda é tarde. Ele está lendo na Rádio um trecho de “Requiescat”, de Oscar Wilde:

“Caixão, pedra pesada. Deite-se em seu peito. Eu incomodo meu solitário coração. Ela está em repouso.

Paz, paz, ela não consegue ouvir. Lira ou soneto. Toda a minha vida está enterrada aqui. Bastante terra sobre ela”.

Willie e eu estamos em um bar, brindando o Dia Mundial da AIDS, aqui no fim do mundo.

---

# 51. As Lutas de Adam

**clayton nas encruzilhadas / uma visita ao wonderbar / bono faz uma oferta por uma obra de arte / uma experiência asteca / larry mullen: comedido ou pão-duro? / raiar do sol sobre a one tree hill**

Oh, digamos, você pode ajustar seu relógio biológico para isso: é final de novembro, então seu corpo está preparado para formar camadas extras de gordura. Mas aqui na Nova Zelândia é o primeiro dia do verão e, embora seja um choque passar do início do inverno irlandês para o calor desagradável da Austrália, de descascar o nariz, você entra no espírito. As decorações de Natal no alto foram anuladas por queimaduras solares. Christchurch, contudo, está mais próxima do Pólo Sul, de modo que os bravos fãs se amontoam sob cobertores e tremem de frio no estádio onde o U2 se apresentará hoje a noite. Christchurch está congelando.

A banda está tocando bem, mas eles estão se movimentando mais do que de costume para espantar o frio. "Eu nunca senti tanto frio no palco!", diz Larry, quando ele se esconde atrás da cortina pra se aquecer durante o dueto de Bono e Edge em "Satellite of Love". Ele conversa por um tempo e então diz num tom de superioridade: "Pode me dar licença por um momento? Eu estou no meio de algo". Ele vira e se estabelece de volta no seu conjunto de baterias para iniciar "Dirty Day".

Adam está controlando a temperatura mais estoicamente – ele está simplesmente adicionando outra peça de roupa a cada dez ou quinze minutos, como a Madonna do *Mundo Bizarro*[1]. Ele começa o show com uma camiseta e encerra com um sobretudo, um chapéu de lã até a altura do nariz, e luvas sem pontas.

Eu não sou bobo. Eu desci para o calor do submundo, onde a equipe estava tomando uns ponches atrás do afinador da guitarra e dividindo uma garrafa de conhaque. A certa altura, um roadie rechonchudo se posiciona do lado de fora da vitrine de acrílico no pequeno set de guitarras do Dallas, como o gremlin na janela do avião em *Além da Imaginação* e insiste em vir para onde está quente. Sentar aqui, esfregando as mãos e passando a garrafa enquanto que os poderosos amplificadores de um show de rock explodem sobre nossas cabeças, é como nos aconchegarmos numa pequena cabana em Vermont, enquanto uma nevasca assola do lado de fora.

Após o show, Bono e Larry foram para o Americano, mas o boato que o U2 estava indo pra lá se espalhou e o lugar estava cheio de fãs com camisetas da banda. Os membros da banda foram levados para um canto com sofás, um de frente para o outro, e eles se sentam enquanto Eric e David fazem a segurança, formando uma barreira humana entre o U2 e os jovens, que se posicionam olhando para eles como se fosse a hora da refeição no Sea World. É impossível relaxar, então o grupo se dirige a um clube campestre nas docas, chamado Wonderbar, cheio de marinheiros italianos, velhos bêbados, e criaturas estranhas. Bono gosta de cara, Larry vai jogar sinuca, e ao longo de algumas horas McGuinness, Sebastian e o DJ da Zoo TV Paul Oakenfold aparecem lá. Um homem sem pescoço com uma cabeça esférica raspada, achatada em um corpo

---

[1] O Mundo Bizarro é um planeta fictício das histórias em quadrinhos do Super-Homem do período pré-Crise. Trata-se de um planeta simetricamente oposto ao planeta Terra, desde seu formato até o comportamento de seus habitantes. O conceito de bizarro foi integrado a sociedade como uma versão alterada de qualquer coisa. O planeta foi colonizado por um casal constituído por um clone defeituoso do Super-Homem, o Super-Homem Bizarro, e sua esposa, Lois-Bizarro, que por sua vez era clone de Lois Lane. Posteriormente, o planeta teria versões Bizarro de outros personagens do universo do Super-Homem e da Liga da Justiça. Houve também versões de inimigos do Super-Homem, como Lex Luthor, cuja versão no Mundo Bizarro era um homem de bem. *O Adam seria uma cópia defeituosa da Madonna.*

trapezoidal, aproxima seu rosto no rosto de Bono e diz que ele era amigo de Greg Carroll. Eles conversam por um instante e o homem sem pescoço volta para o bar, mas ele retorna a cada meia hora mais ou menos, pra fazer o mesmo anúncio. Um velho cachorro-do-mar de bochechas afundadas com olhos castanhos escuros implora a Bono que o leve até Tóquio. Um estivador sessentão, com uma barba branca no queixo até a altura da clavícula, se inclina sobre a mesa na frente de Bono e canta músicas irlandesas. Nada incomum, Bono continua bebendo e conversando.

Uma jovem magra, de olhos de corça, com uma capa e boina aparece e diz a Bono que ela é pintora e seu estúdio fica próximo dali, e pergunta se ele gostaria de ir. Ele olha no seu relógio e pede desculpas, pois são três e meia e ele tem um vôo bem cedo, mas se ela tiver algumas cópias coloridas de seu trabalho, ela poderia deixar no hotel dele pela manhã. No dia seguinte, no café da manhã, Bono chega mexendo nas cópias. Ele gosta muito das imagens. Ele então compra duas das pinturas dela e pede para entregarem em Dublin. Ele me mostra as cópias. Uma é um nu, claramente uma modelo de escola de arte, bastante atraente em um vermelho impressionista. A outra é um esboço de uma pintura chamada "Leite Derramado", de uma figura com olhos grandes arredondada e enlouquecida, um pouco como *O Grito*[1]. Esse Bono tem um olhar sensível.

No voo para Auckland, no topo da parte norte da Nova Zelândia e de volta à onda de calor tropical, os comissários de bordo foram avisados sobre a equipe da Zoo TV. Eles anunciam: "Em caso de despressurização, seus sapatos cairão". É um voo instável. Edge está focado em alguma revista técnica para engenheiros elétricos. Adam pergunta a Larry se ele fechou negócio no seu apartamento em Nova York. Larry diz que ele não assinou os papeis. Adam ouviu falar numa grande casa em Londres e espera correr e vê-la no caminho de volta para a Irlanda, após o Japão. Ele diz a Larry o preço e Larry, sempre vigilante, o avisa do potencial de gastar muito em reparos e modificações.

Eu menciono para Paul McGuinness que a Forbes ou uma dessas revistas que listam os artistas mais bem pagos colocam Bono em uma posição, Edge em algum lugar abaixo dele, Adam abaixo de Edge, e Larry fora da lista – um pouco engraçado, considerando que eles tem o antigo hábito de dividirem seu faturamento igualmente.

"A verdade é que", diz McGuinness, "Bono está sempre quebrado, enquanto Larry ainda tem o dinheiro da sua Primeira Comunhão". (Isso as vezes causa um dolorido sentimento que, enquanto Edge e Bono estão trabalhando nas músicas para o U2, Adam e Larry têm tempo livre para fazer suas fortunas crescerem.)

Adam e Larry perguntam a Paul como ele desfrutou de um show da Madonna que ele voou pra ver na Austrália enquanto eles estavam congelando seus pés em Christchurch. Paul diz que estava bom, talvez não grande o bastante para um estádio de futebol, mas ela é uma estrela de verdade e uma dançarina muito melhor que qualquer outra que ele tenha visto. Ele diz que ela parou o show em um momento para falar sobre dois amigos que morreram de AIDS. "Ah", diz Adam. "É o momento Sarajevo dela".

No ônibus para Auckland nós passamos por One Tree Hill, solitária e majestosa, como a mitologia do U2 dá a entender, mas mais próxima das super-estradas e crescimento urbano que alguém poderia esperar, quando surge "One Tree Hill" do U2 no rádio do ônibus. (Há uma melhor: quando estávamos voltando para Christchurch no Dia Mundial de Combate a AIDS, estávamos ouvindo o novo álbum de Elvis Costello e uma

---

[1] *O Grito* é uma série de quatro pinturas do norueguês Edvard Munch, 1893. A obra representa uma figura andrógina num momento de profunda angústia e desespero existencial. *O Grito* é considerado uma das obras mais importantes do movimento expressionista.

música chamada “Rocking Horse Road” surgiu. Eu disse: “Sabe, essa música foi escrita sobre uma rua na qual Costello se perdeu em algum lugar na Nova Zelândia”. O motorista disse: “Rockin’ Horse Road? Ora, ela está logo ali”. Nós estávamos cruzando ela. Assustador, não? Eu estou colocando “Abraham, Martin e John” aqui e vou ver quem aparece.)

Se Christchurch estava vinte ou trinta anos no passado, Auckland é uma geração no futuro. É uma cidade brilhante, praiana e cheia de construções novas e prosperidade. Há placas de trânsito em japonês ao lado das placas em inglês em tudo que é lugar, e turistas japoneses e imigrantes se misturam, perambulando entre os Anglos. Os japoneses são mais bem-vindos aqui do que na Austrália, que ainda tem muitas memórias dolorosas da Segunda Guerra Mundial, então há muito investimento japonês. Há também, tanto aqui quanto na Austrália, toneladas de dinheiro vindas de Hong Kong antes do arrendamento britânico expirar e o Partido Comunista Chinês assumir o controle em 1997.

(O comunismo pode estar morto na Europa e na Rússia, mas foi transformado em algo particularmente feio no Extremo Oriente. Enquanto os chineses estiverem dispostos a dar seu tributo ao capitalismo - o que, no caso deles, significa exportar mercadorias feitas com trabalho escravo e dar à família de George Bush, a concessão do campo de golfe chinês - o Ocidente não se importa muito com a brutalidade com que oprimem seu povo. O raciocínio ocidental é de que os homens que governam a China têm noventa e nove anos e estarão mortos em breve. Hong Kong inoculará o vírus chinês como uma dose saudável de vacina de livre mercado, talvez, mas acho que os ditadores chineses perceberam que um pouco de capitalismo não significa que eles tenham que incentivar a liberdade política. Os mesmos porcos que passaram por cima dos manifestantes na Praça da Paz Celestial podem derramar muito sangue em Hong Kong e, desde que não estraguem o fluxo de caixa, não há indicação de que as potências ocidentais se importem muito.)

Assim que nos instalamos no hotel, vou pelo corredor até o quarto de Adam para uma conversa franca. O show perdido em Sydney ainda está pairando no ar. A banda tem estado nervosa com o amor de Adam por ficar bêbado por um longo tempo, mas depois do escândalo dos tablóides com as prostitutas no verão passado, tudo tornou-se grande demais para ser deixado por conta de Adam. Ele ficou estacionado naquele ponto até isso, mas ele caiu em Sydney com um estrondo ouvido ao redor do mundo. Agora ele sabe que tem que se comprometer com a limpeza completa, com ajuda externa, se for necessário, ou se afastar da banda. Os outros caras deixaram claro que vão acabar com o U2 antes de perderem um membro para o excesso de um rock star. Submeter-se àquele clichê trágico e estúpido estragaria tudo o que o U2 representava.

Embora ele tenha colocado sua cara de tudo bem nesta semana, Adam está em uma batalha mortal com seus demônios, desejando que a turnê se apresse e termine para que ele possa ter sua vida de volta. Ele está dividido entre querer fugir da música e entrar na boa vida com Naomi, e querer se afastar de todo aquele flash e vida agitada e passar o ano inteiro estudando música. Neste momento, o rock & roll representa as barras da prisão de Adam e ele quer sair. “Estou vazio, completamente vazio”, diz ele. “Nós realmente precisamos tirar uma folga, ir viver sem pensar em música”. Quando eu digo a ele que essas são as palavras exatas que Bono está usando, ele fica surpreso, ele diz que não sabia que Bono se sentia assim.

“Eu sinto que realmente temos algo fora do nosso sistema”, diz Adam. “Acho que nos tornamos o grupo que sempre quisemos nos tornar. Isso, por si só, inevitavelmente leva você a outra fronteira em sua vida e suponho que isso significa que realmente somos livres para deixar nossa imaginação correr solta em termos do que poderíamos. Agora chegamos ao ponto em que podemos muito bem ser o maior grupo do mundo”. Agora, o que você faz com isso?

“Eu adoraria dizer que sinto que podemos relaxar e descansar um pouco e fazer algumas aparições no trabalho de outros artistas, mas isso não é realmente satisfatório. É o trabalho contínuo do U2 que é importante. Eu nem quero pensar o que poderia ser, da mesma forma que quando começamos o *Achtung Baby,* tivemos que reconhecer o que havia acontecido na música durante esse período de três ou quatro anos, tenho certeza que teremos que reagir a qualquer coisa que acontecer a seguir. Trabalho ao vivo, eu não poderia nem imaginar o que poderíamos fazer agora. Não sei se sentiremos a necessidade de trabalhar ao vivo, podemos apenas querer fazer gravações e aproveitar o tempo com nossas famílias e o tempo criativo. Podemos pensar em gravar dois ou três discos e projetos adicionais e depois pensar em fazer turnês quando chegarmos ao fim desta década. Eu pessoalmente acho que seria muito difícil vencer a Zoo TV, e eu não gostaria de fazer mais do que isso. O que é mais recompensador é realmente criar a música. Tocar em shows é ótimo até certo ponto. Tornar-se grande é um desafio e ser bem-sucedido é bom, mas não dá o combustível que você precisa”.

Sugiro que, ao longo da longa jornada de Hansa até aqui, Adam e Edge tenham entrado nos holofotes que costumava ser apenas os de Bono - o lugar onde você é famoso até mesmo para pessoas que não seguem música. Apenas Larry conseguiu manter (é tolice dizer anonimato quando ele é mundialmente famoso) uma separação de uma espécie de celebridade do show biz geral.

“Larry sempre foi notado porque ele é o mais bonito”, diz Adam. Ele aperfeiçoou esse personagem de uma maneira que ele pode se sentir confortável em público como ele não costumava. E isso é o suficiente. Seu próprio silêncio fala mais alto que qualquer outra coisa.

Vai ser especialmente diferente para Larry e para mim. Bono e Edge têm uma mentalidade diferente, que lhes permite trabalhar em um ritmo bastante maníaco e eles gostam disso. Talvez eu comece a gostar, não tenho certeza se o fizer. Eu suponho que é uma questão psicológica de várias maneiras. Eu não me sinto psicologicamente preparado para isso, eu gosto do anonimato de ser capaz de procurar coisas, trazê-las de volta à minha vida e então ser capaz de criar a partir disso. Eu não gosto da cultura em que você está reagindo e isso é uma grande parte da maneira como a cultura se tornou. À medida que a comunicação acelera, a arte se torna muito mais uma reação do que um processo intelectual, e eu a prefiro como um processo intelectual.

“Eu acho que o dom da celebridade, sendo uma personalidade, uma hollywoodização. Algumas pessoas em Hollywood procuram isso sabendo que seu show pode ser um sucesso, se você está sendo muito engraçado ou está na TV ou lendo as notícias, mas elas são muito boas em dizer: ‘Se você não está me pagando, não vou ser engraçado, não vou fazer o que você quer, esta é a minha vida’. Como os irlandeses, não estamos acostumados a ser tão frios sobre isso, pode soar rude. Eu acho que é difícil voltar a Dublin e perceber que os irlandeses agora esperam que eu seja esse homem, eles esperam que você seja sempre Hollywood, que você esteja sempre se apresentando para eles e, em segundo lugar, disposto a revelar, se não os segredos de seu sucesso, certamente as recompensas de seu sucesso. E é difícil viver com isso. Eu não estou fugindo de Dublin; apenas não sinto que é inspirador para mim no momento”.

Observo que a mudança na atitude de Dublin em relação ao U2, tão aparente no verão passado, parece ter acontecido nos últimos dois anos; nos primeiros dez anos de sucesso da banda, Dublin foi legal sobre isso.

“Com certeza”, Adam concorda com a cabeça. “Até o lançamento de *Achtung Baby* e talvez até a turnê de estádios no verão nos Estados Unidos, parecia que éramos uma banda de rock esforçada. Então as críticas da banda se voltaram para a aceitação do que estávamos fazendo e nós fomos aclamados por assumir riscos, nos reinventar, mudar o mundo, estar na vanguarda, além dos figurinos que tínhamos e da facilidade

com que nossas amizades com celebridades de repente começaram a ser notadas. Obviamente, as modelos eram uma nova adição, mas nós já conhecíamos grandes modelos. Entramos nessa situação em que a imprensa sensacionalista tem uma história estupenda de fofocas para imprimir com regularidade".

Pergunto a Adam se ele está pronto para falar sobre o seu próprio escândalo dos tablóides de verão.

"Eu realmente não quero ser citado sobre coisas assim porque eu realmente não sei o suficiente sobre o que aconteceu ou onde Naomi e eu estamos, de uma maneira que eu possa compartilhar com o público. Basta dizer que depois de vários anos tendo dificuldades, este ano tem sido um ano muito, muito difícil. Eu amo Naomi e certas coisas ficaram no caminho disso, problemas com os quais eu tenho que lidar. Mas não consigo realmente chegar à uma conclusão no momento, porque eu não tenho certeza. Mas tem sido um ano divisor de águas e há certas coisas que eu tenho que enfrentar. Espero muito que eu possa lidar com estar no U2 e sair com Naomi e o estilo de vida que parece ser imposto para mim. Ou que eu permita. Tenho que resolver isso".

Vamos falar sobre a sua ausência do show na outra noite. Isso foi algo novo.

Um olhar de dor atravessa o rosto de Adam e ele diz: "Foi um momento em que tive de encarar muitas coisas que eu realmente não estava enfrentando e perceber que se eu fosse capaz de continuar e ser um membro útil desta banda — e de fato um marido — eu teria que vencer o álcool. Eu tive que perceber que cada cagada minha, cada problema nos últimos dez anos que não tinha sido tão sério como naquela noite, estava relacionado ao abuso de álcool. Então, eu estou feliz por finalmente ter que enfrentá-lo".

Eu digo a Adam que não quero de forma alguma diminuir uma decisão difícil, mas ele não está subindo pelas paredes ou sugando o líquido do radiador. Ele parece ser capaz de fazer esse ajuste.

"Eu não tinha bebido em toda essa turnê até sexta-feira", diz ele. "Quando você realmente muda a cabeça e diz: 'Você tem um problema com o álcool', e aceita isso, você olha para trás em muitas coisas e percebe que a bebida era o problema. E eu não quero esse futuro. Eu não sinto que seja 'Pobre de mim, oh, que problema terrível'. Eu sinto que é uma decisão transformadora. E talvez eu escorregue. Mas acho que para mim e para a garrafa — acabou".

Folheando minha lista de tópicos felizes, eu pergunto se o incomoda o fato de que o U2 tenha trabalhado tanto por tanto tempo e tão bem — e ainda estar vindo para casa da turnê com muito pouco lucro.

"Sim, porque deu muito trabalho. Foi muito trabalho antes mesmo da turnê começar. Foi muito trabalho fazendo *Achtung Baby* e *Zooropa* e, embora eu saiba que tivemos que fazer as coisas da maneira que fizemos para que as pessoas notassem, eu acho que fazer uma segunda turnê de estádio durante um período de dois anos que no final do dia apenas pagou as contas é uma decisão bastante significativa a ser tomada. E nós aceitamos isso. Parece-me que financeiramente estaremos na mesma posição em que estávamos antes de começarmos a gravar *Achtung Baby*. Não sei se foi um erro. Pergunte-me daqui a cinco anos. Por enquanto eu não estou obcecado pelo elemento financeiro, teria sido bom se tivesse no final uma liberdade financeira. E eu não acho que tenha".

O tempo todo em que estamos conversando, a TV de Adam está ligada. Está mostrando *Let It Be*, o documentário sobre a desintegração dos Beatles. Quando chega à cena em que um irritado George Harrison diz ao mandão Paul McCartney: "Apenas me diga o que você quer que eu toque e eu vou tocar, ou se você quiser, eu não vou tocar", o paralelo é um pouco próximo demais para o conforto.

O show em Auckland é o último show ao ar livre da turnê; as duas noites no Japão serão dentro do Tokyo Dome. O local é lindo, num campo que se ergue em encostas íngremes onde as pessoas podem se empoleirar. Quando o U2 chega, eles são homenageados com uma tradicional saudação maori de tribos em traje completo. Durante a passagem de som Edge lembra que na última vez que o U2 esteve aqui, em 1989, eles criaram a música que se tornou "Acrobat" quando fizeram a passagem de som neste local.

Durante o show, decido subir uma das colinas com vista para o palco e assistir a partir de lá. É uma subida difícil! Eu agarro-me a moitas de grama para me arrastar em torno de centenas de grupos apertados de pessoas assistindo ao show com a atenção extasiada do exército de selva de Brando em Apocalypse Now.

Quando chego ao topo, olho para o que parece ser um grande encontro tribal. Eu me sinto como um velho nativo americano espiando por cima do cume em um ritual asteca proibido. O U2 está tocando “Bullet the Blue Sky”, a música mais poderosa do set, e quarenta mil pessoas pulsantes estão dispostas na frente de Bono, banhadas em ondas de luz vermelha, enquanto ele está parado, com os pés afastados na beira do palco, cantando: “See the face of fear running scared in the valley below!” [*Veja a face do medo correndo assustada no vale abaixo!*]

Olhando para o vale abaixo, isso me dá arrepios. Quando a fumaça vermelha e amarela aparece ao redor dele no final de “Running to Stand Still”, parece que ele está prestes a sacrificar uma virgem ou eleger um papa, e no final da noite os mapas estelares que enchem as telas de TV durante “Love Is Blindness” se tornam indistinguíveis das estrelas que enchem o céu noturno.

De volta ao hotel, às 2h30 da madrugada, Bono anuncia a todos que é hora de sair e procurar diversão. Kerne Anne Quinn, uma das representantes da Principle na estrada com o U2, diz que poderia ter problemas com Dennis Sheehan se ela sair com Bono. Bono diz que ele escreverá uma nota de desculpas para Dennis. Edge diz: “As únicas desculpas válidas são aquelas assinadas por Larry”. Uma van voltando do local está descarregando do lado de fora. Parece que seria um bom momento para testar o vigor da equipe de segurança do U2. Então vários de nós saímos sorrateiramente para fora e, quando o motorista sai da van, entramos. Eu deslizo para trás do volante - que está à direita, não onde estou acostumado, e saio do hotel, ziguezagueando pelo lado errado da estrada, enquanto Edge fica na porta do hotel rindo e Jerry arrancando os cabelos e gritando com Eric por deixar Bono escapar.

Eu gosto de dirigir no outro lado da estrada; isso me lembra de como eu dirigia quando eu tinha acabado de tirar minha licença e estava intensamente em contato com o potencial de cada automóvel nas ruas para te matar, especialmente o que você está dirigindo. Uma vez que as risadas sobre a segurança e o motorista local desaparecem, no entanto, ocorre a todos nós que sem eles não temos ideia de como chegar a algum lugar. Nós dirigimos por um longo tempo, seguindo as promessas de obscuras docas privadas fora do centro da cidade e até a beira-mar, mas não encontramos nada agitado em Auckland até voltarmos ao centro, abandonar a van e ir para as ruas.

Em um beco de cafés e boates, Bono se depara com alguém que ele conheceu antes, uma jovem misteriosa sob uma capa e manto com um rosto tipo o de um anjo de Botticelli. Bono diz que ela mora entre as pessoas de rua daqui, mas ninguém a toca, ela passa por elas como uma santa. Ela não tem casa porque não precisa de uma; ela trabalha a semana toda em um escritório, fica acordada de segunda a quinta-feira à noite nos cabarés e cafés, e passa todo o final de semana dormindo na praia. O mais notável sobre Bono não é que ele conheça pessoas assim aonde quer que vá, é que ele sempre consegue se enroscar com elas de novo quando está na cidade. Por volta das 5 da manhã nós estamos em um salão de sinuca cheio de fumaça e eu digo que

estou indo para a cama, temos que acordar em poucas horas para o nosso voo para Tóquio. Bono diz: “Bill! Não! Vamos sair em breve!”

O mágico irlandês é tão bom quanto a sua palavra. Ele conduz uma comitiva para fora do salão de jogos e cruza a cidade em direção a One Tree Hill, onde todos pulam as cercas, sobem até o topo da colina e observam o nascer do sol. No caminho de volta a manhã despontou e os sinos da igreja estão tocando na cidade, então Bono leva sua procissão para a missa. “Os vitrais”, ele sussurra, “são mais articulados que o sermão”.

É de se admirar que ninguém se sinta muito entusiasmado no aeroporto, esperando o voo de um dia inteiro para Tóquio e de voltar ao inverno? O coordenador de produção Tim Buckley, examina os rostos maltrapilhos na sala de embarque e declara: “Se pegássemos todas as partes quebradas aqui e as colocássemos juntas, poderíamos ter um ser humano!”

# 52. Poupança Inteligente

**sentimentos doloridos acima do oceano pacífico / tensões no círculo interno / quando adam e paul costumavam caçar como um casal / essa não é uma banda como a maioria das bandas / adam smith versus os trabalhadores no vinhedo**

A noite da perdição de Adam na Austrália trouxe à tona uma tensão que fervia sob a superfície do U2 durante toda essa turnê de dois anos. Ela gira em torno do tipo de assunto que as pessoas de fora nunca ouvem falar e que só as pessoas mais próximas da banda conseguem captar apenas alguns vislumbres, porque é um assunto tratado entre família - Adam, Bono, Edge, Larry e Paul.

Desde o início da associação entre Paul McGuinness e o U2, os quatro músicos e o empresário concordaram em compartilhar tudo o que geravam em partes iguais. "Isso foi algo que eu recomendei logo no início", explica McGuinness. "Foi bastante acadêmico. Não haveria dinheiro nos primeiros quatro ou cinco anos, então por que discutir sobre o que sem dúvida seria muito pouco dinheiro? Depois que a primeira onda de negócios terminou e estava sendo renegociada, pareceu natural para eles continuarem, achando até então que essa alternativa estivesse bastante clara. Eles simplesmente continuaram a trabalhar dessa maneira desde então".

Agora, olhando por cima, esse compartilhamento não é tão incomum no mercado da música. Não é incomum um empresário obter 20% e os membros de uma banda dividirem o resto. Como o U2 é um quarteto, todos (os cinco diretores) terminaram com partes iguais no contrato. É também incomum que os membros do grupo também tenham decidido dividir os créditos e os direitos autorais da composição das músicas igualmente - mas não sem precedentes. O Clash fez isso antes do U2, e o R.E.M. o fez mais tarde.

Esses grupos perceberam que o dinheiro das composições é uma grande fonte de tensão que separa as bandas. Há tanto dinheiro a ser ganho com direitos autorais sobre as músicas quanto com as vendas de discos, e o lucros com as composições acontece muito mais rápido. É por isso que Pete Townshend, que escreveu quase todas as músicas do Who, era muito mais rico que seus colegas de banda. É por isso que Sting teve que deixar Andy Summers e Stewart Copeland colocar algumas de suas músicas (medíocres) nos álbuns do The Police. Por isso, Lennon, McCartney, Jagger e Richards formaram parcerias editoriais; as quais manteve os dois membros mais fortes da banda iguais e depois mantendo as canções dos colegas de banda à distância.

Todo o dinheiro gerado pelo U2 – dos direitos autorais das gravações até vendas de camisetas - foi dividido igualmente entre os cinco membros. Foi assim que eles trataram no início, e assim eles mantiveram, e isso os serviu bem por anos.

Bono ressalta que os ressentimentos começam em um grupo como o U2, porque os parceiros que contribuem menos recebem tanto quanto os parceiros que contribuem mais. Não há penalidade se um membro falhar em fazer sua parte, embora a culpa possa ser corrosiva. Larry concorda, mas levanta um ponto igualmente crucial: os parceiros que desejam gastar todo o dinheiro juntado pela banda acabam mergulhando igualmente nas carteiras de todos. Como no U2 os que contribuem de maneira mais criativa também são os que mais desejam fazer a turnê mais cara da história do rock, recusam todo o patrocínio comercial e passam dois anos de duro trabalho fazendo algo que consome quase todos os lucros, os cinco parceiros acabam em algum tipo de equilíbrio.

Mas é um pouco diferente do equilíbrio em quase todas as outras parcerias de negócios. Por exemplo, durante a difícil produção de *Achtung Baby*, o fato de McGuinness não ser um membro da banda deu a ele, o que era perceptível, uma injusta vantagem: ele recebeu uma parte igual de todo o dinheiro que a banda gerou, mas enquanto eles estavam sofrendo, em um estúdio miserável ou num palco distante,

compondo e criando, ele poderia estar trabalhando em investimentos e projetos externos que não precisava compartilhar com o U2.

Paul se defendeu mencionando que, se alguém queria dizer que ele não contribuiu tanto para o U2 quanto Bono, tudo bem - ele não argumentaria, teria uma porcentagem menor do que Bono. Mas, nesse caso, vamos avaliar quanto todos contribuem e falar sobre a construção de uma escala, o que colocaria McGuinness em algum lugar abaixo de Bono, mas acima de Adam.

"Obviamente, Bono faz o maior sacrifício", diz Paul enquanto o avião atravessa o Pacífico Sul, "nesse cálculo convencional das composições em que cinquenta por cento vão para a letra e cinquenta por cento para a música. Já que ele escreve todas as letras e, certamente, um quarto da música, isso daria a ele, sob um regime normal, 62,5% da receita da publicação. Ele não faz isso. Mas isso depende dele. Isto é, de certa forma, é o que faz o U2 funcionar. É tolice chamar algo de estrutura democrática se você tiver agentes e homens. Eles têm evitado esse confronto com êxito. Obviamente, isso continua a ser objeto de constante revisão".

O acordo de gestão de Paul com o U2 expirou na época em que a turnê do Zoo TV começou e eles concordaram em deixar de lado os argumentos sobre a mudança da estrutura patrimonial das cinco pessoas até depois que a maratona de dois anos inteira terminasse. Agora está quase acabada, e as tensões envolvendo este assunto começam a borbulhar. A ausência de Adam no show da Austrália lembrou a todos que ainda havia pelo menos uma última batalha que enfrentar. Eu comento que faltar ao show na Austrália pode ter sido uma bênção disfarçada, se Adam desse uma olhada no fantasma das futuras comemorações de Natal e decidisse mudar de atitude.

"Sim", diz Paul. "Obviamente, ele tem um problema e isso nunca foi considerado de forma tão evidente quanto antes. Estou realmente feliz por ter sido resolvido da maneira que foi. Mas é algo que temos que pensar muito no próximo ano. Não sei o que é que irá acontecer". Paul faz uma pausa e depois diz com firmeza: "Não depende mais *dele*".

Pergunto se é justo dizer que Bono, Edge e Larry formam uma espécie de núcleo irredutível, e que Paul e Adam, separadamente ou juntos, entram e saem desse núcleo, dependendo do que mais está acontecendo em suas vidas. Paul diz que sim, é justo dizer. Pergunto, então, se, quando há conflitos entre Paul e a banda, serve a seus interesses ter Adam afastado, ou se Adam poderia se aproximar dos outros três se houvesse um conflito da banda com Paul.

McGuinness não gosta para onde esse papo está indo. "Não vejo dessa maneira", diz ele. "Eu não vejo isso acontecendo. Adam, até certo ponto, afastou a si mesmo, nos últimos tempos, da sua responsabilidade pela banda. Mas eu não percebi o que você descreveu, sobre ele tomar partido".

"Houve um processo muito natural nesses anos de crescimento", diz Paul. "Temos apenas dez anos de diferença na idade, entre eles e eu, e no começo eles realmente sabiam muito pouco sobre o mundo. A banda já tinha cinco anos quando eu comecei a gerenciá-los. Esse contato imposto ao longo de muitos anos produz uma certa quantidade de irritação. Todos nós temos o bom senso de ficar fora da vida privada um do outro, embora ainda gostemos genuinamente da companhia um do outro". O empresário me olha com firmeza e diz: "É também um relacionamento comercial. E não há nada de errado nisso".

É um relacionamento comercial que reflete os profundos sentimentos que têm um pelo outro e às vezes também que entram em conflito entre essas cinco personalidades. Adam já foi o membro da banda mais próximo de Paul, mas nos últimos dez anos, se afastou cada vez mais dele. Ambos são orgulhosos, exigentes e ancestralmente britânicos demais para admitir isso, mas não consigo deixar de pensar que Paul pode se sentir um pouco abandonado por Adam, e Adam - quando fica na defensiva - se ressente de suas qualidades que ele tem trabalhado tanto para apagar em si mesmo.

Primeiro, entenda o tipo de relação que eles compartilharam. Adam era o empresário do U2 até que ele contratou Paul para assumir o comando. Paul e Adam eram ambos jovens ingleses na Irlanda, filhos de

pilotos da R.A.F. (Royal Air Force), rebeldes que rejeitaram a estrutura familiar, mas que mantiveram o conservador sistema social britânico e uma noção britânica de sofisticação. Eles se diziam ser conceitualmente mundanos e, eventualmente, adotavam essa personalidade. Em todas essas coisas, eles se destacavam de Bono, Edge e Larry, que eram ingênuos, paroquiais, inconscientes do estilo e - finalmente, cristãos carismáticos.

Embora o U2 tenha declarado publicamente que a evangelização de Bono, Edge e Larry na época de *October* não causou grandes conflitos com Adam e Paul, é claro que ocorreu. Isso os assustou até a morte. Para se proteger, Adam e Paul fizeram um acordo de que os dois sempre apoiariam um ao outro em discussões com os três crentes. Dessa forma, nenhum deles poderia ser expulso da banda. Esse pacto se manteve desde *October* passando pelo *War* até *The Unforgettable Fire*. Foi somente após a turnê *Unforgettable Fire* que Adam foi até Paul e disse que não havia mais necessidade da sua proteção e que ele poderia lidar com a situação perfeitamente com seus próprios argumentos diante dos outros três.

Naquela época, também, Bono, Edge e Larry haviam deixado de ser tão fanáticos com suas crenças e Adam acabou se aproximando de suas próprias crenças espirituais ao observar seus companheiros. Na guerra interna entre Adam, o empresário e Adam, o artista, o artista venceu.

Sobre quando eles fizeram o pacto em 1981, Adam diz: "Paul e eu ainda sentíamos que tínhamos um papel na música, com o U2 sendo bem-sucedido ou não. Naquela época, trabalhamos em dupla. Paul e eu fazíamos as negociações com a gravadora, os contatos com os jornalistas, nos tornávamos visíveis, tínhamos um perfil e sabíamos o que estava acontecendo no mundo da música. Depois da turnê *Unforgettable Fire*, percebi que minha dupla posição estava se tornando realmente destrutiva para o êxito da banda. Eu senti que os desejos de Paul para o que a banda deveria fazer não eram necessariamente as melhores decisões *artisticamente* e que a banda precisava do meu apoio artisticamente, e até espiritualmente também. Certamente, eu precisava prestar mais atenção à essa voz e nesse momento senti que eu tinha mais em comum com os três rapazes artisticamente, enquanto até aquele momento eu tinha um pouco mais em comum com Paul, em termos de antecedentes e na maneira como via as coisas em termos de negócios".

"Então isso mudou e foi difícil para todos nós. Certamente foi difícil para mim e para Paul nos separarmos dessa maneira. Mas havíamos começado a nos mover em mundos diferentes. O mundo dele era muito mais adulto, de terno e gravata, muito mais jantares e almoços. Eu não poderia fazer isso e contribuir com a banda ao mesmo tempo, porque muitas dessas coisas são sobre contar histórias *contra* a banda, na verdade. São histórias que o pessoal nas bandas não deveria dizer uma sobre a outra. Talvez os empresários possam dizer: 'Bem, é claro, a razão pela qual Bono escreveu essa letra foi tal e tal ...' Como parte da banda eu não poderia fazer parte disso e falar dessas coisas, eu tinha que proteger o mistério da banda e por isso eu não podia compartilhar essas informações como companheiro de Paul".

"Não acho que Paul proteja a personalidade de Bono. Ele está sempre muito disposto a expor Bono como um cara legal e simplificar seu trabalho. Você não vê isso acontecer com o Prince, por exemplo. Paul gosta de acreditar que tudo é feito com espelhos e fios. Ele não gosta de demonstrar que foi um trabalho árduo. Em vez de dizer: 'Foi difícil, Bono teve que se esforçar para conseguir', ele dizia: 'Ah, Bono só queria parecer legal'. Ao dizer isso, ele desmerece Bono. Isso dá a entender que ele *precisa* dessas coisas para parecer legal".

Então, ecoando Paul inconscientemente, dizendo "Não cabe mais a ele [Adam]", Adam diz: "Nós ainda, entre nós, precisamos reajustar a situação de Paul".

Talvez todos os negócios sejam pessoais. Quando Paul aponta um dedo para Adam agora, não é apenas uma manobra para impedir que a banda se vire contra ele. Por trás disso há uma grande história emocional. Não se trata de um astuto homem de negócios tentando jogar quatro meninos um contra o outro; são cinco homens inteligentes que conhecem muito bem o jogo. Embora ele seja menos propenso a expor isso do que, digamos, Bono, Paul McGuinness se deixa levar tanto por emoções e crenças

pessoais quanto a banda, e ele ainda responde a propostas que o afastam da banda de uma maneira muito pessoal. Obviamente, ele pode mascarar sua resposta emocional em um argumento que soa como uma fria estratégia de negócios. Em sua capacidade de racionalizar intelectualmente a uma reação instintiva ele é como Bono. E, é claro, Paul prefere engolir sapo do que deixar transparecer o quanto tais ofensas o machucam, e nesse ponto ele é muito parecido com Adam.

Adam diz: "Eu acho que Paul sofreu exatamente do mesmo modo que todos nós sofremos [enquanto gravávamos o *Achtung Baby*]. Ele não estava presente na gravação do álbum. Ele realmente não sabe o que aconteceu durante as gravações. Até aquele momento, quando estávamos em meio à difícil tarefa de gravar o *Joshua Tree* e com seu posterior filme, ele era praticamente um quinto membro e era esse papel que ele quis levar". Adam acrescenta sarcasticamente: "*Todo mundo* é um quinto membro quando tudo está indo bem. Paul esteve em Hollywood e voltou a Dublin como um empresário, ele estava se movendo em círculos políticos, estava se envolvendo na criação de uma estação de TV. Paul havia regressado como um magnata. Mas não acho que ele tenha voltado só para estar no estúdio conosco ou em turnê. Ele ainda tem uma boa vida na minha opinião e não teve que sofrer os golpes e arranhões que todos nós tomamos nos últimos três anos. Na minha opinião".

Mas, pergunto, não é assim que deveria ser entre um empresário e uma banda adulta e experiente? Talvez a relação inicial tenha sido estranhamente próxima demais.

"Sim, está certo", Adam diz bruscamente. "Não estou dizendo que foi saudável ele voltar ao papel de quinto de membro. Você me pediu para descrever o que aconteceu com o relacionamento; acho que foi isso que o relacionamento se tornou. Acho que o instruímos muito mais agora e contamos com menos de sua capacidade para ter uma visão criativa da música".

Paul diz: "Eu sempre rejeitei esse rótulo: *quinto* membro da banda. Não sou membro da banda! Existem quatro membros da banda e o que faço é algo completamente diferente. Obviamente, estou muito orgulhoso do que faço, mas não é o mesmo que eles fazem".

A perspectiva de Paul é provavelmente que ele é um empresário que comissiona 20% da renda de cada um de seus quatro clientes. A decisão de como esses quatro clientes dividem os 80% que eles retêm depende inteiramente deles - mas se eles chegarem a um acordo que paga um deles menos do que outros, isso não deve ter influência sobre sua comissão. Larry e Adam poderiam argumentar que pouquíssimas bandas na posição de superestrela do U2 continuam pagando 20% a seus empresários. Paul manteve esse acordo porque ele estava lá para eles desde o começo e porque ele deixou passar oportunidades de aumentar seus ganhos com a contratação de outros clientes e outras bandas - mas se Larry e Adam estão dispostos a repartir o bolo e renegociar tudo, Paul deve estar disposto a fazer o mesmo.

Adam e Larry, em princípio, aceitaram algo como uma divisão de 30/20/30/20 do dinheiro da banda (após a comissão de Paul) para as gravações de *Achtung Baby* e *Zooropa*, em vez dos habituais 25% cada. Isso em reconhecimento às maiores contribuições à Edge e Bono para esses dois álbuns. Mas, para o próximo álbum, eles se sentariam e repartiriam a torta novamente, refletindo o quão duro trabalha cada um deles. Os quatro membros do U2 se depararam com o grande e poderoso conceito "difícil de julgar" em relação a quanto de *Achtung Baby* e *Zooropa* cada um deles deveria levar para casa. Nesse ponto, nem mesmo o U2 sabia exatamente qual seria a divisão dos seus ganhos.

Durante o longo voo da Nova Zelândia para o Japão, sento-me ao lado de Edge e digo: "Suponha que daqui a um ano a banda se reagrupe e Adam ou Paul ou ambos não estejam conosco. Você poderia ver o U2 continuando?"

"Sim", ele diz imediatamente. "Mas não da mesma maneira. Eu acho que os membros da banda são pessoas criativas e eu não posso nos ver sufocando ou interrompendo esse instinto criativo, então eu diria que continuaríamos de alguma forma. Mas eu não acho que poderia ser a mesma coisa e não acho

que continuaríamos como se nada tivesse acontecido. Teria que haver algum tipo de diferença de abordagem. Mas sim, continuaríamos".

O rosto de Edge suaviza e ele acrescenta: "Não é provável, mas acho que tudo é possível". Edge crê que o motivo de Adam ter se ausentado na Austrália foi "uma espécie de convulsão emocional", um sinal para a banda de que ele precisava de uma mão. "Ainda somos amigos", diz Edge. "Esta não é uma banda como a maioria das bandas. Somos muito unidos. Ainda nos importamos e cuidamos um do outro. Existe muito apoio, liberdade de ação e muita compreensão entre nós. Eu gosto de pensar que seria difícil para um de nós realmente sair deste caminho e ir por aí sem os seus outros companheiros, dar-se conta disso e não fazer algo a respeito. Obviamente não cabe a mim o que os outros rapazes fazem com seu tempo privado, mas acho que você pode dificultar que alguém se ferre, você pode ser aquele que fala quando há problemas, você pode simplesmente dizer a verdade a ele, o que muitas pessoas nunca conseguem fazer".

Lembro o Edge da perspectiva de Larry sobre a crise que abalou o U2 durante a gravação de *Achtung Baby*. Ele disse que, finalmente, os quatro perceberam que a banda cresceu por causa da amizade, e a amizade entre eles era mais importantes que a banda.

"Se aceitássemos que as amizades acabam", diz Edge, "acho que teria sido apenas uma questão de tempo até que a banda chegasse ao fim. Teria tirado toda a diversão e a força, a crença. Você não pode fazer algo assim por dois anos, a menos que tenha um sentimento muito forte sobre o que está tentando fazer e que todo mundo está junto nesse caminho. Muito do que fazemos é confiar, você sabe. A diferença entre essa banda e o que aconteceu com os Beatles e os Stones é que, por qualquer motivo, nunca chegamos no ponto em que todo mundo está tentando proteger a si mesmo e sua posição de uma maneira paranoica, porque se sente ameaçado por outra pessoa que talvez esteja roubando seu crédito ou sua glória ou seus royalties ou o que quer que seja".

"Porque há muita confiança que podemos relaxar em certos níveis. Por exemplo, eu me sinto bem em deixar as coisas acontecerem. Se eu juntei um pedaço de música do nada e escrevi toda a letra, não estaria buscando por cada pedaço de crédito para mim, porque sinto que há uma espécie de compreensão e há um equilíbrio nesse ponto. Isso resolve muitos problemas. Você não obtém essa competitividade paranoica, protecionista se todos são amigos. As amizades começam a valer e a confiança supera tudo o que possa acontecer. Acho que esse tipo de conflito é o começo do fim de muitas bandas, e isso nunca aconteceu com o U2. Provavelmente foi o mais próximo que chegamos disso nessa época, mas conseguimos impedir isso".

"Não estou dizendo que isso nunca poderia acontecer. Às vezes é muito difícil lidar com coisas como os créditos de um álbum. É meio difícil ser guitarrista de uma banda com um cantor como Bono, porque ele é um ímã da mídia que, se você não tiver muita confiança sobre o que você é e sobre a sua posição no grupo, você pode começar a sentir: 'Espere um segundo - estou sendo esquecido aqui'. Finalmente, não tenho nenhum problema. Eu sei que ser o guitarrista é uma coisa importante, nunca terá o mesmo crédito ou resposta que ser o cantor, é assim que a vida é, estou bem com isso".

"Nós nunca quisemos entrar em uma situação em que estivéssemos creditando cada coisinha", diz Edge, "porque isso se tornaria trabalhoso e, novamente, causaria muitos atritos, mal-entendidos e confusão. Esse crédito de produção (em *Zooropa*) foi uma maneira de descrever meu papel no processo, que varia em uma enorme variedade de responsabilidades, desde editor das letras de Bono - sentado lá e trocando ideias com ele e vice-versa - até assumir a responsabilidade pelo desenvolvimento de várias músicas, do início, ou pegar o que é essencialmente um emaranhado e tentar dar-lhe forma - apenas para o trabalho geral de produção, que tende a ser muito mais *preocupante* do que qualquer outro, mas parte do que faço realmente não é produção, o que faço é apenas ser compositor. Não parece apropriado começar a dividir os créditos nessa área, porque isso varia muito. Algumas músicas são da minha responsabilidade musical, em outras sou apenas um dos membros da banda. Não é o mesmo que a composição, onde Bono basicamente assume a responsabilidade e escreve noventa e oito por cento da

letra e você pode dizer claramente que é assim que acontece. Não é uma opção para dividir tudo. Para que isso sobreviva, você precisa ter essa confiança".

É importante para todos no U2 preservar essa confiança. Bono tem conversado de forma emocionada com todo o círculo interno sobre a bênção que foi em Sydney, quando Adam teve que enfrentar seus demônios de maneira tão dramática, daí admitiu seu problema e resolveu parar de beber. A posição de Bono é que a tempestade acabou.

"Adam está de volta!" Bono anunciou mais de uma vez na última semana. "É fantástico! Alguns artistas ficam entediados quando param de beber ou se drogar, mas Adam não é um deles. Ele é o seu antigo eu. Ele não perde nenhum dos seus alvos, ou seu espírito de despojo público quando não bebe".

E talvez seja tão simples - embora certamente não tão fácil - quanto isso. Talvez o que eu tenha testemunhado seja um exemplo extremo de como a "família U2" deixa seus membros se afastarem até certo ponto e depois os puxa de volta. Na verdade, eu me pergunto se mesmo as ameaças de redução dos seus lucros são realmente uma disciplina de um forte amor, uma maneira de dizer para qualquer um dos cinco: "Há um preço a se pagar ao permitir que a família se desfaça". Minha análise é interrompida por uma dor aguda na orelha direita. Viro e olho por cima do assento do avião e vejo Adam Clayton rindo várias fileiras atrás, atirando elásticos.

---

# 53. Tóquio em Excesso

**descobrindo o japão / rebelião de kato / investigando o comércio anfitrião / larry encontra uma fã fervorosa / lidar com cobras não é uma habilidade inata / o nascer do sol como um sangramento nasal**

O Pacífico é um grande oceano, especialmente quando você está a bordo de um avião cheio de porcos abandonados que têm dormido pouco, iniciando a última semana febril de seus dois anos de maratona. Há quanto tempo estamos no voo de Auckland a Tóquio? Dez horas? Doze horas? Tempo suficiente para pegar um voo de Nova York para a Irlanda, fazer uma dança e retornar para Nova York. Muito tempo. Li a história na revista Time desta semana sobre o surgimento da Orla do Pacífico como o futuro do comércio, cultura e civilização global. (No voo da última semana da Austrália para Nova Zelândia nós assistimos *Rising Sun [Sol Nascente]*, em que Sean Connery supera os empresários japoneses inescrupulosos que estão dominando o mundo. O contrarregra Tim Buckley choramingou: "Isso não é entretenimento a bordo. É um vídeo instrucional pré-Tóquio!").

Na hora do jantar, todo o pessoal da Zoo é levado para fora do avião no aeroporto de Narita, como bisões dispépticos e conduzidos pela alfândega japonesa. Há confusão, discussões com os oficiais da migração, mudança de rotas e direção. Enquanto o U2 passa pelo procedimento e segue em direção aos seus carros à espera, as câmeras de TV fazem barulho e as crianças asiáticas aos berros correm em torno deles como luas em órbita gritando: "Adam. Adam!"

Na longa viagem a Tóquio todos estão cansados e surpresos com a paisagem – inicialmente tão mundana como qualquer anel viário suburbano se transforma em algo surreal. A primeira visão estranha é a torre do castelo mágico da Disneylândia japonesa, mas foi quando começamos a negociar na rampa, saídas e viadutos no centro de Tóquio que as coisas se tornaram completamente deslocadas. Veja, o filme de ficção científica Blade Runner não é uma projeção do futuro, é um documentário sobre a atual Tóquio. Eu moro na cidade de Nova York, meu escritório está em um arranha-céus com vista para a Time Square – eu não deveria estar abalado por um grande centro urbano iluminado de neon. Mas ao dirigir cansado por Tóquio, sinto-me como Jethro Bodine em Krypton. Parece haver edifícios feitos de Lego ao lado das estruturas feitas de papel alumínio próximas das gigantescas e brilhantes facas de sushi. E sempre que nós chegamos a um lugar na estrada onde podemos ver algum tipo de horizonte, as silhuetas negras à distância têm telhados vermelhos piscando, como decorações de Natal. Como, pensando melhor, o palco da Zoo TV.

Placas elétricas cobrem lados inteiros dos arranha-céus; eles parecem apontar para cima eternamente, piscando e girando por todo o caminho. Nesta cultura nós somos analfabetos; os símbolos e slogans piscando têm formas sem sentido para nós. As construções por entre as quais nossos carros deslizam não são apenas gigantescas, elas estão embaladas em conjunto. Em vez de celebrar a altura, como as torres independentes de Manhattan ou Chicago fazem, elas exalam densidade. Em Nova York, os arranha-céus têm espaço suficiente entre eles e seu efeito te faz dizer: "Uau, eles são grandes!". Em Tóquio, os prédios lotados te fazem dizer: "Uau, eu sou pequeno!".

Enquanto andamos pelo viaduto em direção ao nosso hotel, Bono aponta para um edifício que parece uma colmeia de concreto. Cada elíptico oval, ele diz, é uma pequena cápsula para dormir com uma abertura. Os empresários japoneses os alugam como dormitórios na cidade, quando eles trabalham até muito tarde para fazer a viagem para casa. Eles são como cabines em um submarino. São como os caixões na *Neuromancer*

de Willian Gibson. Lembre-se que o lado selvagem da Tóquio de Gibson é chamado de Night City, uma versão inacabada de Nighttown.

Finalmente chegamos ao Hotel Four Seasons em um jardim japonês e pegamos as chaves do nosso quarto. Todos os que quiserem sair devem se reunir na suíte de acolhimento em uma hora. Vou para meu quarto, deixo minhas malas e saio em seguida. Eu fico impressionado ao descobrir um banheiro digno de Darth Vader em um lavabo fora do banheiro. Tem um encosto sobre o qual estão maçanetas, botões e medidores com rótulos japoneses. A única instrução em inglês está pendurada na parede: "Importante – não tente operar este banheiro automático sem estar sentado". (Está pendurado num local onde normalmente não seria visto, a não ser que você já estivesse sentado). Bem, isso me convence a não colocar meu traseiro em qualquer lugar próximo daquele assento até eu descobrir o que essa engenhoca pode fazer. E se houver um botão de lavagem intestinal? Ou um botão de sucção? Eu levanto a tampa, avanço cuidadosamente e – pronto para pular para trás se alguma coisa explodir – aperto o botão mais perto. Um jato de água sai do vaso e esguicha no meu olho. Encontrei a opção "bidê". Limpo-me e vou ao encontro dos outros. Quatro dos meus companheiros de viagem admitem ter feito a mesma coisa. Talvez nossos anfitriões japoneses estejam nos assistindo através de algum espelho falso, rindo.

Enquanto as pessoas se reúnem no quarto de acolhimento, a TV está ligada na CNN – a única constante em todas as nossas viagens – e o resumo contribui para o sentimento generalizado de sobrecarga psíquica. A pequena menina sequestrada que Winona Ryder estava procurando foi encontrada morta. O movimento pela paz na Irlanda do Norte pode ter sido sabotado pela morte de um grupo de católicos em Belfast. A Princisa Diana, angustiada com o assédio pela imprensa de fofocas, em lágrimas anuncia que está renunciando a vida pública. O bombardeio sérvio em um supermercado em Sarajevo resulta em muitas mortes. O Presidente Clinton foi atacado por mulçumanos americanos por se encontrar com Salman Rushdie. Michael Jackson, atendendo a um apelo de sua mãe, diz que retornará para os Estados Unidos para se defender das acusações levantadas contra ele. Os neonazistas que bombardearam as casas dos turcos na Alemanha foram condenados à prisão perpétua. E os criadores do túnel do canal que ligará a Grã-Bretanha à Europa oficialmente entregaram as chaves para os agentes. Paul McGuinness chega com as notícias de que "Lemon" do U2 está no primeiro lugar das paradas. Isso não parece ser assim tão importante.

Todos estão cansados. Os nervos de todos estão no limite. Todo mundo quer aproveitar o máximo possível a última semana da turnê. Hoje à noite a Zoo Zeitgeist está tocando em uma peixaria/restaurante em Kabuki-cho que o irmão de Regine Moylett – que vive em Tóquio – recomendou. Nossos guias e motoristas japoneses acham que não é uma boa ideia, que é um lugar ruim da cidade, mas Bono insiste e todos vão, com um carro cheio de guias locais seguindo atrás deles. Eles foram fornecidos pela produtora do show e o U2 tem a certeza de que não estão aqui para servir a banda, mas sim para controlá-los.

Andando por Tóquio, Bono diz baixinho: "A coisa mais estranha aconteceu. Realmente sinto falta do meu cachorro. Isto nunca me aconteceu antes. Sabe, em uma longa turnê, você ouve pessoas dizendo que sentem falta de seus animais de estimação. Nunca senti. Mas na última noite senti mesmo a falta de meu cachorro. É muito estranho". Ele olha para fora da janela do carro por um longo tempo e então diz, distraído, porém muito sério: "Porque eu não tenho um cachorro".

Os motoristas aborrecidos encontram a peixaria. Edge e Morleigh estão aqui com alguns amigos japoneses dela. Adam e Sebastian chegam com McGuinness e Sheila. O carro cheio de vigias locais freia e eles caem

fora como os Guardas Keytone[1]. Bono fica chocado ao ver que eles estão todos usando capas de chuva escuras com "U2" estampado em letras brancas grandes nas costas. Ele os manda tirar.

A festa continua na sala acima da peixaria, onde há mesas prontas para o jantar. Digo a Bono que nosso parceiro Hal Willner está na cidade trabalhando em um álbum para uma gravadora japonesa. Eu liguei para o hotel dele e ele disse que estaria disposto a sair por volta da meia-noite. Bono diz ótimo, é quase meia noite agora. Ele diz para Eric buscar Hal e trazê-lo aqui. Eric protesta. Ele está aqui para garantir a segurança – ele não quer deixar Bono desprotegido em um local perigoso da cidade enquanto ele sai para resolver tarefas. Bono faz disso uma ordem. Eric o faz prometer não sair até que ele volte.

Dentro de uma hora, Eric entrega Hal, amarrotado e sonolento em Tóquio, do mesmo jeito como fica em casa em Nova York. Quando ele não está produzindo discos excêntricos, Hal trabalha durante o dia produzindo fundo musical no programa de TV Saturday Night Live. Ele não quer perder aquele emprego, então adequa seu horário de gravação de acordo com o programa. Isso significa que ele deixou Nova York para Tóquio depois que a SNL terminou no domingo de manhã. Ele vai trabalhar em Tóquio por três dias sem dormir, pegar um avião para sair do Japão na quarta-feira, sair do avião na quinta-feira em Nova York e voltar para o estúdio de TV para trabalhar intensamente até sábado à noite. A saúde mental de Hal está de acordo com o estado mental sobrecarregado do U2.

Finalizando um bom prato de peixe, Bono decide que é hora de investigar alguns dos clubes de strippers ao longo da rua lá fora. Você não precisa saber japonês para entender as fotos de strippers e os seguranças amistosos na porta de entrada, acenando de maneira convidativa. Adam, Sebastian e McGuinness atravessam a rua para checar o primeiro e assim que nosso motorista vê que Bono, Eric, Hal e eu pretendemos fazer o mesmo, ele enlouquece, insistindo que temos que deixá-lo nos levar pra outro lugar. Bono diz "não, não" - nós só estamos caminhando na rua, mas o motorista diz, metade em japonês, metade em inglês, algo sobre ele ter grandes problemas se nós caminhássemos por ali, pedindo por favor, para entrar novamente e deixar que ele nos leve.

Nós fizemos pouco caso, entramos no carro, ele acelera como Steve McQueen e começa a dirigir de maneira descontrolada pela cidade em outra direção, conversando no telefone do carro o caminho inteiro. "Não, não!", grita Bono. "Nós queremos voltar para aqueles lugares! Nós deixamos nossos amigos para trás! Dê meia-volta!" Mas, nada parava Kato. É uma rápida aula de desapego das noções ocidentais sobre a relação empregador / empregado. Por aqui todo mundo joga conforme as regras da casa, e as regras da casa se sobrepõem ao livre-arbítrio.

Kato nos deixa em frente a um clube chamado "One-Eyed Jacks", numa referência ao prostíbulo em Twin Peaks[2]. Bono hesita antes de descer as escadas. "Uma rodada", ele diz. "E então voltamos para encontrar os outros". Ele avança em vários e rápidos passos e tenta ir numa sala onde as mulheres em trajes de escravas estão girando em um palco elevado, até se deparar com o braço rígido de um grande segurança que o orienta a dar meia-volta e ir em direção a outra porta. Ele volta, entrando numa sala cheia de mesas de

---

[1] Os Guardas Keystone foram personagens de uma série de comédias pastelão do cinema mudo. Tratava-se de um grupo de policiais incompetentes que eram vistos sempre em tresloucadas perseguições motorizadas ou a pé nas ruas das cidades.

[2] Twin Peaks é uma série de televisão norte-americana, que tornou-se um dos programas mais assistidos da década de 1990 e um sucesso internacional de crítica. Refletindo seus fãs dedicados, a série tornou-se parte da cultura popular, se tornando referência para outras séries de televisão, comerciais, quadrinhos, jogos eletrônicos, filmes e músicas. Twin Peaks possuía uma história complexa nunca vista em uma série antes, personagens estranhos e excêntricos, tramas cheias de mistérios, sendo difícil categorizá-la, pois possuía momentos alternados entre suspense, surrealismo, drama, policial, humor e terror psicológico.

jogos, fichas, dados e dinheiro. É isso, vamos sair daqui. Quando ele começa a subir as escadas, o mesmo segurança o interrompe e diz: tudo bem, tudo bem, você pode ir ver as garotas.

As garotas estão dançando numa plataforma elevada com assentos ao redor dela, nos quais homens de negócio asiáticos estão sentados rindo e fazendo piadas. Nós nos instalamos na outra ponta do grande oval, na frente ao bar. A maioria dessas jovens garotas é caucasiana. Deve ser por isso que o motorista nos trouxe aqui. Nós pegamos nossas bebidas e várias garotas bonitas usando lingerie, que a princípio, pensei serem garçonetes, vieram e começaram a fazer perguntas, conversando um pouco e bloqueando nossa visão do show. Elas eram recepcionistas e eram uma grande parte da atração nesses lugares. A função delas é conversar com os homens e convencê-los a comprar bebidas. Algumas podem ser prostitutas, mas nem todas. O compromisso delas é oferecer a companhia de uma bela garota para os homens que patrocinam aquele lugar. Bono e eu as entretemos com histórias, enquanto Hal senta com seu cotovelo no balcão e seu queixo na mão, olhando para o espaço, e Eric fica atrás de nós, em caso de qualquer problema.

Uma americana loira que diz ter vinte anos, mas parece ter dezessete, explica que muitas das garotas são australianas, outras várias são americanas, algumas europeias. Elas vêm para Tóquio com a promessa de trabalhos de modelo ("O homem-elefante poderia modelar no Japão", diz rindo uma garota asiática) mas quando esses trabalhos não pagam o suficiente para sobreviver nessa cidade cara, elas caem em trabalhos de recepcionista. Algumas perdem o chão. Uma garota da Nova Zelândia aponta para os empresários asiáticos olhando atentamente as go-go girls e diz: "Nós fazemos massagem no *ego* deles!"

Uma recepcionista de cabelo ruivo que olha como Ann-Margret começa fazer o watusi[1] como se estivesse em Viva Las Vegas[2] e Bono fosse Elvis. Ela empurra os seus grandes seios contra o nariz dele e balança, dificultando a tarefa de Bono examinar as outras. Ela é a única com a qual ele não é polido, com a qual ele se recusa a conversar, o que só faz o empurrão dela mais forte. Então ele diz que é hora de ir. A loira americana diz que ela sai do trabalho às quatro, e ela e as outras irão para um outro lugar depois do trabalho. Ela diz o nome do lugar. Nós dizemos que podemos vê-la lá e voltamos para o carro.

Após algumas ligações do telefone do carro e conversas no walkie-talkie, nós encontramos Edge, Morleigh e os amigos dela num bar tranquilo, não muito longe dali, e nos juntamos para um drinque civilizado. Edge diz que David Morales, que fez o remix dançante de "Lemon", está tocando num clube chamado Yello hoje à noite e ele e Morleigh estão indo para lá. O U2 nunca se encontrou com Morales. Bono diz a Edge: "Nós nos encontramos lá daqui a pouco", e sai do bar.

Cruzando a cidade, nós passamos numa área onde as luzes estão brilhando, pessoas pulando, carros estavam fazendo manobras ousadas e há Jerry Male, o chefe de segurança do U2, gritando e rindo na calçada tão logo voltamos para uma discoteca. Jerry, Larry Mullen e David Guyer estão a horas indo fundo num passeio em uma Tóquio alternativa. Eles disseram para o motorista não os levar a nenhum lugar turístico: "Nos leve para onde você iria!" Quando o motorista resistiu, eles o ameaçaram trancá-lo no porta-malas e assumir o volante. As intenções dos visitantes, explicadas tão claramente, melhoraram consideravelmente

---

[1] O Watusi é uma dança solo que gozou de grande popularidade durante a década de 1960. No clássico Watusi, o dançarino está quase parado, com os joelhos levemente dobrados, embora possa avançar e recuar um ou dois pequenos ritmos rítmicos. Os braços, com as palmas das mãos alinhadas, são mantidos quase retos, alternadamente agitados para cima e para baixo na vertical. A cabeça é mantida alinhada com a parte superior do tronco, mas pode balançar levemente para acentuar o movimento do braço.

[2] Viva Las Vegas é um filme de 1964 estrelado por Elvis Presley e Ann-Margret. O filme conta a história de um piloto (Lucky Jackson), intepretado por Elvis, que sonha em disputar uma corrida em Las Vegas, mas que se vê metido em diversas confusões e problemas para conseguir correr e realizar o seu sonho. Além de tudo se apaixona por uma mulher muito arrogante.

o senso de direção do guia japonês. Larry e os rapazes da segurança tinham visto coisas difíceis de acreditar. Agora, entusiasmados com uma combinação de alto grau de saquê, cerveja e vodka, os 3 cavaleiros estão nadando nas belezas asiáticas. Quando Larry se aproxima de John, uma mulher sedutora pula sobre ele, tranca a porta e insiste em transar com ele no ato. O sempre-contido Larry escapa dela, destrava a tranca, e volta para o clube, com ela gritando atrás dele: "Eu sempre consigo o que quero!"

De algum jeito, Bono, Eric e eu encontramos o trajeto para a casa de festa onde David Morales estava tocando, onde um monte de gente da turnê tinha ido. "Lemon" está tocando. Ao invés de dançar livremente com seus parceiros ao longo da pista, quase todos os jovens japoneses estão dançando em filas bem alinhadas, encarando o DJ - como mulheres mais velhas num casamento fazendo o Hully Gully[1]. É como se fosse uma aula de ginástica matinal.

Bono é apresentado a uma sala VIP, um andar acima de onde Edge e Paul McGuinness estão afundados nos seus copos e num devaneio nostálgico sobre o início do U2. Eles dizem que tinham uma música chamada "Pete the Chop" (nada a ver com uma música posterior, "Whatever Happened to the Chop?") que seria seu single de sucesso. Eles estavam mantendo essa música reservada caso o U2 se metesse em problemas e nesse caso a poderiam ter lançado. Eles nunca fizeram isso. Eles se maravilharam sobre quanta liberdade tinha sido dada à banda pela Island Records, desde o começo, e lamentaram pela enésima vez não terem dado ouvidos a gravadora sobre a foto da capa do *October*. "Que foto horrível! O casaco do Adam! Arrrrghhh!"

Bono e Edge acharam melhor descer e conhecer Morales. Eles passam pela multidão e escalam a cabine do DJ, onde Edge fica tão fascinado com as habilidades de *scratch* e de mixagem mostradas que ele decide ficar atrás de Morales por algumas horas e estudar. Morleigh entende que é um bom motivo para ela voltar para o hotel e Edge pede a Scott, seu segurança, para que a leve. Os guarda-costas odeiam quando os membros da banda pedem que os deixem desprotegidos em lugares estranhos, mas Edge insiste.

Ao subir as escadas que levam para fora do clube, esbarro com Fightin' Fintan Fitzgerald, que estava tomado pela ressaca de final de festa que o fez merecer o apelido. O barbeiro mais radical desde Sweeney Todd, Fintan decide que esse é o momento de ensinar Hal e eu sobre os nossos cortes de cabelo. Eu sugiro que ele pode recuperar o controle cantando calmamente comigo todo o álbum Budokan do Bob Dylan, começando por "Mr. Tambourine Man".

Fintan recua e grita: "Seus hippies velhacos! Bob Dylan está morto! Vocês não entendem, seus hippies? Bob Dylan está morto!" Os olhos de Fintan parecem estar brilhantes. (Eu descobri que esse é o tipo de detalhe que causará a descrença de algumas pessoas no que eu descrevo, então agarro Fintan pelos ombros e analiso os olhos dele. Eles estão brilhando muito - roxo luminoso. Parece uma reação estranha de suas pupilas às luzes ultravioletas nesse lugar.). Eu levo Bono e Eric até as escadas e digo: "Caras, Fintan está fora de si esta noite".

"Fintan é um cretino!" grita Eric. "Seu comportamento coloca ele mesmo e outras pessoas em perigo e eu estou de saco cheio disso!" O segurança está no seu limite. Já é difícil o bastante proteger Bono enquanto ele continua indo para os lugares mais perigosos, entra por portas que dizem "NÃO ENTRE" e ignora os avisos de guias locais dispostos a protegê-lo. Mas o que deixa as coisas ainda piores são os amantes duma

---

[1] Hully Gully é uma dança originária da América Latina, derivada do samba, caracterizada por figuras realizadas simultaneamente por todos os dançarinos juntos, generalizada nos Estados Unidos e na Europa durante a década de 1960.

confusão como Fintan, oferecendo a Bono companhia e coragem do jeito que ele quer. Eric tem estado no limite sempre, desde que Bono o dispensou do seu posto essa noite para buscar Hal. Ele se desculpa, porque não quis ser grosseiro, mas eu entendi o recado.

Isso não significa que eu não vou ignorá-lo..., apesar de tudo! Eu ouvi histórias do U2 da primeira vez que eles vieram a Tóquio, dez anos atrás, e de um bar de hotel que era o ponto de encontro de modelos de moda ocidentais no Japão. Foi o primeiro lugar onde o U2 foi assediado por um monte de mulheres lindas que queriam transar com eles e isso fez a cabeça daquelas mentes renascidas. Eu digo a Bono que parece um lugar que nós deveríamos evitar - pelo histórico - e ele disse que deixou de ser utilizado para esse fim. Apesar disso, ele concorda em parar ali para um drinque. Isso é triste, apesar de tudo. O velho quarteirão está morto e praticamente deserto. As únicas pessoas no salão sobrevivente são um casal de mulheres de meia idade com cara de cansadas, e Terence Trent D'Arby.

Por isso, continuamos a procurar o local da festinha que nossos novos amigos anfitriões da One-Eyed Jacks nos falaram. Já passa das 4 da manhã. Agora, as anfitriãs devem estar lá. Continuamos parando os foliões nas ruas e seguindo as instruções em vários idiomas até que um garoto punk aponta para uma porta em um beco e diz: é aqui. Subimos em um elevador de armazém enquanto o som da música vai ficando mais alto, as portas se abrem e as pessoas estão festejando como num vídeo do Prince. O cheiro de poppers[1] está no ar, motivando as mulheres que trabalharam (e beberam) a noite toda a continuarem pulando. As mulheres da One-Eyed Jacks cumprimentam Bono e seus amigos como irmãos perdidos, e o staff limpa uma mesa para nós (exceto por um japonês inconsciente que eles não querem tirar).

É uma pequena sala com um grande bar no meio e cabines ao longo das paredes. A pequena pista de dança está lotada. Inevitavelmente, eles colocam uma gravação do U2. A garota Ann-Margret, da One-Eyed Jack's, vê Bono e o segue pela sala, enfiando os seios nele até que ele finalmente diz para ela ir embora, ele não está interessado. Ela recua, rejeitada e grita no meu ouvido: "Eu amo esse homem! E hoje à noite ele partiu meu coração!" Aponto para Eric, vigiando a porta, e digo: "Você viu aquele cara bonito ali? Você viu o guarda-costas? Kevin Costner baseou seu personagem nele. É esse tipo de homem que você quer conhecer".

A anfitriã americana loira se junta a mim e peço que ela conte as histórias de todas as pessoas na sala. Ela ri e começa a contar. Ela aponta para uma mulher sexy de minivestido brincando com a gravata de um ocidental. "Aquela garota aí? A loira se beijando com o empresário americano? Ela o conheceu hoje à noite, mas ela vai para casa com ele, porque sente falta dos Estados Unidos, Está sozinha em Tóquio e não fica com ninguém há algumas semanas.

"Esse cara neozelandês bonito é um gigolô. Ele leva para casa uma mulher diferente todas as noites. Uma japonesa comprou uma moto para ele. Não foi por causa do sorriso dele - deixe-me colocar dessa maneira.

"Essa garota realmente bonita tinha uma irmã que era dois anos mais velha e ainda mais bonita. Ela passou a vida toda competindo com ela. Todos os caras com quem sua irmã dormia, ela também precisava dormir. Sua irmã se tornou modelo, então ela veio aqui para modelar. Ela nunca a alcançará".

Ela aponta para um homem bonito que parece meio asiático e meio caucasiano. "Ele é um cara muito bom,

---

[1] Poppers são uma "droga" líquida que pode dar um alto instantâneo quando inalado. Os efeitos dos poppers aparecem rapidamente e incluem tontura, sensação de calor, aumento do ritmo cardíaco e dores de cabeça. Poppers têm um uso recreativo generalizado. A droga pode causar efeitos eufóricos. Embora intensa, a maioria dos efeitos eufóricos se desgastam rapidamente, normalmente em poucos segundos ou minutos. A droga não é segura para as pessoas tomarem.

mora no apartamento abaixo do meu, mas precisava dormir com todas as mulheres que conhecia. Agora, finalmente, conheceu uma mulher que realmente ama e está sendo fiel a ela, mas a má notícia é que ela tem um marido.

“Está vendo aquela mulher mais velha ali? Ela é anfitriã há sete anos! Isso é inacreditável? Você consegue imaginar alguém tão velho que ainda seja anfitriã?” Ela faz uma pausa de espanto e explica: “Ela tem 25 anos!”

Outra anfitriã se junta a nós e ouve o tutorial. “Você precisa despersonalizar totalmente os homens”, diz a americana. “Quase que ri deles”.

Sua amiga acrescenta: “Você precisa entender, pois os japoneses são a versão fast-food da gueixa”.

As pessoas na pista de dança estão pulando com “Who’s Gonna Ride Your Wild Horses”. Volto para a mesa e me sento ao lado de Bono. Um personagem de aparência dura aparece com um sorriso largo e faz seu trabalho ao colocar dois copos cheios de um líquido laranja radioativo na nossa frente. Ele deixa claro que isso é uma honra e um prazer, nós devemos beber. Bono e Eric compartilham um olhar e Eric (mudando para a função de degustador de vinhos) cheira a bebida, mergulha seu mindinho e prova uma gota, e então devolve a Bono, sussurrando em seu ouvido enquanto ele bebe. Um momento depois, Bono levanta o copo vazio em saudação ao homem que nos serviu. Bem, eu acho, quando em Gomorra. . . e eu engulo o meu e levanto meu copo para o cara também. “Você bebeu isso?” Bono pergunta, horrorizado.

“Claro”, eu digo. “Eric achou que era seguro para você beber, certo?”

“Ele não o fez!” Bono diz. “Ele disse que estava cheio de algo. Joguei embaixo da mesa e levantei o copo vazio!”

“Oh, inferno”, eu digo. “Como se Tóquio já não fosse psicodélico o suficiente”.

Quando o lugar finalmente fecha, pouco antes do amanhecer, as meninas dizem que há outro bar que ainda estará servindo. É conhecido como Juice. Saímos para o beco, onde tento decidir se minha bebida foi drogada: olho em volta e vejo uma cidade elétrica, rostos gigantes em telas de vídeo nos lados dos edifícios, luzes de cata-vento rolando para cima e para baixo no céu. Não, isso é Tóquio mesmo. Enquanto Eric está tentando organizar o carro, Bono lidera uma rebelião. Eric olha para cima e percebe que o pior aconteceu - sua joia se foi! Quando Bono já está na esquina, a voz de Eric está gritando no telefone de um carro: “Jerry! O número um saiu pela rua! O número um saiu pela rua!”

Bono nunca fica desprotegido por muito tempo, no entanto. Alguns becos depois, ele é reconhecido por algumas garotas japonesas. "Onde você vai?" eles perguntam à estrela do gaijin rock [1].

“Não sei”, diz Bono. “Onde vocês estão indo?”

Elas se oferecem para indicar o caminho para o bar. Juice é uma estranha sala branca com mesas em forma de dentes. É como entrar em uma dentadura. Existem apenas dois clientes no lugar: uma japonesa que se

---

[1] O Gaijin Rock é essencialmente rock japonês (J-Rock), mas cantado em um idioma não japonês – geralmente o inglês. A música comumente é uma mistura de rock e música eletrônica com letras que geralmente se referem a quadrinhos de mangá ou a temas de mangá.

envolveu em uma intensa discussão sobre o significado do amor com um irlandês. Por quê . . . é filosofia, Fintan Fitzgerald.

"Oh, oi", diz Fintan, saudando-os. "Como vocês encontraram esse lugar?" Este é realmente o pior pesadelo de Eric: Bono desprotegido e à solta com Fintan no comando das direções. Quando Juice fecha, por volta das 7:30 da manhã, as mulheres perguntam se Bono e seus amigos querem continuar a festa na casa delas. É manhã agora, tudo está nublado, todo senso de direção já se foi. Tóquio parecia Blade Runner dos carros, mas de perto é claramente o Blue Velvet[1]. Uma vez em casa, as meninas - que parecem estar aceleradas - começam a fumar heroína para se acalmar. Bono acena, se arrasta para um tapete e fecha os olhos. Uma das meninas se oferece para fazer sexo com ele. Ele diz que não, obrigado e perde a consciência.

Ele acorda às nove com a sensação alarmante de algo escorregadio subindo pela perna. *Ele disse à ela que não estava interessado!* Ele olha para baixo e se vê olho no olho com uma píton que desliza sobre sua barriga. Ele está em um estado de sonho alucinatório, mais confuso do que assustado.

Ele olha para a cobra. Ele não se mexe. Então ele ouve a voz de Fintan: "Minha mãe trabalhava em um zoológico. Estou acostumado com cobras". E com isso, Fintan tira a píton de Bono e a envolve em seu próprio pescoço. Por mais sortudo que possa ser, o barbeiro do U2 não é um encantador de cobras. A píton desencadeia uma cascata de mijo e cocô por todo o lado em Fintan. A garota da festa japonesa que é dona da píton grita quando um assustado Fintan faz uma dança de cobra que Salomé nunca imaginou.

Bono recupera os sentidos o suficiente para descobrir que este lugar é problemático, mas é Fintan - o muito difamado Fintan - que entra como segurança. Ele levanta Bono pelo braço e diz: "Vamos sair daqui". Fintan organiza a fuga do lugar, pega um táxi e encontra o Four Seasons Hotel. Bono compra café e algo para comer. Isso tem que parar, essa banda tem que sair da estrada e voltar para casa. "Eu sei que eu fui longe demais", ele murmura. "Eu poderia ter sido preso cercado por prostitutas e heroína em algum esconderijo da Yakuza. Ok, eu não estava participando - mas tente dizer isso ao juiz!"

Eu não acho que Bono já tenha escrito uma letra que ele não possa personificar, desde o garoto assistindo ao carro fúnebre buscando sua mãe em "Tomorrow" até o traficante faminto por poder em "Desire", mas agora estou certo de que o auto-retrato perfeito é o tolo santo em "Tryin' to Throw Your Arms Around the World", o cara que simplesmente não pode desistir da noite e voltar para casa até que a noite tenha mais do que desistido dele. Bono finalmente chegou ao fim da Vida Noturna e está pronto para voltar para Ali e sua casa à beira-mar.

"Mas eu sei o que é certo", diz Bono sobre sua caminhada espiritual. "É Eclesiastes".

No Four Seasons, Larry caminha pelo corredor procurando o café da manhã, vestindo apenas um roupão de hotel branco e gritando: "BOM DIA, VIETNAM!" Ele se junta aos quatro seguranças que estão tomando café e verificando a folha de entrada da noite passada. Adam voltou ao hotel às 3 da manhã, Edge às 5, Larry às 6, Bono às 10 horas. A última semana da maratona da vida noturna do Iron Man está em andamento.

---

[1] *Blue Velvet* (Veludo Azul) é um filme de longa-metragem de 1986, do gênero suspense. O filme é um exemplo de neo-noir e contém elementos de surrealismo. Sob a aparente serenidade de uma pequena cidade, existe um mundo obscuro no qual os inocentes não ousam se aventurar e onde o imprevisto é normal. É o reino assustador de Veludo Azul.

# 54. Judô

**o u2 interrompe o trânsito / tiroteios na fábrica de macarrão / vitrais elétricos / fazendo a yakuza piscar / bono na cidade dos mortos / hal willner vai dançar**

BONO, EDGE E PAUL passam uma tarde no meio da semana fazendo compras de Natal para seus filhos nas lojas de brinquedos de Tóquio. Vou lhe dizer, nem todos os elfos do Pólo Norte conseguiriam manter essas prateleiras sem fim estocadas. Para uma nação não cristã, o Japão parece ter adotado a iconografia extra-religiosa do Natal com um entusiasmo digno de Toys-R-Us[1]. Há grandes Papais Noéis elétricos piscando e renas luminosas de neon piscando e brilhando no horizonte, e recriações fonéticas de canções natalinas ocidentais ecoando nos alto-falantes de todas as lojas. Perdoe-me por entrar na fossa dos estereótipos étnicos, mas até que você tenha sido submetido a uma versão minúscula de "Lockin 'alound the Clistmas Tlee" [2] enquanto tenta calcular na sua cabeça o preço das bonecas Barbie japonesas, você não sabe o que perigo amarelo[3] significa.

O entusiasmo de Edge por experimentar todas as pistolas a laser me faz duvidar que ele as esteja comprando para as filhas. Depois de entrar em uma das lojas de brinquedos, você pode ficar por um ano, mas tentar fugir é difícil. O problema é, novamente, o entusiasmo de Goebbels por ordem e rotina que orienta os guias e motoristas japoneses do U2. O passeio de hoje tem dois carros, dois motoristas e planeja fazer compras por um tempo, ir a um restaurante em particular para almoçar (*Espaguete* é a moda da culinária que varre Tóquio, por sinal. Cansado de macarrão - experimente algo continental), e depois retornar ao hotel. Bono está pensando em levar um dos carros de volta ao hotel mais cedo e deixar o resto de nós no outro. Então, quando subimos para o que seria uma longa viagem à casa internacional de espaguete, ele diz ao motorista que houve uma mudança de planos. Esqueça atravessar a cidade até o restaurante confidencial; vamos dar uma mordida rápida em qualquer lugar por perto, e então Bono levará um dos carros de volta ao Four Seasons.

OH, NÃO, ELE NÃO VAI. Nosso motorista sopra um carburador mental com esse desvio de programação. Ele para o carro de lado no meio do trânsito e pula para fora, gritando ao mesmo tempo em seu telefone portátil para o seu mestre invisível e para o motorista do outro carro, que também se salvou e está igualmente fora de si porque a lei da natureza foi violada. Bono, que não é conhecido por sua capacidade de ficar de fora de qualquer discussão, entra e sai, jogando uma pátina[4] multilíngue da Torre de Babel no processo, enquanto os motoristas engarrafados fumegam e buzinam nos carros ao nosso redor... Ei, eu acabei de perceber algo assustador; eles realmente não estão buzinando. Muito mais horrível, eles estão saindo e se juntando às lamentações nervosas.

[1] Toys "R" Us foi uma empresa multinacional norte-americana responsável por uma rede internacional que tinha cerca de 1.500 lojas de brinquedos.

[2] Alusão à Rockin' Around The Christmas Tree, uma canção de Natal escrita por Johnny Marks e gravada por Brenda Lee em 1958; desde então, foi gravado por vários outros artistas da música.

[3] Perigo amarelo é uma metáfora racista que define os asiáticos orientais como um perigo e uma ameaça existencial para o mundo ocidental

[4] Pátina é um composto químico que se forma na superfície de um metal, como o bronze.

Somente o Buda sabe qual emaranhado de cordas deve ser puxado, ou quais podem ser as repercussões a longo prazo para a estabilidade econômica do Ocidente, mas finalmente Bono pode mudar seus planos e levar um carro para casa antes do previsto.

No caminho de volta ao hotel, começa uma chuva gelada de inverno. O engraçado é que, apesar de todos os aborrecimentos, Bono está se apaixonando por Tóquio. Ele acha que é o epítome das ideias por trás da Zoo TV: abraçando as contradições entre o lado oculto, a vida noturna, a profundidade do respeito pelas tradições e rituais antigos e a incrível tecnologia do século XXI. Essas pessoas jogam eletricidade nos prédios como tinta. A frase de estimação de Bono para a filosofia Zoo tem sido judô, jiu jitsu: usando a força do seu inimigo contra ele. Foi como a banda conciliou o abraço de todas as ferramentas - comercialismo, glamour, estrelato, ostentação - às quais a música e as crenças do U2 se opunham anteriormente. Os estudantes de arte podem saber disso no segundo ano, mas o U2 é artista por instinto, não por treinamento. Levou uma década para descobrir.

O próximo trabalho do U2 é uma sessão de fotos com Anton, que voou ontem à noite, bem a tempo de Bono levá-lo de volta a Kabuki-cho. Depois de caminhar por algumas locações, Bono, Adam, Eric e Anton escolheram um restaurante de macarrão aleatoriamente, subiram as escadas, sentaram-se e pediram o jantar. No meio da refeição, sirenes, gritos e tiros irromperam do lado de fora. A polícia, com equipamento de combate completo, invadia o restaurante ao lado, aparentemente uma fachada para alguma atividade ilegal.

“Isso não foi uma prisão!” Bono disse quando os policiais se retiraram. “Esse foi um exército invadindo um país estrangeiro!”

A sessão de fotos de hoje começa na mesma área violenta, com Bono posando como se invadisse um dos cinco Bentleys negros alinhados, ele insiste, já que seus proprietários da Yakuza[1] foram arrastados pela polícia na noite passada. Bono pode estar se antecipando à checagem dos fatos aqui, mas certamente está conseguindo deixar o mais recente tradutor do U2 - codinome: Oddjob - nervoso. Enquanto Anton fotografa, outra limusine desce a rua estreita e começa a tentar nos empurrar para fora do caminho. O guarda-costas de chapéu preto, “o bandido no filme”, David Guyer, responde violentamente quebrando o guarda-chuva que ele está segurando em cima do carro e gritando: “O que acha disso, idiota?” Oddjob está pronto para desmaiar. Dois japoneses espertos e malvados inclinam-se pela janela e encaram David, gritando ameaças. Ele fica lá silenciosamente desafiando-os. Eles pestanejam um pouco e vão embora.

Eric, o guarda-costas de chapéu branco, o “mocinho do filme”, deseja que David não faça isso. David é um artista marcial de classe mundial, mas Eric acha que ainda precisa internalizar os ensinamentos do mestre espiritual Jerry Mele.

Passa um pouco das quatro, escurecendo. A chuva parou e todo o neon está chegando. Bono fica seduzido e empolgado com o que chama de “fogos de artifício na arquitetura”. Ele me puxa de lado em frente a uma loja pornô e diz com malícia: “Bill, estou tendo uma epifania. Precisamos fazer o próximo álbum aqui! No final de uma turnê, você recebe pistas sobre como o próximo estágio deve ser”. Preciso jurar não contar a Edge ou Adam, que, se soubessem dessa sugestão, pendurariam Bono

---

[1] Yakuza é uma famosa e tradicional máfia japonesa, conhecida internacionalmente por seus crimes violentos e por seu rigoroso código de postura e honra.

em um poste de luz enquanto gritavam *Sic semper tyrannis*[1]. Enquanto esses dois intelectuais estão distraídos, Bono joga a ideia no ouvido de Larry e Larry diz que tudo bem. É como a Bósnia mais uma vez!

O U2 posa para fotografias em frente aos símbolos que decoram a frente de um sex shop. “Toda essa escrita atrás é tão bonita”, Bono diz com um suspiro, “e provavelmente diz ‘Vagina’”. O dono da loja pornô vem gritando pela porta, afastando Anton e sua câmera enquanto o U2 ri e Oddjob, o único que consegue entender o que o homem irritado está gritando, fica branco e diz que devemos fugir rapidamente, pois é uma proteção da Yakuza!

Enquanto andamos por fileiras de arcadas elétricas piscantes, salões de massagens, máquinas de fast-food e shows de sexo, Bono diz: “Bem, você pediu por isso. Aqui está. O U2 no fim do mundo”.

Caminhamos pela paisagem alucinógena à medida que o bairro fica mais agradável e finalmente saímos para um grande parque cercado por arranha-céus reluzentes, que fazem da Times Square parecer insignificante em comparação. É a Alta Square, cujo nome - até onde posso entender pelo nosso guia - é de um estúdio de TV e gravação com vista para ele. Isso me parece um retrocesso - certamente o estúdio foi nomeado para a área, e não o contrário; mas então suponho que, se Times Square e Herald Square recebem o nome dos jornais publicados lá, essa tradição também não deveria ser estendida à mídia mais nova?

“Eu esperava muito”, diz Bono, encarando as explosões de neon, “mas não esperava isso!” Sob as luzes, no parque no meio da praça, está o que parece ser uma grande manifestação comunista. É uma operação fotográfica, com certeza, e Anton filma o U2 andando de um lado para o outro com as faixas vermelhas e os alto-falantes no fundo.

“Eles não têm religião em Tóquio”, diz Bono, acenando com o braço para os sinais elétricos. “Apenas os mais velhos vão à igreja. Então, esses são os seus vitrais”.

Um rapaz japonês baixinho, de rosto redondo, continua se curvando para o U2, dizendo “Bono, Bono! Edge, Edge! Bono, Bono!” A próxima locação de Anton é a estação de trem Shinjuku. Há uma onda de gritos de adolescentes enquanto o U2 entra na multidão na hora do rush. Realmente é o caos. Anton fotografa a banda andando pela estação, esperando nas plataformas e até mesmo entrando em um trem. (Quando as portas se fecham e o trem sai, Anton é deixado para trás. Nem preciso dizer que pulamos na próxima estação, corremos para a plataforma oposta e ficamos muito agradecidos quando desembarcamos de volta onde começamos.) Bono manobra através da multidão na plataforma, gritando: “Embarque para o Purgatório na plataforma 7! Último trem para o Hades - plataforma 2!”

“O que vou lembrar são as vozes”, grita Bono sobre o alto-falante sem parar, fazendo anúncios de trem. “As vozes do tráfego sobre as vozes dos alto-falantes sobre as vozes dos cânticos! Todas essas vozes umas sobre as outras”.

---

[1] Sic semper tyrannis é uma frase em latim que significa "Assim sempre aos tiranos". Às vezes ela é traduzida erroneamente como "morte aos tiranos" ou "abaixo os tiranos".

Fora do trem, os passageiros convergem para Bono, com canetas, papel e câmeras. Um cara arranca seu Walkman e o coloca na cabeça de Bono. Está tocando "Even Better than the Real Thing". Larry fica de lado rindo de Bono, o diplomata internacional, curvando e apertando as mãos, curvando e apertando as mãos. Anton, com mais de um metro e oitenta de altura, caminha acima das pequenas estrelas do rock e seus pequenos fãs, se afastando.

Quando saímos da estação, Bono diz: "Veja bem, é uma civilização muito avançada, onde as pessoas usam máscaras quando estão resfriadas". Isso é verdade, mas em um país insular tão desesperadamente superlotado provavelmente também é uma dura necessidade. Assim como a estrita adesão à ordem, à estrutura e às regras. Existem pessoas demais para acomodar o tipo de independência e, eu acho, o egocentrismo que os ocidentais supõem ser um direito de primogenitura. Ultimamente, parece que toda semana aparece em outra área urbana uma nova doença, ou um novo vírus resistente à vacina de um vírus antigo. Esse é o fim do mundo que me preocupa: aquele em que colocamos tantos humanos no metrô que a natureza decide nos destruir como um rebanho gordo na temporada de carrapatos.

Voltando para o hotel, Bono diz que as três cidades mais incríveis que ele já esteve são Tóquio, Cidade do México e Cairo. Eu pergunto por que Cairo e ele me conta sobre a Cidade dos Mortos, uma área onde as pessoas vivem no meio de sepulturas abertas. Ele e Ali a encontraram durante suas jornadas na África. A população carente da Cidade dos Mortos vive em buracos onde, anos atrás, egípcios ricos foram enterrados em sepulturas como armários. Bono explica que a população deste cemitério "pega o lixo da cidade, recolhe tudo à noite e o leva de volta à Cidade dos Mortos. Coisas preciosas, de lata e prata, qualquer coisa com tubo. Eles o usam, armazenam-no e queimam tudo aquilo que não podem usar. Assim, a Cidade dos Mortos é coberta com fumaça negra e as crianças ficam com fuligem em seus rostos. Vai além da Road Warrior. É muito perigoso ir até lá".

"Eles trabalham com a lata. São, na minha opinião, parecidos com funileiros irlandeses. Essa denominação significa funileiro. Eles costumavam afiar as tesouras e fazer caldeirões. Atualmente eles fazem passeios e desmancham carros. O metal é a chave. Os metalúrgicos na Cidade dos Mortos e os funileiros irlandeses são a mesma coisa. São um povo nômade e estou certo de que são os remanescentes dos alquimistas".

Bono conta que os cantos árabes, com suas notas de blues dobradas, sua escala pentatônica, são irmãos do canto lúgubre gaélico ouvido no oeste da Irlanda. Ele tem certeza de que, na Antiguidade, a Irlanda e o Norte da África estavam conectados e compartilharam influências através de suas relações comerciais mútuas com a Espanha. Ele diz que os mapas náuticos dos antigos fenícios são, para os padrões atuais, virados de lado, com o nosso leste acima. Por isso, o que agora é a Irlanda, a Espanha e o Marrocos estão alinhados juntos no centro e com grande destaque, enquanto que a Inglaterra e a França são ilustradas como terras interiores obscuras. Tal como acontece com a sua teoria de que rap e hip-hop conectam os negros americanos à África, Bono encontra a rota comercial que os livros de história deixam de contar.

Nós retornamos ao hotel e subimos as escadas para nos limpar, antes de voltar para o salão de eventos do grande hotel onde o Phonogram Nippon preparou um banquete Japonês que faria um glutão chorar de gratidão. Lindas servas de quimonos tradicionais passeiam pela sala, com travessas como serafins presos aos pés, oferecendo carne de porco marinada, frango temperado, camarão cozido no vapor, lagosta e bife tão suculentos que fariam um carnívoro de Morrisey, um comedor de

carne de Linda McCartney, um canibal de vaca. Os *zoólogos*, alimentados há dias com *fast food* e serviço de quarto, quase gemem de alegria com cada garfada. Como é um tradicional banquete japonês, não há cadeiras – espera-se que sentemos de pernas cruzadas em mesas de jantar com mais ou menos 30 cm de altura. Após alguns momentos embaraçosos de contemplação da posição do yoga, os sofisticados ocidentais optam por sentar nas pontas das mesas com seus pratos no colo.

Os executivos da Asian Phonogram ignoram quaisquer violações com graça e modos perfeitos. Eles fazem discursos calorosos de saudação e dão grandes presentes embrulhados para Paul, Regine, Sheila e a banda. McGuinness e Bono se levantam e fazem gentis discursos de agradecimento. Paul agradece aos executivos japoneses por todo o seu esforço em favor dos álbuns recentes do U2 e suas turnês e diz que, para ter sucesso no Japão, a combinação de arte e tecnologia da Zoo TV provavelmente significa mais do que em qualquer outro lugar. Bono diz que ele gosta tanto de Tóquio que não dormiu desde que chegou.

O pessoal da organização dos shows abre seus presentes: relógios de tabuleiro com "hashis" e doze tipos diferentes de sushis de plástico no lugar dos números. "Ei, Paul", eu digo, "Faltam quinze minutos para o salmão!". Os japoneses, ao menos, são muito educados para suspirar. Anton aponta para Bono, engajado numa discussão intensa com dois dos executivos da gravadora e diz que o que é realmente impressionante em Bono é que ele pode falar com ricos empresários estrangeiros e com prostitutas no bairro da luz vermelha e se interessar por cada um da mesma forma.

Todos perambulam pela sala, conversando com os anfitriões, ouvindo uma outra mulher vestida tradicionalmente tocando o "koto", um tipo de cítara, e enchendo seus bolsos de sobremesas. É difícil conciliar esta gentileza elaborada com a decadência pela qual nós passamos na última noite – até que largo mão das minhas expectativas e considero que é exatamente um tipo de discrepância que vivo todos os dias de minha vida. Em casa, em Nova York, estou acostumado a passar por cima de um drogado inconsciente na saída de uma festa de gala beneficente em um museu elegante de esquina com uma sala de filmes pornô. O mesmo em Londres ou Los Angeles ou Berlim. Por que ficar surpreso ao ver hipocrisias culturais equivalentes no Japão? Ele também está lotado de terráqueos.

Encerrado o banquete, partimos para pegar nosso amigo Willner em seu hotel e voltamos para o pandemônio noturno. Bono, Eric, Nassim e eu encontramos Hal no bar do hotel. Deus sabe que os empregados japoneses de Willner pensam de seu estado de privação de sono e deterioração. Ele está se parecendo com o retrato de Dorian Gray. (Eu mesmo ando cobrindo os espelhos com tapetes de banho desde Sydney). Nós podemos ficar sentados nos cantos escuros desta sala tranquila a noite toda, mas alguém reconhece os ingleses na mesa ao lado como Deep Purple (eles são famosos no Japão) e decidimos nos separar antes que eles queiram nos chamar para tocar junto.

Voltamos para o carro e acabamos parando em algum restaurante que parece convidativo, mas fomos perseguidos de uma sala a outra e de uma mesa a outra por orientais frenéticos, cujo comportamento sugere que toda vez que sentamos estamos cometendo alguma atrocidade terrível que não podemos compreender. Finalmente o proprietário (como vou saber se é o proprietário? Talvez ele seja o primo traumatizado do zelador) nos empurra para um canto no porão, onde sentamos em esteiras ao redor de uma mesa baixa e – olha só – agora um caso de adrenalina asiática está pulando em um pé só, arrancando seu sapato e cuspindo o que claramente é uma ordem para que arranquemos nossas botas. Nós assim fazemos e ele as recolhe e leva para Deus sabe qual ritual perverso.

“Eu só posso aguentar esta humilhação até certo ponto”, Bono diz fortemente. “Logo ele levará um chute na cabeça com um pé irlandês descalço”.

Depois de outros quinze minutos de estranhas condenações em uma linguagem oriental, nós desistimos, subimos as escadas de volta para a rua e partimos em busca de mais boates, tabernas e estúdios de tatuagem. Paul Oakenfold, o DJ da Zoo desde que B.P. foi expulso do Éden, está se virando nos quarenta e cinco em alguma discoteca na cidade, mas não sabemos onde. É um indicador de quão fora da realidade todos ao redor do U2 se tornaram: presumimos que poderíamos simplesmente nos largar no meio da maior metrópole do mundo, onde nenhum de nós fala ou lê a língua e encontrar nosso amigo, sem instruções. E estávamos certos! Bono, com seu dom divino de esbarrar nas pessoas que ele conhece em todo lugar na Terra, reconhece uma jovem mulher descendo o beco e grita: “Yoko!”.

“Bono, Olá”

“Você sabe onde Paul Oakenfold está tocando?”

Ela sabe mesmo e pode nos mostrar! Logo estamos no subsolo, em uma frenética discoteca, com filmes privados de mulheres peladas piscando na parede, enquanto o som de “Lemon” do U2 sai dos alto falantes e a subcultura de Tóquio sacode seu espólio. Já há muitas pessoas da Zoo aqui, dançando, bebendo e suando pelos cotovelos. Rapidamente nós nos juntamos a eles, exceto Willner, que permanece debruçado nos cantos, em quatro camadas de camisas e casacos, reclamando sobre a idiotice da batida do disco. Ele se submete à indignidade ainda maior de se tornar um cabide humano pelo resto da festa, enquanto eles enchem o salão de baile. Depois de mais ou menos meia hora ou mais, Hal cede ao ritmo alucinante que nunca muda e se atira na pista de dança, fazendo o macaco com os olhos afundados e a expressão miserável que Richard Nixon teria usado se ele tivesse feito uma participação especial no *Soul Train*.

Depois de terminar o bacanal (e de perder Nassim para dançarinos melhores), Bono, Eric, Hal e eu retornamos para alguma das tabernas que visitamos antes, ainda que a mera descrição de algumas delas pudesse excomungar até os leitores casuais deste livro. Às 5 da manhã percorremos os becos sem nada para nos guiar, a não ser o nome de uma discoteca da madrugada que nos foi passado por Mick Jones, da B.A.D. Nós seguimos as instruções de mendigos viciados em crack e prostitutas e finalmente temos a recompensa. O clube fica no quinto andar de um tipo de edifício de escritório deteriorado, que aparenta ser feito de estuque. Para chegar ao bar, temos que subir uma escadaria que corta de um lado a outro do lado de fora do prédio. Começamos a caminhar, apertando nossos casacos contra o vento gelado de dezembro e nos perguntamos de que esta cascata que desce no chão e contra a qual estamos caminhando é feita. Não é água – parece ser cerveja, descendo as escadas ao redor dos nossos sapatos, enquanto seguimos para o segundo, o terceiro, o quarto andar – subindo contra a correnteza.

Quando chegamos ao quinto andar, onde fica o clube, a enchente não diminuiu, então nós damos uma espiada no sexto andar e ficamos mais do que um pouco espantados ao ver que o que tínhamos acabado de pisar não era cerveja, mas sim urina. O banheiro masculino está transbordando e os clientes bêbados estão pegando seus snorkels e urinando escada abaixo.

Por dentro, no entanto, a discoteca está pulsando com o ambiente escuro do tipo de dança e antro de drogas que eu pensei que só existia na *Dragnet.* É tão escuro que você somente pode ver as pessoas

até três metros de distância, o que é legal. Enquanto meus olhos se ajustam, consigo ver mulheres de sutiã e meia-calça dançando nas mesas e tropeçando nas cadeiras. Ocasionalmente, tenho um vislumbre de uma das recepcionistas do One-Eyed-Jacks tremendo através de uma luz estroboscópica. Elas são nossas amigas agora! Todas às vezes que tentei ir para meu quarto e dormir nos últimos dias tive o telefone tocando para me lembrar que Bono passou meu nome e o número de meu quarto para elas e disse-lhes para me chamar para conseguir ingressos para o show do U2.

Sentamos atrás de uma prateleira ou mesa qualquer não muito longe da porta e nos acomodamos. Percebo diversas mulheres sentadas na beira da janela, segurando cervejas e olhando para Bono. Uma delas, muito bonita, quase uma jovem hippie de aparência doce, vem e começa a falar comigo. Ela é inglesa. Tanto a linguagem articulada quanto a estrutura óssea perfeita ficariam mais à vontade em um clube de campo em Devonshire do que aqui. Mas ela é outro espírito errante. Ela parece ter 16 anos e diz que tem 26. Diz que mora no Himalaia e desce a Tóquio a cada três meses para trabalhar como recepcionista quando fica sem dinheiro. Então ela retorna para as montanhas.

Ela agarra meu braço e aponta para Bono. “Eu costumava colocar os seus discos e me masturbar com o seu pôster na minha parede quando tinha quatorze anos”, ela diz. “Mas não gosto mais da música dele. Ele se vendeu e eu cresci”.

---

# 55. Bono no Fundo

**rejeitando a posição menos ousada / o futuro da rede da zoo tv / se perdendo e esquecendo a passagem de som / bono é deixado sem roupa e inconsciente / o u2 se apresenta muito mal / deus não está morto, nietzsche está**

"OLHE AQUILO", diz Bono, apontando do tranquilo jardim japonês onde ele está sentado essa manhã para os andares mais altos do hotel. Larry e Edge vieram para as janelas de seus quartos, um andar acima do outro, e sem saber, cada um ficou na mesma posição nas suas janelas, examinando a paisagem com a mesma expressão (a mesma que Ben Cartwright fez enquanto avistava a Ponderosa na abertura de *Bonanza*) e os mesmos trejeitos, e então saíram.

"Chegamos ao fim disso", eu digo para Bono. "Você está desgastado, você esgotou a faísca que desencadeou isso há 3 anos atrás. Acha o suficiente?"

"Sim, eu acho", diz Bono. "Até chegarmos a Tóquio".

"Agora você está renovado?"

"Não, não estamos renovados - estamos redirecionados. Eu não quero fazer mais shows ou qualquer coisa assim, mas eu quero ficar aqui por mais um tempo. Há algo que está despertando meu interesse aqui que eu não sei muito bem o que é. Talvez seja apenas o óbvio, a colisão entre a arte humana e a alta tecnologia. Eu não sei se é só isso, mas eu acho que talvez haja outras coisas aqui que eu não me importaria de estudar a fundo".

"No começo dessa caminhada você falou sobre desafiar a época e abraçar a idade. E você estava dizendo ontem à noite que talvez você tivesse tido sucesso em ambas".

"Na verdade, eu não estava falando se tínhamos sido bem-sucedidos ou se tínhamos falhado, mas que estávamos convictos sobre nossos instintos da ideia de contracultura, a maneira que costumava ser nos anos sessenta, aquilo está morto. E eu estou interessado nessas ideias mais orientais. as quais nós chamamos despretensiosamente de judô, que você usa a energia que está vindo contra você - o que eu entendo como cultura popular, comércio, ciência – para se defender. Melhor que a *Resistência*, no sentido punk ou hippie da palavra. Você tenta caminhar através dessa ideia, melhor que desistir dela. Ao contrário das ideias antigas de desistir de tudo para formar seu próprio Jardim do Éden - o tipo de posição menos ousada".

"É onde os canais de TV entram. Vamos pegar a Zoo TV e transformá-la numa rede de TV. Ver isso acontecer em outro campo pode ser interessante. Isso se torna uma extensão da ideia original. E porque não?"

A proposta da rede da Zoo TV, em conjunção com a MTV, paga pela Polygram e alguns outros investidores, está se tornado realidade do mesmo modo que o momento "Se algo pode ser feito, nós deveríamos fazê-lo", o que levou a criação de reatores nucleares, do som quadrifônico e do monstro de Frankenstein. Apesar disso, todos ao redor do U2 parecem ter uma ideia diferente de como deveria ser. Bono vê isso como uma janela para o mundo dos filmes de Kenneth Anger e Wim Wenders, música de vanguarda, teatro *progressivo*, talk shows filosóficos, e compras domésticas de artigos semi-ssurreais. McGuinness acha que é uma chance para o U2 ganhar muito dinheiro usando o dinheiro de outros. Edge é cautelosamente otimista, Larry é cautelosamente pessimista, e Adam diz que, se de um lado ele não tem dúvidas de que o U2 pode surgir com um canal que *ele* poderia se divertir assistindo,

do outro lado, ele não tem certeza que isso os credencia para se tornarem executivos da rede. Eu sugiro a Bono que - contanto que não arrisquem seu próprio dinheiro - o único motivo pelo qual eles não deveriam fazer isso são as demandas adicionais e pressão que isso colocaria nos quatro membros da banda.

"Sim", Bono suspira. "E isso é o que nós temos que levar em consideração. Isso pode ser um motivo pelo qual nós não faríamos isso. A maior ameaça ao grupo nesse momento é a complexidade para administrar nossa organização. Essa é a maior ameaça. Como consequência, nossa vida musical sofrerá. E mesmo que nós não pudermos fugir de clichês como 'Isso não é importante, o que importa é a música', há alguma verdade que as pessoas que se auto-gerenciam acabam perdendo. Há um monte de exemplos. Então nós temos que ter muito cuidado. Um dos princípios que nós temos no momento é a ideia de 'simplificação', e então há esta outra ideia. E eu não sei realmente por qual caminho nós devemos seguir. Deveríamos ir a fundo no pântano de opções de permutações e combinações, ou nós devíamos realmente simplificar?"

"Bem", eu digo, adotando uma posição firme nos dois lados da questão, "é possível fazer ambos, mas isso demandaria de vocês deixar um pouco o escrutínio em tudo o que é feito sob o nome de vocês".

"Certo", diz Bono. "Isso mesmo. Brian Eno trouxe a metáfora da Warhol's Factory, que deve ser considerada. Warhol envolveu um monte de pessoas, e ele era apenas a ponta-de-lança de toda aquela energia. Mas você poderia argumentar que em um certo momento talvez ele tenha deixado as coisas saírem muito de controle".

Você certamente poderia. Bono e eu fomos a uma exposição de Warhol na Austrália que mexeu comigo - foi como ser encurralado por alguém que você se desentendeu anos antes, te mostrando filmes caseiros de pessoas que você tentou evitar. Um laboratório criativo de um homem é uma licença para outro homem fazer bobagem. "Esse tipo de projeto põe outra pressão sobre a banda", digo a Bono, "porque os quatro membros podem não ter o mesmo interesse no assunto. Parece para mim que uma das coisas em que Adam se esforça para decidir é o grau no qual ele deseja ter que estar envolvido em todas essas coisas".

"Sim", diz Bono, "É uma questão complexa porque de um lado isso é uma observação e uma decisão sobre a qualidade de vida que ele quer ter, mas de outro lado é uma posição defensiva de uma pessoa cuja energia está sendo consumida em algum outro lugar. É tão difícil isso, porque ninguém quer ficar pra trás, e quando você é um colega, e quando você não recebe mais por trabalhar mais, você sente que não pode ficar para trás, porque ameaça o processo inteiro. É algo que não tenho nenhuma resposta para dar. Mas nós estamos todos nesse ponto, Adam não é o único. Eu estou pensando nisso. Eu estou pensando se eu gostaria de sair completamente das mega estruturas para algo mais de um ponto de vista pequeno. Eu acho que foi você que disse: 'Sinatra levou 50 anos pra pegar o jeito certo'. Aquele comentário rondou minha cabeça por um tempo, e eu pensei: eu tenho essa voz que recebe tão pouca atenção. Eu tenho uma opinião de um artista e uma habilidade para escrever que é tão subdesenvolvida, na qual dedico tão pouco tempo. Você esteve lá. Você me viu como o controlador de tráfego aéreo escrevendo fora do céu, pedindo para a moça da limpeza, ou qualquer pessoa que me aconselhasse sobre as letras. Agora, isso é em parte uma estratégia; não é apenas o fato que essa habilidade recebe pouca atenção. Mas há várias outras áreas. Performance! A habilidade de se apresentar é inata, mas em mim ela é muito subdesenvolvida. E se eu tivesse a chance de pensar sobre isso, fazer isso funcionar? Nessa turnê eu estive me dedicando a um *script* que foi escrito muito rapidamente, porque você não tem a chance de reescrever esse tipo de coisa. É como tentar reescrever um filme no *set*. Você pode fazê-lo, mas vai pagar um preço muito alto. Você pode tomar um monte de decisões ruins".

É bastante notável que em todos os assuntos relacionados ao U2, a coisa que o público se concentra costuma ser a parte de Bono: a letra, o canto, o que ele faz no palco – que são acrescentados bem no final – até depois que a música é escrita, depois que a faixa de acompanhamento é gravada, depois que o cenário é projetado e os figurinos são adaptados e os setlists são gravados nos monitores.

"Nos anos oitenta", diz Bono, "quando eu dizia às pessoas: 'Você não entende. Nós estamos apenas arranhando o topo dessa coisa', eles sempre pensavam que era modéstia. Mas era bastante preciso. Não era nenhum tipo de previsão de grandes coisas por vir; isso era apenas pura frustração. 'O que aconteceria se todos nós pudéssemos tocar no tempo certo?' 'O que aconteceria se tivéssemos a oportunidade de escrever?' E assim, sempre que houvesse esses saltos quânticos, essas pessoas diriam: 'Eu achava que eles não conseguiam fazer isso'".

Saímos do jardim e entramos nas ruas secundárias de Tóquio, conversando o tempo todo. Quando deslizamos entre os varais de roupa em um beco nos fundos, Bono diz sobre o U2: "Nossa evolução está de volta à vanguarda. É algo completamente idiota. E talvez uma das maneiras que o grupo possa progredir seja através da simplificação. Eu não sei. Talvez seja assim. Eu sei que as pessoas não têm energia para nada novo neste momento. E é por isso que eu nem sequer mencionei Tóquio para elas. Haveria um colapso nervoso coletivo. Nem quero que pensem em coisas como essa. E pode ser que eu nos meta em problemas, se quiser, nos coloque nesses lugares, mas preciso deles para nos tirar desses lugares. Nós realmente precisamos um do outro. Essa é a outra coisa. Se acabarmos fazendo a rede de conexões Zoo TV, vou precisar do Larry lá dizendo: 'Isto é uma chatice! Quem é esse cara?'".

"Então eu não sei". Bono suspira, olhando para a bifurcação na estrada com a mesma ambivalência que confrontou Dorothy, o Espantalho, e Robert Frost[1]. "Algo em mim adoraria escrever uma canção, e você sabe, experimente-a em algumas teclas diferentes. O que ainda nunca aconteceu".

Um motorista colide com um homem em uma bicicleta, fazendo-o esparramar-se e lançar maldições nipônicas enquanto Bono para na rua para admirar um carro japonês, com uma engrenagem bem específica (RVR aberta).

"Continuo tendo discussões com pessoas que estão muito aborrecidas com o design japonês", diz ele. "Acho os contornos realmente uma pista para o futuro. Da mesma forma que nos anos setenta todo mundo fazia cocô em suas bicicletas, e nos anos oitenta eles reinavam supremos, acho que o mesmo acontecerá nos anos noventa com os carros". É hora de trocar o Trabant por um Toyota.

Encontramos um lugar que vende espaguete e pedimos o almoço.

"Há algo que pode não estar representado de forma justa no livro, se você não falar sobre isso", digo a Bono enquanto giramos nosso macarrão com uma confiança que deixaria a Sra. Clayton orgulhosa. "O fato de sua fé ainda estar intacta". Você tem feito tanto trabalho contra a imagem do U2 como os homens piedosos no topo da montanha que um leitor poderia ter a impressão de que a fé dos membros tinha se tornado muito parecida com o episcopalianismo americano padrão: 'Nós acreditamos em Jesus no Natal, mas isso não vai afetar nosso dia-a-dia e, se você realmente quiser, um ministro batizará seu gato'. Quer tratar disso?"

Bono faz uma careta que sugere que, ou o espaguete fede ou a pergunta fede. "É uma posição muito libertadora para não ter ninguém esperando isso de nós", diz ele.

"Encontramos diferentes maneiras de expressá-lo e reconhecemos o poder da mídia para manipular tais sinais. Talvez tenhamos apenas que puxar nossos peixes para a areia. Ela está lá para as pessoas que estão interessadas. Não deveria estar lá para as pessoas que não estão".

---

[1] Poeta norte-americano.

“Você acha que você, Larry e Edge ainda estão no mesmo comprimento de onda em suas crenças?”

“E o Adam?” Bono diz rapidamente. “Adam é o mesmo. Quer dizer, ninguém é exatamente o mesmo, mas Adam é um crente. Eu acho que o espírito se tornará cada vez mais importante nos próximos dez anos, quando ficar claro que Deus não está morto, Nietzsche está”.

Pagamos nossa conta e começamos a caminhar de volta para o hotel, cada um de nós assumindo que o outro sabe para onde estamos indo e só gradualmente percebendo que estamos completamente perdidos. Tentamos pedir orientações e obtemos gestos vagos em direções conflitantes. Decidimos que se andarmos a esmo o tempo suficiente, tropeçaremos nele. Bono não acha que o U2 voltar para casa a partir de sua noite de dois anos na cidade signifique qualquer fim de interesse no assunto. “As pessoas podem se sentir mortas, mas não estão realmente mortas”, diz ele. “Estou pronto para realmente começar a examinar esse tema muito mais assustador da cozinha, da domesticidade e da vida real”.

Ei, aí está o hotel! Reconheço-o pelo cordão das crianças com câmeras e livros de autógrafos. À medida que nos aproximamos dos fãs, eles gritam e Bob e Bono sorriem. “Eu não dormi nada na última semana. Eu me diverti muito, precisava desabafar, e vocês sabem... Na verdade, eu já estou farto. Eu não quero mais”. (O pessoal do figurino passou a vigiar o quarto de Bono e, quando ele parece brevemente desmaiar na cama, eles entram, o despem e levam suas roupas para lavar sem acordá-lo).

Enquanto Bono assina seu livro, uma das meninas japonesas pergunta: “Você está bem, está resfriado?”.

Eu digo a ela: “Não, ele sempre tem esse aspecto”.

“Não, ele não tem!” ela insiste.

No saguão aprendemos que estamos em grandes apuros. Todos partiram para o show há muito tempo, exceto Eric, que ficou para trás para esperar por Bono. Não só nos perdemos em Tóquio, como perdemos a noção do tempo e esquecemos que o show aqui é uma hora mais cedo do que o habitual - o U2 tem que estar no palco às 8 horas. De qualquer forma, foi uma turnê confusa - Christchurch e Aukland foram os únicos dois shows sucessivos em toda esta etapa que estavam no mesmo fuso horário.

O Domo de Tóquio é um grande ovo branco. Dentro dele há uma estranha suavidade de uma embalagem de isopor. É como estar dentro de uma bola de pingue-pongue. As filas e filas de cadeiras dobráveis estão alinhadas com corredores largos entre cada seção, e um abismo largo entre a fila da frente e o palco. Bono perdeu a passagem de som; ele mal tem tempo para se vestir antes do U2 subir ao palco. A grandiosidade da alta tecnologia do palco e as torres da Zoo TV foram seriamente reduzidas para conseguirem ser colocadas lá dentro. Não importa se o teto tem dez andares de altura; o próprio fato de haver um teto prejudica o efeito de paisagem urbana do palco.

Mas nada dói tanto quanto o fato de que Bono está trabalhando a meia velocidade e a banda estar experimentando um banquete de erros técnicos, o pior dos quais é quando a guitarra de Edge desaparece em “Even Better than the Real Thing”, deixando Bono tentando acalmar os ânimos com palavras improvisadas sobre uma versão de baixo e bateria da música, esperando que Edge volte. O público japonês tem a reputação de ser o mais moderado do mundo. Talvez seja, mas eles ainda estão se divertindo claramente em sua maneira conservadora. Bono tenta fazer as coisas saltarem. Ele grita: “Tóquio! A capital da Zoo TV!” e inicia um pequeno mergulho no palco, nadando através das fileiras ao longo do caminho para o palco B. Eles recebem um grande tipo de resposta ou algo parecido com isso, e essa parte da platéia, pelo menos, permanece animada e em pé depois disso. Mas no geral é bastante monótono, e não é culpa da platéia. O U2 está se arrastando esta noite.

Ao meu lado na mesa de som, McGuinness se inclina e diz: “Bem, mais cedo ou mais tarde você teria que ver o fedor de verdade”.

Bono está exausto e um pouco arrependido depois. “Acho que gastei toda a energia que deveria ter gasto naquele show conversando com você esta tarde”, diz ele. “Eu deixei esse show no jardim japonês”.

---

# 56. Fin de Siècle[1]

**o escândalo da bomba no japão / o promotor do U2 parte para cima de madonna / as camisetas salvam o dia / larry faz um balanço / o 157º e último show da zoo tv / o segredo do universo**

O U2 tem alguns mal-entendidos para resolver com os japoneses. O maior é um relatório, amplamente divulgado no Japão, de que, durante a parte americana da turnê, as telas da Zoo TV se iluminavam com a mensagem BOMB JAPAN NOW [BOMBARDEIEM O JAPÃO AGORA]. Um repórter de um jornal de Atlanta disse que viu a mensagem e escreveu sobre isso, e embora isso não tenha sido grande coisa para os leitores em Atlanta, foi um grande incômodo em Tóquio. As adolescentes educadas que esperam no lobby do hotel o dia todo com seus álbuns do U2 se aproximam e fazem perguntas sobre a banda à qualquer anglo-saxão que passa, e uma das mais populares é: "Eles realmente odeiam o Japão?"

O que o U2 não conseguiu deixar claro é que, embora seja possível que essas três palavras - bombardeiem, Japão e agora - possam ter aparecido em sequência rápida uma vez, não foi intencional e não há como verificar. Durante "The Fly", todas as telas ao redor de Bono exibem centenas de palavras aleatórias em alta velocidade em sequência aleatória. Essas três palavras estão todas no arquivo, então elas podem ter surgido juntas, mas, como cada palavra pisca por uma fração de segundo, é igualmente possível que o repórter tenha visto essas três palavras em meio a uma série de outras palavras e seu cérebro as conectou em uma frase que realmente não existia. Não há como dizer, e é uma perda de tempo adivinhar, mas como o U2 é incapaz de negar, os japoneses sensíveis à bomba estão preocupados com a banda hoje em dia. O assunto se resume desse modo: dê uma máquina de escrever a um macaco e ele acabará por ofender alguma sensibilidade nacional.

Além desses ressentimentos, há problemas com o promotor local que está contratando os shows da Zoo TV aqui no Japão. Como expliquei na Austrália, um dos maus efeitos colaterais secundários da enorme despesa dessa turnê é que o U2 teve que exigir grandes garantias dos promotores que queriam contratá-los. Algumas bandas - os Rolling Stones, por exemplo - fazem isso de forma natural, mas no passado o U2 operava compartilhando mais riscos com os promotores. Dessa vez, McGuinness teve que pedir aos promotores locais para que pagassem grandes quantias antecipadamente. Isso fez com que alguns promotores tentassem se safar, aumentando os preços dos ingressos, o que em alguns shows levou a assentos não vendidos.

O show de sexta-feira no Tokyo Dome, de 45 mil lugares, está lotado, mas a quinta-feira não chegou nem perto. O promotor está zangado com o fato de McGuinness não considerar devolver parte do adiantamento e compartilhar a perda. A atitude de McGuinness é que toda essa semana de turnê e viagem para o Japão foi adicionada apenas para acomodar esses dois shows, e seria injusto para seus clientes dizer agora que eles não serão pagos por isso.

A situação é especialmente delicada porque o promotor lutou como um ninja pelo U2 quando suas datas se viam ameaçadas, quando o Tokyo Dome, que promove alguns eventos internamente, fez um acordo com Madonna para tocar por cinco noites. O Dome queria deixar fora uma ou ambas as noites prometidas ao U2 para acomodar a Material Girl[2], e já que é a casa deles, eles poderiam muito bem ter feito isso. O promotor do U2 praticamente subiu pelas paredes e lançou uma maldição samurai aos hereges: "Se vocês quebrarem a sua palavra comigo com isso eu vou destruí-los, mesmo que fazendo isso eu seja destruído!"

---

[1] Fim do século, em francês.

[2] Alusão à musica da cantora, que leva esse nome.

O Tokyo Dome se assustou. McGuinness recebeu um telefonema irritado do pessoal da Madonna dizendo: "*Seu* promotor em Tóquio ameaçou matar *nosso* promotor em Tóquio!"

McGuinness disse, mais ou menos: "Bom para ele". (McGuinness também diz que a ameaça era simbólica, foi apenas uma demonstração de determinação.) O U2 conseguiu suas datas. Madonna terá de tocar em torno dessas datas. Mas o promotor que estava disposto ao kamikaze pelo U2 agora está tão amargurado que nem sequer vai aos shows.

Nesta semana, é possível ver os números finais dos dois longos anos de trabalho pesado da mega turnê. O U2 está no vermelho, mas não por uma larga margem. O que os salvou de entrarem em falência foi a indústria do vestuário. "Arrecadamos 30 milhões de dólares em vendas de camisetas", diz McGuinness. "Sem isso, estaríamos lascados".

Nos bastidores do Tokyo Dome, alguém (me atreveria a dizer que foi o Willie) cobriu os corredores com 157 pedaços de papel, cada um com o nome e o número de uma das 157 datas dessa turnê de dois anos e anexou mensagens, fotos e frases. Esse papel de parede, como uma trilha de memórias, sobe e desce escadas, entra e sai da lanchonete e em todos os cantos dos bastidores, mostrando shows de Lakeland, na Flórida, até esta bola de praia climatizada (o Domo). O trecho final dessa trilha memorial inclui:

"118 Berlim. Tire suas bolas do bunker!"

"138 Glasgow". Uma foto de Fintan em que alguém desenhou um machado, cortando sua cabeça ao meio e a legenda: "Você confiaria em um cabeleireiro careca?"

"143 Wembley. Garotas do rock". Fotos das mulheres do Principle.

"146 Dublin. Você precisa de *quantos* ingressos?"

"152 Sydney. Baixo? Que baixo? Stu TV. Stuart arrasa! Sturopa!"

"156 Tóquio". Real Thing - boa versão rap, pessoal".

Sigo a trilha de papel até o refeitório, onde encontro Edge sentado em uma mesa de jantar nos bastidores, praticando giros e gestos das mãos estilo Motown[1]. "Acho que é aqui que reside o futuro do U2", diz ele. "Coreografia. Coisas do tipo Four Tops"[2]. Edge diz que se pode dizer que o U2 está esgotado quando eles se reúnem para fazer testes de som: "As ideias realmente secaram ultimamente".

Ele diz que está ansioso para se afastar do circo por um tempo, e ter a chance de entrar nele novamente. Ele também está preocupado em descobrir como encaixar a guitarra no futuro da música. "As coisas estão parecendo extremamente difíceis para a guitarra no momento", diz ele. "Exceto como um instrumento retro. As guitarras sintetizadas soam como sintetizadores baratos. Mas não quero desistir da guitarra, dessa grande vitalidade". Seu olhar se desvia no ar, subdividindo mentalmente Deus sabe que equação complexa.

---

[1] *O Som da Motown* é um estilo de "soul" bem característico, com o uso de instrumentos como pandeiros, baterias e instrumentos do "rhythm and blues" além de um estilo de 'canto-e-resposta' (com a repetição, por parte do coral, de frases inteiras ou palavras de alguns versos) originário da música gospel. O "som da Motown" também é marcado pelo uso de orquestração e instrumentos de sopro, por harmonias bem arranjadas e outros refinamentos de produção da música pop, e é considerado precursor da Era Disco dos anos 70.

[2] Um quarteto de cantores americanos negros dos anos 50 que fizeram enorme sucesso, "The Four Tops".

Acontece que ele está se perguntando se, neste momento, Larry teria encontrado a carta de uma fã que Edge deixou visivelmente no camarim. A carta diz a Edge que ele é "o membro mais bonito do U2. Bono tem um nariz grande e Larry parece uma boneca inflável". Edge recebeu o bilhete na Austrália e planeja deixar assim até Larry perceber.

"Os baixistas atraem os fãs mais estranhos", diz Edge. "Eu costumo atrair estudantes de óculos da M.I.T. [Instituto de Tecnologia de Massachusetts]. Bono recebe os poetas. E Larry, infelizmente, atrai as garotas". Edge suspira e repete o antigo ditado: "Deveríamos ter escolhido um Ringo".

O lindo garoto em pessoa entra na cafeteria, sem mostrar sinais de ainda ter se visto descrito como inflável. Edge levanta-se para recolher a sua nota amassada para a próxima vez, e eu me sento com Larry para uma conversa de última hora antes do último show da Zoo começar.

Pergunto-lhe se ele se arrepende de que a banda tenha trabalhado tanto por tanto tempo e tocado para tantas pessoas - e está saindo com milhões de dólares a menos do que se tivesse realizado um show mais simples.

"Em comparação com muitas pessoas em nossa posição, não ganhamos muito dinheiro", admite Larry. "Optamos por manter nossa dignidade e também nos dedicar mais tempo a fazer música. Ao fazer um show como esse, não estamos ganhando dinheiro, mas isso é irrelevante. Isso amplia nossa base para que da próxima vez possamos fazer o que queremos, podemos fazer mais música. No final, é investir em nosso futuro. Não em nosso futuro financeiramente, em nosso futuro musicalmente, porque no final do dia é isso que importa. Todos nós ganhamos dinheiro suficiente para viver o resto de nossas vidas muito confortavelmente. É dinheiro suficiente".

"A maior responsabilidade de tudo isso é o fato de você empregar muitas pessoas e ser responsável por elas, responsável por garantir que elas sejam cuidadas. Os meios de subsistência das pessoas dependem de você. Eu não gosto muito dessa responsabilidade, mas isso faz parte do nosso trabalho".

Larry ainda é o único outro membro da banda a quem Bono ousou abordar a ideia de retornar a Tóquio para fazer o próximo álbum. Pergunto como ele se sente sobre a ideia e ele diz: "Eu poderia lidar com isso. É um lugar muito difícil, um lugar muito diferente. É um dos lugares mais estranhos que eu já estive. Há uma atmosfera engraçada aqui. Não tenho a certeza, em nível espiritual, do que sinto em relação a isso. No entanto" - ele sorri – "estou pronto para a viagem, eu estou disposto a isso. Se isso ajudar a fazer um grande álbum, se ajudará Bono a ficar inspirado e se isso fará a banda ser uma banda melhor, eu estarei lá".

Sugiro que uma das vantagens seja que, se você estiver em um ambiente bastante estranho, poderá fazer o que faz naturalmente e sairá parecendo renovado. Lembro-lhe o que Adam e Flood disseram ao fazer Zooropa - que, se o U2 entrar em uma sala e simplesmente tocar, soará como o antigo U2, então agora tudo precisa ser interrompido e pensado por causa de uma decisão consciente da banda em explorar novos territórios. Verdade?

"Eu acho que era verdade", diz Larry. "Acho que descobrimos como casar a eletrônica com o que o U2 faz. Não há nada diferente; é usar a tecnologia para ajudá-lo a fazer melhor o que faz. A ideia de nós quatro entrar em uma sala e tocar juntos não me interessa mais. Prefiro mais ter algumas baterias eletrônicas, algo com que eu possa me divertir. Porque eu toco melhor assim. Eu nunca achei que pensaria assim, mas toco melhor contra outras coisas e sendo inspirada por elas. Depois de dez anos, quatro pessoas em uma sala não são tão inspiradoras quanto eram. Você tem que abrir novos caminhos. É isso que estamos tentando fazer e acho que é realmente saudável.

"Eu passei pelo meu próprio processo de aprendizado. Foi muito difícil durante o *Achtung Baby*. Depois que lidamos com isso, encontrei uma verdadeira sensação de paz comigo mesmo. Estou muito seguro do que estou fazendo, muito seguro do que eu quero. Eu cheguei a um estágio na minha vida em que

estou feliz em fazer isso! Quero mais do que qualquer outra coisa e estou preparado para fazer o que for necessário para que isso siga acontecendo. Me comprometi novamente com a banda".

Um membro da Zoo TV me disse que Larry disse que durante o ano de folga da banda ele sairia e "se tornaria um ótimo baterista", e ele planeja trazer Adam junto com ele nem que for preciso arrastá-lo à força. Nos últimos dois anos, Larry assumiu silenciosamente o papel de policial e consciência de Adam. É um assunto delicado, mas peço a Larry para comentar sobre as chances de ele e Adam passarem um ano juntos estudando música em Nova York.

"É um assunto delicado", diz Larry, "porque tem a ver com Adam em um nível pessoal. Minha preferência seria que Adam me acompanhasse e assumisse a responsabilidade por sua posição lógica - que é ser simplesmente o baixista da banda - mas tem muito mais peso do que isso. Prefiro que ele escolha lutar por tudo isso. No entanto, ele tem coisas diferentes com as quais precisa lidar. Ele tem diferentes dificuldades em ser bem-sucedido. Pessoas diferentes lidam de maneiras diferentes".

Menciono a ocasião em Berlim em que Adam tirou o baixo e disse a Bono: *apenas diga o que você quer que eu toque e eu tocarei - ou, se quiser tocar você mesmo, vá em frente.*

"É decepcionante que Adam às vezes se sinta assim às vezes", diz Larry lentamente. "No entanto, embora sejamos uma banda, as pessoas têm que escolher seu próprio caminho e fazer o que for necessário para chegar nessa turnê ou naquela noite ou naquele álbum. E se disser: 'Olha, apenas me mostre a linha e eu a reproduzirei', é a opção que ele quer ter, essa é a sua escolha. Não é minha escolha. Não vou deixar isso tão fácil para ninguém. Eu não aguentaria. Na verdade, eu simplesmente não poderia fazer isso. Eu não sou assim".

Eu aviso a Larry que vou tentar convencê-lo a falar sobre o assunto que Bono se esquivou de responder ontem: discutir sobre a atual fé religiosa dos membros da banda.

"É uma questão muito difícil", diz Larry cautelosamente. "Muito, muito difícil. Sempre foi uma coisa pessoal e dentro da banda sempre tivemos visões muito diferentes sobre onde estávamos indo como indivíduos. Em um nível pessoal, não perdi minha fé. Não a pratico da mesma maneira que quando era mais jovem, mas não perdi de vista os seus fundamentos. Há muitas pessoas por aí que discordam e dizem: 'Bem, como você pode fazer isso e como você pode se considerar assim?'"

"Nunca houve regras aplicadas à minha fé. Minha fé é uma coisa pessoal. Tenho certeza de que há coisas com as quais você pode se safar" - ele sorri – "como em qualquer outra coisa, e não há dúvida de que insistimos até o limite, até o limite. E, ocasionalmente, caímos do outro lado, mas nunca achei que meu trabalho como músico fosse me levar a cantar gospel ou fazer proselitismo. Sempre achei que sou músico em uma banda e me foi dado um dom. E eu acredito que esse dom é de Deus. Eu não acredito que seja de qualquer outro lugar. E se em algum momento eu abusar disso, acho que vou saber. Essa será a hora de parar. Eu acho que isso é importante".

É hora do U2 tocar. Enquanto as luzes da casa se apagam, saio para assistir ao show. Entre os convidados da mesa de som, incomumente lotada, estão Madonna, boa parte de sua banda e equipe, Terence Trent D'Arby, e Simon LeBon, do Duran Duran.

Hoje à noite, o show final, Bono não aceitará nada menos que um grande show. A má atuação da noite passada ronda sua consciência, e ele sabe que esta é a última vez que o U2 montará a Zoo TV no palco, roendo as unhas de sua ambição. A banda sai tocando bem, mas você pode ver quem são os estrangeiros na plateia porque eles são os únicos que se levantam e dançam. Os fãs japoneses permanecem educadamente em seus lugares. Desta vez, Bono não vai aceitar isso. O homem da bandeira branca nunca aceitou "diferenças culturais" como qualquer tipo de desculpa. Se *The Fly* não conseguir fazê-lo, ele tentará outra coisa. Durante "Until the End of the World", ele corre para o final do palco B, implora à multidão que se ponha de pé, e estende a mão para bater palmas. Ele está fazendo

contato visual, fazendo contato físico, fazendo contato com o coração. E ao observá-lo, fico sobrecarregado com a sensação de que estou vendo alguém que eu já conhecia. *Eu reconheço esse cara!* Lembro-me dele dos clubes quando o U2 estava apenas começando! Este é o garoto que vai fazer qualquer coisa para chegar até o público, seja escalando o andaime ou mergulhando do balcão. Não há The Fly agora, Macphisto, nenhuma máscara pública. Só existe o Bono, orando através de seu microfone, infectando todos os que toca com seu entusiasmo espástico, vencendo os céticos ao conquistar cínicos em todos os clubes de new wave, de Dublin à Califórnia, no início dos anos 80. Eu quase tinha esquecido esse louco; não sabia que tinha sentido falta dele.

Anton está encurvado sobre sua barriga como uma serpente, deslizando pela rampa até o palco B para filmar Bono, que está provocando a plateia confusa, animada, de pé e *dançando*. Ele está com um pé fora do palco B e está inclinado sobre as cabeças dos jovens, exortando-os a se levantarem, enquanto Jerry Mele se agarra à parte de trás de seu cinto para impedir que ele caia. Então Bono fixa o olhar no panorama dos rostos enchendo o Domo e ele afasta a mão de Jerry, pulando do palco para a multidão. Agora aqueles jovens começam a se soltar! Como um alcoólatra que toma um pequeno gole após uma longa abstinência, o velho Bono, que mergulha no palco, está de volta à casa. Durante "Where The Streets Have No Name", ele sempre corre para o final da rampa ao lado de Adam do palco. Hoje à noite, Bono continua, lançando-se do fim da rampa direto para a multidão assustada. Ele se levanta correndo, correndo entre eles, tentando atravessar o meio da plateia.

Os seguranças partem atrás de Bono. Os fãs, a quem ele passa perto, começam a se elevar, se empolgar, entendendo a ideia, batendo palmas, dançando um pouco mais. Como eles respeitamos os espaços dos corredores, Bono tem um caminho bem aberto e ele continua indo até a borda externa do piso, percorrendo a circunferência cantando em seu microfone enquanto os fãs enjaulados pelas cercas, avançam, pulando na tela e tentando escalar ou enfiar os dedos entre as grades enquanto Bono passa correndo. Agora, quando ele se aproxima do fundo do corredor, até os fãs que antes estavam grudados no chão estão perdendo suas inibições. Eles começam a pular, alguns até correndo em sua direção. Os guardas de segurança japoneses estão fora de si - eles também estão correndo, tentando acenar para as pessoas voltarem, fazê-las se sentar.

A equipe de segurança está correndo, acompanhando Bono. Jerry - sua adrenalina subindo, seu braço atirado para a frente como Johnny Unitas[1], seus olhos correndo em busca de perigo - *começa a ter um flashback do Vietnã*. Ele, seu comandante e seu oficial subalterno estão correndo, correndo, e as pessoas estão gritando e berrando e - os asiáticos atacando - correndo em direção a eles, tentando escapar e alguns deles - a plateia - são seus amigos que ele tem que proteger e outros - os zangados seguranças - ele tem que os afastar ou evitar que eles machuquem os bons e Jerry está suando muito tentando ficar de olho em Bono, manter a situação sob controle e continuar dizendo a si mesmo que *isso não é o Vietnã!*

À medida que descem pelo corredor em direção ao palco, Bono está encharcado de suor, com o coração acelerado, se esforçando ao máximo para continuar correndo. Os jovens estão enlouquecidos agora, atrás e na frente dele, correndo para os corredores para tocá-lo ou para correr ao lado dele, o salão inteiro aplaudindo. Eric não consegue acreditar na capacidade de Bono de encontrar uma abertura e atravessá-la um segundo antes de fechar; Eric sente que é como se eles estivessem correndo por colinas sem ter ideia do que está por vir, mas o chão sob seus pés cai no segundo em que pisam nele. Bono chega à beira do palco, onde a banda ainda está tocando "Streets" e pensa: "Eu nunca conseguirei voltar lá para cima", quando ele sente Jerry, Eric e David o levantando, outros braços ajudando e então ele está de volta ao palco, com o microfone na mão, colocando-se de pé debaixo dos holofotes e cantando. E o lugar inteiro sabe quem ele realmente é agora. E o lugar inteiro sabe que eles são como ele. Eles estão gritando "You too!" "You too". "You too!"

---

[1] Johnny Unitas é um antigo e famoso jogador de futebol americano.

Depois do concerto, há uma abundância de cumprimentos e brindes de vinho. Madonna saiu sem dizer boa noite, mas sua banda e D'Arby e LeBon voltam todos para parabenizar o U2. Jerry está regalando Bono com uma descrição de seu flashback vietnamita durante a grande corrida. “Eu vou te dizer, chefe” - Jerry sorri, balançando a cabeça - "se houvesse *árvores*, eu teria matado alguém!” Ninguém viu Adam ou Fintan por um tempo. Uma porta se abre e o baixista emerge com a cabeça totalmente raspada. Fintan segue com um brilho nos olhos e passa a se sentar ao lado de uma das anfitriãs da One-Eyed Jacks. “Você precisa beber muito saquê para se embebedar”, ela observa quando vê o que ele está bebendo. “É isso o que eu pretendo”, responde Fintan.

Depois de uma ou duas horas de enrolação, é hora de ir para o hotel. Enquanto Bono caminha pela rampa da porta dos fundos do Tokyo Dome para o ônibus de turismo em espera, um grito surge dos fãs que estão sendo mantidos atrás de uma corda e um jovem segurando um *tour book* do U2 passa rapidamente sob a corda e vem rasgando em direção a Bono. É alarmante, e eu não culpo Oddjob, o guia japonês, por dar um golpe de karatê na garganta do cara, de modo que suas pernas disparam para a frente e ele cai bruscamente de bunda no chão. Mas Bono fica furioso. Ele grita com Oddjob e depois levanta o intruso, certifica-se de que ele está bem e passa cinco minutos conversando com ele e autografando seu *tour book*, enquanto os jovens atrás da corda ficam cada vez mais frenéticos e os seguranças mais nervosos.

De volta ao hotel, a festa do Fim da Turnê está cansada e contida. Uma suíte no hotel foi contratada e as pessoas entram e saem a noite toda, bebendo drinks, mastigando lanches e conversando. Adam se senta num canto, vestindo um roupão de banho, parecendo tão confortável como se esta fosse a sua sala de estar. O primeiro grupo de vôos de volta à Europa e à América são logo ao amanhecer, então muitos planejam ficar acordados até lá e dormir no avião. Bono é um deles. Mas, por volta das três, ele diz que está indo para o quarto por um minuto para fazer uma ligação e acaba adormecendo em sua cama.

Um a um, os outros membros do U2 se afastam da festa. Fintan coloca uma das suas intermináveis fitas cassete de dança. (A influência de Fintan no gosto do U2 não pode ser superestimada. Deve haver umas vinte ou trinta pessoas ansiosas para contar ao mundo como essa ou aquela ideia da Zoo TV / Achtung Baby / Zooropa surgiu deles. Fintan é uma influência maior do que todos eles juntos, mas você nunca ouvirá isso de Fintan).

Algumas das recepcionistas da One-Eyed Jacks também estão aqui, pedindo uma quantidade sem fim de saquê do serviço de quarto e trocando sensíveis olhares com o esquadrão de segurança. Paul McGuinness parte com um convite para ligar para ele a qualquer hora e “me fazer as perguntas realmente difíceis”.

A última estrela em pé é Larry Mullen. Por volta das 4 da manhã, o membro mais privado do U2 vira e me diz o Segredo do Universo:

“Ninguém no U2 entende isso. Nenhum de nós entende de onde vem essa música. Se um de nós escrevesse um livro sobre a banda, ele não seria capaz de explicá-lo. *Nós não sabemos.* Você me perguntou antes sobre a nossa fé”. Ele levanta os olhos para indicar o céu sem dizê-lo em voz alta e diz: “Eu tenho que acreditar que é daí que vem. E é por isso que nós dançamos ao longo do limite de quão longe podemos ir a partir daí. E às vezes vamos para bem longe”.

A pergunta que começou essa jornada foi: “Até onde você vai antes que perca o caminho de volta para casa?” Esses palhaços foram até os confins do mundo, dançaram com suas dúvidas e colocaram à prova suas tentações, e nunca se perderam completamente. Daqui em diante eu sei que eles terão confiança para ir a qualquer lugar que sua imaginação os levar.

# 57. Tremores Secundários

**ardentes promessas na praia / na zona do terremoto / induzindo bob marley / o efeito corrioles / a carga da cavalaria / para / gangue / a promessa de bono para os jovens**

Chegar em casa uma semana antes do Natal acaba sendo uma benção. Os membros do U2 – e praticamente todo mundo a bordo do trem da Zoo - também desembarcam do avião deles e encontram-se jogados em meio a compras de última hora, embrulhos de presentes, árvores de Natal e corredores enfeitados. Há o rebuliço festivo de rituais, alimentos e visitantes, depois das quais a descompressão pós-Natal suga grande parte da descompressão pós-turnê. Um dos presentes de Natal esperando por Bono é do Rancho Mirage. Trata-se de "Jazz", a pintura de Frank Sinatra que ele admirava na casa de Sinatra.

Na véspera do Ano Novo, quatro anos após a noite em que o velho U2 disse ao público de sua cidade natal que eles estavam indo embora para sonhar novamente, Bono, Ali e alguns de seus amigos mais próximos acendem uma fogueira na praia na Irlanda, escrevem tudo aquilo que querem que seja deixado de lado e jogam na fogueira. É um ritual japonês e Bono diz: "É realmente um bom presságio, uma boa maneira para começar o ano".

Ainda há muito para terminar e pendências para resolver. *In the Name of the Father* estreia em Dublin. O filme é outro sucesso de crítica para Jim Sheridan, ganhando uma nova indicação para o Oscar, inclusive uma como Melhor Diretor. Bono, Ali e Paul vão a Los Angeles para o Globo de Ouro, onde a música de Bono e Gavin está concorrendo a um prêmio. Bono não está acostumado ao tipo de lançamento extravagante que Hollywood promove (embora ele defenda a moda irlandesa ao aparecer ao evento de smoking preto com uma camisa havaiana). Eles chegaram em meio aos tremores secundários de um grande terremoto que deixou os californianos nervosos e deprimidos. A cidade foi atingida em rápida sucessão por tumultos, inundações, incêndios e agora, terremotos que parecem nunca terminar. O sonho Los Angeles chegou ao fim.

Enfileirados no caminho para a premiação estão a cerca de cem metros das equipes de TV e a outros cem metros dos fotógrafos. Bono acha que deveria parar e conceder uma entrevista para cada câmera de TV, então assim o faz, finalmente chegando ao final, onde uma senhora o adverte que ele pulou a TV Argentina no início da fila. Bono volta para conversar com a Argentina e as demais equipes aplaudem. Quando ele entra, convencido, pergunta a Daniel Day-Lewis quantas entrevistas ele fez. O ator nem liga e diz: "Ah, uma". Bono diz: "Obrigado por me contar!".

"In the Name of the Father" de Bono e Gavin perde o prêmio de Melhor Canção para "Streets of Philadelphia", de Bruce Spingsteen. Enquanto ainda estavam em Los Angeles, Bono, Ali e Paul se encontram com Bill Carter, que tinha acabado de fazer uma transmissão no dia de ano novo na TV em Sarajevo para a MTV europeia. Bill voltou para os Estados Unidos e se acomodou em uma casa de praia em Santa Mônica para tentar se acalmar e fazer sua pressão arterial voltar aos níveis do *Homo sapiens*, após um ano de tiros e lutos. Ele estava lá por um dia, quando acordou com o quarto tremendo, pensou que estava sendo bombardeado, então pensou: "*Não, eu estou em casa, sou eu que devo estar tremendo"*. Então três estantes de livros, uma caixa de ferramentas e um computador caíram sobre ele, e ele entendeu a mensagem. "Passei por uma guerra em Sarajevo sem nenhum arranhão", ele diz, "e por fim fui ferido em um terremoto em Santa Mônica".

T-Bone Buernett, que dormiu durante o terremoto, diz que estava preocupado de que eu não soubesse que ele estava brincando quando disse que Bono era um herege e odiaria que eu pusesse isso no livro.

"Eu não sei do que você está falando, T-Bone", eu respondo. "Não me lembro de você ter dito que Bono era um herege. Mas agora certamente terei que colocar isso no livro".

T-Bone diz ter decidido que o U2 é muito parecido com Aimee Semple McPherson, a evangelista milagrosa e supercelebridade da América nos anos 20. Ela curou o manco e fez o cego enxergar. Ela andava de motocicleta em sua igreja e ficou fascinada pelo mundo de Hollywood. Desapareceu com Tallulah Bankhead. Finalmente, ela começou a pensar que era o seu poder que estava curando as pessoas e não o de Deus. Posso dizer que T-Bone tem muito mais fé no U2 do que pensar que eles vão terminar como a Irmã Aimee, mas ele é um guarda florestal ético o suficiente para querer avisá-los sobre a tentação.

De volta a Nova York, Sheila Roche passa pela cidade para arrumar suas coisas e voltar para a Irlanda, onde irá supervisionar a gestão de P. J. Harvey. Adam e Larry estão preparando seus apartamentos na parte alta da cidade. Bono esquia em meio a nevascas e tempestades de gelo que estão congelando a América do Norte, do Canadá ao Tennessee, para fazer um discurso introduzindo Bob Marley no Rock & Roll Hall of Fame.

"Eu sei que dizer que Bob Marley é irlandês pode ser um pouco complicado aqui esta noite", ele diz aos poderosos de rabos de cavalo na plateia, "mas tenham paciência comigo. A Jamaica e a Irlanda têm muito em comum. Naomi Campbell, Chris Blackwell, Guiness, uma predileção por pequenas folhas verdes – a erva, a religião, a filosofia da procrastinação - não deixe para amanhã o que você pode adiar para o dia seguinte. A não ser, é claro, que seja liberdade".

"Ambas somos ilhas. Ambas somos colônias. Dividimos um jugo em comum: a luta pela identidade, a luta pela independência, o futuro incerto e vulnerável que foi deixado para trás quando a bota do Império finalmente recuou. As raízes, o levantar-se, o manter-se de pé e a parte mais difícil: o ficar acordado. Em tal luta, uma luta muitas das vezes violenta, a voz de Bob Marley era a voz da razão. Havia canções de amor que se podia admitir ouvir, canções de dor, duras, mas que curam. Tuff Gong (canção de Bob Marley). Canções de liberdade, onde aquela palavra significava algo novamente. Canções de redenção. Uma revolução sexy onde Jah é Jeová para as pessoas comuns. Não sobre o seu povo, mas sim com ele. Não apenas com estilo, mas com ginga. Descendo a linha da Etiópia, onde tudo começou para o Rastaman".

"Passei algum tempo na Etiópia com minha esposa, Ali, e, onde quer que fôssemos, víamos o rosto de Bob Marley. Lá estava ele, vestido para apressar a Deus. 'Deixe meu povo ir', um antigo pedido. As orações pegam fogo em Moçambique, Nigéria, Líbano, Alabama, Detroit, Nova York, Notting Hill, Belfast. Dr. King com "dreads", um superstar do Terceiro e do Primeiro Mundo".

"A escravidão mental termina onde começa a imaginação. Aqui estava esta nova música, agitando as favelas. Ritmos galopantes, relaxantes, dizendo como era, como é, como sempre será. Skanking, ska, bluebeat, rock steady, reggae, dub e agora ragga. E tudo isso vindo de um homem que dirigiu três BMWs. BMW – Bob Marley e o Wallers – essa foi a sua desculpa!"

"O rock & roll adora sua juventude, suas caricaturas, seus desenhos animados. O cantor de protesto, o cantor gospel, o deus do sexo, suas formas mais maduras de messias. Amamos os extremos e devemos escolher. A lama do blues ou o oxigênio do evangelho. Os cães infernais em nossa trilha ou os bandos de anjos. Bem, Bob Marley não escolheu, ou caminhou pelo meio. Ele correu pelas bordas, abraçando todos os extremos, criando uma unidade. Sua unidade. Um amor. Ele queria tudo ao mesmo tempo e foi tudo ao mesmo tempo. Profeta, rebelde de alma, Rastaman, homem das ervas, homem selvagem, homem místico natural, um sedutor, homem da ilha, homem de família, artístico e criativo, homem do futebol, showman, xamã, humano, jamaicano".

"O espírito de Bob e o espírito de Jah vivem em seu filho, Ziggy, e em sua amada, Rita Marley. Tenho orgulho de dar as boas-vindas a Bob Marley ao Hall da Fama. Amém!"

É um belo discurso e, sem dúvida, nos diz tanto sobre as aspirações de Bono para si mesmo quanto sua visão de Bob Marley. Depois disso, Bono vai para casa na Irlanda. Os faxes implorando para que ele

atue no filme *Johnny Mnemonic* estão se acumulando como panquecas num dia calmo na IHOP[1], e a Warner Bros. está se oferecendo para escrever sobre uma personagem como Macphisto em *Batman Forever*. Ele foi convidado para fazer um discurso concedendo a Frank Sinatra um Grammy pelo reconhecimento de sua trajetória. Finalmente, fazendo suas escolhas com base em conservar energia, Bono diz não aos filmes e sim ao discurso.

Em março, quando em Nova York ainda tem neve até o umbigo, Bono, Ali e Paul voltam para Manhattan. A primeira parada é a festa Rock the Vote que a MTV está organizando para celebrar a si mesma e homenagear o R.E.M. pelos seus esforços no recenseamento eleitoral. O conselheiro de Clinton, George Stephanopoulos, assessor político sênior de 32 anos, pequeno e bem afeiçoado, lidera os representantes da Casa Branca na festa, realizada em um clube noturno na Times Square. Jeff Pollack faz um discurso, Tom Freston faz outro. Michael Stipe aparece com a cabeça raspada acompanhado de sua mãe. Bono e vários membros do Principle recebem uma mesa em um pequeno refúgio com vista para as festividades, bem ao lado de Sting, e um par de integrantes do R.E.M.

Quando Bono e Stipe se juntam para conversar, logo se desenvolve, como inevitavelmente acontece quando duas frentes meteorológicas se juntam, uma tormenta ascendendo em espiral saindo de seu epicentro. Outras deidades do pop menores, associados da indústria, executivos de gravadoras, pessoal da MTV, aproveitadores e bisbilhoteiros circulam em torno desses grandes homens em espirais em expansão, tratando de os bajular. Olho para o redemoinho que se alarga e vejo uma alta e severa figura passando pelo ringue de pessoas com o tipo de determinação feroz que sempre me traz à mente o grito: "Half a league, half a league, half a league on!" ["Meia légua, meia légua, meia légua adiante!"][2]

Imagine minha surpresa quando vejo que este invasor é um velho camarada que foi padre em Rhode Island na minha juventude, que mais tarde passou a bajular o presidente Nixon durante a crise de Watergate, oferecendo absolvição pelos pecados do presidente antes mesmo de Gerry Ford pensar nisso e competir para se tornar o católico Billy Graham durante a queda da Casa Branca de Usher.

Mais tarde, esse mesmo padre ambicioso concorreu ao Congresso de Rhode Island como republicano e foi derrotado. Ele foi além do sacerdócio, se casou e depois foi visto como o apresentador de um programa de TV desagradável, mas muito popular, chamado *The McLaughlin Croup*, no qual o ex-padre preside um bando de comentaristas políticos que verbalmente chutam uns aos outros em sua pressa babada de vomitar injúrias contra todos os estadistas, políticos e figuras públicas - mas especialmente os esquerdistas - de costa a costa, nas manhãs de domingo. O velho padre ainda tem um púlpito! Tão famoso que o *Saturday Night Live* regularmente parodia ele, o apresentador pós-comungado chama-se John McLaughlin. Não é o mesmo McLaughlin da banda Mahavishnu. Depois de atravessar empurrando a multidão até chegar a Bono e Stipe, ele finalmente dá uma cotovelada na última pequena mulher em seu caminho, levanta o queixo, lança os olhos imperiosamente em Bono e grita com a voz amplificada de quem tem problemas de audição, "Esse não é o Stephanopoulos!" Depois do desabafo, ele se vira e se afasta.

Bem, agora meu interesse foi despertado. Deixo Bono, Stipe e Sting e sigo McLaughlin para uma sala ao lado, onde o R.E.M. organizou uma exposição de fotos e pinturas de artistas infectados pelo HIV. Aproximo-me do homem do colarinho transformado, aponto para a fotografia de um homem exibindo

---

[1] IHOP (sigla para International House of Pancakes) é uma multinacional casa de panquecas americana, uma cadeia de restaurante especializada em café da manhã.

[2] Trecho de um poema escrito por Alfred Lord Tennyson no século XIX, The Charge of The Light Brigade, que conta a história da Carga da Brigada Ligeira durante a Batalha de Balaclava, que aconteceu em 1854, na Guerra da Crimeia, e envolveu os impérios britânico e russo. O grupo de heavy metal inglês Iron Maiden compôs a música *The Trooper* com sua letra baseada na história contada pelo poema de Tennyson. A canção foi lançada no álbum *Piece Of Mind*, de 1983.

um dilatado pênis e pergunto: “O que acha disso, Sr. McLaughlin?” Ele olha por cima dos óculos, estuda a imagem e então diz em voz alta: “Mapplethorpe!”[1]

“Não é”, digo a ele. “Esse é o meu porteiro”.

Volto a Bono, para quem Stephanopoulos está dizendo que parece que a Casa Branca de Clinton cometeu um grande erro ao permitir que o presidente do Sinn Fein, Gerry Adams, entrasse nos Estados Unidos recentemente. Era uma aposta que, se Adams fosse tratado como um diplomata em vez de um terrorista, o IRA poderia retribuir com uma iniciativa de paz séria na Irlanda do Norte. Mas nada aconteceu e tudo o que os americanos fizeram foi irritar os britânicos. Bono diz a Stephanopoulos para não desistir ainda; Adams foi saudado como um pacificador durante essa viagem. Bono diz que um homem pode desenvolver um gosto por esse tipo de aplauso - Adams ainda pode decidir se gosta desse som e ainda apresentar uma iniciativa de paz.

Stephanopoulos sobe ao pódio e faz um discurso sobre a vitalidade política *dos jovens*. Ele usa essa frase horrível três ou quatro vezes. “Quando ele diz *os jovens*”, pergunto a Bono, “ele se refere a nós ou aos realmente *jovens*? Sempre me dá arrepios quando ouço pessoas na casa dos trinta falando sobre os *jovens de hoje”*.

Bono não diz nada, mas quando ele sai pela porta, uma equipe de TV o encurrala para uma entrevista e ele diz que é um grande evento, mas ele só deseja que eles parem com essa baboseira de "jovens". Isso me faz sentir bem. Mas não tão bem quanto na noite seguinte, quando Bono sobe no palco no Grammy para receber o prêmio de *Zooropa* de Melhor Álbum Alternativo. Depois de algumas referências às listas alternativas e universitários, ele olha para os pés como se sua mente estivesse em branco e murmura: “O que mais...”, coça o nariz e depois surge sorrindo para dizer ao público da TV ao vivo: “Acho que gostaria de deixar uma mensagem para os jovens da América. E isso é:

Vamos continuar a abusar de nossa posição e foder o mainstream”.[2]

De repente, os censuradores da TV estão em pânico, os telefones estão tocando, as portas batem e as luzes piscam como em um antigo desenho animado de James Thurber.[3] Um grito ecoa: “Você ouviu o que Bono disse ao vivo na televisão?”

Sim eu ouvi. Ele disse *jovens*.

---

[1] Robert Mapplethorpe foi um fotógrafo estadunidense, conhecido pela sensibilidade no tratamento de temas controversos e no uso do preto e branco na fotografia. Seu trabalho abrangia uma variada gama de interesses, indo de retratos de celebridades, nu artístico, auto-retratos e imagens de flores.

[2] Mainstream, ou a corrente dominante ou convencional é a corrente de pensamento mais comum ou generalizada no contexto de determinada cultura. A corrente dominante inclui toda a cultura popular e cultura de massa, as quais são difundidas pelos meios de comunicação de massa.

[3] James Grover Thurber, foi um escritor, humorista, cartunista, jornalista e dramaturgo americano. Thurber era mais conhecido por seus desenhos animados e contos.

# 58. A cidade que não dorme

**o big bang do pop / extraindo da capol mais notícias de sarajevo / irlandeses em nova york / adam esclarece algumas coisas / como se diz?**

BONO ALEGA que não sabe o porquê de tamanha excitação. Ele disse "fuck" num programa ao vivo? Grande coisa, ele fala isso todo dia. Ele faz a afirmação um tanto legalista de que disse "fuck up", não "fuck" com conotação sexual. Eu aprecio esse sentimento, mas eu acho que ele não está sendo muito sincero, o que implica que o palavrão foi um lapso impensado da língua. Para a maior banda do mundo, vencer o *Alternative Award* poderia fazer o U2 ser ridicularizado pelos guardiões da sagrada subcultura alternativa. Foi como há poucos anos, quando o *Grammy* premiou o Jethro Tull como Melhor Banda de Heavy Metal. Não era culpa do Jethro Tull, mas eles se aproveitaram da repercussão. Então eu suspeito que Bono queria fazer algum gesto, para deixar claro que ele não era o cãozinho adestrado do *Grammy*, polidamente ostentando uma estátua que deveria ter sido concedida ao Nirvana, ao Sugar ou ao Pavement. (Falsa humildade à parte, entretanto, Bono sente firmemente que se *alternativo* é no sentido musical e não no sentido *fashion,* o Zooropa merece o prêmio mais que qualquer uma das bandas grunge com inclinação setentista).

De qualquer modo, além do grande evento, a única razão pela qual Bono está posicionado nas alas do Radio City Music Hall esta noite, está mais adiante. Semana passada, Bono leu para mim grandes trechos do seu discurso de indução de Sinatra e disse que não conseguiu escrever nada bom. Eu disse que ele estava louco – o discurso que ele havia escrito estava excepcional, que tudo que ele tinha a fazer era ir em frente e lê-lo. Bono estava desconfiado que o pessoal do Grammy pudesse tentar baixar seu tom, mas a única coisa de fato que ele tinha que fazer era retirar uma referência a Sinatra como o *capo di tutti capi*, a designação no filme *O Poderoso Chefão* para o "chefe de todos os chefes".

A língua solta de Bono no seu próprio discurso de aceitação pode ser atribuída ao fato de que quando ele chegou no local do evento esta tarde, ele foi para o camarim para ver Sinatra e os dois crooners[1] começaram a tomar uísque juntos.

"O que nós estamos fazendo aqui?", perguntou Frank.

"Ei, não se queixe de ter vindo de Palm Springs!", Bono disse a ele. "Eu vim de Dublin!" Bono percebe que Frank gosta da soberba. Acho que um deles deveria se dar conta que Dublin e Palm Springs tem mais ou menos a mesma distância de Nova York.

Quando Bono volta ao palco para fazer seu discurso homenageando Frank, os censores da TV podem estar prontos para disparar o botão da censura a qualquer momento, mas o que vem a seguir é uma prosa tão perfeita que te faz pensar que Rushdie está certo sobre os dons literários de Bono:

"Frank nunca gostou de rock and roll", Bono inicia e a plateia ri. "Ele também não se sente atraído por caras que usam brincos" – mais risadas – "mas ele não tem nada contra mim e, de qualquer forma, o sentimento não é mútuo. O pessoal do rock and roll ama Frank Sinatra, porque Frank Sinatra tem o que queremos: arrogância e atitude. Ele é grande em atitude. Atitude séria. Atitude de mau. Frank é o presidente dos maus". A plateia ri.

"O rock and roll consiste em ser rude, mas esse cara, bem, ele é o chefe. O chefe dos chefes. O homem. O big bang do pop. Eu não vou me meter com ele. Você vai?"

---

[1] Cantor ou cantora de música popular que canta com orquestra ou conjunto instrumental.

“Quem é esse cara que toda cidade dos EUA quer reivindicar como seu? O pintor que vive no deserto? O ator da primeira tomada. O cantor que faz outros homens poetas, encaixando sabiamente cada palavra, falando como os EUA – rápido, direto, em linhas gerais, vindo com o grande truque, o aparte, o complemento silencioso, o good cop/bad cop[1], todos juntos no mesmo ambiente. Você conhece a história porque é a sua história. Frank caminha como os EUA – sempre muito confiante”.

“É 1945 e a cavalaria americana está tentando dar o fora da Europa, mas eles nunca conseguem. Eles fazem parte de outro tipo de invasão: a rádio das Forças Americanas está transmitindo uma música que abraça a tristeza retraída da Inglaterra e o resto do mundo. Pavimentando o caminho para o rock and roll com o jazz, Duke Ellington, as big bands, Tommy Dorsey, e logo na frente – Frank Sinatra. Sua voz é tão firme como um punho, abrindo no fim de um compasso, não na batida – sobre ela, tocando com ela, cortando-a. Como um jazzista, como Miles Davis, colocando o verso certo na música certa, que é onde ele vive, onde ele se deixa levar, onde ele se revela. Suas músicas são seu lar e ele te deixa entrar”.

“Mas sabe, para cantar daquela maneira você tem que ter perdido algumas lutas. Para entender a ternura e o romance você tem que ter seu coração partido. Dizem que Frank Sinatra não tem falado com a imprensa. Eles querem saber como ele está, o que passa na sua mente. Mas você sabe, Sinatra está saindo por mais noites do que a maioria das bandas punk que vendem suas histórias através das músicas, contando e articulando a escolha daquelas músicas. Impressões pessoais num sistema de endereço público. É generoso”.

“Esse é o mistério de Frank Sinatra. Os lados esquerdo e direito do cérebro conversando arduamente, pugilista e pintor, ator e cantor, amante e pai, membro de banda e solista, criador e solucionador de problemas. O campeão que prefere mostrar suas cicatrizes em vez de suas medalhas. Ele pode ser a cola nas mãos de Barbara[2], mas eu não vou me meter com ele. Você vai?”

“Senhoras e senhores, vocês estão preparados para dar as boas-vindas a um homem mais pesado que o Empire State? Mais conectado que as Torres Gêmeas? Tão reconhecível quanto a Estátua da Liberdade? E a prova viva de que Deus é católico!” Agora as risadas e gritos começam a se transformar numa grande salva de palmas que continua a medida que Bono grita: “Vocês darão boas-vindas ao rei de Nova York – Francis Albert Sinatra!”.

Sinatra surge no palco sob uma ovação de pé do público, numa empolgação da plateia digna de balançar os lustres, e ele está claramente e fortemente comovido. Bono aperta a mão dele, dá um passo para trás, e então falam para ele voltar e dar a Sinatra seu prêmio. Finalmente as palmas param e Sinatra, com os olhos marejados, fala: “Essas são as melhores boas-vindas” – ele fica sem palavras por uns instantes – “que eu já tive”. Os aplausos começam novamente.

O que acontece a seguir é quase sem precedentes na carreira de 45 anos da maior e mais reservada estrela dos EUA; Frank Sinatra começa a realmente se abrir, para falar abertamente: “Senhoras e senhores, estou muito feliz de ver vocês todos e espero que nós possamos fazer isso de novo – não vou deixá-los ainda – mas nós faremos isso novamente de tempos em tempos e eu quero vê-los e quero conhecer alguns de vocês. É muito importante para mim. Muito importante”.

---

[1] Usado para descrever uma situação onde dois policiais ou duas pessoas quaisquer tentam atingir um objetivo juntas, sendo que um usa uma abordagem amistosa e agradável e o outro faz uso de ameaças e da força.

[2] Barbara foi a última mulher de Sinatra e esteve ao seu lado até sua morte, em 1998. Ela foi a musa de inúmeras canções românticas que marcaram a carreira de Sinatra.

Eles começam a aplaudir novamente e Sinatra interrompe: “São mais aplausos que Dean ouviu em toda sua carreira”. A plateia ri e Sinatra diz: “Ele costumava manter um cara na plateia para que isso fosse feito o tempo todo.”

Claro, ele divaga um pouco. Algumas pessoas acreditam que ele está bêbado por causa do uísque, já aquelas mais próximas a ele podiam estar preocupadas que ele ficaria fora de si, diria coisas sem sentido, do mesmo jeito que ele fez na gravação do vídeo, no outono passado. Mas, para as pessoas assistindo em casa, o efeito de ver um Frank Sinatra falando tão abertamente, de um jeito eloquente e muito humano, é no mínimo convincente, se não completamente fascinante.

Atrás do palco, contudo, está um pandemônio. As forças do pânico estão tentando colocar Bono de volta no palco para dar a Frank o gancho e Bono está resistente e cochichando: “Sem chance! Deixe-o falar! Não!”. Após quatro minutos de Sinatra, o diretor de TV chama a banda para começar a tocar, chama as câmeras a recuarem para uma tomada mais panorâmica e a rede corta para um comercial.

A plateia no local fica chocada pelo modo que Sinatra é abruptamente cortado pela fanfarra e pela voz do anunciante. Sinatra está confuso. Bono se aproxima, coloca seu braço no ombro de Sinatra e diz: “Hora de ir, Frank”. E os dois cantores saem do palco.

Se as escutas fervem com reclamações sobre a obscenidade de Bono, eles estão explodindo de indignação com o insulto a Sinatra. Quando o apresentador Gary Shandling volta, ele anuncia: “Antes de continuar, eu acho que vocês vão concordar comigo que Sinatra deveria ter finalizado seu discurso”. A plateia já afeita aos aplausos bateu palmas até pedaços de pele voarem para as mangas dos ternos franceses e o sangue respingasse sobre seus arminhos e pérolas (Bem, não é verdade, mas eu estou esgotando as maneiras de descrever “aplaudindo com entusiasmo”).

O melhor comentário vem da próxima atração musical. Billy Joel, fã de Sinatra, interrompe sua música no meio de repente, sorri secretamente para a câmera da TV, estuda seu relógio de pulso e diz: “Valioso tempo de publicidade passando ... Valioso tempo de publicidade passando ... Dólares ... Dólares ... Dólares”. Então ele volta com a música. Em algum lugar neste edifício, o diretor de TV está escorregando por baixo da porta como um cardápio chinês.

A cerimônia do Grammy Awards é apenas um prelúdio para as festas fantásticas que as gravadoras oferecem nos restaurantes mais caros de Nova York depois. As gravadoras gastam uma quantia que poderia servir para assinar e gravar com uma centena de bandas jovens, tentando superar umas às outras, com esculturas de gelo, banquetes intermináveis, orquestras, tanques de bebidas e as festas mais luxuosas do ano nos bares mais chiques. A noite do Grammy é uma desculpa para aproveitadores vestidos de smoking correrem do restaurante “21” ao rinque de patinação do Rockefeller Center, ao Museu de Arte Moderna, ao Four Seasons e ao Met, em uma farra de alta roda de Manhattan, que teria murchado os ternos de Fred Astaire.[1]

Minha esposa e eu levamos o mau humor de Bono e Ali para a melhor mesa da Rainbow Room (bem ao lado de Sting! Ser contagiado pelo seu ânimo é inevitável) e estamos pensando em dançar animadamente com a big band quando McGuinness se aproxima, aponta para o relógio e diz para Bono: “Frank está esperando por você no restaurante. Ele quer lhe dar um presente”.

Então Bono segue Paul de carro até um restaurante onde o “presidente do conselho” dá a seu parceiro um relógio de pulso sofisticado com a inscrição: “Para Bono - Obrigado - Frank A. Sinatra”. Mais tarde, Bono diz que não tinha certeza se Frank ficaria ofendido com seu discurso, mas ele

---

[1] Referência à canção *Top Hat, White Tie and Tails*, escrita por Irving Berlim e interpretada por Fred Astaire, num filme sobre a elite novaiorquina.

*queria* fazê-lo. Bono, quase sussurrando, mencionou o que milhões de telespectadores sabiam, o que levou Sinatra às lágrimas com a homenagem de Bono. “É o melhor que posso fazer”, diz Bono.

Eu digo, “Bono, isso é o melhor que qualquer um consegue fazer”.

Na noite seguinte ao Grammy, janto com Bono e Ali no centro, onde o brilho é menos chique, e você pode encontrar bolo de carne no menu. Ele diz que Regine lhe enviou os jornais de Londres, cheios de manchetes como “Bono choca os Estados Unidos” porque ele praguejou na TV. Os jornais irlandeses, entretanto, o estão repreendendo por fumar em público, influenciando os jovens impressionáveis, tornando-os suscetíveis ao câncer de pulmão. A imprensa americana geralmente zomba de sua obscenidade, mas elogia o discurso de posse de Sinatra. No Los Angeles Times, o crítico de televisão Howard Rosenberg chama de “a primeira vez que uma prosa verdadeiramente inesquecível foi dita sem pudores por um vencedor”. Robert Hilburn, crítico de música pop do mesmo jornal, considera-o “provavelmente a melhor apresentação que Sinatra já teve”.

O assunto principal em todos os jornais, entretanto, é a surpreendente decisão de cortar para um comercial no meio do discurso de aceitação de Sinatra. Mike Greene, presidente da Recording Industry Association of America, é amplamente criticado por dizer que o pedido veio do próprio pessoal de Sinatra, mas Bono diz que suspeita que isso seja verdade. Ele avalia que os encarregados de Frank estavam tão nervosos de que ele poderia escorregar ou se desviar demais que se precipitaram. O fato de saberem que Frank e Bono estariam juntos nos bastidores provavelmente não os ajudaram a relaxar.

E por falar em bebida, Bono diz que Adam ainda não tocou em uma gota desde Sydney. “É uma pena para Adam que ele não possa mais beber”, diz Bono, “mas o mundo não vai sentir falta disso. Ao contrário de algumas pessoas, que depois que conseguem ficar sóbrias ficam tão chatas que você só tem vontade de dizer a elas: ‘Apenas diga que sim!’”

Quando chegamos em casa, para jantar, ligo a TV e Jay Leno está fazendo piadas sobre a obscenidade de Bono ofendendo Axl Rose, e “Três coisas que você não quer fazer se espera viver uma vida longa - não fume, não coma carne e não corte Frank Sinatra!”

No programa de Conan O'Brien, o apresentador pergunta se o público assistiu ao Grammy e então diz: “Bono venceu Sting por um prêmio. O prêmio de a pessoa mais pretensiosa com apenas um nome!”

Edge, enquanto isso, tem passado muito tempo com Morleigh em Los Angeles. É notável que, após a longa jornada emocional que Edge começou no início da Zoo TV, ele realmente tenha saído do outro lado dessa experiência com uma nova mão para segurar. Ele empurrou a si mesmo e o U2 além de todos os seus velhos limites e viajou até os confins da terra para se apaixonar por alguém que ele conhecia o tempo todo.

Quando a neve derrete, Paul McGuinness chega a Nova York para comparecer ao jantar de caridade da instituição coletiva da indústria musical de T. J. Martell, e passar uma semana negociando detalhes do projeto da Cadeia Zoo TV Network com a MTV. Todos os anos, a Fundação Martell homenageia algum figurão do mundo da música com o prêmio Humanitário do Ano, e desta vez é o chefe da MTV, Tom Freston - uma homenagem tremendamente merecida, mas também, como McGuinness aponta - uma ajuda certa para que seu projeto de milhares de dólares obtenha financiamento, já que toda gravadora tem que beijar a bunda da MTV. A atração do evento é Eric Clapton, que toca um set todo de blues, passando pela música de Robert Johnson até a de Muddy Waters, e tocando algo do seu próximo álbum, que está em processo.

Há muitas idas e vindas entre o Principle e a MTV sobre como lançar a Zoo TV. Freston resumiu em seu estilo usual - com uma piada engraçada que contém uma dura verdade: “Puxa, todo mundo quer

sua própria rede de TV hoje em dia. Talvez como pré-requisito para obter sua própria rede você deveria primeiro tentar criar uma boa hora de programação por semana".

Agora, ambas as partes estão inclinadas a experimentar o conceito da Zoo TV com um programa semanal e ver como isso funciona. Quando perguntado sobre minha opinião (e ninguém precisa me perguntar duas vezes), sugiro que uma hora só poderia ser uma distorção de como seria toda uma cadeia Zoo TV Network. Melhor experimentar a Zoo TV como um programa noturno - digamos, da meia-noite às 5 da manhã - no VHI, o chato canal irmão da MTV. (Outra frase de Freston: "O que devemos fazer com a VHI? É como se eu tivesse um ótimo terreno à beira-mar e sobre ele uma simples cabana!" Ele está criando uma nova administração para reinventar o canal.)

Enquanto isso, Adam e Larry, ambos acomodados em seus apartamentos em Manhattan, se adaptam à vida como músicos em Nova York. Eles passam uma semana tocando juntos nas sessões de gravação de Nanci Griffith. Larry começa a fazer aulas de música, indo até Boston para trabalhar com um professor de bateria, e Adam toca em um álbum de Little Steven Van Zandt. Adam liga uma tarde e sugere que nos encontremos naquela noite. Escolho um restaurante no West Village. Saindo do metrô da Sétima Avenida na Sheridan Square, Adam pede informações à primeira pessoa que vê. Essa primeira pessoa é Lou Reed. Adam se sente em casa.

No jantar, pergunto como estão as negociações Zoo TV / MTV e Adam diz: "Vou ficar longe disso. Tive de decidir se usaria esse período para me tornar mais em um homem de negócios ou mais um músico. Escolhi a música. Tive minha primeira aula de canto hoje. O engraçado é que eu consigo! E conheci um cara lá que dá aulas de contrabaixo, então marquei um encontro para começar com ele. Logo, vou tentar aprender sobre computadores".

Adam diz que ele e Naomi se separaram para sempre, mas a imprensa não sabe disso, então eles não vão dizer nada. Ele é um homem solteiro morando em Nova York e adora isso. Ele diz que recuperou algo que não sabia que tinha perdido - o estado de alerta de estar ciente de tudo que está acontecendo na rua ao seu redor. Ele diz que foi enterrado sob a autoconsciência de Z[1]: *Sou um astro do rock / Essas pessoas estão olhando para mim / Aí vem um fotógrafo.* Aqui em Nova York, ele pode ver e sentir a imagem maior, e se sente ótimo com isso.

Lembro-me das palavras de Larry na última noite no Japão, sobre a maneira de como Adam e ele contribuem tanto quanto qualquer um, enquanto o U2 continuava a evoluir; era sair, trabalhar e aprender coisas novas para trazer de volta para a banda. ("Não tenha a impressão de que estou fazendo isso para acompanhar Bono ou Edge ou qualquer outra pessoa", Larry me avisou. "Estou fazendo isso por mim mesmo".) É assim que Larry iria passar 1994, e ele esperava que Adam decidisse se juntar a ele. É ótimo, seis meses depois, ver que Adam fez isso e Adam adora. Ele bebe água a noite toda, está magro como um esqueleto, seu cabelo voltou ao castanho natural e agora está surpreendentemente equilibrado por um cavanhaque comprido de aparência russa. Adam parece que deveria estar fazendo bombas com o Sr. Molotov ou escrevendo *Crime e Castigo* à luz de velas.

Digo a ele que hoje recebi um cartão-postal de Willie Williams - ele está de volta à estrada com Bryan Adams e falando com o R.E.M. sobre se alistar para sua próxima turnê. Adam diz que Suzanne Doyle está indo muito bem trabalhando para a MTV, em Londres. Digo a Adam que Bill Carter desembarcou em Nova York esta semana e se mudou para um apartamento no Village, que ele encontrou por meio de Vanessa Redgrave - uma das muitas conexões que ele fez por meio de seu documentário "Miss Sarajevo", apoiado pelo U2.

---

[1] Conceito zoroastriano de "terra", tanto no sentido de terra e solo quanto no sentido de mundo.

Carter acaba de concluir uma tarefa de reportagem na Bósnia para a MTV e para a revista Rolling Stone. Como sempre, ele estava cheio de novas histórias sobre a loucura daquela guerra. Digo a Adam que ele precisa ouvir esta: os pais de um amigo de Bill moraram durante anos em um apartamento nos arredores de Sarajevo e se recusaram a ir embora. A mãe era muçulmana, o pai sérvio, e eles meio que se enganaram pensando que o fato de ele ser sérvio poderia poupá-los dos chetniks (nacionalistas sérvios). A maioria dos outros inquilinos havia fugido do prédio, embora uma mulher - uma professora de crianças deficientes mentais - permanecesse alguns andares abaixo deles.

Um dia, o velho casal ouve gritos e berros na rua. Eles olham para fora e veem que um tanque sérvio estacionou do lado de fora, e quatro soldados sérvios tagarelas estão saindo e correndo para dentro do prédio. Isso, como eles imaginam, é o momento. Então, por uma hora eles ficam sentados no sofá, se abraçando, conversando sobre sua longa vida juntos e se despedindo. Eles podem ouvir os soldados gritando lá embaixo, no apartamento da professora. Então, para seu espanto, as vozes saem de novo, o tanque liga e os soldados vão embora. Eles estão fora de si de alívio, mas acham melhor dar uma olhada na sua vizinha. Eles descem até o apartamento da professora de educação especial, batem na porta e perguntam se ela está bem. Ah, claro, ela diz, eram quatro dos meus alunos que passaram por aqui para me fazer uma visita.

Quatro crianças deficientes em um tanque. Existem lugares neste planeta onde a ficção não pode levá-lo.

Oh, e eu estava assistindo a um talk show na TV hoje e o convidado era Pete Best, o baterista anterior a Ringo Starr nos Beatles. O entrevistador perguntou se ele já tinha visto alguma outra banda que tinha o que os Beatles tinham, e ele disse que achava que apenas o U2.

Depois do jantar, Adam quer falar sobre como vou escrever sobre a proposta de reestruturação dos acordos entre os quatro membros do U2 e Paul McGuinness, que se tornou um assunto tão delicado no final da turnê. Ele diz que as coisas se acalmaram muito.

“Acho que para Paul, ainda está na balança saber se no final do dia seus interesses continuam sendo musicais. Isso ainda está em jogo para ele”, diz Adam com cuidado. “Eu não sei de onde ele tira sua nova energia, seu sangue novo. Ele parece gostar do mundo corporativo e político, e isso é uma grande coisa para nós - para ele operar tão bem nesses mundos particulares. Mas como quinto membro de uma parceria, não é tão bom quanto poderia ser”.

Então Paul será convidado a aceitar uma redução de sua quinta parte, igual do U2?

“Acho que é impossível dizer neste momento”, diz Adam, “e não acho justo aludir a *isso* como sendo o centro da discussão. Os papéis e desequilíbrios são uma coisa mais importante a ser tratada do que a equidade. Se alguém aceita o ponto de vista de que é o mundo corporativo, político, empresarial em que Paul pode desenvolver melhor, bem, ninguém esteve nessa posição antes! Talvez seja isso que ele deve ser encorajado a ir e fazer. Transforme a Zoo TV em Zoo TV Corporation, esse tipo de coisa. É só quando resolvemos essas coisas que qualquer rearranjo será capaz de ser pensado ou discutido.

“Mas agora eu estou pensando que não é uma escolha disso ou daquilo. É ‘Olhe para a situação e veja como fazer o filme funcionar para você’. Esses problemas são solucionáveis. São coisas *crescentes.* Não sou tão negativo quanto poderia ter sido sobre eles. É só quando começo a aprender mais sobre os negócios dos outros que percebo a singularidade da nossa própria situação. Não que nossa própria situação deva ser escondida por causa disso. Eu acho que deveria ser revelada *por* causa disso”.

Eu não poderia concordar mais. O mundo, especialmente o mundo da música, deve entender a abordagem coletivista do U2. Eles devem entender a generosidade que Bono, particularmente, mostrou ao concordar que tudo o que a banda gerasse seria dividido igualmente entre os quatro músicos e o empresário. O sistema é justo? Claro que não, não da maneira como o capitalismo entende a justiça. Mas é justo de acordo com a parábola do Novo Testamento dos trabalhadores no vinhedo, na qual Jesus ensinou que, enquanto um homem seja pago de forma justa, não lhe faz nenhuma injustiça se um homem que faz menos receba o mesmo.

Foi essa crença de todos por um que permitiu que o U2 crescesse junto como músicos e como pessoas. isso encorajou um ambiente em que se uma pessoa ficava para trás, as outras ajudavam a trazê-la para junto de si. Ninguém no U2 poderia lucrar com a perda de outra pessoa.

E se agora, quinze anos depois de ter começado, as contribuições de Bono e Edge superaram as dos outros — ou se o *tempo* extra que Bono e Edge colocaram lhes deram direito a alguma compensação extra — a honestidade exige que todos considerem como tornar as coisas iguais novamente. Mas é para seu grande crédito como pessoas que, em vez de recortar a torta para refletir as contribuições recentes, eles decidiram ver se Adam e Larry podem, cada um à sua maneira, expandir o que eles fazem para tornar a coisa toda igual novamente. Paul está envolvido em um empreendimento semelhante.

Diante de um parceiro que não estava gerando tanta receita quanto outros, a maioria das corporações multimilionárias diria: "Você deveria aceitar menos". O U2 diz: "Você deve adicionar mais". Até agora todos estão se levantando para o desafio.

E correndo o risco de fazer isso parecer como um livro inspirador para os meninos, é gratificante ver tanto Paul quanto Adam se afastarem das atividades que os separavam do U2 e trazerem essa energia e interesse de volta para casa. Deus sabe que havia uma chance real de Adam optar pela vida fácil de um playboy milionário, andando de jato com as mulheres mais glamorosas do mundo em seus braços. Em vez disso, ele está tocando em sessões musicais e tendo aulas. E Paul parece ter decidido que se ele pudesse se envolver em projetos de TV que competissem com seu tempo para o U2, ele poderia muito bem se envolver na criação de um canal do U2. Ele está colocando toda a sua considerável criatividade de negócios de volta a serviço da banda.

Adam e Paul ainda têm muito em comum, inclusive comportando-se como homens sofisticados e não sentimentais do mundo. Eles não gostam de demonstrar que amam o U2 tanto quanto qualquer um de nós.

Adam diz que o U2 se reunirá em seis meses para decidir o que farão a seguir. Adam diz que o próximo álbum do U2 poderia ser um disco de rock & roll (que começaria a partir das canções de rock deixadas de fora do Zooropa), ou poderia ser um álbum de computador de alta tecnologia (como Edge disse ontem à noite no Japão, o futuro não está parecendo brilhante para a guitarra antiga) ou poderia ser um álbum irlandês, baseado em letras e inspirado pelo metafísico, linguisticamente promíscuo Wildean / Yeatsean / Joycean / Beckettean / Van Morrisonean, presente da tradição gab[1] com o qual Bono sente tanta afinidade.

Adam, porém, está começando a desenvolver uma ideia diferente. Ele vê o futuro em uma mulher negra chamada Me'Shell Ndgeocello, que combina uma sensibilidade pós-hip-hop com um senso de funk raiz dos anos 70. Ele vê um ponto em que o movimento de fusão rap-jazz vai encontrar um ponto em comum com o público pop que se cansou de Madonna e Prince. Parece haver uma nova comunidade se formando em Nova York: uma multidão com dreads, politicamente consciente e poética que ouvia rap quando crianças e agora está olhando para trás, para Curtis Mayfield e Gil

---

[1] Dom de jogar conversa fora, típico do povo irlandês.

Scott-Heron e avançando para algum novo híbrido - uma sensibilidade que permite a músicos de grande experiência se juntarem à máquina do amadorismo, deixando o rap se mover e sair dos bairros gangsta, mas sem negar a dureza da vida do gueto.

Adam está muito entusiasmado com isso. Ele tem verificado a atmosfera em torno do clube de soul The Cooler, descobrindo a cena do Brooklyn que cresceu nos últimos dez anos em torno de Spike Lee e os músicos da M-base, e ouvindo Me'Shell e o velho Stevie Wonder. Ele adora o que está aprendendo, e está enviando fitas do material para Bono, esperando afastar Bono do que Adam, preocupado, acredita ser uma abordagem muito literária para a nova música do U2. Bono diz que no próximo álbum do U2, em vez de Larry tocar bateria com a banda e, em seguida, fazer overdub de conga ou shakers, não seria ótimo começar com a banda tocando congas ou alguma percussão menor, e depois fazer overdub com a quantidade de bateria que fosse necessária? Claro, ele dá de ombros, em última análise, as músicas ditarão a abordagem. Mas ele vai continuar enviando essas fitas para Bono, esperando que isso aconteça.

Acabamos indo para o S.O.B. para ver Gil Scott-Heron, o homem que escreveu "A Revolução Não Será Televisionada" e que Adam está considerando recomendar à Mother Records. Scott-Heron, o padrinho espiritual de Disposable Heroes e uma tonelada de outras músicas negras socialmente incisivas, não pode mais fazer shows para levantar o teto do jeito que fazia há vinte anos, mas há um momento extremamente emocional em seu show, quando ele dedica sua canção anti-apartheid de 1975 "Johannesburg" a Nelson Mandela — que se tornou o primeiro presidente negro da África do Sul ontem. Parecia além da imaginação que esse dia chegaria quando a música foi gravada. Inferno, era além da imaginação quando Bono cantou a canção de protesto de Little Steven "Sun City" em 1985 — quando Mandela estava vinte anos na prisão.

E talvez, talvez pelo longo comprimento da música de Gil Scott-Heron esta noite, pudéssemos considerar que todos nós poderíamos ter, nestes últimos anos, nos esquivado das balas. Talvez tenhamos tido os avisos de Fátima a tempo e o apocalipse foi evitado. Se há dez anos algum profeta tivesse previsto que o Muro de Berlim cairia e todos os estados soviéticos fossem libertados, que o apartheid desmoronaria, que os prisioneiros políticos Vaclav Havel e Lech Walesa e Nelson Mandela não só seriam libertados da *prisão, mas se tornariam presidentes de seus países,* teríamos dito que isso soa como uma era de ouro.

Em vez disso, chegamos a uma encruzilhada, com uma era de milagres sobre um horizonte e caos através do outro. Talvez em vinte anos vejamos isso como o último momento de paz antes que *todos* tenham armas nucleares. Neste momento de mudança, nestes últimos dias do torturado século XX, ninguém é ingênuo o suficiente para esperar que os momentos alegres permaneçam para sempre. Por isso, é importante agarrá-los e celebrá-los enquanto durarem. Mesmo que seja apenas a duração de uma única música.

---

# 59. Pontuação

**o tempo volta à sua forma normal / indo para a copa do mundo / a efusão da emoção gaélica e a cerveja / edge rejeita a chance de ficar com a garota dos seus sonhos / restaurantes italianos e bares irlandeses**

"É MEU ANIVERSÁRIO", disse Paul McGuinness em junho no ostentoso bar de um hotel de Manhattan. Todos levantam seus copos para brindá-lo. "Tenho quarenta e três anos". Lembro o Edge que foi há um ano que o U2 tocou no Estádio Olímpico de Berlim e brindamos ao aniversário de Paul no avião de volta para Dublin. Foi há dois anos, esta semana, que o U2 aterrissou em Sellafield e três anos que Achtung Baby era um filho em gestação em Dublin. Edge fica de queixo caído com cada aniversário que eu falo para ele. O tempo foi elástico durante a Zoo TV. Durante os dois anos na estrada, o tempo esticou, estourou, encolheu e se esticou novamente enquanto o U2 voava fora do calendário normal. Nos seis meses que passaram desde que a turnê terminou no Japão, o tempo voltou a seu ritmo normal. Tom Freston está aqui. Ele e McGuinness estão dando continuidade ao desenvolvimento da rede Zoo TV. A ideia está se tornando mais simples: um canal de filmes descolados, com algumas chamadas para compras direto de casa e alguma outra publicidade. Freston calcula que será a TV da década de 90, equivalente a todos aqueles repertórios do cinema que exibiam *King of Hearts [Esse Mundo É dos Loucos], The Harder They Come [Balada Sangrenta] e Harold and Maude [Ensina-Me a Viver]* todos os fins de semana dos anos 1970; será uma televisão alternativa. Freston está exausto - ele passou o último ano em aviões, supervisionando a expansão internacional da MTV. Ele esteve na China três vezes recentemente. O governo chinês ficou tão irritado com a programação subversiva transmitida de Hong Kong que proibiu as antenas parabólicas e enviou tropas para destruir tudo o que pudesse encontrar. Freston tem se reunido com os comunistas sobre a substituição da proscrita MTV-Ásia por uma boa MTV controlada pelo Estado. ("Não temos política de direitos humanos na MTV", brincou. "Se eles querem fazer vídeos usando trabalho escravo, tudo bem para nós".)

As discussões sobre a Zoo TV são apenas uma desculpa para McGuinness, seu filho de oito anos, Max, e metade do pessoal da organização dos shows estarem em Nova York. O verdadeiro motivo é a partida de futebol da Copa do Mundo entre Irlanda e Itália, no Giants Stadium, no sábado. É a primeira vez que esse campeonato de futebol é disputado nos Estados Unidos e esse duelo é mais que uma partida de futebol, é o choque de dois ícones da etnia que estarão frente a frente a um grito de distância da Ilha de Ellis[1], tornando os ingressos deste jogo o mais disputado da Copa do Mundo. A Irlanda, que nunca ganhou um jogo na competição da Copa do Mundo, não tem muitas chances contra Roberto Baggio e sua poderosa Azzurra - mas, como todo irlandês viajando para Nova York neste fim de semana irá lhe dizer, a seleção irlandesa recentemente entregou aos alemães uma derrota sem precedentes em seu estádio e derrotou os suíços antes da Copa. Um empate com a Itália seria considerado uma vitória e permitiria aos irlandeses avançarem com os punhos erguidos e seu típico canto desafinado.

Nova York está sofrendo com uma greve ferroviária e uma onda de calor de 35 graus que já dura uma semana, agravada pela umidade sufocante e uma espessa neblina que retém o calor na cidade. Há alguns tristes murmúrios de que essa temperatura será demasiada para o pobre time irlandês. Os americanos estão pendurados em suas TVs após o caso bizarro de O. J. Simpson, o lendário jogador e herói do futebol americano que está sendo perseguido pela polícia pelo terrível assassinato de sua ex-mulher e de um amigo. Mas a cidade parece um pântano submergida com camisetas verdes e sotaques dublinenses, todos com apenas um jogo em mente.

---

[1] Alusão ao poema "Ellis Island" [Ilha de Ellis], escrito por Joseph Bruchac, que retrata os imigrantes que se estabeleceram nos Estados Unidos em busca do sonho americano.

Edge está entre eles. Ele me ligou para dizer que estava na cidade e estava hospedado na casa de Adam. “Cantinho do Adam!” Eu disse. “Rapaz, deve haver mulheres glamorosas ligando para lá vinte e quatro horas por dia! Gina Lollobrigida! Raquel Welch!”

“Sim!”, disse Edge. “Mal posso esperar para desligar o telefone para ver qual delas vai ligar em seguida!” Nessa noite, nos encontramos para jantar com Ned (“Me chame de Rosencrantz!”) O'Hanlon veio de Dublin para o jogo, e Suzanne Doyle, de Londres, onde mora desde que foi trabalhar para a MTV Europa. Durante o jantar, flui muita nostalgia, exageros e expressões de surpresa enquanto o pessoal conversa sobre quem na turnê estava tendo casos com quem. Também há brindes a Ned, cuja Dreamchaser Produções produziu dois dos seis documentários selecionados de algumas centenas de inscrições para o próximo International Monitor Awards em Washington, DC. Os dois indicados da Dreamchaser são “Miss Sarajevo”, de Bill Carter e “Black Wind, White Land”, o documentário sobre Chernobyl de Ali Hewson.

Durante toda a refeição e depois, quando visitamos alguns clubes, os nova-iorquinos reconhecem o Edge e oferecem bebidas, pedem autógrafos, apertam sua mão e dizem que estão torcendo pela Irlanda na Copa do Mundo. Morleigh saiu para dirigir um projeto de dança no exterior, então Edge está sozinho. Ele diz que está curtindo sua primeira oportunidade real de férias nos quinze anos desde que o U2 começou sua jornada. Ele tem viajado muito e trabalhado com a Philips em uma revista musical interativa para ser vista pela internet.

Eu acho que o Edge está certo; parece que a Internet e as empresas de informática assumiram um ar de mistério, de fazer parte de um mundo secreto, que o rock & roll costumava ter quando era difícil de encontrar, como quando uma criança tinha que mentir e deitada na cama, mexia com o dial do rádio num volume bem baixo para ouvir uma música maluca que ela nunca tinha ouvido antes. Nunca pensei que diria isso, mas há mais senso de comunidade no mundo dos computadores, no ciberespaço, hoje em dia, do que no mundo do rock & roll. Uma das propriedades incríveis que essas comunidades secretas têm é a capacidade de imbuir até mesmo no hardware que usam um pedaço desse mistério. Jimi Hendrix fez da Stratocaster um objeto de beleza e magia para toda uma geração de jovens. Quem disse que alguém agora não fará com um computador o mesmo para os jovens da futura geração?

Edge, entretanto, só quer ouvir falar de uma polêmica que, na semana passada, fez um pequeno pontinho na mídia americana, antes de ser ofuscada pela história de 0. J. Simpson. O apresentador de um talk show de televisão, Phil Donahue, fez um acordo com um homem condenado à morte para que sua execução fosse transmitida em seu programa de TV. Os conservadores se opuseram com sucesso à medida, argumentando que se o público americano visse as execuções na TV, eles poderiam se voltar contra a pena de morte. (Pouco provável! Em vez disso, exigiriam fervura em óleo e que o condenado fosse *Arrastado e Esquartejado com os Ricos e Famosos*[1].) O debate terminou quando o potencial convidado foi executado longe das câmeras. Edge acha que este mais recente desenvolvimento na área de audiência passou dos limites. Ele quer saber se toda a cultura enlouqueceu com a mídia.

Digo a ele que recentemente segui o conselho de um amigo e aluguei o filme satírico de Paddy Chayefsky de 1976, *Network*. Meu amigo estava certo - tudo o que aconteceu no filme se tornou realidade. A *Network* previu uma cultura na qual a corrida por audiência transformaria os americanos em um enxame de seguidores demagogos, viciados em reality shows e em assistir vídeos de violência. No final do filme, o herói, um velho jornalista de televisão é despedido, faz um

---

[1] Hanged, drawn and quartered (literalmente "enforcado, arrastado e esquartejado") foi uma penalidade imposta a partir do ano 1351, na Inglaterra, aos homens condenados por alta traição. Os condenados eram presos a um obstáculo (ou painel de madeira) e arrastados por um cavalo até o local da execução, onde eles eram enforcados (quase ao ponto da morte), castrados, estripados, decapitados e esquartejados (cortados em quatro pedaços). Seus restos mortais eram muitas vezes exibidos em lugares de destaque em todo o país, tais como a London Bridge.

discurso para seu feliz infoentretenimento sucessor, o que poderia muito bem ter sido exibido nos telões da Zoo TV:

*"Você é a televisão encarnada, Diana - indiferente ao sofrimento, insensível à alegria. Toda a vida é reduzida ao burburinho comum da banalidade noticiada. Guerra, assassinato e morte são o mesmo para você que garrafas de cerveja. E o cotidiano da vida diária é uma comédia corrupta. Você até mesmo quebra as sensações de tempo e espaço em frações de segundos, replays instantâneos. Você está louca, Diana. Tudo o que você toca morre com você".*

No clímax do filme, um assassinato televisionado (pago pela rede emissora) é exibido em uma tela de TV ao lado de outras telas cheias de anúncios de cereais, refrigerantes e céus amistosos. Edge diz que não conhece o filme. Digo a ele que vivemos isso a cada dia. No bar do outro lado do restaurante, os clientes estão assistindo às transmissões ao vivo do helicóptero com o carro de O. J. Simpson fugindo da polícia de Los Angeles.

No dia seguinte, Ossie Kilkenny está de pé como Papai Noel no saguão do hotel Ritz-Carlton, distribuindo ingressos para o camarote do Giants Stadium e direcionando cerca de quarenta amigos e oportunistas para os carros e vans que os aguardam. Larry Mullen e Joe O'Herlihy não querem participar dessas bobagens; eles vão sentar sozinhos perto do campo de futebol e assistir a batalha da Irlanda contra a Itália, sem o impedimento da interatividade social.

Levando em conta o calor opressivo, até que o camarote está bem fresco, e há um bufê apropriado de carne em conserva e lasanha e muita emoção para a partida ítalo / gaélica. Assim que a partida começa, um convidado começa a gritar: "Vamos, garotos de verde!" a todo pulmão e não para, mesmo quando aqueles ao seu redor recuam, tomam aspirinas e tamponam os ouvidos.

Para um americano, a melhor coisa do futebol é que ele é jogado sem intervalos ou pausas. Sem comerciais. Apenas duas metades de quarenta e cinco minutos, o que neste calor exige resistência sobre-humana. No início do jogo, o meio-campista irlandês Ray Houghton invade o meio da defesa italiana. Ele intercepta uma cabeçada de Marco Baresi perto da área, desvia e acerta um chute de pé esquerdo sobre a cabeça do goleiro italiano Gianluca Pagliuca para marcar para a Irlanda.

O pandemônio explode entre os irlandeses no estádio lotado e entre os irlandeses em nosso camarote. Todo mundo está gritando, se abraçando, pulando, quase chorando. Tenho que me abaixar para evitar ser beijado por Ossie Kilkenny. No futebol, um único gol pode significar o jogo inteiro, e os irlandeses mudam imediatamente para uma estratégia totalmente defensiva para garantir que isso aconteça. Algumas vezes, a estrela italiana Baggio dá uma corrida feroz contra o gol irlandês - e o clima em nosso camarote torna-se o mesmo da cabine de um avião caindo. Mas os chutes a gol são perdidos e a alegria explode novamente. Durante o intervalo, pergunto a Edge se é estranho olhar para este estádio e se dar conta que também tocou aqui. Ele diz que sim - parece muito maior visto do palco - mas isso faz com que se sinta ainda mais conectado ao time irlandês. McGuinness está usando um dos souvenirs à venda para celebrar a glória da Irlanda: óculos escuros verdes estilo Bono "mosca".

(Uma das histórias que circulam é que Bono, que está em Londres com Gavin hoje, foi parado por um repórter de TV que, na tentativa de ridicularizá-lo, perguntou se o astro do rock mais famoso da Irlanda poderia citar três membros do amado time de futebol da Irlanda. Bono enganou o fariseu dizendo: "Joyce, Synge e Beckett"[1].)

---

[1] Joyce, Synge e Beckett, na realidade, foram dramaturgos muito conhecidos na Irlanda.

Os verdes seguraram os azuis no segundo tempo, e quando o apito soou dando à Irlanda sua primeira vitória sobre a Itália desde que se encontraram pela primeira vez em 1926, bem, vai ser difícil a véspera de Ano Novo de 2000 ver o frenesi que foi acompanhado dessa vitória. Edge tem agitado algumas latas de cerveja por cerca de cinco minutos para que, quando a vitória for declarada, ele possa borrifar a caixa inteira. Logo a Guinness parece que está em erupção como o Vesúvio. "Você não tem ideia do que isso significa!", Edge me diz. "Você não tem ideia!"

Os abraços, sprays de cerveja, choro e risos continuam por muito, muito tempo. Finalmente, os convidados de McGuinness e Kilkenny começam a se mover em direção ao estacionamento. Larry e Joe não apareceram, mas me disseram para não me preocupar com eles: "Larry provavelmente está no vestiário com a equipe. Não os veremos por um tempo!"

O clima de êxtase irlandês é melhor resumido por um filho de St. Patrick que encontrei no banheiro masculino. Ele estava conservado em cerveja, sujo e respingado de urina, tropeçando no chão escorregadio e como se estivesse na presença do santo padroeiro, exclamava: "Este é o paraíso! Existe um Deus! Este é o paraíso!"

Passando pelo estacionamento, Edge começa a recolher irlandeses em êxtase que não têm como voltar para a cidade e lhes oferece carona para levá-los onde for preciso. Veja, ali está o Shane do Cafe Sin-e! Aqui está Paul Brady! Ossie está consternado com a generosidade de Edge; somos apenas duas minivans de dez lugares e agora temos quarenta e oito passageiros. Irlandeses encharcados de suor, ensopados de cerveja e enlouquecidos pela glória se amontoam uns em cima dos outros. O próprio Edge acaba sentado na pequena fenda entre o assento e a porta. "O que você está fazendo aí embaixo. Edge?" Ossie liga na metade do caminho para Nova York. A voz de Edge retorna: "Estou analisando as contas, Ossie!"

O contador tem um telefone portátil e grande parte do trajeto é usado para ligar para as pessoas em Dublin para gritar e berrar em suas ligações transatlânticas. Ned liga para sua cara-metade, Anne-Louise, que está com Sheila e Chanty. Eles colocam seus telefones do lado de fora da janela para que possamos ouvir o som de todas as buzinas de Dublin e as pessoas dançando nas ruas.

Os hóspedes do Ritz-Carlton Hotel, vestidos com roupas de peles e vestidos de gala, ficam horrorizados quando essas duas vans carregadas de celtas encharcados que descem na calçada em frente a eles, entram no bar do hotel de luxo. Decidiu-se rapidamente que o melhor lugar para jantar depois de um triunfo glorioso sobre a Itália é num restaurante italiano – partimos sem ninguém tirar suas camisas verdes suadas e chapéus verdes. Ligo para o Carmine's, o melhor restaurante italiano que conheço, e tento convencê-los a fazer algo que nunca farão: aceitar uma reserva para um jantar num sábado à noite para quatorze pessoas e com apenas uma hora de antecedência. Finalmente passam o telefone para o gerente do local e explico que tenho um grupo de importantes *dignitários* irlandeses que desejam experimentar a comida do melhor restaurante de Nova York. Ele se dá por vencido.

Estranhamente, descobrimos que não somos os únicos dignitários irlandeses que acharam que seria divertido vir comemorar em um restaurante italiano. Metade de Dublin está no Carmine's quando chegamos lá. Há velhos heróis do futebol no bar, irlandeses bêbados desagradáveis cantando canções de futebol nas mesas e olhares de incredulidade dos clientes habituais depois de uma noite no teatro e jantares finos. Afinal, Hooligan é um nome irlandês. Inevitavelmente, muitas dessas pessoas vêm bater um papo com Paul, Edge e os outros. E tão inevitavelmente quanto, outros bêbados e fãs vêem isso como um convite para se aproximar da nossa mesa e importunar o Edge.

Uma mulher muito bonita e muito bêbada chega ao lado de Edge, joga o braço em volta dele, acariciando-o e flertando.

"O que você toca no U2?", ela pergunta.

“Não há resposta fácil para isso”, ele murmura.

“Você é casado? Divorciado? Casado, mas mora separado?”

“Eu não quero falar sobre isso”.

Ela começa a fazer uma imitação de Edge cantando “Numb” e ri alto da voz ruim que ele tem nessa música! (Ela está zombando do Edge - outros clientes começam a se esconder debaixo da mesa.)

“Qual é o seu nome verdadeiro?”, ela pergunta.

“David Evans”.

“Vou chamá-lo de Dave”.

“Como quiser”.

“Olá, Dave Evans”.

Eu decido intervir. “Sabe”, digo a ela enquanto Edge atira adagas em mim com seus olhos, “o mundo inteiro ama o homem chamado Edge - mas ele tem esperado toda a sua vida pela garota que vai se apaixonar pelo simples Dave”.

“Isso é verdade?”, ela pergunta, quase rastejando em seu ouvido. “É isso que você quer, Dave?”

“Eu só quero ser amado por quem eu realmente sou”.

“E quem é você realmente, Dave Evans?”

“UM FAMOSO E MEGA RICO ASTRO DO ROCK!”

Isso praticamente acaba com o romance. Bono uma vez me disse que a diferença entre Edge e ele é que se Bono vê uma mulher por quem se sinta atraído, ele vai se aproximar e tentar descobrir tudo sobre ela, com esperança de encontrar algo que lhe assegure que ela e ele nunca conseguirão ficar juntos (o problema começa, disse ele, se isso não acontecer). É o mesmo impulso de enfrentar aquilo que o assusta, o que levou uma criança com medo de altura a escalar pontes e caminhar por grades altas. Em contraste, se Edge se sente atraído por uma mulher, ele se levanta e sai antes de ser levado à tentação. Digo isso apenas para deixar claro duas abordagens diferentes sobre como manter a fidelidade, vocês, que são casados. Não quero sugerir que Edge foi atraído por essa mulher; acho que ele queria se desfazer dela, para que não ficasse tentado a ser atraído por ela.

Edge, Ned e eu saímos do restaurante, Edge dando autógrafos e posando para fotos por todo o caminho. Pegamos um táxi até East Village, imaginando que começaríamos a comemorar nossa irlandesidade no Sin-e, um bar irlandês. Mas quando chegamos lá, a multidão do bar está espalhada pela calçada. Compramos bebidas e vagamos pela rua cheia de gente. No fim do quarteirão há outro clube, não tão lotado, onde uma banda está tocando uma mistura maluca de música irlandesa / brasileira e pessoas de chapéus verdes estão dançando nas cadeiras. Parece bom, então entramos e encontramos Suzanne Doyle e seu séquito de foliões.

Nós ficamos lá, nos remexendo embaixo dos lustres, até cerca de 3 da manhã. Então Edge, Ned e eu vagamos pela Second Avenue procurando um lugar tranquilo para uma última bebida antes de dormir. Encontramos um bar quase vazio e pedimos uma rodada. Uma banda está terminando de arrumar seu equipamento, e duas mulheres embriagadas estão no palco contando piadas de Kurt Cobain no microfone que resta guardar.

“Qual foi a última coisa que passou pela cabeça de Kurt Cobain quando ele atirou em si mesmo? Seus dentes!”

Nós nos viramos e mandamos elas calarem a boca. Uma delas tropeça até onde estamos e enfia um cigarro na boca em busca de um isqueiro. Ela não consegue nada. E também não vai embora. Ela encara o Edge por um longo tempo e diz: "Você é famoso? Você não é ...? Não, você não poderia ser. É? Quer dizer, eu não fico impressionada com celebridades. Não me importo. E sabe o que mais? Eu nem gosto do U2".

A partir daí só piora! Ela cambaleia para frente e para trás por um tempo, dizendo que gosta de "One", mas "Você não é o Edge, é? Você não é o Edge do U2, é?"

"Não", digo a ela. "Ele está *tentando* ser o Edge".

Edge, esplêndido em sua camisa de futebol verde, diz que é hora de ir para casa. "Este dia fez tudo o que podia fazer por nós", anuncia. "Este dia não nos deve nada".

---

# 60. O Resto É Fácil

**Tudo o que Deus quer é um coração disposto e que chamemos a Ele**

Em novembro de 1994, o U2 se reúne de novo, em um pequeno estúdio perto de Ladbroke Grove, em Londres, tentando descobrir como eles podem se encaixar depois de um ano longe um do outro. Adam entrou e começou programando teclados. Larry tocou alguns padrões complicados de bateria que impressionaram Bono. ("Estou um pouco surpreso que ele possa tocar dessa maneira, do jeito que ele quer", Bono ironiza.) Assim como fizeram com *Rattle and Hum* e *Zooropa - e* como desastrosamente não o fizeram com o *Achtung Baby* - a banda está tentando aliviar a criação do seu próximo álbum sem assumir toda a pressão do conceito: INÍCIO DA FASE SEGUINTE DO U2. Oficialmente não iniciarão um novo álbum até a primavera de 1995. Mas, por enquanto, eles vão passar algumas semanas trabalhando com Eno em improvisações que talvez venham a vender como trilha sonora de um filme. (Eles estão exibindo versões preliminares de próximos filmes, procurando o mais indicado).

Eno incita a banda a todos os tipos de exercícios, como a troca dos instrumentos. Edge está tocando o baixo muitas vezes e Bono toca impressionantemente algo de uma guitarra estilo Edge. Durante uma *jam session* com Bono na bateria, o guitarrista Larry surge com um riff de surf inspirado no filme *Pulp Fiction* que está fazendo grande sucesso. Bono diz que uma das melhores coisas sobre essa experimentação é que às vezes uma música completa ganha vida no meio dela: "Uma verdadeira música estilo Elvis Presley surgiu na outra noite. Acho que temos cerca de oitenta peças no total". Ele faz uma pausa e acrescenta: "Obviamente, cinquenta delas são horríveis, mas ainda assim..."

Ainda assim, é gravado muito material interessante. Bono aponta, com bastante precisão, que Tóquio está surgindo em todas as improvisações. "Achei que teríamos que voltar ao Japão para obter esse espírito de novo", diz ele, "mas sentimos ele aqui conosco". Talvez seja apenas o grupo sendo levado à última vez que tocaram juntos, mas é surpreendente que quase um ano depois, essa sensação e inspiração que plana sobre Tóquio continue saindo da música que o U2 está fazendo. Uma improvisação chamada "Tokyo Fast Bass" submerge e se mescla com o frenesi mal organizado da estação de trem de Alta. "Fleet Click" cambaleia como aquelas noites nos becos de neon, mas o que impressiona é que, diferente de quase todas as faixas rítmicas que já ouvi uma banda de rock preparar, não sugere nenhuma limitação do que poderia culminar. A peça poderia ir a qualquer lugar.

Algumas das improvisações chegam ao ridículo - em um experimento no qual Edge, Adam e Bono tocam um padrão sombrio de Fá sustenido menor, um pouco como "Ocean" do Velvet Underground, enquanto Eno faz Larry tocar no teclado um alegre jingle japonês em dó maior. Eno chama o resultado de "Preto e Branco" - porque três membros da banda estão tocando todas as notas escuras (menores) e Larry tocando todas as notas claras (maiores). É uma ideia inteligente, mas ainda soa terrível. O U2 não está preocupado; eles estão se divertindo e fazendo música que ninguém nunca ouviu antes, enquanto Eno exibe curtas-metragens malucos e pedaços de filmes antigos em um monitor de TV para mantê-los inspirados.

Durante o jantar, uma noite, Edge anuncia que essa nem sequer é uma típica sessão do U2 - isso é Bono, Edge, Larry, Adam e Eno. Ele diz que este grupo de cinco homens tem uma dinâmica totalmente diferente do U2 de quatro integrantes e merece um nome diferente. Ele vota por "Babel". Também no jantar - em um restaurante descolado chamado All Saints - está a cantora Neneh Cherry e vários de seus colaboradores. O U2 os convidou para colocar seu próprio toque em uma faixa movida a um potente som de baixo que está em *stand by* desde as sessões do Hansa há quatro anos. Durante a produção de Zooropa, emergiram novamente, incorporando letras ao longo das linhas de

“Potência nos fios / Potência no satélite / Potência na comunicação”. Depois do jantar, Bono pede ao garçom para colocar uma nova versão da música no toca-fitas do restaurante e ele, Neneh e a amiga de Neneh, Andrea, espalham-na na mesa e improvisam palavras e melodias sobre a música. Bono sugere que eles invertam a noção de potência para o sentido contrário. Logo eles estão cantando “Potência na submissão / potência no desapego” e alista todas as coisas que alguém deve se desfazer para conseguir passar pelo olho da agulha: distintivos, cor, pele, passes para os bastidores.

Muito depois da meia-noite, a festa - que se expandiu para incluir Fintan, Regine, Anton e muitos outros veteranos da Zoo – fica com pena dos garçons cansados e se muda para Notting Hill até o badalado clube subterrâneo chamado Globe - imortalizado na música por B.A.D. Há uma grande auréola ao redor da lua cheia ao longo do caminho, mas nenhum espaço no clube quando chegamos lá. Lá dentro estão mais alguns veteranos da Zoo, junto com punks, rastas, velhos malucos olhando para o espaço enfumaçado e jogadores de xadrez ignorando o hip-hop estridente. Larry, exausto de tanto trabalho e também por causa do vinho, decide ir para casa dormir. Edge sai com seu irmão, Dick. Dennis Sheehan assume uma posição vigilante perto da porta de entrada. Bono pega um lugar no bar lotado e dança ali mesmo com Neneh enquanto oferece bebidas para todos que se aproximam. Adam, sóbrio há um ano esta semana, ri e aperta a mão de velhos amigos e observa toda a cena com um deleite descontraído.

Depois de mais ou menos uma hora - perto das 3 da manhã – me despeço com um aceno de boa noite por cima da música alta e vou para fora. Algumas coisas sobre o U2 parecem mais claras para mim agora do que no meio da turnê da Zoo TV. Uma delas é o quanto estar na estrada e sob os holofotes por meses afeta a personalidade de todos, e como eles estão diferentes agora depois que tiveram um ano de folga. Bono em particular é muito mais atencioso, muito mais propenso a ver todos os lados de uma questão. Recentemente, ele pediu que, ao escrever sobre nossas viagens, eu não o retratasse “pulando sobre a mesa para fazer pronunciamentos enquanto brandia uma espada”, o que é bastante justo já que quando ele está fora da estrada, ele não age assim. E eu acho que é um pouco difícil para ele acreditar que quando está na estrada ele às vezes faz esse tipo de coisa.

O cabelo de Bono cresceu em seu castanho claro natural depois de dois anos sendo tingido de preto, e sua barba pontiaguda está salpicada no queixo com um pouco de branco. Edge brinca que ele se parece com Buffalo Bill. Eu teria dito que se parece com o General Custer. Ele agora não se parece em nada com *The Fly [a Mosca]* e a Mosca está dormindo agora, mas voltará a ocupar seu lugar num futuro não muito distante. Fui testemunha quando o U2 deu os primeiros passos para ligar toda a sua maquinaria, e tenho a impressão de quão difícil deve ser para cada um deles voltar - não para a banda em si, mas para quem cada um deles é quando a banda está junta. Estes são quatro homens inteligentes, do mundo e autossuficientes, que devem passar metade de suas vidas tentando se encaixar em papéis baseados em conceitos de quem eles eram quando adolescentes. Para que um deles cresça, todos eles precisam crescer. Caso contrário, a fórmula não funciona. Mas você sabe disso – afinal de contas, foi por onde entramos.

Durante o tempo livre, Larry caiu vítima da maldição que atinge muitas pessoas quando se mudam para Nova York: porque em Manhattan é possível trabalhar o tempo todo (já que é uma cidade que nunca dorme) e foi o que ele fez. Ele aprendeu muito sobre música e se libertou como baterista de modo que ele deseja continuar a explorar novos sons. Mas Larry se pergunta para onde foram suas férias - ele quase nunca se socializava ou relaxava.

Adam também trabalhou duro, mas encontrou tempo para se divertir. Algumas semanas atrás, o encontrei com alguns amigos em um clube em Nova York e me lembrei de como ele é um personagem notável. Um dos amigos de Adam me disse que anos atrás teve que fazer um discurso assumindo uma posição política impopular em uma universidade irlandesa. Ele estava muito

nervoso e, quando subiu ao pódio, olhou para baixo e viu Adam sentado na primeira fila, dando-lhe apoio moral. Isso, disse ele, é o tipo de coisa que Adam faz o tempo todo, de cem maneiras diferentes. Ele nunca pede considerações especiais para si mesmo, mas quando ele nota alguém que parece estar desconfortável ou passando por um mau momento, Adam se aproxima e se certifica de que a pessoa se sinta bem-vinda. Adam parece ter se especializado em deixar as pessoas saberem que não estão sozinhas.

Ao fugir para a América, Adam e Larry conseguiram evitar algumas tarefas desanimadoras em Dublin - incluindo os esforços contínuos para redesenhar o *Clarence*, o hotel que o U2 comprou. Bono e Edge acabaram tendo longas reuniões durante as quais eles às vezes olhavam um para o outro e diziam: "Estamos realmente sentados aqui discutindo sobre *garfos*?" Durante uma dessas conferências, Bono insistia que todos se dirigissem uns aos outros por seus novos nomes. Edge, por exemplo, era "Mr. Comfort".

Eles tinham coisas mais importantes para fazer. A estação Zoo TV parece destinada chegar às redes de TV americanas em blocos de duas horas, pulando de canal em canal. E embora nada na indústria do cinema seja fixo até que esteja filmado, parece provável que *The Million Dollar Hotel* será feito afinal - por Wim Wenders.

É um mundo notável que o U2 construiu para si mesmo, um mundo que absorve o que acontece do lado de fora (na semana passada, o presidente Clinton recebeu uma dura repreensão nas eleições parlamentares na metade de seu mandato dos Estados Unidos - ambas as câmaras do Congresso se tornaram de maioria republicanas pela primeira vez em nossas vidas. Hoje, o primeiro-ministro irlandês, Albert Reynolds, foi forçado a renunciar), mas continua sob suas próprias regras. O U2 imaginou seu próprio mundo e então o criou.

Quando o U2 começou, com apenas quatro adolescentes que mal sabiam cantar ou tocar, eles pensavam que seriam uma banda de rock & roll mundial na tradição dos Beatles, dos Stones e do The Who. Eles pensavam assim contra todas as probabilidades absurdas e evidências esmagadoras do contrário. E eles estavam certos. Eles acreditaram, e sua crença foi recompensada cem vezes mais. O que os faria parar de acreditar agora?

Conversei com o pai de Bono sobre esse lado do filho (que ele se recusa a chamar de Bono) e um verdadeiro orgulho paternal começou a rachar a dura superfície desse velho dublinense: "Lembro-me de um dia ter dito claramente a ele: 'Espero que você perceba que isto pode ser muito transitório. Em seis meses você pode ser um fracassado'. Pelo que sei do rock & roll e do entretenimento, é isso o que acontece. Você está lá em cima hoje e amanhã já não é nada". E o Paul me disse: 'Pai, se a gente desaparecesse amanhã, eu aceitaria tudo. Eu estou bem preparado'."

"Agora, se ele está ou não está, eu não sei. Acho que os últimos dois anos foram uma mudança. Lembro-me de quando eles começaram. ... Poderia te dar uma ideia... tenho uma carta que ele escreveu para mim".

E com isso Bob Hewson sai em busca de algo que ele estava guardando desde 1980. Ele vasculhou por um tempo e voltou para sua sala com uma carta escrita a mão de várias páginas em um envelope amarelo. Ele se recostou na cadeira e a desdobrou com um cuidado que, se não fosse um personagem tão rude, quase poderia ser chamado de sentimental.

¨É de quando eles começaram", explicou. "Bem do começo. Talvez te dê uma ideia. Ele nem sabe que eu tenho esta maldita carta". 'Olá, pai. . .

"'Apenas uma carta para avisar que seu filho está bem e que pelo menos aprendeu a escrever na escola. Comecei esta carta em um hotel em Birmingham. ... A cidade é um pouco bagunçada. É difícil saber o que faz as pessoas desejar morar em um lugar como este. Até as casas parecem pequenas

latas de biscoitos. De qualquer forma, estamos aqui, outra parada na estrada. Estou ansioso para o show desta noite, enquanto a turnê continua. A banda está cada vez mais forte e mais unida. As noites que tivemos no Marquee foram muito bem sucedidas. A cada segunda-feira a multidão fica cada vez maior, uma coisa que não acontecia no Marquee há muito tempo em uma noite de segunda-feira. No show da semana passada fizemos três *encores*[1] a pedido do público. O single vendeu mil cópias e pela primeira vez ele está sendo colocado na programação para tocar durante o dia na Radio One. Há quatro DJs nos procurando agora. É só uma questão de tempo para nossas músicas estarem tocando nas rádios. Fizemos também duas sessões de rádio. Isso quer dizer que estivemos num estúdio da BBC e fizemos três músicas para a rádio. ....

"'Paul McGuinness está na América no momento planejando nossa ida para lá. Temos agora um cronograma aproximado do que faremos para o próximo ano'."

Bob riu e disse: "Em uma das datas aqui, ele diz, '12 de novembro - começa a segunda *leg* [etapa da turnê] da Batalha da Grã-Bretanha'."

Ele folheou até a próxima página e continuou lendo: "'Então, como você pode ver, o que antes era um sonho agora é muito real. Mas entenda que por trás do brilho há muito trabalho árduo pela frente, e espero que seja muito divertido. Eu sinto falta de casa, de você, de Alison Stewart, das salsichas, e até mesmo das nossas discussões ocasionais.

"'Você deve estar ciente de que no momento três do grupo são cristãos comprometidos. Isso significa fazer ofertas a Deus cada dia, reunir-se pela manhã para orações, leituras e deixar Deus trabalhar em nossas vidas. Isso nos dá uma força e alegria que não depende de bebida ou drogas. Essa força será, acredito, a qualidade que nos levará ao topo da indústria da música. Espero que nossas vidas sejam um testamento para as pessoas que nos seguem, e para o mundo da música, onde nunca antes houve tantas pessoas perdidas e tristes reunidas em um só lugar fingindo que estão se divertindo. É nossa ambição fazer mais do que boa música.

"'Eu sei que você deve achar isso uma ambição ridícula, mas comparando onde estávamos quando começamos com o lugar onde estamos agora, o resto é fácil.

"'Sendo mais velho e mais sábio, eu sei que deve achar difícil aceitar o que estou dizendo. Mas tudo o que Deus quer é um coração disposto e que chamemos a Ele. Ser jovem e problemático pode ser uma vantagem, no sentido de que você começa a questionar as coisas ao seu redor. A Bíblia diz: busque e você encontrará, bata e a porta será aberta. À medida que as pessoas envelhecem, elas podem se tornar cínicas. Elas param de fazer perguntas. ....

"'Não acho que você tenha parado de fazer perguntas. Nem espero que você acredite que tenho todas as respostas. Não as tenho e continuo cometendo erros ... Mas estou tentando cada dia e Deus é grande. De qualquer forma, como você pode ver, estou passando bem'."

Bob Hewson parou de ler e dobrou a carta com cuidado. "Não tenho a data dela, mas foi há muitos anos", disse ele. "É disso que eu estava falando antes; eles tinham essa coisa de serem cristãos comprometidos. Eles acreditavam no que faziam e apresentavam essa imagem, principalmente, para o público americano. E acho que, talvez, eles se perderam na transição entre aquela época e agora. Acredito que isso seja uma coisa ruim".

Eu digo a Bob que talvez o U2 não tenha perdido o sentido do plano de Deus para eles. Nada do que eles fizeram contradisse sua fé inicial, embora eles possam ter se tornado menos óbvios em

---

[1] Encore: uma performance adicional em resposta à demanda do público.

professá-la e, sim, até caminharem um longo caminho nas sombras para ver se poderiam encontrar o caminho de volta à luz.

Bob encolhe os ombros. “Você mencionou o plano de Deus”, disse ele. “Há algo que eu esqueci e que minha cunhada me lembrou recentemente. Anos atrás, antes de qualquer um dos meninos nascer, minha esposa e eu fomos para Sligo[1] por uma semana. Ela foi até uma cartomante e a cartomante disse à minha esposa que ela teria dois filhos, um deles teria o P como inicial e ele seria famoso em qualquer coisa que fizesse. Não é extraordinário? Eu havia esquecido disso por anos e minha cunhada me lembrou disso alguns meses atrás”.

Eu lhe disse que a mãe de Bono talvez tenha se lembrado disso e deu a Paul um encorajamento extra. Bob achou que isso era bobagem. “Nah”, ele bufou. “Isso seria forçar um pouco. Na verdade, um dos meus arrependimentos é que ela nunca viveu para ver isso. Mas talvez, de algum lugar, ela ainda esteja olhando para ele”. Ele encolheu os ombros. “Nós não sabemos”.

Ele se sentou e olhou pela janela, para o mar prateado da Irlanda. Achei que era hora de eu sair e pegar a estrada. Então Bob disse: "Lembro-me de quando ele tinha cerca de três anos, era apenas uma criancinha. Ele estava no jardim dos fundos. Ele se aproximou de uma flor e viu uma abelha. Ele estendeu o dedo, levantou a abelha, falou com a abelha e a colocou de volta na flor. Ele provavelmente não se lembra, acho que nunca mencionei isso, mas ainda lembro do horror que eu e minha esposa passamos. Ele poderia ir de flor em flor colhendo abelhas e nunca seria picado”.

O pai de Bono desviou o olhar, como se estivesse observando novamente o seu exasperante filho no jardim, e disse: “Incrível, não é?”

---

[1] Sligo é um condado da província de Connacht, no oeste da Irlanda.

**Agradecimentos**

Ellen Darst me trouxe para o mundo do U2 em 1980 e trabalhou para me manter lá para sempre. Obrigado, Ellen. Agradecimentos especiais também a todos que fizeram me sentir em casa durante o tempo na estrada: a sensual Sheila Roche, a adorável Suzanne Doyle, o confiável Dallas Schoo, a imperturbável Regine Moylett, o firme Dennis Sheehan, o equilibrado Joe O'Herlihy, Soulful Willie Williams, Fightin 'Fintan Fitzgerald, a misteriosa Morleigh Steinberg e Rosencrantz e Guildenstern, de Windmill Lane - Ned O'Hanlon e Maurice Linnane.

Obrigado também aos notívagos Ossie Kilkenny, Eilenn Long, Bret e Theresa Alexander, Bill Carter, Nassim Khalifa, Helen Campbell, lan Flooks, Anton Corbijn, Sharon Blankson, Tim Buckley, Kerry Anne Quinn, Bob Koch, Laura Jean Ferentz, Paul Oakenfold, Des Broadbery e o esquadrão de segurança - Jerry Mele, Eric Hausch, David Guyer, Darrel Ives, Tim Ross e L. Scott Nichols.

Em Dublin, obrigado pela ajuda e hospitalidade a Garvin e Gwenda Evans, Dick Evans, Ali Hewson, Bob Hewson, Sebastian Clayton, Sr. e Sra. Gavin Friday, Flood, Brian Eno, Willie Mannion, BP Fallon, Derek Rowan (Guggi), Fachtna O'Ceallaigh, Jim Sheridan, Sinead O'Connor, Paul Barrett, Lindsey Sheehan, Candida Bottaci, Sandra Long, Barbara Galavan e todos do Principle. Uma genuflexão especial na direção de Anne-Louise Kelly, sem a qual nada disso seria possível e tenho certeza de que ela muitas vezes desejou que não fosse mesmo.

Nos Estados Unidos - obrigado primeiro aos meus velhos amigos Keryn Kaplan e Dan Russell. E à Susie Smith, Catherine Owens, Tom Freston, Judy McGrath, Jeff Jones, Jeff Pollack, Carter Alien, Phil

Joanou, Jimmy Iovine, Peter Buck, Hyacinth Amero, Nathan Brackett, George Regis, Nancy Sullivan, Ina Meibach, Rick Dobbis, Dennis Fine, Cameron Crowe, Holly Peters, Bess Dulany, Barbara Skydel, Frank Barsalona, Sue e Kevin Godley, Holly George-Warren e à todos na Rolling Stone Press, Paul Wasserman, Brian O'Neal, Richard Lloyd, Heather M. Beckel, à Igreja Metodista Glide Memorial United, os Ministérios de Billy Graham, Rhonda Markowitz, Michael Shore, Al Dunstan e o inimitável Hal Willner. Tenho uma dívida enorme com todos na revista Musician, especialmente Mark Rowland.

Por favor, deem um grande aplauso aos nossos convidados especiais - R.E.M.! Naomi Campbell! Christy Turlington! Bruce Springsteen! Axl Rose! Salman Rushdie (um cara tão legal que depois da primeira hora esqueci de tentar receber a recompensa). Gary Oldman! Lou Reed! Peter Gabriel! Pearl Jam! Mick Jagger! Bob Dylan! Van Morrison! Sting! Frank Sinatra! John Lydon! Randy Newman! Aimee Mann! Robbie Robertson! Vamos todos nos juntar e fazer um show beneficente.

Obrigado pelos bons conselhos - T-Bone Burnett e Sam Phillips, Elvis Costello e Cait O'Riordan, Jeff Rosen, Jim Stein, Lavinia Trevor, Thom Duffy, John Telfer, Ed Bicknell e Mark Knopfler. Obrigado a Betsy Bundschuh por entender isso desde o início.

Todas as reportagens e entrevistas neste livro são minhas, exceto onde cito outra fonte no texto. Fred Schruers teve a gentileza de fazer a Dan Lanois algumas perguntas para mim quando ele entrevistou Dan para o *Musician*. Obrigado, Fred. Meu trabalho no capítulo sobre as mudanças vindouras na tecnologia da comunicação me levou a pedir a Fred Goodman que escrevesse uma história sobre esse assunto para o Musician. O relato de Goodman, por sua vez, me deu novas informações, que usei no livro. Que tal uma cobra comendo o rabo? Ignorei a exclamação de Bono ao ouvir que Clinton havia sido eleito em um artigo de Paul Du Noyer na revista *Q*.

Adam Clayton, Bono, Edge, Larry Mullen e Paul McGuinness têm a reputação de exercer um controle rígido sobre o acesso da mídia ao U2. Não é, de modo geral, um escândalo. Mas quando os abordei sobre a cooperação com este livro, eles concordaram em me dar acesso ilimitado à banda e sua organização e não pediram nada em troca - nenhuma aprovação do manuscrito, nenhuma remuneração financeira, nenhum controle de qualquer tipo. Minha experiência ao escrever sobre pessoas conhecidas é que você não pode prever o que eles vão gostar e o que os deixará com raiva. Parece muito improvável que eu pudesse escrever um livro inteiro sobre o U2 e não causar alguns ressentimentos. Essa é a natureza da biografia; é a natureza do jornalismo e da crítica. Sou muito grato a eles por me deixarem chegar tão perto.

Larry Mullen disse-me no início deste projeto que se sentia confortável com isso porque fui apresentado ao U2 em 1980 como jornalista e, por mais amigos que tenhamos nos tornado, esse continuou sendo nosso relacionamento. Não havia dúvidas entre nós sobre confidências sendo traídas ou motivos sendo questionados. Se eles dissessem ou fizessem algo na minha frente, era um jogo justo. Durante os meses em que viajei com o U2, eles foram extraordinariamente abertos e generosos comigo, mas ambos sabíamos que, se não queriam que algo fosse publicado, deveriam mantê-lo longe de mim.

Deve ter havido ocasiões em que o U2 lamentou que eu estivesse por perto, mas eles nunca tentaram me fazer enterrar alguma coisa. Eles tomaram a melhor atitude que qualquer um pode ter com um escritor profissional: “Eu sabia que ele era um escorpião quando o coloquei nas minhas costas”.

Eu pensei muito sobre por que uma banda sem nada a ganhar me deixou ir tão longe, e acho que a resposta está em uma entrevista que fiz com Bono há dez anos. Ele disse: “Eu aspirava ser um cantor de soul”, e ele explicou: “Um cantor se torna um cantor de soul quando decide se revelar ao invés de se esconder”. Apesar de todos os óculos de sol, fotos aprovadas e modelagem de imagens que

eles aprenderam desde então, o U2 ainda acredita em seus corações que a verdade os justificará e os libertará. Eles ainda revelam tudo quando tocam suas músicas. Eles são cantores de soul agora.

- *Bill Flanagan New York, Janeiro de 1995.*

**BILL FLANAGAN foi o editor da revista Musician de 1985 a 1995 e é o autor de Written in My Soul. Ele escreveu para o The Boston Globe, Rolling Stone, Vanity Fair, Spy e muitas outras publicações. Ele mora em Nova York com sua esposa e três filhos.**

---

## A tradução

De março de 2018 a fevereiro de 2021. Quase três anos depois temos a alegria de finalizar esta tradução. Como foi prazerosa essa jornada junto com o U2 acompanhando-os em uma das fases mais interessantes de sua carreira, através da leitura desse livro à medida que fazíamos a tradução. Agradecemos a todos que se empenharam em realizar esse feito, que há muito era de nosso desejo.

A ideia original para a tradução desse livro é antiga. Foi em 2006 que nosso amigo Cícero D´ávila Oliveira começou a traduzi-lo e postar os capítulos traduzidos na antiga lista de discussão do Ultraviolet U2 Fan Club (um veículo de comunicação entre os fãs por e-mail, que durou vários anos). No ano seguinte, esse trabalho foi assumido por vários fãs que participavam da lista, mas logo parou, retornando em 2012 com a ajuda dos participantes do extinto fórum MOFO, amigos e parceiros da UV, mas também parou no mesmo ano. Somos gratos a todos esses que estiveram em um tempo ou outro envolvidos nesse trabalho.

Retornando em 2018, foi formada uma nova equipe entre os fãs da Ultraviolet para começar a tradução do zero. Por que começar tudo de novo um trabalho que em parte já havia sido feito? Um dos motivos foi que com o avanço da tecnologia, novas plataformas de tradução, dicionários e aplicativos estavam a nossa disposição para alcançarmos o máximo possível a exatidão que queria transmitir o autor. O livro foi traduzido por voluntários que tinham suas obrigações diárias e que faziam o que podiam em benefício do projeto, encaixando a tradução nas suas rotinas diárias, muitas vezes trabalhando no livro até altas horas da noite. Mas, contamos com a ajuda de profissionais da área de tradução, que não fizeram a tradução em si, mas que serviram como consultores quando era preciso entender alguns termos ou figuras de linguagem mais difíceis.

E aqui estamos, com essa obra prima traduzida para o português. Algumas particularidades dessa tradução é que foram inseridas notas de rodapé, onde contém explicações de alguns termos em geral não conhecidos pelos leitores brasileiros. Também mantivemos alguns termos originais em inglês a fim de preservar o clima da ideia original do texto, mas estes termos aparecerão logo em seguida traduzidos entre colchetes.

Enfim, esperamos que todos possam apreciar esse trabalho, quer para uma leitura divertida, quer para consulta ou conhecimento da banda e suas obras.

**Créditos**

Tradutores: Aline Maria, Cris Araujo, Gracia Cardeal, Jardel Lemes, Mari Carla Giro, Mariana de Castro, Patrícia Moura, Paulo Lilla e Ronan Vargas.

Consultoras: Ana Vitti, Luciana Pavanelli e Valdenir Vanalli Filho.

Revisão e Edição: Cris Araujo.

Apoio: Ultraviolet – U2 Fan Club Brazil.